

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ  
CASA DE OSWALDO CRUZ**

***CLAUDIO AMARAL***  
**(Entrevista)**

## Ficha Técnica

Projeto de pesquisa – A história da poliomielite e de sua erradicação no Brasil

Entrevistado – Claudio do Amaral Junior (C)

Entrevistadoras – Anna Beatriz de Sá Almeida (B) e Laurinda Rosa Maciel (L)

Datas – 01/06, 13 e 19 de julho e 27/09/2001

Local – Niterói/RJ

Duração – 9h52min

Transcrição – Marcello Cappucci Frisoni

Conferência de fidelidade – Ives Mauro Júnior e Laurinda Rosa Maciel

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

AMARAL JUNIOR, Claudio do. *Claudio Amaral. Entrevista de história oral concedida ao projeto A história da poliomielite e de sua erradicação no Brasil*, 2001. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2024. 183p.

## Primeira entrevista

**Data: 01/06/2001**

### Fita 1 – Lado A

L – (passarinho cantando) Entrevista com o Dr. Cláudio do Amaral Júnior, projeto “A história da poliomielite e sua erradicação no Brasil”, fita número um, nossa primeira entrevista, hoje é dia...

B – Primeiro de junho...

L – ...primeiro de junho do ano de 2001, as entrevistadoras são Anna Beatriz de Sá Almeida e Laurinda Rosa Maciel.

B - Então, a gente... como a gente conversou um pouquinho aqui, explicando a lógica da entrevista, do nosso bate-papo, é... queria que o senhor conversasse um pouquinho para a gente contando assim: de onde o senhor nasceu, se a família era uma família grande, qual era a sua vivência na sua infância e na sua adolescência. Falasse pra gente um pouquinho disso.

C - Pois não. Olha, eu nasci numa cidade do interior, eu sou roceiro mesmo, não é? Eu vim lá do interior e meu pai era um contador, era o maior escritório de contabilidade da cidade e ele fazia a contabilidade para as empresas da cidade, não é? Ele fazia também o, todo o trabalho de... para a classe médica da cidade, não é? E nós morávamos em frente mesmo de um médico de origem... que veio para o Brasil... era um italiano, que veio para o Brasil no início do século e ele era o maior cirurgião da cidade. ...

B - E, aí, sua convivência com ele era grande?

C - Ele, é... a minha convivência, ele era o meu padrinho. O meu pai convidou esse médico para ser o meu padrinho, ele me batizou, era um casal que não tinham filhos pequenos, não é? Os filhos já tinham casado. Então, praticamente, nós morávamos em frente e eu tenho, tinha mais três irmãos, quer dizer, era tudo uma escadinha e acontecia que eu acabei ficando... morando com esse meu padrinho, quer dizer, eles me assumiram como filho e dificilmente eles deixavam eu comer na minha casa. (risos) Quer dizer, era sempre, eu ficava, passei a ser além do filho do Cláudio Amaral, o filho do velho Alfiero. Então, eu tinha ...

B - Alfredo?

C - Velho Alfiero.

B - Alfiero.

C - É, o velho Alfiero e ele tinha uma formação. Ele tinha uma admiração muito grande na formação dele, não é? Pelo, por uma estrutura rígida, não é? Ele era um, além de ser um grande

médico da cidade, um cirurgião, ele foi o pai da Medicina daquela região, ele... se voltava muito para a área cultural, a área intelectual, não é? Ele, ele tinha uma biblioteca muito vasta na casa dele e ele lia de Shakespeare a D'Annunzio<sup>1</sup>, não é? E foi com ele que eu aprendi meu italiano, porque, como ele falava só italiano comigo, eu forçosamente tive que aprender italiano. E ele me colocava na frente e ele recitava as poesias... os livros, dizia em voz alta as páginas de, de D'Annunzio. E, então, foi por aí. Quando veio a guerra, eu me lembro muito bem, lá pelos idos de 40, eu era muito garotinho, tinha os meus sete anos, ele... todo o italiano no Brasil, ele não foi exceção, eles tinham uma figura... eh... querida do Mussolini. Porque o Mussolini, apesar dos pesares, ele foi o grande... construtor da Itália Moderna, né? Eu vim a saber isso, não por ele, até foi através de uma reunião muito mais tarde de qual era que houve em Roma, onde a Itália reuniu os países Latino-Americanos (pigarro) e... e realizaram... numa área vasta, construída pelo Mussolini, não é? A parte nova de Roma, não é? E foi lá que eu, que eu estive nessa reunião e que pude ver a força, como o Mussolini tinha uma face que era diferente daquela face colocada durante a guerra. Eu tenho até hoje um busto do Mussolini que foi... ele, ele, eu... foi-me dada por ele e eu guardo como relíquia isso. Porque ele, ele também obrigava que eu chegasse perto do Mussolini e falava: “*Ala, a el Duce, el Duce!!*”. Então, eu fui criado dentro desta... dessa estrutura que era isso aí, política também, não é? E, por sua vez, o meu pai tinha uma posição também dentro da cidade, ele era presidente de um partido político que era o PSP [Partido Social Progressista], ele era um ademarista, não é? Ele discordava do Dr. Giuseppe Alfiero, não é, apesar de ser muito amigo, ele tinha uma postura política diferente, ele tinha uma postura política influenciada dentro do estado de São Paulo. O Ademar [Pereira de Barros]<sup>2</sup>, o Ademar era um Deus no estado de São Paulo, não é? É aquele que rouba, mas faz, mas é exatamente, estava dentro do *standard*, da estatura do paulista, porque o paulista, ele se gaba muito do cara realizador. E o Ademar de Barros entendeu isso. Então, a realização do Ademar, depois se repetiu com o [Paulo] Maluf, são os grandes realizadores. Agora, são filhos, tanto o [Paulo] Maluf é ‘filho’ do Ademar de Barros. Tá na cara aí que o estilo de governo é o mesmo. Então, fora isso, eu passei uma vida muito feliz, porque eu tive, eu pratiquei esporte, eu brincava na rua, eu brigava, eu era um garoto impossível. E, ainda mais ...

B - Era o mais novo, o mais velho, o do meio?

C - Eu era o... segundo de uma família de quatro.

L - Quatro meninos, quatro homens.

C - De quatro. E era o único da outra família, porque a outra família não tinha filho, não é? (risos) Não tinha filho menor. Eles tinham filhos, eram filhos já crescidos e que estavam fora de Araraquara. E o velho... ele se casou, a última esposa dele era do segundo casamento. Então, os filhos do primeiro casamento e os filhos do segundo casamento já eram grandes e não eram uma família assim tão unida, sabe? Era uma família que se visitava, mas quem dava o carinho, a criança que dava alegria naquela casa era eu. Então, eu era o filho do velho Alfiero também.

---

<sup>1</sup> Gabriele D'Annunzio - Escritor italiano nascido em 1863 e falecido em 1938. Autor de poesia, teatro e ficção.

<sup>2</sup>Ademar Pereira de Barros (Piracicaba, 22 de abril de 1901 — Paris, 12 de março de 1969) foi um aviador, médico, empresário e influente político brasileiro entre as décadas de 1930 e 1960.

B - E o colégio, como é que era o colégio lá?

C - E, aí, eu fiz o meu primário.

B - Fora esse colégio que o senhor teve, o colégio da vida.

C - Porque ele morava numa clínica, num casarão enorme e que ele construiu pra ser o hospital, mas... mais tarde, ele, ele se desfez do hospital, ele ficou um médico da Santa Casa de Saúde local, não é?

B - Era onde ele operava?

C - Era onde ele operava e a clínica dele só serviu para ele ter o consultório particular. E essa casa tinha um porão muito grande, um porão que dava para você ficar em pé tranquilo, não é? Eu dominava aquele porão, eu era talvez o único que sabia todos os lugares desse porão. E era um porão enorme, porque a casa devia ter uns 600 metros quadrados. E tinha 600 metros quadrados de porão, não é?

L - De porão, não é? Nossa!

C - E era onde se colocava algumas coisas, não é? Lá no porão, mas a maioria desse porão era aberto. E ele chegava em todos os quartos. E, no consultório, onde ele examinava o doente, ele tinha um buraco que dava pra mim enxergar as consultas que ele fazia. Então, desde criança, eu, eu assistia às consultas dele, não é? Ele não sabia disso, mas eu, eu gostava, porque ele tinha uma vida metódica, ele começava a consulta dele às três horas da tarde e, aí, ele ia até seis horas. E ele não consultava mais do que isso. Ele tinha um, ele era muito paciente, era uma pessoa muito metódica, não é? Ele tinha horário para levantar, para tomar um cafezinho, para andar pelo jardim. O almoço era, impreterivelmente, ao meio-dia. Ele tomava um cafezinho e ia se deitar, levantava e ia direto pro consultório. E, à tarde, ele passava no consultório, não é? Tinha um raio X, era uma clínica completa, não é? Então, você... ele passava a vida dele ali, não é?

B - E ele sozinho ou tinha algum assistente...

C - Ele tinha a parte de Radiologia, tinha as secretárias, mas ele era o único médico ali dentro da clínica. E ele encaminhava, às vezes, os doentes para alguma especialidade. Mas eu assistia as, as...

L - Consultas.

C - Consultas dele por esse buraco. Eu sabia, recentemente o Prefeito da cidade me disse: "Eu gostava muito do seu padrinho, porque ele curou a minha mãe". Ele mal sabia que eu assistia as consultas que o Dr. Alfiero fazia para a mãe dele, não é? Então, falei: "Pois é! Era um grande médico mesmo". E ele construiu, ele derrubou aquela casa porque aquela casa eu tinha uma paixão pela casa, porque era a casa que eu cresci, não é? E foi derrubada para construir o Pronto Socorro e tem o nome dele Pronto Socorro Giuseppe Alfiero, que leva o nome dele, não é? Eu tive uma escola, eu fui fazer o primário e fui alfabetizado, mas eu fui alfabetizado dentro de um

estilo que ainda dava castigo nas crianças. Eu me lembro que eu tomava reguada na mão. E... e não sentava, não ajoelhava em cima de...

L/B - De milho. (risos)

C - De milho, mas eu tomava muita reguada na mão. E eu acho que a professora até tinha razão, porque hoje eu, eu (passarinho cantando) me lembro que era mesmo um capetinha, porque o velho Alfiero me chamava às vezes de *diavoletto* em italiano. *Diavoletto* era capeta.

B - Era capeta.

C - Então, eu, eu sempre fui um garoto que parecia um garoto vivo, esperto, brigão, brigava e ...

B - Curioso?

C - Curioso e não estudava muito. Eu fiz um primário assim que deixou muito a desejar. Eu só peguei uma maturidade, não é? Quando eu entrei no preparatório para o ginásio.

B - Mas tinha uma cobrança, assim tanto do, do velho Alfiero como do seu pai, Dr. Cláudio, como de sua mãe?

C - Olha, não havia uma cobrança direta da família, do meu pai e da minha mãe, sabe? A cobrança que eu tinha era uma cobrança por estudo fora da área de colégio, não é? De primário. Era uma cobrança assim para aprender piano porque o velho Alfiero me colocou na escola de música, me colocou na escola de pintura, me colocou na escola de... de línguas, não é? Então, havia uma cobrança em cima disso. Eu acho que na rotina, na, na área dessa rotina de fazer...

B – A educação formal.

C – ...formal, não havia uma cobrança. Quer dizer, então, eu era um... garoto livre para estudar a hora que eu queria, não é? Mas eu, eu, na minha infância, eu ia muito... sábado eu não estudava nem pegava no livro. Eu tinha uma paixão por cinema, eu não perdia a *matinée*. E eu tinha os meus heróis no cinema. E, até hoje, eu tenho uma coleção de filmes, que é de agora, sobre aquela época onde, onde aparecia o Bela Lugosi, que era... os filmes do Império Submarino, Nioka, que era a rainha da, da selva, todos esses filmes hoje eu tenho aqui. De vez em quando, eu vou pra televisão e boto esses filmes, porque, hoje, eu sei... eu sei ler o filme, coisa que eu não sabia. Antigamente, eu torcia, eu, hoje, eu leio o filme. Então, eu, eu tenho uma paixão, não é? Uma das minhas paixões é o cinema mesmo, não é? E, na minha infância, tinha aquele cinema, os cinemas que haviam, não é? Eu me lembro que uma época eu cheguei em Nova York, entrei no cinema, era igualzinho o Cine Paratodos de Araraquara, com aquelas cortinas fortes, sabe? (risos) Então, o Cine Paratodos de Araraquara, que não existe mais, que, talvez, hoje seja um *shopping center*, infelizmente, era... tinha exatamente o desenho do cinema dos estados Unidos, não é? Principalmente aquela cortina. E tinha o cinema até que tinha poltronas, não é? O cinema que você ia, ele era de madeira, era todo de madeira por dentro, lindíssima arquitetura daquela época do, da *art nouveau* e você, e você era assim os cinemas da época. E era assim, os cinemas do interior do estado de São Paulo, não é? Então, eu ia, sábado eu não perdia cinema. Então, eu

comecei a ter uma maturidade para o estudo, quando eu entrei no, no, no curso preparatório para o ginásio. Aí, então, é que eu peguei uma professora que me envolveu todo, sabe? Era a dona Antônia. Essa dona Antônia é que fez a minha cabeça no sentido do estudo. Ela me abriu as portas do estudo.

L - Era o curso de admissão, não é Dr. Cláudio? Porque, nessa época, tinha admissão.

C - Era o curso de admissão. Agora, eu não deixei de fazer, também, o jardim da infância. Eu tive o jardim da infância em Araraquara, eu tive o curso de jardim da infância, depois fiz o primário, e fiz o primário no Colégio Progresso, que era um colégio misto, mas era um colégio extremamente religioso, não é?

B - Já era misto?

C - Era um colégio misto, o Colégio Progresso de Araraquara.

B - E essa questão religiosa assim, o senhor teve envolvimento por ser um colégio religioso ou sua família?

C - Olha, eu, a Igreja, também, o místico da Igreja me envolvia, não é? Eu gostava era das grandes ... festas religiosas, sabe?

B - Grandes cerimônias, os dias santos?

C - Não tinha coisa que eu mais gostava era parar no altar de Nossa Senhora vestida de, de roxo, não é? Da Semana Santa, e ficava horas olhando pra ela. Agora, essa questão do envolvimento religioso é porque o meu padrinho me levava para o hospital. Então, quando eu chegava no hospital, logo em criança mesmo, ele me entregava na mão das freiras.

B - Santa Casa?

C - E as freiras, eu era o filho do médico que era o Diretor Médico da Santa Casa. Então, eu era... paquerado pelas freiras, não é? E, aí, eu ficava envolvido pela parte religiosa, as freiras, as freiras me envolviam, me compravam com hóstia, quer dizer, elas fabricavam hóstia, acabava comendo hóstia, comendo os bolos, comendo tudo. (risos) E tinha uma freira que eu tinha uma afeição muito grande por ela. Era a irmã Querubina. (passarinho cantando) E essa irmã Querubina, ela... passava na casa do velho Alfiero para me apanhar para ir passear com ela. Era a irmã Querubina. E a imagem da irmã Querubina está até hoje na minha cabeça. É uma imagem que não sai, porque é uma imagem que eu trouxe de criança. Para mim ela é grande Santa da minha vida. E quando eu estou em desespero eu sempre clamo por ela, eu chamo a irmã Querubina.

B - E ela vai trazer todo mundo junto. Vai trazer as santas todas. (risos)

C - E vocês viram o barroco lá, esse barroco, esses barrocos que vocês vão ver aqui<sup>3</sup>, são coisas que eu... eu colecionei na minha vida profissional no interior do país. A minha mulher gosta também de barroco, então uniu dois, então ela tinha o barroco, ela arrumava, comprava e eu também a mesma coisa. Então, a gente juntou uma coleção de barroco grande aqui. Mas é uma ligação que a gente teve.

Mas mais tarde, quando eu entrei no ginásio eu continuei meio safado, meio moleque. Eu passei a... andar com uma corriola em Araraquara, com as facilidades que a gente tinha já, eu pertencia a uma classe média, eu pertencia a duas classes: uma classe média porque era a classe do meu pai, e que tinha alguns...ele tinha um sítio, onde ele ia... ele ia... era o maior fornecedor de cana-de-açúcar para a área da cidade, pra usinas, em Araraquara predomina a produção de açúcar, através da cana-de-açúcar, não é? Já tinha acabado a época do café e eu pertencia também a uma outra classe que era a classe alta, que era a classe do médico. Então, eu frequentava o clube da classe média em Araraquara e frequentava o clube da classe alta. Quer dizer, eu tinha, eu tinha envolvimento em todas as áreas da cidade. E era respeitado porque o velho Alfiero me dava cobertura, e essa cobertura ela foi boa, porque eu tive uma vida tranquila, mas do outro modo eu era um cara meio sapeca. Eu era um cara tão sapeca que chegou um momento que eles decidiram que eu tinha que ser fechado num colégio. E eu fui, no segundo ano do colégio, eu fui para um colégio interno.

B - E aí, esse colégio anterior lá do ginásio, como é que era o nome dele? O senhor lembra?

C - Colégio Duque de Caxias.

B - Aí do Duque de Caxias o senhor passou para um colégio interno?

C - Aí eu fui... perto de Araraquara, a... 100 km de Araraquara, existe uma cidade chama-se Jaú. E Jaú tinha um colégio, tinha dois colégios: um colégio de meninas, das freiras e um colégio de padres. Eu fui para o colégio de padres e o colégio chamava-se Colégio São Norberto do Jaú. E aí eu fui entregue... ..

B - Num colégio interno.

C - Interno. Eu só podia sair domingo. Domingo.

B - Sábado. E a seção de cinema?

C - Pois é, eu ia para a *matinée* no domingo. (risos) Então eu saía às 9 da manhã e às 7 da noite eu tinha que estar no colégio, se eu chegasse cinco minutos eu perdia a próxima saída. Bom, eu fui para o colégio... eu fui para um colégio interno cujos professores, um colégio de padres belgas. (passarinho cantando)

B - Nossa, que coisa, hein?

---

<sup>3</sup> O depoente se refere às peças de arte em Estilo Barroco que possui em sua residência na sala de estar.

C - É, eu fui para colégio de padres belgas e no colégio tinha padres que vieram da Bélgica. Eles eram os professores.

B - Quer dizer, eram padres, eram professores.

C - Eram professores. E tinham alguns brasileiros. O professor de português era um brasileiro, Cônego Lino, até hoje eu sei o nome dele.

L - Cônego?

C - Cônego Lino. E eles se vestiam paramentados de branco, não era um padre da coisa rotineira e comum. Eram padres que se destacavam pelas vestes brancas, toda branca. E eram os padres Premontantenses. Eles têm colégio no Brasil, em Jaú, numa cidade paulista.... em outra cidade paulista que é perto de São Paulo.

B - É como se fosse uma linha, como os Franciscanos, como os Lassalistas, nessa linha?

C - Petrópolis... Isso. E eles têm uma abadia, a abadia deles... Oi? (interrupção da gravação) A abadia deles fica numa cidade chamada Averbode, na Bélgica e que eu conheci. (interrupção da gravação)

C - Premontantês.

L - E a cidade da Bélgica Haver...

C - Averbode, essa é a abadia deles, em Averbode. ...

B - E como é que era o dia a dia nesse colégio? A rotina, a hora para levantar, os estudos?

C - Eu passei... o colégio me enquadra. Porque eu tomo o feitiço agora da estrutura do colégio interno. Levanto às 6:00 horas da manhã, vou dormir com uma multidão de jovens, que eu... que eu nunca tinha experimentado essa experiência. Cama ao lado de cama. Assistia a missa todo o dia. Eh... era...

B - Não tinha a irmã Querubina.

C - Não tinha a irmã Querubina, mas como eu já tinha um envolvimento, era uma coisa que eu aceitava.

B - Não tinha reação.

C - Eu, eu me adaptei àquela vida. E me adaptei àquela vida porque eu sabia, naquela época eu já era esperto o suficiente, em dizer que se eu tivesse uma vida envolvida naquilo eu teria uma vida boa. Então, eu já era esperto, eu já tinha aquela consciência que aquilo era importante para minha vida porque eu já pensava que aquela estrutura ia me dar a base para o meu futuro. E aí o que aconteceu?

L - O senhor foi para lá com o que 13,14 anos?

C - Por aí. E aí, eu fui terminar o Ginásio. Eu era tão safado que eu levei notas para lá que me reprovaram, não adiantava... mesmo me impondo lá dentro daquela estrutura, não deu para alcançar. Então, eu repeti um ano. Eu repeti um ano e aí no ano seguinte é que eu peguei o embalo, sabe? Mas eu, eu, e ali tinha uma espécie de disputa e eu acabei entrando nessa disputa e queria ser o primeiro da classe. Eu queria ser, eu queria, pela disputa existente, porque ele é um colégio de classe média alta em Friburgo, de Jaú. E iam todos os ricos lá de Jaú porque Jaú é uma cidade de fazendeiros, de café. Então, os filhos de fazendeiros iam para o colégio interno.

B - O senhor falou de Friburgo, o meu pai estudou num colégio interno em Friburgo. Acho que o senhor falou de tanto que eu estou pensando no meu pai.

C - Mas a estrutura de Friburgo era diferente, era uma estrutura mais aberta. O meu não. Os meus padres tinham... tinham uns padres que...e tinham uns padres que eram duros como esses belgas, esses padres belgas eram duros. Mas eram uns padres também que tinham seus momentos de, de... eles analisavam os rapazes e viam aqueles rapazes que podiam fazer as coisas e escolhiam os rapazes para... por exemplo, eu passei a tomar conta da área musical do colégio interno por causa do piano que eu tocava, da... tinha lá um coral. Então, eu participei. Depois eu acabei participando também muito da Igreja, porque eu já tinha o ranço de Igreja, uma experiência de Igreja, eu já sabia ajudar a missa. Então acabava até ajudando missa, disputava até. E acabei saindo do, do... da quarta série muito querido lá no colégio e dos padres também e tinha padre, tinha padre... um padre holandês que era dessa mesma ordem e tinha um irmão, tinha irmãos também, além de padres tinha irmãos. Tinha um irmão que tomava conta da chácara, era um irmão velho, sabe, e uma pessoa que eu me envolvi muito com ele. Eu estou sempre me envolvendo com velho. (risos) Mas era uma pessoa que eu gostava. E...

B - E, assim, essas pessoas? Elas foram marcando, marcando o senhor ali dentro...

C - Elas foram marcando, marcando e uma coisa que eu gostava, dava para ouvir a discussão deles no refeitório e que era feita por todos os padres. Quando eles botavam os alunos, oito horas da noite ia todo mundo para a cama, depois do, do... de um estudo, chamava estudo. Você tinha uma hora de estudo da tarde e você tinha quatro horas de estudo de manhã e, além disso, você podia estudar mais ainda se quisesse. Então, eles botavam os alunos no segundo andar e no primeiro andar tinha um refeitório, e minha cama dava para o refeitório, eu gostava...

B - Está sempre conseguindo um buraquinho...

L - Pois é...

C - Eu, logo no início, eu comecei a ouvir as discussões deles e vi, notei que eles tinham contradições entre eles, principalmente de padre premontantês nacional, que era minoria, com os belgas, e uma coisa me chamava atenção: eles bebiam para cacete.

L - Vinho?

C - Cerveja.

L - Cerveja também? Olha só...

C - Muito mais cerveja do que vinho. E essa cerveja vinha da Bélgica.

L - Justifica-se, não é Dr. Cláudio? Aquela cerveja maravilhosa... (risos)

C - Maravilhosa. Vinha queijos, vinham coisas...eles comiam comida brasileira, mas vinham coisas gostosas da Bélgica, como queijos e... cervejas e champanhes, tudo isso aí. E para os alunos tinha uma comida que às vezes era ruim. Acontece que depois de uns seis meses no colégio eu aprendi o caminho do refeitório.

L - Deles, não é?

C - Deles. E toda a tarde eu tomava banho mais cedo e corria pro refeitório e era o chefe do refeitório um irmão mais jovem. Eu acho que ele deve ter tomado nota, porque aí eu, eu não sabia fazer as coisas sozinho. Eu tinha uma ganguezinha. E a ganguezinha cada dia era um que ia buscar o queijo na geladeira do padre. Um dia, me esperava atrás da porta o irmão, mas eu tomei tanta porrada e fiquei preso um mês por causa disso, por roubar queijo do padre. (risos)

Você viu que eu tive, eu conto esses aspectos porque... para notar porque a nossa vida foi uma vida normal, tranquila, de um jovem daquela época, que jogava futebol, mas que roubava o queijo do padre porque ele não tinham.

B - Estudava, tocava música, mas gostava de um queijo.

C - E gostava de um queijo que não estava no alcance dos alunos.

B - Gostava de uma sapequice.

C - Então, eu achava aquilo, porque o padre falava muito em divisão e coisa, eu dizia "por que que o estudante não tem isso aí?". Mas a minha cabeça continuava uma cabeça muito estruturada dentro de uma estrutura política vigente. Eu gostava de ser rico, eu gostava de ser riquinho, eu gostava de ter tudo que era bom, não é? Então, era essa a minha vocação, era isso que eu tinha e que eu não queria deixar de ter.

Quando eu saí do colégio interno, eu acho que eu saí um pouquinho mudado, ligeiramente mudado, mas não o tanto suficiente para enxergar mais longe. Eu não enxergava, essa era a verdade. Ninguém me fazia enxergar. Eu tinha toda uma estrutura que eu achava que todo o cara tinha que ser rico para passar bem de vida e só isso. (risos) Eu era uma burrice danada, sabe? (risos) E era contra o comunismo, porque me botaram na cabeça. Eu era do PSB, pôxa! Eu não tinha nenhuma ligação e nem sabia. Para mim comunista era um troço que matava gente.

L - Comia criancinha.

B - O senhor era tão comunista que não sabia o que era.

C - Que eu não sabia o que era.

L - Comunista comia criancinha.

C - Comia criancinha. Quando eu cheguei em São Paulo para fazer o científico, eu fui bater, eh... tinha um colégio, eu queria continuar interno, eu fui bater num colégio chamado Liceu Pasteur, lá na Vila Mariana. E aí, eu fui interno um ano nesse colégio. Esse colégio já era mais liberal, não tinha padre. ...

B - Mas só me explica uma coisa: era necessário ir pra São Paulo, foi uma opção, não tinha nada mais próximo, era uma vontade?

C - Não, não, ir para São Paulo, para mim, significava que eu ia alcançar a USP. Fazer o cursinho para o vestibular.

B - Quer dizer, já tinha uma opção.

C - Eu já tinha uma opção por medicina.

B - E isso veio quando?

C - Olha, eu nem sei...

L - No buraco, no buraco... (risos)

C - No buraco... Eu não tive dificuldade em optar, porque eu sempre tive na minha cabeça medicina, sabe? Eu não sei, esse, o velho... Alfiero teve um filho e esse filho... ele brigou, ele briga com o filho por causa da segunda mulher, que ele não queria aceitar a madrasta. E o filho vai para...

### **Fita 1 – Lado B**

B - Então, ele foi para a Marinha e...

C - Ele foi para a Marinha. Se afastou do pai. No dia que o pai morreu, ele não foi ao enterro, não é? E ele, o pai gostaria de, de ser vivido nele através da Medicina. Ele queria que o filho fosse médico. E quem foi... ser o médico fui eu. Quer dizer, ocupei o espaço...

B - Ele não foi médico?

C - Não, ele foi trabalhar na área rural e se tornou um lavrador. Mais tarde, ele ganhou a fazenda, que o velho tinha uma fazenda lá perto de Tupã, ele ficou com essa fazenda. Mas o, enfim, o, o, eu nunca tive...

B - A realização do velho foi o senhor.

C - ...a realização foi em mim, do velho e a minha foi nele, porque eu nunca tive... eu sempre... sempre achei... eu nunca encontrei porque que eu fui ser médico. Eu sempre gostei da medicina, sabe? Eu nunca... eu nunca duvidei em ser médico.

L - Era uma coisa muito natural para o senhor, não é?

C - Eu achava que era a coisa que eu tinha que seguir.

L - Isso. Era a realidade que o senhor conhecia, profissional

C - É, exatamente. E eu vivi na área... no meio médico, eh... dentro de clínica, dentro do hospital, não é? Então, eu não tive essa dificuldade.

B - Na Santa Casa...

C - Na Santa Casa, na Santa Casa.

B - Que mistura religião com hospital, não é? Tem missão no meio e tudo, não é?

C - Por aí. Então, eu fui pra São Paulo já visando fazer o vestibular pra Medicina. E lá em São Paulo tinha um cursinho que era famoso nessa época, chamava “Curso di Túlio”, lá na.

L - Túlio?

C - Di Túlio.

L - Di Túlio.

C - É. Esse “Cursinho di Túlio” era o mais badalado e ele ficava ali atrás da... Catedral. Ali na Liberdade, onde hoje só tem japonês. E eu fui... estudar no colégio interno. Mas, depois, eu tive que cumprir o...

B - Mas, esse, esse colégio, esse Liceu Pasteur também era interno?

C - Era interno.

L - Era, ele ficou um ano.

C - Era interno,

L - Um ano, não é? Que o senhor ficou interno, em Vila Mariana.

C - Era interno.

B - E, aí, de segunda a sábado de novo ou no final de semana?

C - Eu saía sábado, aí saía sábado e domingo e voltava domingo.

L - Aí, dava para conhecer os cinemas, não é Dr. Cláudio?

C - Aí, começou... nesse ano que eu estive lá, existia nesse colégio o, existia comando de aluno, como se chama? Vigilante de aluno. A base dele era estruturada em cima de um diretor.

L - E inspetores.

C - E um diretor, o diretor era o dono do estado de São Paulo, era o Mesquita. Era um cara quadrado. Eu sentia isso, porque os inspetores falavam com os alunos mais antigos, mais velhos, não é? Eu já estava no Científico. Então, eu ouvia do inspetor, a análise do Mesquita. Então, me passava aquilo um cara, um cara que ia lá e maltratava o meu inspetor que eu gostava dele, certo? Então, era um inspetor que não me marcava pra mim sair aos sábados. Mas eu estudava naquela época, porque eu já trouxe do colégio dos padres aquela visão, não é? E eu, eu, os padres tinham me conquistado, não é? Eles tinham me conquistado tanto, que, mais tarde, quando eu saí, eu fiz a minha primeira viagem pra Europa, em [19]66, eu fui para Averbode, né? Eu fui cair em Averbode, porque esses padres já tinham voltado pra, pra...

L - Bélgica.

C - ...para a Bélgica, não é? Eles já estavam, eram velhos, já estavam se aposentando no Brasil, já tinham voltado. E, lá, foi uma festa porque eu fui recebido, acabei ficando um mês na Bélgica, um mês no, no, lá...

B - Abadia.

C - Na Abadia. E era uma Abadia lindíssima, porque Averbode...

B - Aí, o senhor comeu queijo, não é? (risos)

C - Aí, eu comi à vontade. Eu nunca me esqueço que tinha, tinha, tinha um pomar de maçã. Eles faziam da maçã verde.

L - A geleia.

C - A geleia e um purê de maçã.

L - Ai, que é delicioso para comer com carne.

C - O purê de maçã é uma beleza, não é?

B - É um bálsamo.

C - E eu tinha o meu apartamento, quer dizer, eu abria a porta...

L - Aquele pomar.

C - Porque a Abadia era enorme. Sabe essas abadias antigas, não é? Você, eu abria, eu dava... tinha uma tipografia enorme, mas eu, fora disso, eu encontrava... montanhas, sabe? Tudo verde. Era um local maravilhoso. E, então, para você ver, quanto esses padres me influenciaram na questão da minha cabeça. Mas não mudaram a questão política, porque eles não falavam em política, eles falavam em, numa libertação formal, então eles me botaram dentro do, o papel eles

cumpriram, me botaram dentro de uma linha de um cara estudioso. Eu mudei, deu uma mudança assim violenta.

Já no colégio, eu não tinha preocupação, não havia aquela preocupação porque eu estudava mesmo. Eu estudava, fiz um primeiro científico bom e fui... depois eu precisava fazer o Tiro de Guerra. Aí, eu fui pra Araraquara, onde eu estudei no Duque de Caxias à noite, eu fazia o Tiro de Guerra de manhã, durante o dia e à noite fazia o científico. E... e a minha cabeça começa a mudar, por incrível que pareça...

B - No Tiro de Guerra.

C - Não, no Tiro de Guerra não. A única coisa que o Tiro de Guerra me ensinou foi a atirar bem. Foi a única coisa. Porque eu fiquei um excelente atirador. Mas eu já atirava com o Velho Alfiero, porque um dos esportes dele era tiro ao pombo. Eu ia no tiro ao pombo com ele, porque no inverno se fazia muita polenta na casa dele e se comia com pombo. Com pombo ou com codorna. Pombo ou codorna. Então, se fazia muito isso aí, pombo e codorna.

B – Então, ia ser à caça.

C – Polenta à caça.

B – Então, eu.... esse, lá nesse colégio eu aprendi... já voltei para o Duque de Caxias, aí começa a mudar a minha cabeça... com uma irmã do José Martinez. A irmã dele tinha acabado de chegar de São Paulo, se formado na cadeira de Geografia. Então, foi ela, diferente, cabeça diferente do pai, muito próximo ao irmão de hoje, e o irmão já estava em São, no Rio de Janeiro. O irmão, ah, estava em São Paulo, ele estava naquele teatro, eles fundaram o teatro, o teatro em São Paulo, de Araraquara...

L - TBC?

C - Não, o, o teatro, junto com aquele grupo de São Paulo, aquele grupo que veio todo de Araraquara, foi pra São Paulo e fundou o, o teatro do... Jessé...

B - Ainda não era o Arena?

C - Era Arena em Araraquara, mas em São Paulo eles se profissionalizaram.

L - Não era o Brasileiro de Comédia, não? TBC?

C - Não, não, não.

L - Ah, não sei Dr. Cláudio.

C - Era, é famoso, tão famoso como o TBC. Foi uma das, foi um ponto alto.

B - Não era Opinião, não?

C – Eu... não, não. Era o teatro... pôxa, conta na história do teatro do José Celso [Martinez Corrêa] essa passagem com os caras que acompanharam ele. Então, eu fui pra... pro colégio, voltei para o Duque de Caxias e minha professora, que era irmã dele, começou a fazer a minha cabeça. Ela é que começa a fazer a minha cabeça. Quando eu volto para São Paulo depois do Tiro de Guerra, eu já volto independente da família. Eu não queria depender nem do velho Alfiero em questões de dinheiro e nem do meu pai. Eu já assumo uma liberdade só. O meu pai tinha três filhos, quatro filhos estudando fora, e ele mandava. Eu recebia do velho Alfiero e da mulher do velho Alfiero, que era minha *mama*. Eu tinha duas mães. Ela, que eu tinha uma afeição profunda e minha mãe. Minha mãe está aqui, mora comigo, tem 94 anos. E minha mãe cedeu, me cedeu a ela, poxa, sabe? Era uma coisa assim que é difícil pra mãe talvez, porque, quando eu falo com a minha mãe, ela sabe que eu adoro essa outra minha mãe, não é? Mas essa mãe pra mim...

B - Mas o senhor não perdeu a capacidade de adorar ela também.

C - Não, mas de jeito nenhum.

B - É de uma bondade extrema, não é?

C - Mas eu sinto falta dessa outra mãe, porque essa outra mãe foi a outra mãe que... sei lá! Ela me agasalhava no frio, eu dormia com ela, sabe? Eu tinha um cofre na casa dela. E eu, quando eu precisava de dinheiro, eu já ia na escrivania dela, abria o meu cofre e tirava o dinheiro que eu queria. Então, ela tomava conta. Ela tomava conta dos meus dentes, ela tomava conta da minha higiene, sabe? Da minha roupa. Eu ia ao cinema com ela. Às vezes, o velho queria assistir à noite às óperas pelo rádio, eu ia ao cinema com ela. Então, eu era, eu era o, o... bandolim dela, não é? Ela tem uma história em Araraquara, porque ela era a governanta da casa do velho Alfiero. Era uma italiana lindíssima. Morre a mulher e... ela, ela se torna esposa do velho Alfiero. E como...

B - A cidade recebia...

C - Então as famílias...

B - Bem isso?

C - Não, não.

L - Por isso é que houve, não é?

C - A cidade, ela se impôs na cidade, não é? Ela tinha, ela tinha um valor para mim e eu sabia dessa história dela. Então, essa história dela me uniu mais à ela ainda, porque aqueles velhos italianos ricos lá de Araraquara viam... eles, ela bem distante. Só mais tarde é que reconheceram a Regina, a Regina que era, que veio ser... E ela era de uma parte da Itália, ele era do Sul, mais ao Sul de Nápoles, Aurelino, e ela era de uma área lá perto de Udini, no Norte, a 30 kms da fronteira da Iugoslávia, onde tem as mulheres mais lindas da Itália. É de lá que vem as mulheres mais lindas da Itália.

L - Mulheres altas, não é?

C - Então, era lindíssima. Eu vou te mostrar, você vai ver a fotografia dela. Ela morreu com 85 anos sem uma ruga no rosto. E ela trouxe... eu me lembro que ela, de manhã ela fazia uma, um tratamento de pele.

L - Uma máscara, assim, no rosto?

C - Eu me lembro que eu ia para o quarto e ficava olhando ela, sabe? Eu era apaixonadíssimo por ela. Eu ficava olhando ela fazer a massagem no rosto, sabe? Ela pegava pepino, líquido de pepino e não sei do quê, e aplicava com...

L - Com algodão.

C - ...com algodão e depois ela enrolava com uma toalha, que antes de ir pra cozinha, porque ela comandava, ela tinha empregada, mas ela comandava a comida. A comida era sempre deliciosa!! Sabe? (falando mais baixo) Eu sinto aqui na minha casa, comida feita por empregada, putz!! (risos) Eu reclamo muito da minha mulher por causa de comida, porque eu comia do melhor feito por ela. E tinha um... ela tinha prato chamado... um bolo, um doce, que chamava-se... "Pega rapaz". (risos)

B - Pegou o senhor! (risos)

C - Era feito de bolacha de champanhe...

B - Biscoito de champanhe.

L - Tipo um pavê?

C - Nem as filhas dela sabem fazer, eu sei fazer, porque eu via. Eu sentava...

B - Mas como é que fazia?

C - Ela fazia um creme com um... tem um vinho italiano e junto com esse vinho ela fazia na base de manteiga...

B - Manteiga, açúcar e o vinho e esse creme recheava o champanhe.

C - Esse creme de chocolate, porque ele é todo de chocolate.

B - E molha o biscoito no vinho?

C - E ele tem que ser servido frio.

B - Isso, minha mãe faz isso, é um pavê de geladeira.

C - Mas para você acertar o ponto desse creme, nenhuma filha dela consegue fazer. E eu sei fazer, eu sei chegar ao ponto. Então, praticamente eu soube cozinhar e isso iria ser de grande

valor quando eu comecei a trabalhar na Índia, porque eu tive que levar... cozinhar no campo. Então, eu já sabia. Macarrão, então, o macarrão dela não tinha água. Cada copo de farinha, ela botava um ovo inteiro. Então, só tinha farinha e ovo. Então.

L - Ela fazia macarrão em casa. Claro, imagina!

C - Macarrão em casa.

B - O senhor sabe fazer macarrão?

C - Eu sei, macarrão leve.

B - Meu Deus! Me ensina um dia?

C - Claro que eu ensino.

B - Ai, eu fazendo macarrão.

L - Eu nunca comi macarrão assim, caseiro.

B - Eu nunca comi macarrão caseiro.

C - O grande segredo do macarrão é o molho. O molho que você faz de tomate passado. Se você botar extrato já muda. Ele é todo de tomate e só de tomate. Você não... é uma delícia!!

B - Isso essa aqui faz bem. O molho dela... (risos)

C - É uma delícia o molho...

L - Mas eu preciso ter umas aulas com o senhor.

C - E eu comia muito macarrão nesse molho de tomate, mas sem carne.

B - Aí, não engorda.

C - E não engorda. Porque você come farinha com ovo.

B - Não pode é tascar um monte de queijo e tascar creme, nada disso.

C - Nada, nada, nada disso. Mas tinha também o macarrão ao creme que ela fazia, que era uma delícia, no forno. E que depois ia ao forno. Então, eu aprendi a cozinhar vendo ela cozinhar. E eu sentava perto dela e ela me tomava a lição fazendo as coisas da copa. Tinha a copa e depois tinha a cozinha, mas tinha o seguinte. Ela tinha... uma ligação com a empregada muito grande, com a cozinheira. E a cozinheira, então, ela ajudava ela e aceitava e fazia exatamente o que ela pedia para cozinheira. O fogão era com a cozinheira, agora fazer a coisa era com ela. Então, ela comandava a cozinha. Então, eu tinha uma afeição muito grande, você vai ver a fotografia, você vai dizer pô! Quando você ver a cara dela, você tem razão. Agora, a beleza dela ela morreu com a beleza dela. No caixão ela estava a coisa mais linda. Eu não vi, eu estava em Nova Iorque. Eu

não fui no enterro dela. Quando eu mandei o cartão de Nova Iorque, quando chegou o cartão ela já tinha morrido. Mas no dia que ela morreu, ela me mandou uma mensagem, porque eu acordei meio assustado aquela noite, eu acordei durante a noite e ela morreu durante a noite.

L - Ai, meu Deus!

C - Tal a ligação que eu tinha com ela. E ela tinha duas filhas, as duas brigavam, sabe? Quando tem muita grana? (risos)

B - Sei, não por vida, porque nunca tive isso, mas sei de ver.

C - E elas tinham também uma invejinha uma da outra e as duas brigavam. E eu dava porrada nas duas, porque eu não queria...

B - Que ela vivesse a briga das duas, sofresse.

C - Porque ela chorava. Então, eu não queria saber de briga das duas. Eu mandava pau. Apesar do marido das duas... porque uma casa com um cara muito tranquilão, delegado, mas um cara pacífico, de paz. O outro já era húngaro, era nervoso e eram diferentes também.

Mas eu acabo o curso no Duque de Caxias e acabo o Tiro de Guerra, porque eu quis fazer o Tiro de Guerra. O Tiro de Guerra era uma coisa que me envolvia, mas eu nessa altura eu já tava... tava fazendo perguntas na minha cabeça por causa da Jacaré. Ela tinha o apelido de Jacaré, a irmã do José Celso [Martinez Corrêa], é que ela parecia um Jacaré. Ela era magrinha, mas era tremendamente uma mulher transformadora, uma professora transformadora e uma professora de mudar a cuca dos alunos. E ela me... conseguiu meter na minha cabeça já algumas coisas que eu, que eu... iam influir muito. Foi uma das mulheres que também influenciou na minha cabeça. Aí, eu vou para... eu estou mais livre da minha casa e do meu padrinho...

B - Mas como que o Senhor fez para se autossustentar?

C - Eu vou pra São Paulo, minha mãe fala assim, eu falo assim para minha mãe: "Eu vou para São Paulo, à trabalho." Ela me diz assim "Você me diz quanto que eu tenho que te mandar." Eu falei: " Está bom". O que é que eu faço? Chego em São Paulo eu bato na porta do Liceu Pasteur, eu vou ser vigilante de lá.

B - Vai ser inspetor.

C - Eu vou ser inspetor de aluno. Uma coisa, eu aprendi a falar francês, fora já falava francês, que é uma língua que... que me agrada mais do que o inglês.

B - A mim também.

C - Eu tive uma dificuldade de aprender inglês! Foi na base da porrada. Quem fazia os meus relatórios era a minha mulher, porque minha mulher deita e rola no inglês. Ela sabe muito inglês e depois que ela passou pela Índia, o inglês dela é uma coisa, perfeito. Principalmente a área

gramatical. Então, ela fazia todas as minhas traduções. E eu nunca me preocupei, eu só me preocupava de ter um inglês que eu pudesse falar em público e...

B - E entender.

C - E entender, porque como eu me habituei a falar, a falar sem escrever eu acabei falando inglês sem escrever também. Então, eu queria esse inglês para continuar. O francês também, eu deito e rolo, porque... e italiano, principalmente o italiano porque o italiano é uma coisa que vem da infância. Eu, três dias em Roma, eu brigo como um romano. O cara não distingue que eu sou brasileiro ou italiano, não é? Tem alguns aspectos assim da vida da Itália que eu assumi, que eu absorvi, né? Primeiro, principalmente, quando você anda de ônibus, quando você é roubado dentro do ônibus. Eu sei aqueles macetes daqueles gringos que moram em Roma, como eles te roubam. Então, você, você, a língua italiana pra mim nunca foi, eu utilizei muito ela na Etiópia, porque na Etiópia tem muito, por causa de Asmara. Asmara foi...

B - Eu não sabia.

C - Asmara é o Norte. E tem muito italiano na Etiópia. Por isso que as etíopes são lindas, são as negras, são as mulatas mais bonitas. Enquanto nós ligamos com o português, os etíopes cruzaram com os italianos e as mulheres são lindas. Dizem que os homens e as mulheres mais bonitas da... porque o preto etíope ele não é beijudo, ele tem o teu beijo, o nosso beijo. Ele não tem aquele beijo.

B - A feição foi alterada.

C - A feição foi alterada. Então, chegando no Liceu Pasteur, eu fui imediatamente... (passarinho cantando)

B - Contratado.

C - Contratado. Não tive dificuldade nenhuma. E ali eu fui ganhar o suficiente. Eu tomava conta de um, de um... dormitório de 400 alunos menores. Então, rapaz, eu comecei a viver... porque eu chegava do cursinho, que era à noite, eu trabalhava durante o dia e dormia nesse... e tinha a função também de atender algum cara doente à noite, não é? De algum garotinho daqueles. Mas foi meu primeiro emprego.

B - O senhor dormia lá, no Liceu?

C - Eu dormia, tinha o dormitório e no canto do dormitório, tinha o quarto do vigilante. Então, o meu quarto era naquele canto. Eu sabia qualquer coisa que acontecesse de anormal, eu... porque era um silêncio enorme, eu já escutava e ia lá atender. Então, eu fui tomar conta de... pôxa! Tinha uns 300, 400, 500, alunos menores. E eu, às vezes, à noite, tinha garoto que chorava com saudades da mãe, sabe? Pai largado da mãe... Então, eu ouvia as histórias mais incríveis, porque era um colégio de classe alta, baixa, classe média, alta e alta mesmo, caras que podiam pagar esse colégio, porque ele era caro. Então eu me envolvi no colégio. Mas, o meu maior envolvimento nesse colégio foi para tirar o Mesquita como Diretor. Quando eu comecei a transformar a minha vida lá da direita, é... a primeira vez que eu fui lutar contra o patrão. Foi

interessante isso, eu já topava. Os vigilantes se reuniram e, no meio deles, tinha um líder que era... ele foi ser médico, ele foi... e ele hoje é o Presidente da Associação Brasileira, e este cara... apagou o nome dele, mas ele é conhecidíssimo...

B - Da Associação Brasileira de Medicina?

C - Medicina. Esse cara é um dos caras mais radicais da direita hoje. Nós derrubamos o Mesquita do *Jornal do Brasil* e ele foi ser o diretor do colégio.

L - Do estado de São Paulo.

C - Do Liceu Pasteur, lá em São Paulo. Ele foi ser o diretor do colégio, não o diretor do Estadão. Mas nós derrubamos o diretor do Estadão.

L - Certo, do Estadão. Porque o senhor havia dito do Jornal do Brasil.

C - E esse colégio tinha uma comissão de franceses, porque ele tinha o recurso do Consulado Francês e tinha uma comissão de brasileiros que aceitaram a argumentação dos vigilantes, porque se não os vigilantes iam deixar o colégio e ia acabar o colégio. Então, tiraram o Mesquita e botaram esse cara que já estava na USP. E ele foi ser o Diretor do Colégio e estudar Medicina. Eu fiquei um ano ainda lá, deixei de fazer o Curso de Túlio. Mas meu irmão veio para o Rio fazer Engenharia e ele fez vestibular aqui e, ao mesmo tempo, você podia fazer em quatro, cinco lugares. E foi fazer vestibular em Juiz de Fora e ele passou em Juiz de Fora pra Engenharia. Até ele era colega de turma do Itamar. Ele e o Itamar são amigos pra burro. E foi, e foi, e foi... entrou na escola e eu segui o caminho dele. Eu falei: "Eu vou para o Rio". Naquela época eu não queria mais a USP.

L - Por que o senhor se desencantou assim da USP?

C - Eu não me desencantei.

L - Não houve desencanto, mas...

C - Eu soube que a medicina do Rio era uma Medicina mais prática, mais, que você estava muito mais em contato e da USP era muito mais... teórica e ciência pura. E nessa época aquela professora de Geografia já tinha me botado na cabeça que a prática na vida era a coisa mais importante. Claro que a teoria ela te dá a base para você lutar. Mas que você, se você se tornasse um teórico, você acabava sendo um professor, não é? E sem a experiência. Então isso era ruim. Eu achava que agora eu tinha que vim pro Rio, não é? E toda a minha vida foi assim. Eu nunca fui, eu só fui um cara de... de último escalão no final, porque toda a minha vida é dedicada ao campo. (pigarro)

Então, o que que acontece? Eu venho pro Rio de Janeiro e vou fazer Medicina. Aí, um dia, eu estava em... eu fui morar junto com uns paulistas da minha terra: Benito Premiano que é oftalmologista, com o Edson que é o dono da AMIL, que era uma cidadezinha perto de Araraquara, e Vamberto Oliva.

B - Vamberto?

C - É, que hoje é um grande gastro[logista] em Araraquara.

B - Vamberto Oliva.

C - Oliva. Nessa altura, eu já estava liberto tanto da minha família, como da outra família. Eu tinha todo apoio que eu tivesse, mas eles enxergaram e ficaram na deles. Pelo contrário, como eu estava já entrando na Faculdade, eles só tinham orgulho até. E para eles era o que eles queriam. Quando eu fui na... o mundo eu já conhecia, (tosse) porque eu, por causa dela e por causa dele porque ele me contava as histórias do mundo. Então, parece que eu conhecia Roma como se fosse Niterói ou como se fosse Araraquara. Eu conhecia Paris, eu conhecia, não por ir a Paris, mas pelo que ele contava. Porque, depois da guerra, ele foi várias vezes à Europa junto com a mulher dele. Então, ele, ele me contava tudo, tudo o que ocorria e, uma vez, eles passaram seis meses na Itália. Então... ele já estava aposentado e ele participou mais. Mas ele jamais podia... saber que eu ia conhecer a Itália melhor que ele, porque eu ia morar em Milão.

B - (ininteligível)

C - E isso... ele soube que eu estive em Milão, ele sabia que eu morava em Milão, mas ele não sabia que eu ia conhecer a Itália como eu conheci, porque ele morreu em [19]70, não é? E eu estive na Itália em [19]67, a primeira vez pra estudar. Mas na Europa, eu estive em [19]66, minha primeira viagem à Europa foi em [19]66. Então, eu fui para o Pasteur...

B - Aí, o senhor chegou no Rio.

C - ...e voltei para o Rio, e fui embora para o Rio.

B - Aqui no Rio o senhor teve que fazer um preparatório.

C - Isso. Aí, o que é que aconteceu? Esses três caras... eu, eu aprendi a não pedir dinheiro na minha casa. Enquanto meus irmãos tinham uma vida folgada, eu passei a ter uma vida de necessidade, porque eu tinha agora vergonha de pedir dinheiro, entendeu? Eu já, eu tinha juntado um dinheirinho lá no Pasteur, não é? Eu não gastava...

L - É, porque o senhor era inspetor, não é?

C - Eu era inspetor, eu tinha alguma coisinha, não é? E estava preocupado como eu iria me manter em Niterói, no Rio de Janeiro. Porque a gente dividia pastel. Nós estudávamos, esses quatro caras, depois ia, também na hora de ir para o cinema, ia para o cinema. E, aí, juntava o dinheiro e dividia o que que tinha na Cinelândia para comer. Então, entrava naqueles restaurantes que paga pouco, comia lá uma macarronada e, junto com a macarronada, vinha um doce, perto do Amarelinho ali, naquelas ruínas pequenas. Então, eu ia comer ali com eles, pagava o que eles pagavam, não é? E comia um doce que vinha junto, quem comia o macarrão ganhava...

B - A sobremesa.

C - A sobremesa. Então, essa era a vidinha ali... mas me preocupava. Um dia eu cheguei... de algum lugar que eu tinha ido, fui ver um cursinho, eu encontrei minha tia. Eu tinha uma tia que morava aqui, que mora em Niterói. Ela é minha tia mesmo. Ela é irmã da minha mãe. E ela casou em Araraquara, ela trabalhou com o meu pai em Araraquara, no escritório de contabilidade. E ela casou com uma pessoa muito rica. Ele era um, um empresário e, depois, o pai dele... ele, mas ele era um cara ligado muito ao pai, à família. E eles mudaram de Araraquara pro Rio, pra Niterói. Vieram instalar... tinha já uma indústria aqui que eles compraram e aqui desenvolveram e aqui eles eram, eles vieram, eles começaram a sedimentar a vida deles. E eu encontro a minha tia lá no meu quarto, até. Quando eu entro, ela está lá e a minha mala estava arrumada. (risos) Eu não tive nem como, quer dizer, ela falou... e eu também já tinha uma certa, que eu vivia às custas dos meus colegas, porque, dos quatro que moravam lá, o cara mais rico... tinha um que recebia dinheiro da mãe, mas eles não eram ricos, recebia. A mãe tinha um bazar lá em Araraquara, mãe do gastroenterologista, e a mãe do... o outro era um cara que era fazendeiro. Esse que tinha dinheiro. Esse sustentava todos nós, que era o Benito. Era um cara bom para burro, era um cara que nós gostamos muito dele. Ele está, ele é um Oftalmologista de Araraquara. É um cara que não cresceu na profissão. Agora, ele repartia tudo o que ele tinha. Então, inclusive para o Edson. Hoje, quando nós vamos na casa do Edson jantar, o *garçon* serve com luvas. (risos) Nós damos risada, porque hoje ele é um dos caras mais ricos desse país.

L - Já imaginou, o dono da AMIL<sup>4</sup>!

C - Ele é o dono da AMIL. É ele e a primeira mulher dele.

L - E dividia pastel com o senhor e docinhos, hein!

C - Dividia. Então, você... ele era o cara mais pobre de todos. Porque eu, ainda, vinha o meu pai aí, meu pai me empurrava um dinheiro, ele sabia, sabe? Ele...

## Fita 2 – Lado A

C - Mas era o seguinte: era o cara que mais pegava garota. Era o cara mais bonito dos quatro, não é? (risos) Eu era feio, tinha um narizão, o outro... as meninas gostavam era dele. Então, ele era o gato da turma. Então, se alguém queria uma garota, tinha que falar com ele. (risos)

B - Tinha que sair junto com ele.

C - Tinha que sair junto com ele. Aliás, nós saíamos juntos, porque tinha uma solidariedade, a pobreza trazia uma solidariedade, a falta de dinheiro trazia essa solidariedade para os quatro, sabe? Então, o que eu estava contando?

---

<sup>4</sup> Plano de saúde da rede privada.

B - Aí, a sua tia chegando lá, deixou o senhor meio...

C - Aí, chega minha tia, eu vim embora coma a minha tia.

B - Vou resolveu um pouco a minha vida.

C - Mas, antes, nós tivemos uma reunião e os quatro decidiram o seguinte: o Edson continuaria com o Benito, porque o Benito tinha condições, ele podia aguentar. E o Vamberto vinha pra Niterói. O Vamberto passou a estudar comigo aqui em Niterói num cursinho e minha tia... E falei: "Tia, eu vou fazer vestibular." Ela falou assim: "Você não vai trabalhar. Eu vou te dar todo o cursinho. Aqui você não vai ter problema." Então, ela me deu um carro e um cursinho; me deu roupa, me deu dentista, me deu tudo. Aí, eu já tinha uma terceira *mama*, sabe?

L - Puxa vida!

B - E o rapaz foi morar com vocês ou não?

C - Não. O cara foi morar numa pensão, mas ele passou a viver também na casa da minha tia, porque foi uma das imposições que eu tinha. Ela morava num palacete aqui e que em cima da garagem tinha um apartamento. Eu fui ocupar o apartamento. E meu tio era uma das pessoas, eles tinham dois filhos pequenos, e eu... meu tio ele era um cara boníssimo, um tio que me quis muito, sabe? Infelizmente, morreu há uns três, quatro meses atrás, e ele era um tio que chegou pra mim e falou assim pra mim: "Bom, você quer trabalhar, eu acho que você não deve. Mas, eu tenho umas terras aí, eu vou te dar essas terras. É em Itaboraí." Era um sitiozinho, tinha uns pés de laranja. "Então, você faz o que você quiser. E toda a produção do sítio é tua." Então, eu fui ser latifundiário. Até os caras me chamaram, me chamavam de latifundiário. Aquele sítio foi sede de um Congresso de UNE [União Nacional dos Estudantes] em 1966. ... Não, um Congresso não, foi um pré-Congresso para o Congresso que se realizou em Salvador. Naquela época eu já era o presidente do DCE e eu fui pra Salvador, porque AP [Ação Popular] tinha que ter representante lá do estado do Rio de Janeiro, inclusive, porque eu era...

B - Mas não foi esse sítio que foi invadido, não?

C - Não.

L - O que você está falando é Ibiúna.

B - Ibiúna, lá em São Paulo.

C - Não, não, não. Isso foi em São Paulo.

L - Foi em 68, 69.

C - Isso foi aqui em Itaboraí. Veio todo o pessoal de UNE para cá. Era a maioria de área AP [Ação Popular], porque AP dominava a UNE nessa época. Então, ele me deu o sítio e o que que eu fiz? Eu cheguei para os lavradores daquela região, e eu botei uma família para morar... ele

me deu o dinheiro e eu fiz lá uma casinha boa, fiz um poço, botei luz elétrica, foi fácil puxar, porque é perto de Itaboraí, uma terra ótima e...

B - Em que se plantando tudo dá.

C - Eu... não, ali dá é laranja. E que é que eu fiz, eu plantei de meia, meio...

L - Meeiro.

C - Meeiro. Agora teve aquela novela, escutei umas partes e aquela menina que começou a fazer o meeiro naquela época nas fazendas de café do pai, plantava...

B - “Terra Nostra<sup>5</sup>”.

C – “Terra Nostra”. Então, eu plantei por meia a meia. Quer dizer, meia a meia num certo sentido, eles plantaram limão e laranja seleta para mim e usavam o terreno para plantar abacaxi. Então, eles pagaram toda a despesa. Então, plantei o sítio, só deixei uma reserva, não é? E plantei o sítio todo de laranja. Tinha uns dois mil a três mil pés de laranja, de limão... Então, daqui a pouco, começou a dar limão. Esse dinheiro veio para mim como uma joia porque o meu tio não queria saber disso. Eu comprei uma Kombi com o dinheiro da laranja, a primeira safra eu vendi toda ela no pé, a segunda eu comprei uma Kombi. E, aí, tinha um velho que morava conosco, que era... foi *waiter*, foi *garçon* do Antônio Pedro. E ele foi morar conosco. Era um velho preto, e o velho preto foi ser meu sócio.

B - Tem sempre velho, não é?

C - Tem sempre velho. O velhinho preto foi morar, foi... morava lá, ele era o xodó da casa, porque ele já era preto... já era velho, não é? Ele morreu com 108 anos por aí. E o velho Balbino que era... criou os garotinhos, não é? Ia levar eles na escola, não é? Niterói era tranquilo só tinha dois edifícios na Praia...

L - Na Praia de Icaraí, que coisa!

B - Os dois primeiros... só casarão.

C - Só. O resto era só casarão. Meu tio morava num palacete perto ali do... do Campo de São Bento e já tiraram para construir um edifício que tem o nome dele.

B - Mais perto do cinema?

C - É, ali perto, na 5 de Julho.

B - Na 5 de Julho, ah...

---

<sup>5</sup> A entrevistadora se refere à novela transmitida pela TV Globo chamada Terra Nostra, cuja temática era dos imigrantes italianos, sobretudo os que chegavam ao Brasil para trabalhar na lavoura cafeeira.

C - Eu morei sempre na 5 de Julho.

B - E eu sempre na Mariz e Barros.

C - Moramos perto.

B - Uma pequena distância, mas não tem problema. (risos)

C - Era paralela. Um certo ponto depois da Roberto Silveira, era paralela.

B - Já era Santa Rosa.

C - Que, mais tarde, eu fui morar também na Mariz e Barros, quando eu voltei da Índia, da Etiópia, eu fui morar na Mariz e Barros.

B - Em que altura dela?

C - Eu comprei um apartamento... não, no primeiro bloco da praia.

B - Eu também.

C - No 28.

B - Eu morei naquele azulzinho. Naquele que tinha uma entrada meio azul, do lado do colégio.

C - É, o [João Baptista] Risi [Júnior] tem um apartamento ali. Ele me alugou por três meses o apartamento dele. E, depois eu comprei, perto do edifício dele. Então, eu fui morar nesse apartamento. Bom, aí eu fui morar com a minha tia e, aí, eu fiz o vestibular e passei lá no Fundão e passei aqui na Fluminense.

L - É, isso que era uma pergunta que eu ia fazer ao senhor. Por que a UFF e não o Fundão? Se tinha alguma diferença entre os dois?

C - Naquela época, o... o Fundão... não era Fundão, era Praia Vermelha.

L - Isso. É só passou pro Fundão na década de 70.

C - Eu, eu tinha aulas... a minha tia tinha um médico particular dela que era professor de Ginecologia lá na Praia Vermelha.

B - Lembra o nome dele?

C - Arnaldo de Moraes. Doutor Arnaldo de Moraes. O Arnaldo era já um cara antigo e... a ovelha negra era o Lacaz, que era o professor de Química.

B - Que hoje está em São Paulo... não é? É o Lacaz que cuida da História da Medicina? Que cuidou, não é? Mas já morreu, mas que ficou em São Paulo um bom tempo, não é?

C - Não sei para onde ele foi.

B - Ele escreveu a História da Medicina, não é?

L - Deve ser o Carlos Lacaz...

C - E o Lacaz foi ser meu professor particular de, de Química, não é? Então, eu tinha, olha, além de estar num curso aqui em Niterói, que era o curso Pasteur do, do italiano, eu tinha professores particulares.

B - Aqui em Niterói tinha um curso Pasteur?

C - Curso Pasteur, eu fiz o curso Pasteur, não é?

B - Depois virou alguma coisa esse curso Pasteur?

C - Não, morreu, morreu, ele morreu, o dono morreu depois, ele era médico, morreu...

B - O Salesiano já era um colégio forte?

C - O Salesiano já era um colégio forte, mas eu nunca estive no Salesiano, a não ser que eu casei na Igreja do Salesiano, a única ligação com o Salesiano...

B - Escolheu bem. Adoro o Salesiano.

C - Mas eu, eu fui pra... eu vim pra Niterói e fiz o vestibular e fui fazer o vestibular em duas faculdades: na Praia Vermelha e aqui. Na Praia Vermelha, porque eu estava influenciado pelo Arnaldo de Moraes que me queria ser, ver aluno dele, não é, sei lá. Mas o cursinho era muito bom. Então, eu já sabia que ia passar, porque logo no primeiro exame na Praia Vermelha, eu passei em Português num dos primeiros lugares, acho que no segundo ou no terceiro lugar. Na lista já veio lá o... E aqui também. Eu comecei a passar, passar, passar, chegou na última prova que foi de biologia, olha, eu tinha tanta certeza de que eu estava dentro dos 80, que eu estava tranquilo, eu sabia que ia passar, já tinha... Porque, naquela época dava o resultado depois da prova. Você só podia ir pra segunda outra prova, se você...

B - Com o resultado OK. Era tudo eliminatória, não é?

C - Eliminatória. Mas, e além de passar, você tinha que ser classificado, porque só tinha 80 vagas.

B - Podiam passar 200 e 80 iam entrar.

C - Exatamente. Então, mas na prova de Biologia aqui eu tinha ido muito bem, sabe? Tinha caído uma, uma... uma das dissertações, que na época tinha dissertação, era propriedades dos seres vivos, que é a primeira matéria de Biologia, pô! Era coisa que eu sabia de frente para trás e de trás para frente e eu botei umas 22 propriedades, não é? E, depois, caiu um problema simples de Genética e 20 perguntas, não é? Então, eu sabia que ia... tirei nove e meio de Biologia, depois

eu soube a prova... Então, eu fui muito bem classificado, eu fiquei entre os dez aqui na Fluminense. E lá, na Nacional, eu fui... também aprovado bem. Só que eu tinha um inconveniente, naquela época não tinha ponte.

L - Nossa, era longe para caramba!

C - 1962, não é? Não tinha ponte. Então, o que aconteceu? Eu fui para...

B - Barcaça.

C - Eu ia para a barcaça, tinha que ir com a barcaça na Praia Vermelha, não é? Cheguei a ir pra Urca de ônibus, não é? Mas, claro que enfeitçava a gente, Praia Vermelha é Praia Vermelha. Chegar em Araraquara e dizer que eu estudo na Universidade do Brasil, que era Universidade do Brasil, dava *status* pra burro. Só que eu não tinha mais esse ranço, não é? Eu já tinha sido despido desse ranço. Já aqui, em Niterói, eu tinha ligações com o secundarista, principalmente com o pessoal de AP e do Partidão. Eu tinha uma namorada aqui, que era de AP. Essa mulher é que me tirou tudo o que restava...

B - De ademarista.

C - De... se tinha ainda alguma coisa, ela acabou de me tirar. E eu passei, eu passei... eu tinha ela como namorada e ela era, já tava dentro da universidade, ela era mais velha do que eu, e ela era presidente do DAP, Diretório Acadêmico Barros Terra, que era aqui a faculdade, bem em frente, era aqui, a faculdade era aqui. Então, ela era de AP, mas eu não sabia. Só vim a saber, quando ela... eu comecei a participar de passeata com ela.

B - Nossa, nem para o senhor ela abriu que era...

C - Nem pra mim ela abriu, mas ela discutia, era muito radical, ela era muito dominadora e eu tinha uma... eu tinha assim um... assim toda uma imagem dela que eu gostava, sabe? Ela era independente, essa era uma das coisas que mais me... não é? Ela não tinha aquele negócio de virgindade... isso aí já, já era uma coisa passada. Então, você bota um negócio desse pra um cara que vem do interior, quer dizer, que veio do interior... estudou em colégio de padre, estudou em colégio francês, de Mesquita, teve toda uma vida que, não é? Só na parte, essa parte mesmo que ele muda, estava mudando...

B - De jacaré para crocodilo.

C - De jacaré para crocodilo. E ela era um crocodilo mesmo, ela fez a minha cabeça direitinho. E, aí, ela me envolveu no meio secundarista, eu passei a... ter um contato muito grande com o pessoal do Partidão já, com o pessoal de... já estava começando o PC do B, já tinha dissidência do Partidão naquela época. E era antes JK, era antes, antes, antes... antes golpe militar. Quando eu entrei, era ainda na época do Goulart. Estava no primeiro ano...

B - Aí, o senhor optou pela UFF por todas essas vinculações...

C - Aí, eu optei pela UFF, porque eu estava aqui em Niterói, sabe? E estava no meio estudantil e já tinha esse envolvimento do vestibular. Então, eu falei: “Por que eu vou fazer lá na Praia Vermelha?” Eu já tinha contatos políticos, né? Eu já era um cara em potencial agitador, tá? Era isso aí. E essa participação, ela influi na escolha da minha especialidade, não é? Isso aí é fundamental. Eu não fui ser sanitarista por ser um sanitarista. Eu acho que o cara que escolhe sanitarista ele tem que ter uma consciência política. É diferente do que você abrir uma barriga de uma pessoa, ser um médico curativo, não é? O cara que faz uma opção, é isso aí. Por isso que, eu vou colocar a questão do Risi, eu acho que estou aberto, eu não estou falando mal do Risi, mas... por isso que o Risi não se deu bem na saúde pública, porque ele não fez uma opção política, ele fez uma opção que era a do Cláudio Amaral, porque o Cláudio Amaral é que convenceu ele de ser sanitarista.

B - Porque o pai pediu...

C - Porque o pai pediu, está entendendo? Então, o sanitarista ele tem que ter uma opção política, porque, se não, ele não vai enxergar, ele não vai se envolver. E nessa área eu já voava muito alto, eu já enxergava longe.

B - Outras pessoas que eu conversei assim, que também optaram pelo Sanitarismo, em especial os Tisiólogos que eu entrevistei, eles me falam muito sempre de uma questão de uma causa... que ser sanitarista é abraçar uma causa, é ter uma filosofia de vida para além da Medicina.

L - Da Medicina só.

C - Claro.

B - É isso mesmo?

C - É isso mesmo, porque eu rejeito a questão de ter uma cama pronta e voltar para Araraquara onde estaria, seria um, sei lá...

L - Seria muito cômodo, não é, Dr. Cláudio?

C - Cômodo, não é?

B - Ia dividir a AMIL com eles. (risos)

C - Exatamente, quer dizer, podia ser sócio deles.

L - O senhor estaria bem mais chique.

B - Nós estaríamos aqui com um *garçon* de luvas!

L - Nos servindo.

C - Mas nós escolhemos uma coisa é... nenhum dos três outros foram escolher Medicina, porque eles vieram de Araraquara... O Edson era o mais pobre...

B - Não foram escolher o Sanitarismo, o senhor quer dizer.

C - Não escolheram, porque, aí, ele foi para a universidade, encontrou a esposa dele e, aí, eles fundaram a AMIL, logo depois que eles se formaram. E ele tem toda uma cabeça voltada para uma, não é? O único agitador dos quatro fui eu mesmo. Mesmo o Vamberto que veio estudar aqui, hoje ele está dentro de uma estrutura de Araraquara, da sociedade araraquarense, ele é um médico emérito hoje lá, ele é o maior gastroenterologista daquela área do estado de São Paulo, não é? E um dos homens mais ricos, fez fortuna na Medicina e tal. E o outro era um cara que já nasceu rico, ele já nasceu fazendeiro, não é? Então, eu fui o único cara que me despi disso. Agora, eu não me despi e não estou pior do que eles em termos de vida. Eu moro muito bem, pôxa! A Saúde Pública, não é? Ela não deixa o cara pobre, não! Ela deixa o cara duas vezes rico: de consciência rica, entendeu? E deixa você bem, entendeu? Porque o cara pode ter a duas questões aí tranquilas, sabe?

B - Bem resolvidas.

C - Bem resolvidas. Agora, eu fui morar em áreas que eles nunca, um médico da área curativa nunca teria esquecido. É... Eu ia cagar numa, numa, numa... numa latrina que não podia sentar. Eu ia cagar sentado ali, cagando, pô! Lá na Índia. Então, esses caras nunca tinham feito uma opção dessas, não é? Mas também eles nunca enxergaram o... uma razão, de uma questão, não é? Que é a pobreza, extrema pobreza, não é? Porque essa é que é a mais humilhante estado de uma pessoa é a pobreza, sabe? E está aí toda uma sociedade consumista, te mostrando, te agitando, né? Fazendo que você, você lute, dá sua vida para você ter uma televisão...

L - Para consumir.

C - Para consumir, entendeu? Então... eu... rapaz, eu sou uma pessoa, eu fui...

B - Um tênis, não é? Você rouba por um tênis, você mata por um tênis.

C - Exatamente. Hoje eu posso dizer que eu tive uma infância feliz, dentro de uma estrutura, mas, sobretudo, eu estou terminando, não é? Na minha vida profissional, mas terminando felicíssimo, não é? Porque eu nasci cego e, hoje, eu estou mais vivo do que nunca (risos), porque eu tenho hoje o conhecimento no meu processo, no meu conhecimento. Então, quem tem conhecimento tem o poder. Eu me... sou acho que um dos únicos médicos, mesmo na área de Saúde Pública, que posso dizer com a boca cheia que eu erradiquei a varíola, que eu participei da erradicação, fui um dos caras que mais influí nessa erradicação, né?

B - Nos últimos casos.

C - Nacionalmente.

B - A organização da comissão...

C - Da comissão, fui um dos casos que mais vacinei pessoas nesse país, não só da varíola. Erradiquei a poliomielite, ajudei na erradicação. Vi o último caso de varíola e de pólio desse país. Vi um dos últimos casos de pólio no mundo, de varíola, que foi na minha área.

B - De varíola, não é?

C - De varíola. Iniciei o controle de Hepatite nesse país. Controlamos, tiramos os óbitos do sarampo nesse país. Esse país esteve a um passo da erradicação do, do, do sarampo. Se perdeu. Por que? Porque não houve continuidade, não é? A esquerda tem muita culpa nessa... nela. Participei intensamente da, da autossuficiência desse país. Eu sei que eu tomei porrada, ainda tomo porrada, não é? Por que? Porque eu estou em desacordo (passarinho cantando) com a política da, da Organização Mundial de Saúde, de centralização, não deixar que esses países sejam autossuficientes, não é? Nu, nu, nu... em vacina. Discordo, falo abertamente sobre isso. Não tenho o que esconder as coisas. Vou pra reunião, me torno mesmo um cara meio polêmico, por que? Ou polêmico mesmo, não é? Porque eu discordo e só é polêmico quem discorda, entendeu? Eu, eu abro dissidências. Eu sou um divisionista... mas eu sou um divisionista dentro de um, de um, de uma traição ao país. Dentro de ter um trabalho moroso na Saúde Pública, como é esse Ministério da Saúde, sempre foi. Não concordo com a classe, com o segundo escalão do Ministério, que luta por atingir níveis salariais indo para a OPS, em vez de lutar aqui dentro para ter níveis salariais compatíveis, compreendeu? Não é se entregando à OPS. Foi um dos motivos porque eu vim embora. Podia estar lá até hoje na Organização Mundial de Saúde, com um salário de P5 ou sendo diretor, não é? Recusei a isso. Quis voltar para fazer o sarampo e poliomielite. Então...

B - E a hepatite hoje.

C - E a hepatite, que eu estou muito feliz de ser o ...

B - E o projeto, qual é o nome? O projeto do Tião está passando em tudo. Vai conseguir ter campanha nacional agora.

C - Pois é. Fui a primeira pessoa a coordenar uma campanha na Amazonas de... contra Hepatite B. Procurei unir a área de Saúde Pública e o nosso amigo [Eduardo] Maranhão é uma prova disso. Pergunte ao Maranhão quem abriu as portas da Fundação SESP...

B - Eduardo?

C - O Eduardo, o Fernando Laender e o [Fernando] Verani. Eles foram trabalhar no SESP e eles mesmos dizem isso: "Foi o Cláudio Amaral que abriu as portas do SESP", porque o SESP sempre foi uma fundação meio fechada.

B - Enclausurada.

C - Ela foi fechada pro... e você tem que ter sensibilidade para entender isso aí. Então, eu abri as portas da epidemiologia. A Escola de Saúde Pública, porque a Escola de Saúde Pública tinha uma ligação diretora/diretor. Eu cortei isso. Então, todo mundo foi para o SESP. O Eduardo [Maranhão] foi trabalhar. Recebia diária pelo SESP, viajava pelo SESP. Por que? Porque nós abrimos a Epidemiologia nacional que estava na mão do SESP a todo mundo, como é que tinha que ser feito. Como nós entendemos Saúde Pública. A Saúde Pública não podia ser feita só por uma instituição, não é? E uma coisa que a gente não abre a mão: é comando. Saúde Pública tem

que ter comando. Não é esse negócio aí. Por que de você descentralizar? O [Sérgio] Arouca hoje foi demitido lá da, da, do Secretário de Saúde Pública...

L - Saiu? Puxa vida!

C - Saiu. Saiu por que? Saiu porque não tem comando, não tem comando...

B - Ele já estava em vista de sair, mas a gente estava fazendo um movimento para ficar.

C - Não tem comando. E o pior é que é isso: ele sai e deixa um Ronaldo Costa Coelho, Ronaldo Coelho...

L - Ronaldo Cezar Coelho?

C - Ronaldo Cezar Coelho, pois é...

B - Ronaldo Cezar Coelho?

C - Quer porrada maior do que essa? Não é ele sair, é ele deixar (risos).

B - É o que vai ficar.

C - É o que vai ficar. Olha, eu jamais...

B - Mas ele foi saído, não é?

C - Ele foi demitido, foi demitido.

B - É ele foi saído nesse sentido, não é?

C - Quer dizer, isso é morosidade de Saúde Pública. Olha, e tem que falar essas coisas, porque tem uns ganchos aí, que esse negócio de acabar com o sarampo na, a escola Fundação Oswaldo Cruz que produzia a melhor vacina. A Fiocruz tem um papel fundamental nesse país, tem um corpo de técnicos que esse país não encontra na América Latina, entendeu?

L - Eu concordo.

C - E produz, tem como produzir, tem tecnologia para isso. Então, de uma hora para a outra, por uma questão...

B - Foi decisão política, não é?

C - Uma decisão política acaba de fabricar uma vacina que você vacinava as criancinhas desse país. O sarampo, por exemplo, os óbitos de sarampo acabaram com vacina da Fiocruz, pô! Então, olha como é importante a Fiocruz para esse país, pô! Então, você tem meia dúzia de gatos pingados lá dentro que atua junto com a OPAS contra a Fiocruz. Eu sempre fui a favor e vou continuar falando sobre isso, porque e sou a favor da Fiocruz. Eu estou com a Fiocruz.

B - O senhor está contra esse grupo que não quer que ela cresça.

C - Eu estou contra esses caras que querem isolar a Fiocruz de fabricação de vacina nacional. Aí, eu sou contra mesmo. Agora, a favor da Fiocruz, eu sou melhor do que a favor do que esses caras.

B - Com certeza, com certeza! E a questão da autossuficiência tá ligada, na verdade, se a gente for para pensar, a uma política nacional que é dita...

C - Que é dita, claro!

B - ...de autossuficiência. Mas, na prática, não se dá as condições para, porque você não põe na direção pessoas que concordem, você não subsidia para poder a tecnologia, não é? É como se assim, vou dizer que gosto, mas vou fazer diferente, né? Aí, dá uma sensação de ser palhaço.

C - Vamos voltar, então...

B - É vamos voltar.

C - Vamos voltar à UFF. Vou pra UFF...

B - Isso, depois a gente vai para o Sanitarismo.

C - Vou para a UFF, no primeiro ano sou eleito vice-presidente do DCE.

B - Mas antes da política estudantil. Só para eu pegar um pouquinho. Entrar na UFF. A expectativa e a realidade. Como é que foi?

C - Tinha duas questões. Tinha a, a, a... a Praia Vermelha, que era a Universidade do Brasil, que todo o jovem quer fazer essa Universidade do Brasil. Agora, eu já estava dispoliado dessa questão de monumentos nacionais. Existia uma universidade aqui em Niterói e uma universidade já concretizada ou em vias de se concretizar. Então, é uma universidade nova. E eu preferi fazer na Fluminense, porque já morava aqui e já tinha uma estrutura política aqui, uma militância política dentro de Niterói. Então, por que ir pro Rio? Ir pro Rio só para participar de atos políticos.

B - E academicamente falando, pensando o ensino da medicina. A UFF já tava com uma consolidação, como o senhor falou, que estava superando aquele momento que todo mundo meio que duvidava.

C - Do ponto de vista científico, por exemplo, os professores da Nacional [UFRJ] eram professores aqui. Feijó foi meu professor.

B - O José?

C - Sim. Landmann foi meu professor.

L - Olha.

C - O Arnaldo de Moraes foi meu professor. Quer dizer, eu tive professores aqui, eminentes homens da Medicina brasileira e eram também professores da Fluminense. Então, eu não via vantagens, pelo nome só, cursar o, o, a Nacional. Eu preferi ficar na Fluminense porque, sei lá, aqui dava ainda... era uma cidade que eu gostei. Niterói sempre foi uma questão de amor também para mim. (risos) Aproveitando o gancho do... aproveitando o gancho do... do Jorginho.

B - O gancho do Jorge Roberto... "É um caso de amor"!<sup>6</sup> (risos)

C - Foi isso. Então eu fui pra...

B - Essas primeiras matérias, esses primeiros professores, teve alguma matéria que lhe encantou mais? Já tinha algum espaço para discutir saúde preventiva, saúde pública?

C - Não. Nem se falava em medicina preventiva. Epidemiologia, então! Não tinha epidemiologista no país. Então, não se falava em Saúde Pública.

L - O senhor entrou em [19]63?

C - Em [19]62.

L - 62, não é?

C - Em 63 foi o golpe. Eu já estava no primeiro ano.

L - Não, o golpe foi em 64.

C - 64. Eu entrei em 63.

L - 63.

C - 63, isso. Final de 62, eu entrei.

L - Isso.

C - Então, eu entrei 63 e eu fiz o primeiro ano. No final do primeiro houve o golpe e eu já ocupava a vice-presidência do DCE, que estava na mão da Engenharia de AP, um cara de AP. Depois do golpe... do dia do golpe o presidente fugiu e eu fui...

B - O presidente do DCE?

C - Do DCE que era da engenharia e eu fui... Niterói tinha um grupo de direita estudantil muito forte.

B - Direito, sempre.

---

<sup>6</sup> O depoente se refere ao prefeito da cidade de Niterói, Jorge Roberto da Silveira.

C – É, Direito.

L - De direita.

B - Não, mas o Direito sempre na direita.

C – É, todos eles faziam parte da Faculdade de Direito.

B - Impressionante, sempre.

C - E esses caras queriam invadir o DCE. Eu fui limpar o DCE, subi pela escada, porque eles estavam indo já para o DCE e limpei o DCE. Saí com o livro de posse, saí com... todo o material que tinha dentro do DCE e escondi no edifício... porque era no 9º andar de num edifício da Amaral Peixoto. Então, eu escondi junto com um cara que era amigo meu, que era funcionário, nós escondemos o material em outra sala. E quando eles chegaram, invadiram, arrombaram a porta, não encontraram nada a não ser o telefone e mesas, máquina de escrever, essas coisas. E nós, depois de alguns dias retiramos o, (pigarro) o... material do diretório.

Nessa época, eu tinha já uma participação dentro de AP. Uma por causa da namorada e outra porque a AP dominava o meio estudantil. Na Faculdade de Medicina havia... um quadro só do, do... PCBão, que era um... uma estudante, que hoje ela vem a seu uma das maiores cirurgiãs de Niterói. E outro era o Santini que era um cara que ia à deriva dela, ela mandava nele. (risos) AP era maioria. Eu tinha uma função dentro da Faculdade de Medicina que era de... formação de quadros. E depois da formação de quadros, logo depois do golpe, eu sumi. Sumi no sentido de participação e me tornei um formador de quadros pra AP. E aí tive uma ligação de âmbito universitário. Eu passei a ser conhecido na facultad... nas Faculdades, inclusive na de Direito. Dominava a Faculdade de Enfermagem. O que eu mais queria era ampliar também com as áreas de Saúde. Então, eu ampliei com a Faculdade de Odontologia, de Farmácia e de Enfermagem. ... E assim, era um cara que estudava muito...

B - Como é que fazia para estudar, militar, namorar, ir ao cinema?

C - Eu tinha atividades de 24 horas, essa era verdade. Porque quando você é moço, você tem um potencial, né?

L - Uma energia, não é?

C - Uma energia fora de série. E ainda recebia caras de AP que vinham discutir os documentos conosco, né? Eram dois caras que tinha... que estavam no comando de AP dentro da universidade. Eu era um e hoje é um... hoje é... era um, um cara outro, que hoje é Desembargador. Esse cara... ele... nós sentávamos juntos com esse cara de AP e nós tínhamos uma função muito, muito independente de AP Nacional. Eles traziam documentos, principalmente o MCD, que era o documento fundamental de... era o movimento contra a Ditadura, que era um documento de AP e que esse documento ... .. era um documento extremamente radical e que não comportava ainda em Niterói. Niterói sempre foi a reboque do movimento do Rio.

## Fita 2 – Lado B

C – ...Também tomar conhecimento do que existia, do que se podia, qual era o potencial. Era uma complicação. Nós tínhamos já eh... puxado as áreas de segurança de Niterói. Tinha o DOPS [Departamento de Organização Política e Social] na Amaral Peixoto, tinha o... Quartel da Polícia Militar lá na, na, na outra extremidade da cidade e tinha o Forte do Exército aqui, quer dizer, a cidade estava fechada, tomada por esse... por essa, por essa área, não é? Mas, o que me deu muita experiência foi na época do [João] Goulart, quando o Roberto Silveira era o Governador, e que eu era secundarista na época do, do cursinho pra Medicina, e que houve o aumento das barcas e foi a primeira revolução que eu assisti em Niterói.

L – O senhor ouviu que acabou de sair um livro analisando essa revolta das barcas?

C – Não...

L – De um cientista político... interessante!

C – Eu recebi a notícia, num telefonema que me passaram por essa menina, dizendo para mim: “Vá para as barcas!” Quando eu cheguei nas barcas, tinha uma multidão enorme, uma multidão grande mesmo na Amaral Peixoto, né? Que ia...

B – Na rua da praia?

C – É, e que... eu ouvia já tiro, tiros de uns... (passarinho cantando) e via incêndio também, não é? A população, de uma maneira desorganizada, se organizava e já começava a, a botar fogo. Não é população desorganizada que bota fogo. É a população organizada. E a população, ela tem essa capacidade de, imediatamente, se organizar, entendeu? Por algumas palavras de ordem que, às vezes, é de revolta de um cara que vai pagar mais a barca e de que, imediatamente, pode fazer muito mais do que a jacaré que estava lá, levou meses e meses para transformar a minha cabeça.

B – O imediato daquele momento muda a pessoa inteira, não é?

C – O imediato. Essa questão levei pras grandes movimentações, mobilização da Saúde Pública. Eu achava que, como nas revoltas de rua, as doenças, tinha doenças que eram centenárias, não é? Que podiam já ser erradicadas e que estavam aí por uma morosidade da própria área de Saúde Pública, porque... e, e de uma postura de educação para a saúde. Infelizmente, das nossas educadoras que tinham sido formadas lá em, no, no... por americanos...

B – Porto Rico?

C – Pela linha de John Hopkins<sup>7</sup> e que achava que só podia haver transformação, mudando a cabeça. Eu era o contrário. A própria Niterói aqui desbancou uma, famílias riquíssimas que dominavam o transporte das barcas durante anos e anos e subiam o preço das barcas como eles queriam, pô! Num determinado momento, essa população se reuniu em frente às barcas sem, sem nada! Chegou lá encontrou outro preço e decidiu acabar com aquilo. Botou fogo nas barcas! Caramba! Será que a gente não podia botar fogo nessas doenças? Fazia uma mobilização de massa, pô, entendeu? Então, ser erradicador é ter uma prática política, também. Você não vai encontrar um cara do dia para a noite, entendeu, num processo de uma escola de Saúde Pública. A Escola de Saúde Pública, ela... nem a Universidade treina ‘cara’ para erradicar a doença. A erradicação da doença é uma prática que vem durante uma vivência política, entendeu? Porque é uma decisão política, ela é um ato político, entendeu? Uma mobilização de massa sempre é um ato político, entendeu? Quando você mobiliza a massa... só que eu não sabia como mobilizar essa massa. Depois, a varíola me ensinou, rapidamente ela me ensinou. Palavras de ordem da varíola.

Então, o que aconteceu? Essa experiência de Niterói pra mim... eu ficava embasbacado. Quando eu fui lá para o Fonseca, (passarinho cantando) daqui eu saí pro Fonseca, já estavam queimando a casa do, do dono das, das barcas. E os casacos de pele da mulher já estavam na rua. Aquilo era uma revolução incrível, sabe? Que eu estava assistindo.

B - Como era o nome da família mesmo?

C - Grilo.

L – Eram os Grilo. (suspiro)

C - Então, você via as... os casacos de pele, a, ah, a, a... casa era belíssima, tinha uma piscina... na frente, sabe? E eles eram os, os donos das barcas.

B - Era na Alameda mesmo, não é?

C - Na Alameda ali, no início da Alameda.

B - É, virou um clube hoje.

C - Onde cai...

B - Onde cai a ponte. Hoje virou um clube. Hoje virou um clube.

C - Era uma das casas mais lindas daquela época ali, não é? Então, você... você tinha... eu aprendi ali... aquilo me, aquilo me marca, porque eu conhecia uma incitação que era um manifesto, não é? Manifesto do Partido Comunista, não é? Que é coisa tão atual, que eu recorra sempre, não é? (passarinho cantando) O Manifesto, ele tem mais de 100 anos. É uma coisa que eu sempre leio está na minha biblioteca em inglês, português, chinês... Então, ele existe na minha biblioteca e é uma coisa que eu abro sempre pra ler. Quer dizer, eu vou sempre... apelo ao

---

<sup>7</sup> O depoente se refere à Escola de Medicina da Johns Hopkins University, localizada em Maryland, EUA.

manifesto de [Karl] Marx e [Friedrich] Engels pra me colocar em dia, porque ele que me chacoalha a cabeça sempre, não é?

L - Que ótimo!

C - Ele é tão atual, ele é tão vivo nos dias de hoje, ele é igualzinho a cento e tantos anos atrás, quando foi escrito, como Marx enxergou, não é? Então, ele, cada vez mais eu, eu, eu... eu enxergo mais longe lendo isso. E, quanto mais você lê, mais você... (ruído) não é? É igual... àquele filme... que eu descobri um filme aí, que eu não daria mais aula de Epidemiologia, eu levaria pra Escola de Serviço Público.

B - Qual o filme?

C - Qual o filme?

L - Qual é o filme?

C - É o... é uma aula de Epidemiologia, mas muito bacana. Chama-se “Os ossos, esqueleto”... acho que vocês assistiram.

L – “O Colecionador de Ossos”<sup>8</sup>?

C – “O Colecionador de Ossos”.

L – Ah, “O Colecionador de Ossos”.

B – É uma aula de Epidemiologia, de vigilância, de busca de caso, é uma coisa!

C – Cara, é uma das coisas mais lindas que eu vi na minha vida, não é?

B – Em cima daquela cama dando aula...

C - Eu já assisti umas 20 vezes esse filme. Eu tenho o filme aí em DVD e tenho o filme em vídeo também.

L - Eu assisti, porque eu adoro aquele ator.

B – Eu também, Denzel Washington.

C – Então, eu levaria, eu levaria numa aula se me pedissem hoje... eu dei muitas aulas lá em São Paulo, na Escola de Saúde Pública, se eu tivesse esse filme na época, eu passaria o filme e ia discutir o filme. Porque o filme exatamente é uma aula, porque o Epidemiologista é o policial da Saúde. Não tem outra, viu. Você pode, você... o cara...

B – Um apaixonado, não é?

---

<sup>8</sup> O depoente se refere ao filme “O colecionador de ossos”, com Denzel Washington e Angelina Jolie.

C – E você vê, você vê o cara da cama, entendeu? Imóv... imobilizado e o...

B – Mas sabendo. Ele faz o mapa, ele tem o mapa na cabeça, ele tem a fita na cabeça, ele tem a rotina... Gente, é uma coisa!

C – Ele faz o mapa. Exatamente o epidemiologista. Epidemiologista sem mapa não é epidemiologista, não é? Ele tem que ter mapa. Você vê muito mapa lá onde... na minha sal... no meu arquivo lá, porque eu sempre trabalhei com mapa. Eu pego o mapa e lá dentro do mapa é que eu começo a enxergar as coisas. Então, foi isso é que... essa revolução de Niterói, ela me ajudou muito também naquela época. Mas, depois que eu entrei, eu escolhi a UFF, eu... eu não queria passar, não é que eu tinha vontade de ser um estudante, eu não queria passar pela Universidade sem ser universitário. Então, eu fui ser um universitário, mesmo. E a maneira de, de, da minha prática universitária era formar quadros, entendeu? Era formar quadros e discutir esses documentos. Então, eu passei a ser um cara que era conhecido em toda a Universidade. E, aí, eu praticava a Universidade, exercendo essa prática universitária, não é? Então, eu acabei sendo conhecido. E isso teve uma influência...

B - E o senhor acha que o senhor colocou uma coisa de Niterói, a gente acabou falando mais de Niterói, não falando dessa coisa, que, por exemplo, o documento, não é, o movimento contra a ditadura, tinha um limite em Niterói?

C - É, no início, nesse começo...

B - Na hora da radicalidade para você poder também entender que, culturalmente, tinha um outro movimento aqui que precisava ter outro tempo. É isso, uma questão de tempo?

C - É, é, eu sentia que Niterói...

B - É mais provinciana, talvez?

C - Não. Ele tinha uma postura de receber. O Rio, ele, ele estagnava Niterói, os movimentos de Niterói. Não que aqui não tinha quadro. Talvez não tinha um quadro que, de liderança firme e forte, de lideranças, porque uma mobilização não é com uma liderança, não é? É com lideranças, porque é um esquema montado, onde tem o... o vacinador, quatro vacinadores, o chefe de equipe, você tem quatro equipes, você tem um, um, um supervisor e, dentro dessa estrutura política, você tem a mesma coisa. Você tem células dentro da faculdade e que células mais células se tornam uma equipe, um aparelho com aparelho mais aparelho você tem um, um... um esquema que você... e dentro desse esquema você tem lideranças para você puxar depois de um certo documento aprovado, entendeu, discutido?

B - Virar um partido, mesmo.

C - Exato. Então, - o partido já existia que era AP. Então você ia discutir, formar quadros, formar células dentro das faculdades. E, aí, esse foi um trabalho que eu fiz durante uns dois anos e meio, três. E fui praticando a minha Medicina, fui praticando... Essa época eu tinha pouca participação política intensa fora da universidade. Era toda jogada para dentro da universidade,

não é? Então, mas ela não me ocupava tempo, tanto que eu, eu tinha plantão em hospital, eu tinha matérias...

B - Como é que era essa Medicina clínica que o senhor foi fazer? O senhor foi pra hospital, o senhor foi para Pronto Socorro, as suas aulas versavam mais sobre a Medicina clínica do que o senhor acabou de colocar uma Medicina de saúde preventiva e não clínica.

C - Olha, não. Eu achava o seguinte. Eu achava que hospital, dentro daquilo que eu tinha já escolhido, já tinha... porque eu não propagava isso. Porque ela não existia no Brasil. Existiam os velhos sanitaristas com formação lá dos Estados Unidos.

B - Lá, Johns Hopkins.

C - Eram os caras que eu tinha algum contato dentro da Universidade. O meu professor, que era o, o, o cara que esteve 20 anos, o cara que construiu a OMS, o cara que, depois, teve uma participação no meu sequestro. Esse cara, (pigarro) este cara, ele esteve 20 anos...

B - (ininteligível)

C - Não, o, o, o cara que esteve 20 anos lá, morreu em Geneva, foi enterrado até por lá... Candau.

B - Ah, o Marcolino [Gomes Candau]?

C - Marcolino. Marcolino foi meu professor aqui.

B - É mesmo?

C - É. Então, esses caras eram caras formados...

B - Ele também foi do SESP.

C - É, foi. Ele foi um dos fundadores da Fundação SESP. (passarinho cantando) Esses caras foram, ao lado de uns grandes caras de São Paulo... porque essa Saúde Pública era uma elite, entendeu? Eles tinham uma visão social passada até pelos americanos, porque os americanos, tem americanos bons, entendeu? Então, os americanos...

B - É, a Johns Hopkins não é todo um problema, ela tem uma formação intelectualizada.

C - Tem, ela tem uma formação. O próprio americano de direita tem uma visão social. Ele não aceita, pô! Certas coisas, tanto que a Guerra do Vietnã foi barrada por uma direita americana que não aceitava aquilo que ela estava vendo, né? Então, existe uma coisa boa na formação do direitista americano. Não é todo, assim, a não ser o bandido, porque lá está cheio de bandido, como aqui também. Então...

B - Como em Cuba. (risos)

C - Como em Cuba. Mas os nossos sanitaristas, eles tinham uma linha do Partidão, muitos deles eram do Partidão. Então, eles eram formais. Eles eram os grandes do Partidão. Então, eram sumo

pontífices do Partidão, não é? Era isso aí, não existia uma prática. Tanto que o Partidão... veio, viu e morreu, porque ele não tinha uma prática, ele não tinha povo atrás dele. Os partidos de direita aqui, como o PTB e outros, tinham uma, uma, uma massa que o Partidão nunca teve.

B - Era Partidão Isoladão,

C - Isoladão, entendeu? Não era uma coisa que me chamava, sabe? Eu achei, gozava do Partidão. A AP não. A AP era dinâmica, era povão, ela arrastava povo, ela tinha prática de rua. O Partidão, não, nunca se misturava. O Partidão era uma exceção, era uma elite que jamais ela ia para rua mexer com soldado. Não existia isso no Partidão. Celinha então, que era uma das maiores, era única no Partidão, ela via, ela via a mim assim de longe, tanto que ela não queria que eu fosse, ela não me apoiou na reunião que decidi que eu teria que ser o presidente do DCE. O Partidão não me apoiou, o Partidão queria outro cara.

B - Deles.

C - Deles, cara. Então, ou um cara que fosse uma linha auxiliar deles.

B - Ou neutro, ou eles.

C - Ou neutro, ou eles ou uma linha auxiliar, né? Então, eles tiveram que engolir a minha candidatura, porque AP eu me identificava todo com AP. Eu era AP mesmo.

B - E aí, essa presidência da UNE, ela veio logo em seguida a essa saída do rapaz da engenharia ou foi mais tarde?

C - Não. Aí esse cara fugiu por uma certa época, ele se, ele não foi preso, ele fugiu porque, claro, estavam atrás dele e... eu fui limpar o DCE e escondi toda a documentação do DCE.

B - Isso.

C - Só voltou para o DCE, não a panfletagem, mas os documentos do DCE, que dá lá a posse dos caras, só depois quando eu voltei como presidente do DCE.

B - E isso foi quando? Nesse ínterim?

C - Então, eu tive uma participação de, do, de, de... já do DCE desde o primeiro ano. Eu era vice-presidente pra assuntos assistenciais. Isso aí me fez depois exigir do Prefeito era restaurante para estudante, casa para estudante. Esses documentos eu vou passar pro meu arquivo, que está tudo lá... eu era nomeado da comissão porque eu era membro do conselho universitário como presidente do DCE. Então, eu fui lutar lá por esses benefícios para os estudantes. E foi muito bacana quando nós começamos, quando o Castelo Branco... bom até aí, nada. O DCE... aí Castelo Branco... eu continuei formando quadros e fiquei universitariamente conhecido respeitado, era o cara que ampliava pessoas para a AP. Mas também era um cara que nunca discriminou partido, ou qualquer cara de esquerda. Partidão comigo tinha espaço, e, principalmente, quando era seguido pela ditadura, aí... Celinha, por exemplo, nunca ninguém tocou nela. Então o pessoal daqui era protegido pela gente. E também tinha o Dr. Alberto Silva,

que era um cara bacana, era dono do 'O Fluminense'. Ele é irmão do... do General Alberto Torres, e que era um cara muito regional. Quer dizer, ele foi o cara escolhido pelo grupo do Golpe pra comandar o estado do Rio. Esse cara foi um cara que foi fundamental aqui, porque não deixou ter tortura pra fluminense. Ele prendeu os caras no Caio Martins e aí o ninguém tocava. Quando o Rio pedia ele falava, "Não, aqui não. Ninguém toca em fluminense." Ele tem uma linha, a família própria dele, Alberto Silva, é um cara que sempre deu apoio. Quando eu comecei a fechar Hospital aqui que veio a AIDS, o Alberto Silva aqui foi um dos caras que me protegeu porque os donos de hospital queriam me apanhar. Ia pra lá: "Aqui não, ele está fazendo um trabalho correto." Então, ele sempre me protegeu no fluminense, era um cara coerente. Pode ser que ele discordava de Marx com você...

B – Mas ele era coerente.

C – Coerente e deixava você discutir.

B – Ele respeitava.

C – Inclusive ele tinha uma frase, ele falava: "Marx não pode ser impedido na universidade, é lá mesmo que ele tem que ser discutido e tem que ser derrotado lá". Entendeu, então, o estudante tem que conhecer Marx. Então, ele era um cara aberto. Um cara que admitia discussão. Bom, então, chegou um momento em que o Castelo Branco...vai para o Ministério da Educação, Milton Campos. ... Milton Campos não. Aquele outro de Minas, como é que chama? ... Que foi depois vice-presidente do Figueiredo que não deixaram ele tomar posse?

L – Tancredo? Não, não.

B – Ah, aquele gordinho.

C – Isso.

B – Meio careca. ...

C – Isso. É, é ele mesmo. Gordo e Careca. (risos) Então, o que é que ele faz?

L – Gente, não consigo me lembrar.

C – Ele, ele, ele apronta um esquema, ele acaba com a UNE e forma um Diretório Nacional do Estudante, DNE, enquanto Ministro de Educação do Castelo. E disse pro Castelo, influencia o Castelo e diz para o Castelo: "Tem que abrir a eleição de DCE e não acaba com o DCE na Faculdade". O DCE já existia e continua a existir. O DCE é importante na eleição de Diretor, porque a Universidade ela é estruturada dentro... pra ser Reitor, naquela época, tinha que ter o voto do corpo discente e docente. O discente quem representava era o presidente do DCE e mais um aluno indicado pelo presidente do DCE. Então, abre-se a eleição dentro das Universidades pra eleger o DCE. A AP, então, se alvoroça e lança candidato no país todo. A AP faz uma reunião fechada aqui de frente única para enfrentar um cara da direita e da Faculdade de Direito para o DCE. Alberto Torres é o Governador. E esse cara já tinha sido nomeado fiscal de rendas pelo Alberto Torres. Então, eram os estudantes que eram envolvidos na, na... não é? Então, o

que que acontece? Acontece que a AP me chama e diz: "É você o presidente. A tarefa é essa agora." E eu tive que assumir. Só que eu estava no 5º ano de Medicina, foi uma porrada pra mim, sabe?

L – O último ano?

C – O último ano. Só que, nesta época, eu era extremamente radical de esquerda. (passarinho cantando) Eu era o radical. (sussurrando) Radical.

B - Era crocodilo eu sei disso, ficou radical.

C - Além da formação de quadro que eu me envolvia desde a Universidade, eu tinha uma função rara que era, era não participar das eleições. O MDB [Movimento Democrático Brasileiro], existia o MDB. O MDB era...

B - Era a chance que tinha.

C - Era a chance que tinha e era chamada de oposição. Tancredo Neves, Amaral Peixoto, Tancredo e todos aqueles caras. Então, o MDB chamava o estudante. Aqui, Amaral Peixoto me chamava para ir nos comícios. Eu chegava no comício, eles abriam o comício, eu tinha a participação no discurso. Eu acabava com o comício, porque naquela área... aí, eu voltava pro Amaral Peixoto, para o paulistão lá, o senador, o deputado, ele abria a palavra e dizia assim: "Esses caras são do MDB, mas estão traindo a pátria. Não se participa nesta ditadura de eleição. Os estudantes estão contra estudantes." E, aí, havia aquele alvoroço, tomava porrada de, de (risos) e acabava com o comício do cara. E, depois, tinha a minha, a minha segurança. Porque a segurança, ela tinha dois papéis: fazia tua segurança e acabara com o comício. E, aí, você soltava foguetes no meio do pessoal, acabava com os comícios do MDB. (risos) E aquilo era atribuído à ditadura. A ditadura é que mandava os caras lá para acabar. Não era o estudante.

B – Não era a gente. (risos)

C – Não, não era a gente. Atribuía-se à segurança. Nós mesmos atribuíamos à segurança.

B – Lembrei o lance do nome. Era Aureliano Chaves.

C – O Aureliano Chaves.

B – Da Silva.

C – Não, não era o Aureliano o Ministro, não. Era um mineiro, um mineiro da udenista, udenista.

B – Udenista, não sei quem é.

C – É. Não era do antigo PSB, não.

B – Ah, eu pensei que era do PSB. Mas depois a gente descobre quem é.

C – Não. Era Milton Campos e o outro... eram dois caras famosíssimos aí. Puxa, esqueci o nome dos caras. (passarinho cantando) Bom, AP me chama e diz "Você é o Presidente."

B – Aí, quinto ano...

C – Isso o ano de mil, final de...

B – 65.

C – ...final de 65

B – E, aí...

C – Em plena ditadura.

B – Presidência do DCE, que beleza!

C – Em plena ditadura. Enquanto o [José] Serra estava lá fora e o Fernando Henrique [Cardoso], nós estávamos aqui lutando, tomando porrada.

B – E, nessa época, já era o Reitor que vocês queriam, que vocês ajudaram, não?

C – Não. Aí, era o Argemiro Figueiredo o diretor, o Reitor da, da... Ele quis ser reeleito. Bom, há eleição... há uma propaganda intensa de AP, da Chapa 2, que foi a vitoriosa, e ganhei nas... 10 unidades, em 10 unidades. Só perdi na Faculdade de Direito.

B - Ah, isso é normal!

C - Sem entrar na Faculdade de Direito, sem entrar...

B - Conseguiu ainda votos.

C - Olha, não entrei na Faculdade de Direito, tinha 1200, 1600, eu tive 740 votos. O meu vice-presidente era de direita, era o desembargador deles. Era de AP. Ele e o grupo dele. Eu fiz uma negociação com ele. Eu disse que era da Medicina, era um troço que o candidato opositor era de Direito, então podia haver reações de briga, eles podiam acreditar em você... a bagunça e estragava o negócio lá. Então, eu não fui pra Faculdade de Direito, exceto depois dele ir. Aí, fui pra Faculdade de Direito, e... não fui pra Faculdade de Direito e lá dentro tive 740 votos.

B - Foi uma presidência de DCE muito bem votada.

C – Não pela minha, pelo meu trabalho, mas pelo trabalho da equipe de AP que era, eles eram de...

B – Da estrutura, não é?

C – ...eles eram de, da faculdade de Direito. Bom, enfim, eu ganhei um dez. Na Medicina eu só tive um voto contra. Que, até dos gringos, que era o voto da outra chapa. Ele mesmo chegou

para mim e falou: "Eu não posso votar em você, que era o meu desejo, mas eu estou outra chapa, eles têm que ter um voto que era o meu." Ele não entrou na Faculdade de Medicina durante o... para fazer propaganda. Ele ia para a escola, mas não falava. A Medicina toda era com o meu nome, fechava com o meu nome inteiro. Todas as correntes de esquerda, todas as correntes de direita, fechavam o nome. Por que? Porque eu era o da Medicina, sabe, da área da (ininteligível)

B – Aí, é uma questão corporativa, também.

C – É, a questão corporativa trabalhou. E o pessoal de esquerda ia votar comigo mesmo, não é? Então, eu ganhei todos os votos, até dos gringos, porque eu fiz uma reunião com os gringos e disse que eles, a partir daí, eles começavam a ter (ininteligível)

B – Quem eram esses gringos?

C – Eram bolivianos, argentinos que estudavam...

B – Já estavam aqui estudando.

C – Já estavam aqui estudando. Bom, aí fui para o DCE. Tomei posse, tem a fotografia aí da posse, o Argemiro dando posse, o Reitor...

B – O Argemiro adorou.

C – O Reitor começou a me paquerar, porque ele queria o voto do estudante. A primeira coisa que fez, porque embargaram as contas do ex-presidente e não podia ter... eleição. Então, ele arrumou lá uma conta e chamou o administrador dele, levou ao Conselho de Estado, e deram pô, no dia seguinte, eu recebi, naquela época foi um dinheiro enorme – 70 mil. (risos) recebi um cheque depositado na conta do DCE. Eu era o cara que comandava o processo.

B – E administrava.

C – E administrava. Primeira coisa que eu fiz foi arrumar a Casa da Estudante de Medicina que já estava no, no...

B – Já era aqui no Ingá.

C – Segunda, a sede do DCE que é aquele edifício.

B – Valonguinho.

C – Era muito dinheiro, era muito dinheiro, não tinha condições. E a Casa do Estudante. Mas, na Universidade, havia um grande movimento. E tinha três correntes: a corrente dos estudantes, a corrente do... o Argemiro era muito velho, foi descartado pelo, pelos colegas do conselho. Surge o PSB de... Minas. Um cara que tinha um nome, ele era professor aqui, mas ele... todo o PS... ele era irmão... ele era... irmão... Penido. Ele era irmão daquele grande Penido fundador do SESP.

B – O Henrique Penido.

C – É, ele era...

B – Henrique Maia Penido.

C - Isso. Ele era, o irmão dele foi fundador do SESP e ele era professor. Ele queria, ele queria ampliar comigo. E Durval Pereira Baptista que era apoiado, Diretor da Filosofia, ele era apoiado pelo pessoal da Filosofia, professores, não estudantes, o Diretório estava comigo, ...era irmão do Arcebispo de Brasília. Ele tinha um poder muito grande, não só por causa do PSDB daqui, Amaral Peixoto, não é? E que tinha ...

B – O PSDB daqui apoiava ele?

C – É, PSDB, tinha ligações com a ditadura Amaral Peixoto.

L – PSB, não é?

B – PS, nem sei.

C – PSDE.

L – PSD.

C – PSD. Então, surgem dois grandes nomes. Eu vou dialogar, vou negociar...

B – Está bem. [Henrique Maia] Penido de um lado e Durval Pereira Baptista do outro. Só esses dois nomes.

C – Só esses dois nomes. Eles tinham a divisão do Conselho Universitário. E chegaram pra mim e negociaram o nome dos estudantes. Tinha que ter três nomes. Durval Pereira Baptista, [Henrique] Penido e o nome dos estudantes. Aí, negocie e aceitei a proposta. A proposta não foi minha, foi deles. Aprendi a negociar com eles, entendeu? Aprendi a ser flexível numa ligação. Deixei meu radicalismo e... naquela época, a AP precisava de dinheiro pra fazer a mobilização dos estudantes e tinha que ter fonte. Essa fonte seria ...

B – A Reitoria.

C – Uma das fontes. A AP começou a apanhar os Diretórios para ter recursos, para ter mobilização. E ela estava dentro da UNE, a UNE não recebia dinheiro e tinha que ter recursos. A UNE tinha o DNE que tinha muito dinheiro que era o DNE escolhido pelo Ministro. Aí... eu vou negociar... Eu queria um nome, eu queria um nome da Medicina, porque tinha um cara de esquerda dentro da Faculdade, dentro da Universidade que era, que vinha ser o Diretor, era o professor de Cultura, e esse cara é que tinha uma interação com os alunos. Era o cara mais querido pela universidade. Esse cara foi caçado e aí eu discuti e ficou, então, comigo a decisão de escolher o nome do reitor. Eu, depois de fazer um apanhado, eu fui achar um professor que lambia os alunos, que os alunos gostavam.

B - Então não foi esse da Cultura?

C - Não, esse não foi. Ele era o cara... ele não era para ser reitor, porque o reitor é o cara imagem que não podia ser ele.

B - Muito de esquerda assim, não podia ser ele.

C - Não podia ser ele.

B - Ia ser caçado na hora que assumisse.

C - Exatamente. Eu fui achar um cara que foi meu professor de Patologia e que era Diretor do Antônio Pedro, Barreto Neto.

L - Barreto Neto?

C - É, Professor Barreto Neto. Aí, um dia cheguei pra ele: "Preciso falar com o Senhor." Fui lá na Patologia. Ele me recebia e já sabia que era o presidente do DCE, porque, como Diretor do Hospital, ele participava do conselho.

B - Certo.

C - Eu, nada melhor que arrumar outro cara do conselho, pô! E sendo um professor, e sendo um cara... ele era querido mesmo. Era um ótimo professor, um cara sério, já estava administrando bem o... Antônio Pedro. Eu disse: "O Senhor vai ser o candidato dos Estudantes. O Senhor aceita? Porque eu já vou colocar seu nome. O nome do estudante é seu!" Ele riu e falou assim "Nada mais feliz na minha vida do que isso". Na hora ele aceitou. (risos)

B - Que bom.

C - Ele aceita e eu falei "O senhor sabe, nós somos estudantes e a Faculdade de Direito precisa de moralização." Eu disse para ele claro assim " Eu quero o nome do estudante para Diretor de ensino na universidade". Ele falou "Qual é o nome?"

### **Fita 3 – Lado A**

C - ...mas que tinha ampliações conosco. Esse cara foi ser o Diretor de Ensino. Ele está na UNESCO hoje, ele mora em Paris.

B - Quem é ele?... Depois a gente lembra. (risos)

C - Bom, não esqueça que eu vou fazer 67 anos, às vezes eu posso esquecer. (risos)

B – Às vezes? O senhor lembra tudo. (risos) Eu estou esquecendo coisas básicas e o senhor está lembrando.

C - Bom, então, eu fui fazer a propaganda do, do, do Conselho Universitário e ele saiu o terceiro nome. O primeiro foi do Durval [Pereira Baptista], o segundo foi do [Henrique Maia] Penido e ele era o último nome. O conselho apoia esse nome. Só que o conselho não tem poder. O único poder é a massa. A ditadura tava querendo se aproximar dos estudantes. O que é que eu fiz? Esse cara tem que ser Reitor. Fiz uma reunião de frente única e resolvemos tirar uma lista de estudantes da universidade. Fui para a Dona Conceição que era secretária da Medicina junto com o velho... Parreira, que era o... um dos caras mais ligados aos estudantes, que era da administração e que sabia escrever. Eu falei assim: "Escreve um troço aí que nós vamos fazer uma lista apoiando o Barreto." Ele escreveu e eu passei para a universidade. Todas as faculdades da universidade assinaram. E aí pedi uma audiência com o ministro da ditadura. (gargalhada) (palmas) Eu aprendi a negociar, minha filha.

L – Caramba, puxa vida.

C – Aí cheguei para o Barreto e falei assim: "Vou entregar para o Ministro". O Barreto se corou e falou assim: "Pô, está trabalhando bem". Eu falei assim: "O senhor tem algum amigo militar?" e ele falou assim " Eu sou da mesma cidade..." ele era de Macaé, lá... Macau, lá do Rio Grande do Norte. E de Macau era o general... que a família dele é uma cidade pequena que as famílias se conheciam. E esse general era de uma das famílias de Macau. E ele falou: "Conheço o comandante do Exército do Nordeste." Eu falei: "Como é que é esse cara?" Era um cara bom. Um cara que, naquela época o Castelo [Branco] tinha escolhido uns caras que... se forma... formado na França... o Castelo era ele mesmo e o Castelo segundo o Barreto, que é um nordestino também, ele tinha uma vontade de fazer a tal democracia; ele não consegue. (passarinho cantando) Não consegue porque a direita militar era poderosa e engoliu ele. Engoliu de fato como a história está dizendo. Mas, na época, a gente sabia que se ele abriu a eleição estudantil do DCE para a universidade, alguma coisa tava em caminho. Não é a toa que se... não é à toa que esse cara abriu... E a AP ganhou todas, praticamente todos os diretórios. Ficou, porque esse DNE não conseguiu atingir vôo. Eles nem participavam. Até no Rio Grande do Sul nós ganhamos o DCE. E... acaba do... eu vou pra universidade e o... consegue essa lista. E consigo a lista, eu consigo ver o Ministro.

B – Por causa desse comandante?

C – Por causa... não, por causa do comandante não. Por causa... eu fui lá e pedi uma audiência como Presidente do Diretório da Universidade Federal Fluminense e o Ministro me recebe. Só que no canto da sala dele está o presidente do Diretório Nacional dos Estudantes que é gaúcho. Era um loiro, magro, alto, todo engravatado. Eu fui lá assim. (risos) O Ministro me recebe, me coloca... mineiro, um cara... entendi o poder do mineiro na negociação e no lambujamento.

L – É mesmo?

C – Aí eu cheguei e disse: "Ministro, os alunos veem o senhor, porque o senhor é um civil, com bons olhos. Eu estou lhe trazendo aqui... uma lista de apoio a um dos reitores. Os outros dois

têm fama de corruptos e os estudantes, neste lado da ditadura, eles não aceitam corrupção, também". Bem, quer dizer, com o resto nós estávamos contra. Fui curto e grosso. "Estou lhe entregando e sei que o senhor é um cara aberto, um cara do diálogo. Aqui está a lista de milhares de estudantes, apoiando o Reitor. E esse é o nome dos estudantes. E posso lhe garantir que a maioria do corpo docente. Se o senhor quiser ser muito bem recebido na UFF aqui o senhor tem um caminho". Só falei isso. Ele disse: "Meu filho..." começou com aquele papo, ele disse assim: "Vou apresentar essa lista ao Presidente da República, na hora da escolha do Reitor". Só me falou isso. Ele falou: "Quero que você conheça o Presidente do DNE." Eu falei: "Mas senhor ministro, o senhor sabe que nós estamos contra, inclusive eu, se eu sou do DCE, o senhor sabe que eu sou contra esse Diretório Nacional, ele não tem poder atrás. O senhor está aqui como Ministro porque o senhor é do Senado e foi eleito pelo povo Senador. O senhor é que tem poder. Agora esse rapaz não tem poder nenhum. E eu que fui eleito junto com o senhor em votação direta universal da universidade. Então, eu e o senhor é que podemos falar. Eu vim falar com uma pessoa que foi eleita pelo povo. E com um mineiro, porque a gente tem uma identidade muito grande com Minas." Ele era contra o [Henrique Maia] Penido, politicamente.

B – Lógico, o rapaz.

C – O [Henrique Maia] Penido estava riscado com ele. Só tinha o Durval [Pereira Baptista] que ele podia apoiar ou o Barreto Neto. O Barreto é claro que ele forçou com o Comandante. Eu falei pra ele: "Força com o teu Comandante lá." Era militar e nós queríamos ele, porque eu sabia que eu ia ter recursos para a UNE. Então, ele falou: "Está bom meu filho, você não quer ser apresentado." Eu saí do gabinete do Ministro. Me despedi dele com muito, com muito respeito. Saí do Ministério da Educação. Dei pulos. (risos) E fui embora para minha cidade, fui fazer uma reunião para Niterói e fui fazer o resultado disso aí. Bom, Barreto foi escolhido pelo Presidente da República como Reitor. Não sei se pela lista, a lista deve ter...

B – Ah, mas sem ela também... Sem esse movimento não se daria nada a ele.

C – Eles devem ter sondado pelos meios de informação o que era este movimento. Mas sei também que seria muito difícil para eles escolher um cara do PSDB do Rio e não escolher o de Minas, ou escolher o de Minas e não escolher o fluminense. Eu também, eu acho que isso influenciou, pô! Então, saíram para um terceiro nome que era o Barreto e que tinha o apoio do estudante. E disseram: "Bom, vamos apaziguar também os estudantes. Além de não atender nem o de um estado, nem o de outro, não ficar mal nem com um dos dois, vamos escolher o Barreto, que era aceito pelos dois." E o Barreto foi nomeado reitor. Toma posse, ele nomeia o cara para diretor de ensino e moraliza a faculdade de Direito. Tira o Diretor, afasta o cara que vendia diploma e a Faculdade de Direito...

L – Loucura. É mesmo?

C – Depois do Barreto você nunca ouviu falar que essa universidade vendia...

B – E está hoje o que está, não é? Com um nome ótimo e bem cotada para burro.

C – Exatamente.

B – Mas puxa vida, foi duro!

C – Então, esse diretor de ensino era meu e o reitor passou a ser meu, porque ele era meu professor e eu era do Conselho e aí tinha uma política universitária. Esse cara era um realizador. Eu entrei na realização dele. Eu passei a querer ter uma universidade maior, a ter aluno, porque eu era... uma liderança de uma faculdade, que tinha oito mil, eu queria dobrar o número de alunos, queria 16 mil. Cheguei pra Medicina, o (ininteligível) estava na minha mão, eu disse assim: "A partir de hoje vamos parar com essa frescura de não aceitar estudante de fora, e não aceitar... todo mundo que passar no vestibular tem que ser médico." Já estuda pra burro...

B – Lógico!

C – Dificuldade pra passar. Pô, o cara tem 80 vagas... pois é, nós somos... educados com o dinheiro do povo, então, nós temos que ter mais médicos pro país. Aí, democratizamos, chegamos para o Barreto falamos: "É isso!", o Barreto aceita e faz uma política desenvolvimentista dentro da faculdade. Chama o pessoal do Partidão pra assessorar. Chega, chama o DOPS e diz: "Aqui, não quero intromissão." Chama o governador e diz: "Intervenção... Assalto..." – ele usa essa palavra – "...Assalto dentro da universidade, não!". Bom, e que deu chance de crescer o movimento estudantil. Que deu muita dor de cabeça pro Barreto. Chega uma diretora do ensino do MEC, que era a... (passarinho cantando)... tinham duas mulheres que influenciavam o Barreto: uma era Violeta Campofiorito [Saldanha da Gama], diretora do Serviço Social, que era uma mulher extremamente de direita aqui. Ela está velhinha, de vez em quando...

B – A família é famosa em Niterói, não é?

C – Famosa. Violeta... famosa. Só que o irmão dela era de esquerda e era professor de Engenharia. Detesta a irmã, participa do Conselho Universitário junto com a irmã e tem posturas diferentes. E os estudantes todos com o irmão e contra a Violeta, que não mexe no diretório da faculdade, cuja presidente era a minha namorada (ininteligível) e que era uma postura radical, muito mais radical e que ela força a invasão da faculdade de Direito. Só houve uma invasão, na época dela, na época em que entraram na faculdade aqui. Barreto ficou puto, foi no, foram aí no... o DOPS saiu imediatamente, porque recebeu rádio de Brasília pra sair da Faculdade. E era, a agitadora maior da faculdade não era eu, era ela. Então, ela se impõe como uma liderança aqui muito forte dentro da... E ela, o namorado sendo Presidente do DCE... nessa época a gente se afasta e ela se torna a namorada de um cara de AP de São Paulo, que depois veio morrer, que é o cara que ela se casa. E eu começo a namorar a minha mulher aqui. E aí...

B – Agora, falando de mulheres, quem é a outra mulher que influenciava o Barreto, uma era a Violeta, a outra?

C – Era uma paulista, que se chamava... que se chama, Ester Figueiredo Ferraz.

B – A Ester Figueiredo Ferraz? Que foi Ministra?

C – Que foi... Ministra...

B – Da Educação.

L – Da Educação.

C – Ministra da Educação.

L – Foi, foi ministra.

C – Ela foi Ministra da época do [João Baptista] Figueiredo.

L – Na época do Figueiredo.

C – Ela era Diretora do Ensino Superior, depois passa para...

L – Isso.

C – O Barreto, então, transa com ela, ela vem de uma área de São Paulo que é da direita, mas ela é professora do Largo do Machado, da faculdade de Direito e ela então, amiga do, a família dela é se envolve com o Ademar, é meio parente do Ademar, é daquela linha que é, ela é política. Ela é professora, eminente, conhecedora, uma grande advogada e ela passa... passa a ser respeitada, ela é técnica, excelente técnica. Passa a ser respeitada como uma grande mulher do direito de São Paulo.

B – É uma jurista mesmo.

C – É uma jurista de Direito de São Paulo e ela vem para o Ministério a chamado do Castelo.

B – Do Figueiredo.

C – Do Castelo. Ela vai ser diretora do ensino superior. Barreto se une a ela e começa a trazer verbas. Eu negociei tudo com o Barreto daqui para frente. Eu coloco o Barreto no meio estudantil que gosta do Barreto, mas coloco também o Barreto... coloco claro pro movimento estudantil que minha ligação com a universidade e com o Barreto é uma ligação afetiva e uma ligação de crescimento da universidade. (passarinho cantando)

L – Estratégica.

C – Estratégica, mas não coloco o movimento estudantil, eu não ofereço o movimento estudantil ao Barreto.

B – Fica a reboque dele, não é?

C – É, só quando ele tem que negociar, quando ele tem que dar dinheiro. Então, eu precisava construir o DCE. Eu negocio com a UNE, eu negocio com a União Fluminense do Estudante, ligada à UNE, e trago para outro representante do Conselho Universitário, o Presidente da UFF, que ele não tem ligações com partido, ele é um cara independente e tem ligações comigo. Era da faculdade de Direito, um cara muito competente e um cara que me ajuda muito. Ele vem para

o Conselho Universitário. Depois eu chamo um cara do Partidão, que ele é presidente do PPS do estado do Rio de Janeiro, é o Fernando.

B – Fernando?

C – Fernando é da escola de Direito, Fernando Puruca.

L – Fernando?

C – Puruca é apelido dele, eu não sei qual é o sobrenome. Eu sempre conheci ele como Puruca. A mulher dele é assessora da ex-deputada, mulher do [Sérgio] Arouca, lá da Assembleia.

B – Da Lúcia Souto.

C – Da Lúcia Souto. (Interrupção da gravação)

C – Que eu vou para... O Reitor me pede algumas coisas importantes. Primeiro, eu peço para ele coisas importantes. Ele queria uma reitoria. Então, ele negocia com a família Paes, que é dona do cassino Icaraí. Ele quer, ele quer... ele negocia e acha um bom preço. Um cara honestíssimo. Eu não tinha dúvidas sobre quanto... da honestidade do Barreto. Morreu paupérrimo. Morreu com aquilo que aposentado da Universidade recebe. Tinha um sitiozinho coitado, que era... Bom, então, o Barreto Neto me chama e fala que quer a invasão do cassino, ele quer baixar o preço. Eu falo: "Está bom. Então, nós vamos fazer uma passeata para tomar o cassino". E tomamos o cassino, aí ele compra o cassino. No mesmo dia em que ele compra o cassino ele dá o dinheiro para eu construir o DCE. O nosso cassino ele construiu e construiu a Reitoria lá.

L – Que é onde é hoje o DCE? Ali na Praia? (risos)

C – Aquilo era um esqueleto da UFF.

B – No Valonguinho.

L – No Valonguinho, ali.

C – A UFF estava construindo a sede da União Fluminense dos Estudantes ligada à UNE. A UNE acaba e o esqueleto ficou parado. Pra não perder todo aquele patrimônio, eu assumo a UFF e construo o DCE, acabo de construir o DCE. Fui eu que construí aquele prédio. Bom, aí o que é que acontece? Ele tem umas negociações. Então, Coral, restaurante para o estudante, ele começa a colocar. Vou para as comissões todas, da biblioteca da universidade... e de tudo que vem de encontro para melhorar a vida estudantil. Passe para estudante, o restaurante pra estudante que não tinha na universidade, então, tudo aquilo. Eu passo a fazer um movimento muito grande no estado do Rio e aqui para começar as passeatas contra a ditadura. Isso é uma fase importante da minha vida, bacana mesmo, porque as passeatas começaram a ser feitas em Niterói na minha gestão, na minha administração do DCE. E outra coisa, eu assumo esse teatro de Niterói e passo a trazer peças só de esquerda. O Partidão vem para mim...

B – O teatro ficava onde?

C – O Teatro Municipal de Niterói.

B – O Municipal.

L – Hum, ali no Centro.

C – Vem aí, o MPB4, que é de Niterói.

B – Foi ele que estava na inauguração do Espaço DCE.

L – Foi, o MPB4.

B – Porque quando eu fui ao *show*, quando eu era estudante na UFF, eles abriram o *show* falando: "Estamos aqui porque fomos nós que abrimos o DCE, então, nós estamos aqui para comemorar o aniversário do DCE". Foi tão lindo.

C – Aí tem a peça "João, Amor e Maria", lá daquele cara lá. Então, é a primeira peça. Eu negocio com o Partidão, eles precisam de dinheiro e metade da renda é para o Partidão e metade vai para o DCE. Para a AP, não é para o DCE, é para a AP. Então, esses recursos, eu comecei a levantar recursos e aí eu aprendi como arrumar recursos, está certo? Então, você vê, a minha vida universitária foi um aprendizado para a Saúde Pública. (risos)

L – O senhor já estava direcionado para a Saúde Pública.

B – Acho que a gente para por aqui senão a fita não vai caber. (risos)

C – Você está entendendo? Você... a minha especia... a minha especialidade... por isso, eu, eu estou feliz com a minha especialidade, porque dificilmente um cara pode dizer que erradicou doenças como a gente erradicou. (passarinho cantando). Então, eu não fui um médico de hospital. Eu só fui ao hospital pra levantar o caso, pra ver o impacto desse caso na população, que era o trabalho de Saúde Pública. Outro dia eu fui à Curitiba, eu passei por São José dos Pinhais, onde tá o aeroporto, e tava lembrando uma época em que eu fui lá para descobrir uma doença: ... Listeriose<sup>9</sup>.

L - Como?

B - Listeriose.

L - Listeriose? Nunca ouvi falar...

C - É, é uma doença transmitida pelo, pelo rato, que estava matando crianças. Aí, a Secretaria não sabia. Aí, eu era já o chefe da Epidemiologia, eu fui lá...

---

<sup>9</sup> Listeriose é uma infecção bacteriana provocada pela *Listeria monocytogenes*, que é um bacilo gram positivo. É relativamente rara e ocorre principalmente em recém-nascidos, em idosos e doentes com imunodeficiência.

L - É da mesma família da leptospirose? É isso?

B - Ela é um vírus?

C - É um, é um... é um... não é nem um vírus, você não sabe se é uma bactéria ou um vírus. É uma doença emergente, também. Então, eu fui lá e já descobri, eu levei..., eu sou um bom clínico, lembra bem..., isso eu vou dizer na formação, porque Medicina passou uma coisa... pra mim que era uma segunda causa, uma segunda importância. Eu queria Medicina para aprender clínica. Eu não queria medicina para cortar. Tudo de corte... eu dava plantão no Antônio Pedro de sábado para domingo, onde eu aprendi a cortar, abrir...

B - Costurar porque todo mundo chega rasgado...

C - Costurar e para dar suporte ao pessoal de esquerda que precisava de, de, de atendimento, não é? Aí, aí eu fui pro Antônio Pedro. Nesse domingo, nesse sábado pra domingo todo mundo era de esquerda. Então, nós dávamos cobertura ao pessoal que precisava de atendimento. Fazia cirurgias, não é? Tinha bom cirurgião, a gente dava cobertura a esse pessoal. Aí, eu, eu, eu... por isso que eu digo, a essa deve importância muito grande na minha vida profissional toda essa militância. Eu acho que eu seria incapaz de ser o sanitário que eu fui, se eu não tivesse uma prática dessa. Eu seria mais um... das escolas de John Hopkins, mas não seria um cara erradicador. Porque eu sou conhecido como erradicador hoje (ruído de bater na mesa). O cara fala: "Não, você é um erradicador. Você não é um sanitário. Você é um erradicador". E, de fato, se você pensar, eu sou mesmo, sabe? Mas as estratégias de erradicação tão na, tão na nossa... em quem trabalhou conosco, quer dizer, quem estabeleceu esse ciclo de estratégia. Eu tenho certeza que eu acabei com esse negócio da vacinação casa a casa. Isso não pode existir mais. Um país com, com um sistema, tão grande como esse, com um sistema que a televisão chega até lá no fundo e você não usa isso... É coisa que a educação custou para entender, porque ela...

B - É perder a noção das visitadoras sanitárias, não é? Porque as visitadoras iam às casas, não é? (ininteligível)

C - Olha, eu acabei transformando...

B - Transformar isso numa educação viva e tal.

C - Viva e tal. Porque eu acabei transformando muitas educadoras depois, principalmente a parte jovem que começaram a, a, a... a se compor com a gente, dentro de uma estratégia de Educação para a Saúde, não é? Minha própria mulher, então, ela quando discursava, ela dizia no papel transformador da Educação, não é? Que eu claro que acredito, pô, não é? Eu fui um dos caras que fui transformar...

B - Saúde é educação.

C - Saúde é transformação, mas também eu não fico dentro desse, desse...

B - Esperando que a saúde sozinha...

C - Dessa morosidade da transformação, porque a transformação não é uma coisa simples, pô. Olha, você precisa ler uns vinte papéis, você... eu precisei, para entender mesmo aquele “Colecionador de Ossos”, eu precisei ver, assistir vinte vezes o filme. Não é pela primeira vez que você vê a imagem na tela que você vai entender isso aí também não, sabe? Eu acho que o papel da transformação é um papel lento. Tem que ser lento mesmo, porque é difícil, ainda mais nos dias de hoje tudo isso oferecendo pra você, até que você gosta de ser a reboque, porque está tudo pronto pra você, pô! Você não atualiza, pô! Não é? Então, é, é uma coisa complicada, é uma coisa complicada. Mesmo aquelas educadoras que eu adorava elas que era uma minha professora, inclusive aquela que suicidou então, eu tinha uma ligação muito grande com elas. E eram pessoas que não se satisfizeram na, na, na, na... área de Saúde Pública. Por que? Elas são professoras porque o professor, ele ficou na escola. O Dudu falava para mim: “Vê se movimenta a minha aula, pô!” Quer dizer, ele só foi ser o maior epidemiologista depois que ele ocupou a Secretaria...

B – O Eduardo Costa?

C – É, depois que ele ocupou a área de Saúde Pública. Isso queria que você, se você for entrevistar o Dudu, você fala para ele: “O Cláudio Amaral disse que você é o maior Epidemiologista, mas você se transformou no maior Epidemiologista depois que você foi para a prática de Saúde Pública.” (risos) Ele vai rir. Ele nunca gostou de massa, campanha de massa, ele era contra....

L - Olha só.

C – Ele era contra. Claro que ele vai justificar. Ele vai dizer a coisa...

B – Não e a gente precisa entender isso, não é?

C - O Eduardo, poxa! Ele é um cara que ele está... completo hoje. Ele não é só bom teórico como ele é bom prático de campo. E isso aí, ele... hoje eu vejo o Dudu rir que eu não via antes como professor. Quer dizer, ele precisava pedir pra mim para movimentar a aula dele, não é? Sei lá, você pedia para o Cláudio pra movimentar a aula dele? Ele foi meu professor de Epidemiologia. De maneira que eu não via, não via graça na aula teórica. Mesmo o Arlindo dando aquela filosofia, puta! Era um saco, sabe? Era um saco, eu não via a hora...

B – Arlindo Gomes, não é?

C – Arlindo Gomes, pô, não é? Era um saco. Era um cara bacana que você gostava do Arlindo, mas que não saía daquilo. Não dava um voo mais alto, pô, não é? Eu nunca concordei com esses caras aí. Eu nunca fui, eu sempre fui, eu gosto de ser chamado agitado. Agitado, essa agitação é que resolve o problema, o cara faz, transforma as coisas. Numa vacinação que era casa a casa ficava um vacinador nas barcas e ficava casa a casa. Quer dizer...

B – Pelo amor de Deus!

C – ...numa população de um milhão o que é que você vai fazer? Você vai vacinar a vida toda, por isso é que você tinha varíola há 300 anos porque quem vacinava era o Posto de Saúde. Você

só tinha vacina no Posto de Saúde. A doença começava, continuava aí. Eu encontrei varíola séria no Paraná. Quem vacinava no Paraná era o Posto de Saúde. Esses Postos de Saúde não funcionam. Se o hospital não funciona, ainda mais o Posto de Saúde. Não que eu não tenha dado valor ao Posto de Saúde, pois se era uma unidade de vigilância. Cada Posto era uma unidade de vigilância, de notificação. Para isso ele era da maior importância. Agora, pra resolutividade (sic) de erradicar uma doença e mesmo de curar, não tinha nenhuma. Ele não tem, ele não tem.

Esses caras, toda essa esquerda aí da escola e sai da escola, consegue mudar a cabeça, mas não consegue... uh... mudar a prática. Fica aquela mesma prática rançosa, morosa que não resolve nada. Só tomam porrada, só tomam porrada, a vida toda tomava porrada. Eu só tomo porrada de um Otávio Oliva, que chega pra ele e fala assim: "Tu não quer fabricar, rapaz!", entendeu? Que contesta ele, entendeu? E graças a Deus, eu tomo porrada e quero tomar muita porrada desses caras. Porque eu sou o certo, eu quero vacina no país. Porque ele que é o errado, ele boicota a própria instituição, a própria Fiocruz, que é uma das instituições mais importantes desse país. E tem um corpo lá que é um corpo que você não acha, que você, que você gastou, você investiu anos e anos.

B – Que está perdendo, porque quem está podendo ir embora está indo embora.

C – Está indo embora, cara. Está indo embora. Ele faz toda uma política, tem poder lá dentro, faz uma política para ir para OPAS ou para a OMS. É isso é que eles querem, sabe? (risos) Agora, ninguém quer ficar aqui e fabricar a vacina.

L - É, ter autonomia tecnológica.

C - Agora, tem um cara que fala isso que toma porrada. Agora, veja bem, eu só tomo porrada desses teóricos aí, de [Sérgio] Arouca, de Otávio Oliva, da direita... ela nem é presente, entendeu? Eu não encontro adversário na direita porque eles não sabem nada disso. Eles estão mortos.

B – O adversário da esquerda é que é duro, não é? É chato.

C – Agora, é a esquerda mesmo que não quer. Não quer se consolidar perante a população. Porque falar em mobilização pra eles, eles têm horror de povo. Olha o Darcy [Ribeiro]. O Darcy chegava no comício, eu ia buscar o Darcy, ele fazia assim quando o povo mexia com ele, pegava nele. (som de alguém se batendo) Eles têm ojeriza do povo. Agora, é um cara que a gente adora? É. Pelo que eles escrevem, não pelo que eles fazem, sabe? Eu quero ser lembrado pela coisa que eu fiz, não pela coisa que eu penso. Isso aí é o de menos, basta ir numa faculdade. Mas pela coisa que você faz diante da população, da comunidade. Você tira a dor da população, você acaba com o ser vivo que dá doença em você, que é um vírus, que é um ser vivo. Então, o cara não entende que isso tem que ser uma briga dura. Se é duro você brigar com o [Sérgio] Arouca, que está aí, que você vê, ainda mais com o vírus que você não vê, que é dez vezes pior que o [Sergio] Arouca. (risos)

B – E mil vezes pior que o Ronaldo Cezar Coelho<sup>10</sup>, pelo amor de Deus. (risos)

L - Com certeza. (risos)

C - Claro, claro. Mil vezes pior que essa direita, mil vezes, e essa esquerda não se entende.

B - Mas as armas que a gente usa contra a direita são armas mais fáceis, às vezes, porque é tão diferente que com o diferente é mais fácil brigar, com o que se diz igual, mas é diferente na prática é mais difícil.

L - É subliminar, não é?

B - É mais dura a briga, é mais no cotidiano.

L - A briga tem que ser mais estratégica, mais perfeita.

C - Então, eu não tenho porque não falar em pessoas, sabe? O [João Baptista] Risi tem as suas coisas para falar em pessoas, porque era o cara que mandava pro SNI [Serviço Nacional de Informações]. Ele é todo reservado. Eu estou com todo o material do SNI aí, que eu acho que tem que pertencer a uma ca... para mostrar a história dessa época. Só não entrego, porque ele está vivo, ele assinou todas as...

B - Mas o senhor pode entregar e a gente só abre depois que tal pessoa falecer, por exemplo.

C - Exatamente.

B - Isso existe.

L - Essa possibilidade.

B – O senhor doa com um termo que só seja aberto tantos anos após o falecimento de tal pessoa.

C - Exato.

B - Isso não tem problema nenhum, pode doar e no momento que o senhor quiser com essa condição.

C - É isso aí. Claro. Porque essa coisa, eu não faria isso com uma pessoa, sabe? Mesmo que ele seja de direita, que ele sempre foi, sempre foi. O pai dele foi diretor da Escola, foi o cara que baniu a esquerda da Escola naquela época. Então, ele seguiu o pai, então, ele é, mas como amigo é uma excelente pessoa. Eu não tenho nada contra ele, agora eu não posso ser só amigo da pessoa. Eu defendo uma estratégia.

B – Tem uma história de vida envolvida, não é?

---

<sup>10</sup> Ronaldo César Coelho é, nesse momento, o novo secretário municipal de Saúde da cidade do Rio de Janeiro.

C - Tem uma história de vida que é diferente do que a dele, não é? Então, é uma coisa diferente, não é? A poliomielite só surgiu, por que? Porque houve uma varíola, foi uma pessoa que viu a mobilização de massa e provou a ele que a mobilização de massa dava certo. O, o nosso amigo Brito Bastos enxergou, falou: "Vamos começar com as professoras". Então, em [19]70 fez a primeira mobilização de sarampo, não é? Eu, pra adiantar, pra brigar com o Brito Bastos pra dar gosto à briga dele, eu peguei e fiz varíola e sarampo junto, combinei vacina. Ele ficou puto da vida, não é? Se bem que ele estava envolvido mais na pólio, não é? Ele estava com desenvolvimento da pólio. E eu, o trabalho do Risi foi muito importante, porque ele armou uma vigilância de pólio, usou...

**Data: 13/07/2001**

### **Fita 3 – Lado B**

B – Projeto História da poliomielite e da sua Erradicação no Brasil, entrevista com Dr. Cláudio do Amaral Júnior, entrevistado por Anna Beatriz Almeida e Laurinda Rosa Maciel, dia 13 de julho de 2001. Fita...

L – Número três...

B – Número três

L – Segunda entrevista.

B – Segunda entrevista. Então, Dr. Cláudio, retomando, depois desse longo interregno aí a nossa entrevista, por questões de saúde.

L - Engraçado, não é?

B - Paramos a entrevista por questões de saúde de uma das entrevistadoras. A gente retoma conversando com o senhor sobre a questão da sua especialização na Medicina Sanitária. Quer dizer, o que que fez o senhor, para retomar um pouquinho que o senhor já conversou um pouquinho - mas como é que foi esse caminho de querer fazer a Medicina Sanitária. E aonde foi que o senhor fez e sobre essa turma que o senhor conviveu na Escola de Saúde Pública.

C - Olha, eu acho que o sanitarista que não faz uma opção para a Saúde Pública sem uma base de estruturação política, ele vai ser simplesmente um sanitarista. Vai passar, vai ser um sanitarista técnico, eminentemente técnico, burocrata. Mas, eu, graças à Deus, eu acho que eu, eu segui o rumo do sanitarista brasileiro, sabe, que tinha uma cabeça boa. Eu ainda pertencia, fui treinado por aquele sanitarista do passado, não é? Então, eu estou muito feliz de ter uma experiência com aqueles sanitaristas que erradicaram o *Gambiae*, aqueles... Oswaldo José da Silva, não é? E outros tantos aí que... o Nelson de Moraes que formou os primeiros epidemiologistas brasileiros. Naquela época, não havia, exceto nos cursos de Saúde Pública geral, de uma maneira geral, o curso geral, que a Escola, o básico que a Escola até hoje... existe na Escola Nacional de Saúde Pública, ou existe em São Paulo, mas não existia uma

especialização para a Epidemiologia em nenhuma outras áreas da área de Sanitarismo, na área de prevenção.

B - Quer dizer, esse que tinha em São Paulo da Faculdade de... Higiene, não é?

C - Isso.

B - Era uma Faculdade de Higiene e Saúde Pública, aí tem toda aquela ligação do Geraldo... de Paula Souza, não é? E tal.

C - Geraldo de Paula Souza...

B - Ele não tinha o perfil da Epidemiologia? Qual era o perfil daquela pessoa que saía de lá? Saía um político de Saúde Pública? Um gestor?

C - Não, ele saía, saía um sanitarista técnico, não é? Uma coisa técnica assim, e com algumas pinceladas da linha do Partidão, não é? Quer dizer, que a maioria dos nossos médicos sanitaristas... eles, tanto do SESP [Serviços de Saúde Pública] como da SUCAM [Superintendência de Campanhas], eles eram antigos militantes do Partidão, não é? Então, você formava jovens, né? Eles paternizavam aquelas, aqueles garotos que iam fazer Saúde Pública, davam uma consciência política e social, mas era o que é o Partidão hoje, sabe? É aquela questão de muita água com açúcar, não é? O verdadeiro, mesmo, sanitarista é aquele que participou da varíola, o verdadeiro no sentido de militância política, porque a varíola foi exatamente isso aí, foi erradicada, por que? Porque os caras, os jovens que entraram na varíola foram trazidos para a varíola, junto com os existentes, foram aqueles jovens que tiveram aquela militância política da época, de uma época da ditadura, uma época difícil, entendeu? E eles transformavam, transformaram a estrutura que existia dentro da varíola, que era uma estrutura que vinha de muitos e muitos anos, que era estruturada através do vacinador, do chefe de equipe, do supervisor e, aí, você... era uma verdadeira eh, ah, uh... estrutura militar. Mas essa estrutura militar era uma estrutura militar... ah, que era difícil você, você fazer uma vacinação de massa. E os jovens que vieram aí e estavam... tinham uma militância de massa, passeatas e, e uma ação... de rua... intensa, eles não se acostumaram com isso. Eles partiram, dado... o sistema de televisão já existente, de comunicação, os meios de comunicação, eles partiram para uma comunicação de massa. Em vez de fazer casa a casa, vacinar 60 pessoas por dia, eles queriam vacinar 30, 40 mil pessoas por que existia o que? Existia um sistema de televisão, existiam as escolas que podiam mobilizar a população e existia aí autofalantes...

B - Rádio.

C - ...rádios, não é? Existia o Chacrinha, não é? Que foi utilizado para mobilizar isso. Então, essas pessoas... eh... não iriam... eh... malarizar, quer dizer, deixar exatamente igual à Malária, não é? Que está aí até hoje, não é? Eles queriam mesmo acabar com a varíola. E você só poderia acabar com a varíola com uma ação intensa de campo. A questão era política. A questão não era bem saúde, Saúde e varíola, a questão era uma atuação política de saúde de campo, não é? Então, esses Postos de Saúde que, esses desenhos americanos aí que não funcionam de jeito nenhum, eles, eles... enfim, eh... ficaram ah... trabalhando como uma base mais e preparação de

material. Mas o Posto de Saúde verdadeiro foi trazido daquele lugarzinho escondido, que é o nosso Posto de Saúde, para as praças públicas. Então, as vacinações eram em praças públicas.

B - Ah, não eram no posto da varíola?

C - Não, não, era praça pública. Você trazia 40 mil pessoas na praça pública e, aí, você utilizava o injetor de pressão e você vacinava mil pessoas por hora. Você, colocando 50 injetores, em uma hora você vacinava 50 mil pessoas.

L - Mas isso era um dia específico, Dr. Cláudio?

C - Isso era um dia.

L - É, tinha um chamamento para esse dia.

C - Aí, é a questão da poliomielite, porque essa experiência da pólio, nós... veio da varíola, porque nós acabamos, acabamos de trazer para a varíola, preparando a cidade para a vacinação. Então, entrava uma equipe de educadores que iam para as escolas primeiro. O vacinador não chegava em primeiro lugar, não. Todas as escolas eram preparadas. Eram colocados nas salas de aula, *slides*, os alunos tomavam conhecimento da doença. E conhecimento que existia uma vacina poderosa que ele poderia evitar aquela doença e, sobretudo, também os elementos da família desse estudante. Então, era o aluno que convidava o pai e a mãe, porque a varíola, você sabe, ela não tem idade, não tem sexo. Então, dá em qualquer idade, qualquer sexo e qualquer cor. Trazer esses pais também pra dentro da escola. Então, a vacinação era feita em praça pública, era feita nas escolas, não é? E a varíola atingiu uma cobertura, com essa mobilização, de cerca de 100%. Você não perdia tempo em ir casa a casa, não é? Um exemplo grande disso, lá em São Luiz, quando acabou a campanha do Maranhão, em um dia, nós vacinamos São Luiz toda, na Praça João Lisboa, não é? E era uma coisa que mobilizava toda a população. Entrava aí algumas críticas a esse respeito, porque muitas pessoas da Escola de Saúde Pública, os professores e tal achavam que os seus alunos agora estavam partindo para uma questão de vacina, é uma questão de escola, quer dizer, o cara tem que se conscientizar, sobretudo conscientizar. E, para isso, havia o Posto. Todo o mundo fortalecia o Posto de Saúde.

B - Quer dizer, a importância que eles davam à rede. A estruturar a rede.

C - À rede. E a vacina foi descoberta no século XVII, XVIII, em mil setecentos e pouco. Quer dizer, você tinha uma vacina boa há 200 anos e a doença estava aí ainda, não é? Porque esse Posto de Saúde, ele não dava condições de você ter uma ação de erradicar doença. O muito que ele fazia era... vacinar a demanda dele e a demanda era sempre a mesma demanda, porque aquele Posto de Saúde estava localizado num determinado local, em que as pessoas dificilmente, que moravam na periferia da cidade, onde deitava a doença tranquilamente, iam ao Posto de Saúde buscar essa vacina. Então o Posto de Saúde... claro, ele tem a sua importância, eu não estou querendo minimizar a importância de um Posto de Saúde. Só que a questão aí é diferente, a gente confunde muito e, às vezes, em controle de doença, erradicação de doença e esse grupo que veio da varíola não queria internalizar a doença, eles não queriam o emprego da varíola para ficar na varíola o resto da vida dele se aposentando. Olha, eu me aposentei muito distante da varíola. O último caso da varíola que eu tive a chance de ver foi na Somália, lá o *garçon* lá da

Somália, ele está muito distante do dia que eu me aposentei. Foi depois de 20 anos. E eu não trabalhava mais na varíola, eu só contava histórias da varíola.

E eu estou muito feliz, porque, depois de trinta e tantos anos de profissional, eu participei de duas erradicações, coisa que é muito difícil você encontrar num profissional de saúde. O profissional de saúde, o que ele pode te dizer é que ele viu mil doentes, não é? Não, eu vi duas erradicações. E eu vi hospitais fechar como o Hospital Jesus, fechou a área de poliomielite, não é? Está fechado, você não vê mais hoje... só, só pessoas... a poliomielite deixa sequelas, pessoas muito idosas hoje que tiveram poliomielite, você nota que eles tiveram a doença. Mas, atualmente, você não vê um caso de poliomielite mais, você não vê um caso de varíola. Para mim, está sendo difícil encontrar uma pessoa com sequelas no rosto deixadas pela varíola, não existe mais. Difícilmente eu encontro na rua aquelas crostas enormes deixadas pela varíola na pele das moças e dos rapazes. Então, eu estou muito feliz. E, aí, se deve a quê? Se deve a esse grupo que surgiu aqui no Brasil, não é? E que deixou, que balançou um pouco a estratégia da vigilância epidemiológica. Porque, quando se partiu para uma vacinação de massa, entendeu? Os filósofos da Saúde Pública achavam que isso aqui era igual à tempestade de verão. Quer dizer, chegava, vacinava, ia embora e não deixava nada. Depois de... eu, eu, eu não podia dar uma resposta na hora, hoje eu estou dando: “Olha tem duas doenças já radicadas.” E só não erradicou mais como a hepatite B que é uma vacina, é uma doença factível de ser erradicada por que? Porque o governo é que é moroso, é incompetente e não toma uma decisão política.

B - E o que é que torna uma doença, Dr. Cláudio, ser factível de ser eliminada, erradicada?

C - Primeiro uma vacina potente, não é? Você ter uma vacina, você tem uma doença e ela tem uma vacina potente... exemplo a própria varíola. Ela é há muitos anos, mas há muitos anos ela é factível. Por que? Você tem uma vacina que, que é factível, que pode, se for aplicada, controlar a doença, erradicar a doença. Então, é, sobretudo, isso. Se você tem uma arma e essa arma é a vacina, não é? Hoje, a vacina de, de hepatite B que é uma das doenças, uma doença que causa dois milhões de óbitos por ano no mundo, ela, praticamente, ela pode ser, por um trabalho igual ao da pólio... está aí a estratégia, nós já temos a estratégia e já temos a vacina. O mais importante claro é a vacina e, depois, a estratégia. Não adianta você usar nosso sistema de, de rede pública... rede pública hoje tem um novo conceito, uma nova cabeça. E o Posto de Saúde, ele jamais foi estruturado para ser um instrumento de controle de doença.

B - De controle e eliminação, não é?

C - Muito menos de eliminação porque o Posto de Saúde... se você me colocar quais seriam os instrumentos de erradicação, eu tranquilamente colocava para você que é a escola. Eu não botava médico pra erradicar a doença, não. Eu botava o professor. Está aí o exemplo da poliomielite, entendeu? Está aí, está claro para mim que... e sobretudo o número de pessoas que envolve a escola é superior ao grupo de saúde. Então... havia uma mania, sabe? Nesse país que é muito errada e que era colocada, às vezes, pela Escola de Saúde Pública. Por que? Porque as escolas ... ah, é o grupo de saúde é que tem que eliminar a doença. Não é isso não. O grupo de saúde tem que orientar, não é? O grupo de saúde tem que estruturar. Ele é a cabeça pensante de uma erradicação. Agora, quem que erradicar é a população. E quais são os instrumentos da erradicação? A escola é uma delas, pô! “Ah, não vamos utilizar a escola, não. A escola é a escola

pra ensinar”. Então, esse grupo ele teve a oportunidade de abrir os caminhos aí, não é? Coisas que a própria SUCAM de antigamente trouxe, ela trouxe aí, aquilo tudo estruturado, era só saúde, iam lá os vacinadores da saúde. Não, eles são importantes, sim. Agora, recentemente, pra controlar o dengue em diversas capitais do país, foi utilizada a escola. E o grupo da SUCAM, da antiga SUCAM, que hoje é Fundação Nacional de Saúde, eles (tosse) eles foram lá treinar, porque, hoje, eles são, eles sabem como acabar a doença. Mas não adianta eles trabalharem isolado da população. Ir lá só borrifar a casa, se a população não participa disso aí, quando você tem uma população que o criadouro da, da, do *Aedes aegypt* está dentro da casa. Quer dizer, se a dona da casa, ela não tiver uma consciência disso, (tosse) não vai haver erradicação nenhuma.

L - Nem adianta borrifar.

C - E nem adianta, não é? Eu lembro aqui que em 1985, nós botamos um milhão de estudantes na rua para catar mosquitos. Larva de mosquito. Isso aí, também foi o exemplo da varíola. E a poliomielite foi outra coisa. Foi exatamente, exatamente isso aí. Nós acabamos com esse negócio, porque no ini... lá em 1970, o Brito Bastos pegou aí uma série de professores e começou bem. Ele viu que a varíola estava funcionando bem com os professores. Ela estava tendo um custo bem menor, porque o vacinador entrava no estado e tinha cinco anos pra erradicar a doença. Quer dizer, com as mobilizações de massa diminuiu pra um ano. Quer dizer, o máximo que você ficava no estado, vacinando todos os municípios, a área rural. Porque muito difícil trabalhar na área rural do país.

B - Ela é muito dispersa, não?

C - Ela é muito dispersa, não é igual a Índia, que as populações vivem em, vivem em vilas. Então, é fácil você terminar. Mas no Brasil, não. É uma casa aqui e acolá. É uma coisa muito difícil você trabalhar na área rural. Então, as mobilizações de massa... eu ficava muito emocionado quando via aquelas pessoas que vinham da zona rural para um centro que a gente determinava, a escola que era o centro de, a escola rural, e ali concentrava a população dessa área rural e dava 100% de vacinação. Era incrível! Aí, é que eu fui para a organização, porque veio um pessoal aí da OMS, veio ver a vacinação lá no Paraná. Quando eles chegaram em Cascavel e tinham 30 mil pessoas pra vacinar na praça pública...pô! Os caras nunca tinham visto isso no mundo. Por que? Porque a Organização Mundial de Saúde, (tosse) ela tinha estabelecido para a varíola uma... descoberta do caso. Uma contenção desse caso e *follow up* desse caso, o seguimento, a visita desse caso. Então, acabava fazendo ciência e ciência a gente já tinha na mão, já sabia que você tinha que pegar o primeiro caso, levantar e traçar... e a gente já tinha esse conhecimento. O que a gente já sabia de varíola... pôxa! Já dava para erradicar essa varíola em 10, 15 e 20 vezes. Então, você já sabia que varíola transmitia de pessoa a pessoa. Então, a vigilância ela é ótima pra te dar os conhecimentos da doença. Levantar os dados epidemiológicos da doença.

B - Até pra planejar, não é?

C - E o planejamento disso aí. Agora, o que vai determinar mesmo, é vacinar, pôxa! Se você não vacinar, se você não cobrir essa população não adianta, o suscetível vai nascer, nasce nesse país a população do Uruguai, seriam 4 milhões de pessoas que nascem todo ano. E sem proteção,

quer dizer, você tem que dar proteção a essas crianças, e elas nascem não é numa vila concentrada, elas nascem num território de nove milhões de quilômetros quadrados toda esparramada, entendeu? Então, você tem que cobrir, tem que caçar, é a coisa mais difícil você fazer vigilância epidemiológica nesse país. Ele tem 12 mil quilômetros de fronteira, com todos os países da América, onde você tem trânsito fácil, não precisa passaporte. Então, as doenças também transmit... transitam. E hoje elas estão transitando de avião. Você não saía, caso de varíola no período de incubação aqui no Brasil e não ia desenvolver a varíola lá no Canadá? Por que? Porque se demora para chegar no Canadá, o quê? Nove horas de voo. E você tinha um período de incubação da varíola de cinco ou seis dias. Quer dizer, o sujeito chegava no período de incubação... o Brasil era um exportador de varíola. Ia varíola para toda a América. Era o único país na América que tinha varíola. E ele aproveitou, teve essa competência de aproveitar a experiência pra remeter isso para a poliomielite.

B - E quem que o senhor acha que aproveitou isso? Foi a OMS? Foi a OPAS?

C - Foi a própria OMS, porque quando a OMS despertou pra isso, eu me lembro quando eu cheguei na varíola, estava lá uma... um negócio, umas discussões semanais mensais. Se fazia mais reunião do que atuação de campo. Então, se passou pra procura de casos nacionais, se passou por uma vacinação de massa, quer dizer, acabou com a varíola de [19]74, 1974, a Índia tinha 500 mil casos de varíola notificados. Em 1975, foi o último caso. Quer dizer, é uma coisa inédita.

L - Dez anos.

C - Inédita. E é por falta de, de estrutura de rede de saúde? Não. Lá tem o PHC, *Prime Health Center*, construído desde os ingleses, foram os ingleses que montaram toda a estrutura de saúde. Era comandada no subdistrito, você tem o PHC, lá na sede do distrito você tem o *Health Center*, que é o nosso Posto de Saúde. A nível de estado, você tem uma rede pública que é muito, que tem muito mais postos de saúde que o Brasil.

L - Gente, não imaginava isso.

C - E tudo isso para vacinar e não vacinava, não erradicava coisa nenhuma. Quer dizer, precisou uma nova estratégia. E quem arrumou essa estratégia foi esses novos brasileiros que começaram a trabalhar, que saíram daquele momento de uma ditadura ferrenha, que lutaram na rua contra a ditadura que foram lutar contra a doença numa nova estratégia. Eu acho... é exatamente isso aí.

Agora, claro que no Rio Grande do Sul tinha um grupo que surgiu, foram os mestres brasileiros da vigilância epidemiológica. Está lá o Airton [Fishmann], que vocês vão entrevistar ele. Ele vai, tem lá o negócio do... de definição de vigilância epidemiológica. Praticamente, eles começaram a trabalhar em cima da vigilância. Não que a campanha não tenha sido feita, eles participaram da campanha de massa no Rio Grande do Sul, mas depois estruturaram uma vigilância. Aí sim! Porque é a vigilância que vai te dizer se existe ou não mais casos. Agora, você tem que sedimentar uma vigilância epidemiológica. Ela tem que ser formada concomitante com a campanha. Faz a campanha, estrutura a vigilância e a vigilância continua o trabalho, pra que ela possa te dizer... Não. Então, esse grupo é que sobressaiu e que, e que deitou as raízes.

Então, quando foi o momento do [Nilo Chaves de] Brito Bastos começar com a vacinação, ele foi buscar o exemplo lá da varíola. Isso foi em 1980, 1970, desculpa, não foi em 1980, não. 1970.

B – Ele já ia começar a vacinação da pólio?

C – Da poliomielite, porque tinha chegado ao Brasil a vacina oral de poliomielite. Então, eles fizeram algumas experiências em algumas cidades, o Brito Bastos.

B - Pela Fundação SESP, né?

C - Através da Fundação SESP, mas faltavam dados da, da poliomielite. Enquanto a varíola tinha por demais dados, a pólio, não. Porque a pólio não era uma doença de, de impacto naquela época, porque se desconheciam a doença. Só as pessoas que trabalhavam dentro do hospital e que recebiam os doentes, é que tinham uma consciência sobre a poliomielite. Como a, a, a...

B – Dra. Itamara Meilman.

C – Que foi uma grande... conhecedora disso aí. E os pediatras. Isso é uma consciência de que a poliomielite era um problema sério, porque eles trabalhavam dentro do Hospital Jesus, dentro dos ambulatórios... da área de poliomielite e recebiam os doentes, mas quem estava na Escola de Saúde Pública, dificilmente tinha dados porque não existia dados nesse país. O Albert Sabin tem toda a razão de que não existiam dados, não tinha mesmo, sabe? Eu nem sei... a Escola de Saúde Pública ela tinha um bom treinamento de campo, por que? Porque tinha a Fundação SESP, tinha as unidades da Fundação SESP. Quando nós fazíamos o curso na Escola Nacional, depois de três meses nós ficávamos no campo. Íamos pra Alagoas...

B – E qual é esse campo?

C – Íamos pra Alagoas, íamos para Pernambuco, pro Amazonas, pro Pará. Você ia fazer o estágio de campo.

B – O interior do estado do Rio também tinha, não é?

C – E o interior do estado do Rio. Você fazia o estágio da Escola de Saúde Pública nas unidades da Fundação SESP, porque a própria Escola não tinha as unidades, quem tinha era a Fundação SESP. Apesar de haver sempre essa rivalidade entre FIOCRUZ e Fundação SESP, na hora do curso as duas se entrosavam perfeitamente bem, porque era lá que o estudante ia tomar ciência das questões de Saúde Pública.

B - Inclusive, os profissionais da Fundação SESP vinham fazer o curso. A grande clientela eram eles.

C - Inclusive, a grande clientela, como eu mesmo, eu já era do SESP, fui fazer o curso de Saúde Pública na Escola. Bom, então, chegou aí, a varíola não estava erradicada e esses jovens brasileiros, eh... depois que chegou aqui uma comissão internacional e nós contratamos alguns nomes, jovens também, para fazer a vigilância, porque o Brasil precisava provar agora que não

tinha varíola. Aí, nós fomos chamar alguns, entre eles tava o Roberto Becker que depois veio se destacar na, na, na área da poliomielite, o Roberto Becker, que hoje está lá no Peru ou já foi pra Washington.

B - Está em Washington.

L - Está em Washington.

C - E o Roberto Becker ele iniciou o trabalho dele em Salvador. Nós colocamos o Roberto em Salvador. Ele vai começar isso aí na varíola. E ele foi trabalhar num conven... ele foi morar num convento de freiras, porque como ele é sobrinho do Arcebispo lá do, do, do...

L - Salvador?

C - Não, de Porto Alegre, ele é gaúcho. A mãe dele só deixou ele sair de Porto Alegre desde que ele fosse morar lá no convento das freiras em Salvador. (risos) Mas é um dos grandes técnicos que a gente teve na área da varíola e depois da poliomielite. Ele vem, enfim comandar a varíola, em nível nacional e a própria Epidemiologia. Ele passou muitos anos em Brasília.

B - Até a pólio ele comandou em nível nacional, também?

C - É, ele comandou, no início, ele comandou lá em Brasília.

L - Só um segundo doutor....

#### **Fita 4 – Lado A**

L – Entrevista com Dr. Cláudio, fita número 4.

C - Então, a pólio, a partir de 1970, perg... pegou o bonde da varíola na questão das vigilâncias epidemiológicas, porque a varíola precisou montar milhares de, de unidades de vigilância pelo país todo, e essas unidades eram unidades de vigilância da varíola que, mais tarde, foram transformadas em polivalentes e a primeira doença a ser introduzida foi a pólio. O DPT, o sarampo depois, mas, basicamente, a pólio, por que? Porque a gente precisava saber como estava a magnitude da poliomielite.

B - Agora, me explica uma coisa, Dr. Cláudio, que fatores o senhor acredita que tenha sido a pólio a doença a ser trabalhada e não, por exemplo, o sarampo? Não, por exemplo, uma outra doença passível de ser erradicada? Por que foi a pólio a escolhida?

C - Olha, por incrível que pareça, você... a verdade tem que ser dita.... Começou a aparecer a vacina pólio... a pólio começou a ser vendida pelos laboratórios. Então... você vê, quando o estado está ausente, quando as grandes instituições de saúde estão ausentes, principal... principalmente aquelas que fabricam vacina, entra aí o que é de particular, passa a vender. Então, a vacina de pólio passou a ser vendida... ser acessível à população através, do quê? Através não de Posto de Saúde, mas através de, dos laboratórios que passaram a vender nas farmácias, não é? Dos representantes. Então, existia aí uma vacina e a população começou a exigir essa vacina.

B - Então, eu podia, por exemplo, ir ao meu pediatra, o pediatra do meu filho, e pedir a ele para vacinar o meu filho de pólio? Encontrava na farmácia, comprava na farmácia?

C - Exatamente. Você encontrava com o pediatra. Por que? O que que acontece? O laboratório vai ao pediatra, o pediatra começa a ser aliciado pelo laboratório. Eu acho que de uma maneira positiva. Eu não vou, eu não vou... taí uma, um instrumento de, de, de, de controle de doença. É uma doença que paralisa a pessoa, deixa a pessoa parálitica o resto da vida dela, tá entendendo? Então, existe um instrumento, se o setor, aquele setor cuja, aquele país, cuja constituição diz que a saúde é um direito, e ela não cumpre, ela começa a não cumprir esse direito, pô! Ela deixa um espaço vazio. Então, aí surge a vacina na rede privada e a rede privada começa a trabalhar.

B - Agora, me explica uma coisa. Por exemplo, se eu fosse pensar... eu posso pensar assim que... a gente tinha surtos de pólio e pequenas até... epidemias nos anos 50, quer dizer, vamos lá para trás, está lá no início do século, não é? Teve o caso numa Vila não sei... em São Paulo, eram casos isolados, depois veio o Rio de Janeiro, casos isolados. Agora, os anos 50 e 60 já aparecem casos com maior número identificados, porque, aí, tem toda essa questão: podia haver vários casos sem identificação, mas é o momento onde você localiza identificações. E, aí, é um momento, não foi nos anos 50 que a pólio virou uma questão de Saúde Pública.

C - Não foi, porque...

B - Foi nos anos 80. 70,80.

C - É, foi no final do, do... Foi no 70, quando a gente começou a preparar esse pessoal pra pólio, não é?

B - Mas tem que ter uma decisão política para fazer isso.

C - É, porque... nos anos 60 foi a chegada da vacina e o começo do estudo através da vigilância nacional que estava na Fundação SESP e a Fundação SESP começou a treinar pessoal específico para isso, para controle de doença, não é? Começou-se a falar em epidemiologia e o setor de epidemiologia, de uma maneira mais intensa, não que não havia. Havia aí a epidemiologia da malária, epidemiologia de doenças que estavam aí, endêmicas, entendeu? Mas, (tosse) na verdade, em 1960, começou... apareceu duas coisas: foram os primeiros estudos da Fundação SESP, da epidemiologia nacional. Eu falo Fundação SESP, porque era no SESP a epidemiologia nacional, porque estava ali... o SESP era delegado pelo Ministério da Saúde para fazer a vigilância nacional.

B - Inclusive os boletins, (ininteligível) de dados e tudo.

C - Exatamente. Os boletins e tudo isso. Então, mas eu gostaria de voltar à questão que é fundamental e eu quero usar a questão da vacina da poliomielite para ir à cavalo nisso aí, porque a ausência dos Institutos e, sobretudo, das pessoas que trabalham aí é que fazem com que esse país não produza, não produza sua pólio... a sua própria vacina contra a poliomielite.

Lamentavelmente, eu estou vendo mais um exemplo agora: a chefe da rede nacional de laboratórios recolher material... das pessoas, dos brasileiros através dos laboratórios nacionais, material pra, pra você de, de extratos pulmonares para você fazer uma vacina contra o *pneumococcus*. Quer dizer, você entrega esse material pra Oficina Panamericana de Saúde e ela entrega a um instituto privado. E, aí, o instituto privado lá da Holanda vai fazer uma vacina e, depois, vai vender pro Brasil. Quer dizer, outra vez, a área de Bio-Manguinhos, que é a dona da, da vacina da FIOCRUZ, ausente do processo, não é? Então, nós vemos uma grande instituição que é a maior instituição nacional, que é a Fundação Oswaldo Cruz, com uma equipe, com gente técnica, com capacidade, porque está aí a vacina de febre amarela, que é um exemplo, a vacina da, da... outras vacinas produzidas pela FIOCRUZ e que são ótimas. Por que não a FIOCRUZ não produzir todas as vacinas do Programa Nacional de Imunização?

B – A tal da autossuficiência, né?

C - Então, hoje por que não... Eu não eu não vou falar... tem lá esse outro instituto em São Paulo, Butantã, não é? Com passos de tartaruga, quer dizer, que não vai para a frente nisso, quando o Brasil compra 500 milhões de vacinas por ano e você pode negociar essa compra com repasse de tecnologia para os institutos nacionais fabricar essa vacina, não é? E por que não? Eu sei, nós sabemos, todo mundo sabe que a Oficina Panamericana, a Organização Mundial de Saúde está ligada aos grandes laboratórios, tem os seus interesses, pô! Então, a Oficina, hoje, compra vacina. Ela passou a ser o intermediário do laboratório para o país nesse tal de Fundo Rotatório aí.

B - Fundo Rotatório, não é?

C - É o tal do Fundo Rotatório, tá entendendo? Então, quer dizer, então, quando o Brasil quer fabricar a vacina, ela diz não.

L - Compra.

C - O Brasil é só consumidor de vacina. Então, tem um dinheirinho aqui para vocês aplicarem; para fabricar as vacinas, não. Então, é essa a consciência nacional, eu nem diria hoje que a gente tem que acordar por mais erradicação, não é? Eu diria que a gente tem que... acordar para uma consciência de fabricação de vacina.

B - A busca da autossuficiência.

C - A busca da autossuficiência. Essa é que é a coisa mais importante para esse país. Esse país não fabrica nada, não é? Está aí a Smith-Kline que fornece para o Brasil, já forneceu desde o início a vacina contra a poliomielite, a Sabin, forneceu mais de 1 bilhão de doses e já ofereceu à Fundação Oswaldo Cruz, gratuitamente, o repasse da tecnologia. Se a Fundação tivesse aceitado, em 1985, hoje ela estaria fornecendo toda essa vacina que está sendo usada na Ásia para a erradicação da poliomielite, não é? Então, ela, a gente deixa passar esses momentos importantes de ousadia... Agora, claro que não é só isso. Não é falta de ousadia, não. É pressão da Oficina Panamericana e, sobretudo, de alguns maus funcionários que existem nesse país que

preferem dar preferência à Oficina, à estratégia da OPAS, porque se não eles não são convidados pra ir pra lá, do que fabricar nesse país.

B - E o poder...

C - Essa é a grande verdade que tem que ser dita à toda hora.

B - O poder das, das multinacionais de fabricação, quer dizer, das grandes empresas de produção de vacina...

C - Mas não é a multinacional que manda nesse país. Se esse país... esse país não tomou uma decisão de erradicar doença? Tomou. Erradicou a doença poliomielite, que é uma estratégia nossa.

B - Tem capacidade.

C - Foi o primeiro país na América Latina a... no mundo a erradicar a poliomielite, pô! Porque esses outros países aí, estiveram aí, foram mansos, não houve um processo, não existe uma estratégia americana, dos Estados Unidos. Existe uma estratégia brasileira de erradicar a poliomielite. Por que? Porque essa foi construída tijolo à tijolo. Então, nós temos na nossa mão... a escola da erradicação, nós podemos dar aula de erradicação, entendeu? Por que? Porque não está na nossa mão esse, esse ensinamento. Esse ensinamento não é ensinado na Escola de Saúde Pública, não. Hoje ele é discutido, mas eu nunca aprendi numa aula de Saúde Pública, na Escola de Saúde Pública, como erradicar doença não, fui aprender lá no campo, não é? Eu fui organizar a campanha de erradicação é lá no campo mesmo. É lá que eu fui, eu fui me inteirar como é que se erradica a doença. Porque mesmo nas escolas comuns ou escolas de especialidade de saúde, você não encontra isso não. Elas são, hoje, grandes monumentos da saúde, elas são grandes monumentos para se discutir conceitos de saúde. Agora, áreas de ação de saúde, você não vê. Prática de campo, isso você não vê não, pôxa! Eu posso até dizer que eu tive um bom curso de Saúde Pública, fui aluno do Arlindo [Fábio Gómez de Souza], o Arlindo dava aula de filosofia, aprendi muita filosofia naquele curso. Agora, aula... ação de campo, não. Eu não sei como estão esses cursos de saúde pública hoje.

B - Foi quando o senhor foi para as unidades do SESP. Aí o senhor acha que aprendeu.

C - Aí, na hora de ir para a unidade do SESP é... foi isso aí, não é? Mas eu não quero é deixar de trazer pra você o seguinte: que eu já vim lá de uma militância política. Olha, isso aí, isso aí não é coisa de se desprezar não, porque, se eu não tivesse uma consciência política, eu seria mais um sanitarista, eu seria um ... como é que é esse negócio de professor? Você chega aluno, depois de aluno você vai ser monitor. Eu seria um monitor lá da Epidemiologia, do Eduardo Costa, porque (risos) ou de qualquer professor lá, ou do Arlindo. Hoje estaria dando aula de filosofia lá na escola, mas eu não queria isso.

B - É, porque duas pessoas podem ir para o mesmo espaço e reagirem diferente. O senhor podia ter ido para uma unidade do SESP e não ter reagido, não é? Porque, se não tivesse vivido politicamente a sua vida, ia passar, fazer um estágio, achar – “Meu Deus, que saco! Eu estou

aqui em Palmares, interior de Pernambuco, vendo essa coisa... quero ir embora.” - não é? E ia ser um professor, um catedrático, qualquer coisa, sem dúvida.

C - Quando chegou o final da varíola, eu fui embora, porque os brasileiros que estavam na varíola foram chamados para erradicar a varíola fora do país. (tosse) Eu acabei sendo... indo pra Índia é... é... porque o Roberto Becker não quis ir.

L - É? Que história é essa? (risos)

C - Que história é essa? O Becker, ele foi... nós estávamos arrumando o pessoal pra ir pra ajudar a erradicação no mundo, porque o Brasil tinha acabado com o último caso. Em [19]71, nós tivemos o último caso aqui no Rio de Janeiro. Então, tinha outros países na Ásia e no sudoeste da Ásia que tinha varíola, a Somália, a Índia, a Etiópia, alguns países da África, como a Etiópia, a Somália, não é?

L - Isso.

C - É... Bangladesh tinha varíola, então precisava de recursos humanos. O Brasil tinha muitos jovens que tinham experiência de campo e era isso que o pessoal da varíola, que era um pessoal diferenciado dentro da própria OMS, que era um pessoal de campo, queriam pessoal com experiência de campo. Então, foram vários brasileiros e eu fui um deles. E, aí, fui trabalhar na varíola, na Etiópia, e primeiro na Índia, depois na Etiópia. E, aí, eu fiquei até 1980 e vi o último caso de varíola no mundo que foi o Aladim lá na Somália.

L - Olha só!

C - Então, eu vi o último caso de varíola no Brasil, vi o último caso de varíola na Índia e vi o último caso de varíola na Somália.

L - Olha só! Que foi o último caso no mundo.

C - Foi o último caso de varíola autóctone no mundo, não é? Então, tive a oportunidade de ver três casos de varíola últimos, em diferentes continentes: na América, na Ásia e no, no, na África. No Brasil, foi no Rio de Janeiro; na Ásia foi em Uttar Pradesh, na Índia e depois em Bangladesh o último caso. E o último caso na África foi na Somália, foi o tal do Aladim que era um garçom de uma cidade... ao lado ali de Mogadish.

L - Certo.

C - Eu voltei ao Brasil, em 1980, para trabalhar na poliomielite, porque já...

L - Já com toda essa bagagem, não é Dr. Cláudio?

C - Já surgia a questão da... erradicação. Então, tinha um... um convidado especial que era o Dr. Albert Sabin, que veio para o Brasil. Quando ele veio, eu, eu já estava no Brasil, e eu passei a trabalhar com o Dr. Albert Sabin. Nós passamos a viajar o país todo: eu, Dr. Albert Sabin. Eu como o contraparte dele no Ministério da Saúde e... e ele era um entusiasta da questão da

vacinação de massa, ele, ele se incorporou no projeto, não é? E passou a viajar. Como um homem que era conhecido, não é? Eu, às vezes, ficava atônito de ver a, a dinâmica do Dr. Albert Sabin porque ele... numa viagem que eu fiz ao Paraná com ele, ele saiu, ele falou para mim: "Um momento." - tinham anunciado ele no autofalante do avião que o Dr. Albert Sabin estava a bordo. Aí, ele foi pra cabina do piloto e pediu para o piloto que, quando o avião fosse aterrissar em São Paulo, na escala, ele queria, que o piloto desse uma volta por São Paulo que ele queria ver a cidade de São Paulo.

L - Do alto.

C - Do alto para ver como é que seria essa vacinação... de, de poliomielite, não é? Uma coisa gozadíssima. E o piloto, o piloto atendeu e pediu, solicitou isso pro comando de terra. Então, nós demos um giro lá. E o piloto explicou isso aos passageiros, que riam, sabe? Gos, gos.... achavam isso interessante, não é? E eu via a reação do, do, dos passageiros que estavam a bordo. E, depois, eu fui para a cabina, porque o piloto me chamou que tinha algumas coisas que ele não estava entendendo e eu estava explicando.

E então, você vê a curiosidade do Albert Sabin que ele se integrou, ele se, ele se arvorou como dono da, da campanha de pólio no Brasil. E foi essa a grande, esse foi um grande problema, porque... para ele, coitado, porque eu posso saber, eu posso ver como que ele sofreu naquele momento, quando o Ministério, aqueles elementos que estavam lá em cima no Ministério, a partir do próprio Ministro, do [João Baptista] Risi, o Ministro e o Fernando Gomes...

B - Era o [Waldyr] Arcoverde, não é?

C - Era. Eles em determinado momento, ficaram com ciúme do Albert Sabin. ... Olha, estou aqui para contar a verdade, viu? Porque a verdade ninguém conhece. O Ministro... andaram dizendo, naquela época, que ele falou contra a estatística no Brasil e que era uma coisa certa, porque esse país não tinha estatística mesmo, não é? Tinha uma estatística da varíola aí muito mal feita... da poliomielite muito mal feita.

B - Parece que tinham duas: uma da Fundação SESP e uma do IBGE

C - Uma do IBGE e outra do, do, do Posto de Saúde.

B - E a do IBGE era divulgada no mundo. Então, era a que ele tinha acesso.

C - No mundo. Então, havia a questão muito séria também... como não havia coordenação de saúde nesse país, o Ministério era distanciada das suas bases, sabe? Era um troço tudo descoordenado, não é? Aquele nível nacional descia com uma prepotência ao nível local de base, de execução com uma autoridade, que ele não era investido, entendeu? Punindo, em vez de educar e dar treinamento...

B - E formar equipe, não é?

C - E formar equipe. Então, era uma coisa, era um horror aquilo ali. Aquilo espalhava o que nós chamávamos de ditadura. Era o reflexo da ditadura aí, 1980, eu quero dizer para você que nós estávamos na ditadura ainda, não é?

Então, aquilo era um sistema horrível, sabe? E esses caras começaram a ficar é com ciúme do Sabin, porque o Sabin, ele assumiu, ele assumiu e era coisa importante que ele assumisse essa, essa... Porque ele era o garoto propaganda nosso. Os caras não tinham enxergado isso, que ele podia ele podia levantar, era um instrumento que podia mobilizar a população. Estava aí o inventor, o homem que descobriu a vacina oral, foi o que solucionou o problema no Brasil e em diversos países do mundo. Se a gente não tivesse vacina oral, você já imaginou a dificuldade pra erradicar a varí... a poliomielite? Como é que você ia, ia usar [vacina] Salk pra erradicar... Aliás, a [vacina] Salk, a Salk é uma vacina pra, pra vigilância epidemiológica.

B - Por que?

C - Porque...

B - Uma aulinha para nós.

C - Primeiro, ela é injetável, então é uma difi...uma estratégia já começa a complicar. Uma vacina injetável já é mais difícil, porque você tem que ter outra estrutura, você tem que ter seringa, uma vacina de pólio, é gotas. É só abrir a boca.

L - Qualquer pessoa pode dar uma gotinha. Até o [José] Serra<sup>11</sup>, né? Dá a gotinha.

C - Qualquer um, até o Serra, que não é Ministro, aprendeu a dar vacina, pô!

L - Se você tem uma coisa injetável, você necessita de...

B - É Ministro, mas não é médico.

C - É Ministro e não é médico.

B - É um ato falho que o senhor falou que ele não é Ministro. Tem um sentido nessa sua fala. (risos)

L - Ele é até Ministro, mas não é médico, né? Porque a outra vacina...

C - Não, eu acho que ele não é nem Ministro, ou melhor, ele é Ministro através dos caras que assessoram ele, entendeu?

L - É, com certeza, através de pastas.

C - Eu nunca seria Ministro assim, não sabendo das coisas. Quer dizer, eu não posso entender um cara assim, porque ele não é da área, quer dizer, ele não tem, ele não tem a magnitude do problema, então... mas é Ministro. Então, é o tal do Ministro. Ele é Ministro, graças ao amigo

---

<sup>11</sup> Ministro da Saúde de agosto de 1998 a fevereiro de 2002, na gestão de Fernando Henrique Cardoso.

médico que ele tem que passa orientação pra ele, quer dizer, é uma vergonha! Eu não seria Ministro assim. Nunca seria um Ministro, nunca seria um diretor, um coordenador se não tivesse conhecimento da situação.

L - De alguma coisa que você não entende, que você não compreende, claro!

C - Então, em 1980, nós começamos a estruturar a campanha da poliomielite. E aí dizia essa equipe que estava no Ministério, que a solução era a Escola. Estava aí a varíola, a varíola deitou escola, não é? Mas já tinha se passado 10 anos, muita gente que a gente não conhecia lá em cima.

L - Já era uma outra geração, não é?

C - Uma geração, porque 10 anos é uma revolução no universo. Você troca... Então, eu entendi isso e várias vezes eu ouvi: "Você entende de varíola, mas você não entende de pólio." (risos) Eu ria muito sobre essas coisas todas, não é? Quer dizer, pôxa! Até bacana ouvir porque quando você recebe uma, uma, uma frase dessas você se recompõe até, quer dizer, você começa a ter, começa a ter naquele momento, um pouco mais de experiência, pra você, num trabalho de coordenação, você começa a coordenar melhor. Você já vai entrar numa área com um pessoal que não trabalhou com você naquela experiência, mas que você quer trazer um pouco daquela experiência pra frente. Eu sei que o Brasil é outro depois de dez anos. Claro! Isso pra mim estava claro. Não na questão política, porque a ditadura continuava, mas numa questão de uma rede, de um sistema, de montagem nacional de televisão, de escola, era outro Brasil. Era outro momento.

B - Essa sua ida para essa coordenação, esse contato com essa geração que era outra, tinham outras pessoas ali que não eram as pessoas da varíola e que não eram as pessoas da Saúde Pública que o senhor tinha convivido e sempre dá reação isso, não é?

C - Isso dá uma reação muito grande, quando chega uma pessoa, ainda mais com uma pessoa que tenha experiência, uma pessoa que vem na OPAS, porque o cara, o brasileiro, o pobre do nosso técnico brasileiro, pensa que o cara foi para a Organização Mundial de Saúde ele é alguma coisa a mais. Não é! Isso é mentira! Está cheio de paraguaio aqui nessa OPS lá em Brasília, porra! Que é uma porcaria, pô! Paraguaio, boliviano, fica dando orientação, assessoria. O assessor de imuno... de autossuficiência nesse país é um chileno, por isso que esse país não produz vacina. Por que? Porque ele faz a jogada de Washington. Além de não saber nada, porque ele pode cumprir com, com os mandos lá de Washington, lá da OPAS, de não fabricar a vacina aqui e cumprir isso direitinho, sabe? Mas direitinho mesmo, ele é um bom funcionário da OPAS. Por que a OPAS não me quer como funcionário? Porque, claro, que no Brasil ou qualquer país que eu for trabalhar eu vou botar uma indústria nacional, vou fabricar, eu vou... conscientizar o nosso técnico lá, o nosso empresário lá fora que ali ele tem que saber dos conhecimentos da fabricação de vacina. Isso não interessa à OPAS. Não interessa ao Ciro [de Quadros], não interessa ao [João Baptista] Risi, que é da OPAS hoje.

B - Mas ser da OPAS, ser da OMS, dá um *status* que quando o senhor chegou...

C - E dá um *status*. E quando eu cheguei, quando eu cheguei, eu entendi, porque...

B - E como é que foi o convite para vir pra Convenção? Me conta assim desde o começo. Como é que foi o convite?

C - O Ministro mandou me chamar. Falou: “Olha...”

B - Já era quem?

C - É porque eu era cedido, eu era cedido à Organização Mundial de Saúde. A minha intenção, claro que, veja bem, é, é... pelo nível de salário, eu, eu fiz o meu pé de meia na OPAS, na Organização Mundial de Saúde. Eu ganhei muito lá, porque o que eu ganhei já dava para mim deixar para os meus netos, estou satisfeito, ainda mais que eu trabalhava no campo, eu ganhava em dobro o salário, eu ganhava tudo em dobro. A minha mulher era funcionária internacional. Ela trabalhou no *United Nations Development Program*. Então ela dava assessoria pra todos os países Africanos e Sudoeste, quer dizer, nós estávamos muito bem, entendeu? Tanto que você conhece minha casa aqui é graças ao trabalho que a gente passou lá fora trabalhando durante dez anos, não é? E ganhando muito bem. Quando eu voltava pro Brasil, eu...

Mas, o que me importava aí, eu fiquei, eu fiquei gostando dos africanos, porque eu encontrei a África, um coordenador da Organização Mundial de Saúde, um negro, o Canon, que era um nacionalista. Esse cara não admitia interferência da Organização, da sede da Organização na África, era ele que mandava. E lá nos países quem mandava era o pessoal do nível local. Se você chega na Etiópia, o coordenador lá da organização é um etíope, não é um cara do Uruguai, aqui não, pôxa! Se aqui não entende esse problema desse país, fica lá fazendo política de boa vizinhança com o Ministro da Saúde. E você chega lá nessa OPAS em Brasília, cheio de funcionários, não é? Brasileiros até, sabe? Porque para brasileiros tem espaço lá, os caras que colaboraram com a OPAS têm espaço lá dentro da OPAS, tem os seus contratozinhos lá dentro, sabe? Então, é isso. E, lá na África, você não vê isso não. Lá, na África, o coordenador do país é um cara do país.

Então, eu como assessor da Organização Mundial de Saúde, quando eu cheguei na Etiópia, eu fui, eu fui primeiro introduzido ao coordenador nacional. Ele disse para mim assim: “O senhor vai trabalhar lá no campo, ao lado do nosso médico etíope e você é muito bem vindo de repassar os nossos conhecimentos ao nosso técnico.” Olha, eu não digo, não é vergonha para mim dizer que, às vezes, eu aprendi com o etíope. Eu tenho a satisfação de dizer para você que muitas das coisas que eu entendi da África, e o que eu aprendi, aprendi de médico etíope, com um cara lá que é muito competente e muito capaz. Por isso que o Canon? tinha razão de botar pessoal local, porque nada mais do que esse pessoal local saber disso aí. Então, quando eu cheguei na pólio...

B - Aí recebeu o convite, deu um pouquinho de dor para aceitar?

C - Não, não deu dor.

B - O senhor não queria largar?

C - Não, porque eu fiquei satisfeito, porque eu fui volta... eu ia voltar para o meu país pra fazer um novo trabalho de erradicação de doença. Porque quando eu estava na Índia, eu soube da epidemia de meningite. Eu não vivi a epidemia da meningite aqui, eu aprendia pelo Juarez que

me mandava cartas, relatórios e tal, mas aquele problema da meningite eu não tive oportunidade de ver, de viver aqui. E eu tinha certeza que eu seria muito útil naquela momento aqui naquela epidemia, que eu via às vezes pelo jornal, por carta de amigos e tal. Mas eu volto, porque eu achei que não tinha mais nada para fazer na Organização Mundial de Saúde, porque se eu ficasse, se eu tivesse aceito os convites para permanecer na OPAS, que tinham me oferecido a coordenação lá na, na... no Sudoeste da Ásia, eu ia tomar conta de um país belíssimo que era o Nepal, eu estaria com um cargo meramente burocrático. Ia fazer livrinho bonito porque é isso que a OPAS sabe fazer hoje. É livrinho bonito, sabe? Ia entrar numa coisa... A varíola na Organização Mundial de Saúde foi uma coisa à parte e a pólio na OPAS, foi uma coisa que eles apanharam, porque eles não tinham outra saída, o Brasil estava empurrando a erradicação da doença. Estava claro no mundo (tosse) no horizonte que o Brasil ia erradicar a poliomielite, eles tomaram o bonde andando para depois também se intitulem os donos do negócio. Mas lá em 1986, quando eles começaram a trabalhar na erradicação, já estava no horizonte claro que o Brasil estava acabando com a poliomielite e que em poucos aí ia acabar com a poliomielite. Então, eles entraram, pegaram o bonde andando. Foi isso que o Ciro de Quadros fez e a equipe lá de, de Washington fez, é pegar o exemplo do Brasil e é, claro, eles tiveram o mérito de pegar a estratégia do Brasil e colocar nos demais países.

Mas em 1980, eu e minha mulher decidimos voltar pro Brasil pra participar exatamente da segunda doença de erradicação que foi a poliomielite. E eu fui trabalhar não foi no Rio de Janeiro, não, eu fui trabalhar no Amazonas. Eu estruturei a pólio no Amazonas, querida, pô! Foi a coisa mais linda que eu tive na minha vida. (risos).

#### **Fita 4 – Lado B**

B - Aí o senhor vem pra Amazônia?

C - Não, eu volto para o Brasil e vou me apresentar no SESP e aí eu fico integrado na Epidemiologia do SESP. Vou lá para a Epidemiologia, Departamento de Epidemiologia do SESP, que ao mesmo tempo era o Departamento de Epidemiologia do SESP e Departamento de Epidemiologia Nacional. Então, fui engrossar a equipe do, do nível nacional.

B - Quem já estava lá nessa época?

C - Estava Orlando Pirajá, que trabalhou na pólio, que já está aposentado. Ele trabalhou bem na pólio.

L - A gente não tem esse nome.

B - Orlando Pirajá?

C - Orlando Pirajá.

L - Ele é epidemiologista?

C - Ele é.

B - E eu encontro ele aonde?

C - Ele está aposentado, mora lá em Copacabana.

B - Gente! Me faz um contato com ele?

C - Orlando Pirajá, eu viajei com ele.

B - Ainda mais alguém do SESP.

C - Depois eu e ele fomos para o Espírito Santo, também, arrumar o Espírito Santo.

B - Nós estamos com muita gente... o Senhor é um dos poucos duplos, que o resto é tudo do Ministério da Saúde... puro. Quer dizer, é legal pegar alguém assim.

L - Alguém do SESP.

C - Então, encontrei o nosso amigo aí... estava o Orlando Pirajá, estava o Fernando Gomes, que era o diretor desse departamento e que era o dono da pólio.

B - É vivo?

C - É, Fernando Gomes, que mora no, no, no.... em Copacabana também.

L - Também?

C - Ele foi o cara que deu o maior enguiço com o [Albert] Sabin. Ele vai falar que o Sabin...

L - Ah, Dr. Cláudio o senhor vai ter que arrumar o contato com essas duas pessoas. Orlando Pirajá e Fernando Gomes.

C - Mas ele é um cabra bom, um pernambucano legal, você vai gostar do Fernando [Gomes], mas ele é um troço que ele é a estrela máxima.

L - Ah, tudo bem, a gente....

B - Eu pego, na boa.

C - O Fernando, depois eu substituí ele, lá como chefe nacional de Epidemiologia. Bom, aí veio, tinha mais quem? Ah, o Ilton que morreu de AIDS. O Ilton que trabalhou na pólio. Doutor José Ilton, um piauiense.

B - Ah, tá!

C - Morreu já há algum tempo abandonado. Então, eram os três e mais o Fernando Gomes, eu e o Fernando Gomes, não é? Bom, então, nós comandávamos, o Fernando comandava a campanha de tudo o que era... a raiva canina, não é? Tinha aquelas vacinações, tudo de, toda a vigilância epidemiológica do país o chefe era o Fernando Gomes, ah! o [João Baptista] Risi, estava o Risi, o Risi sai, vai pra Brasília, porque entra lá o [Waldyr] Arcoverde chama o Risi pra Secretário Nacional de Ações Básicas. Aí começa a grande briga do Risi com o Fernando Gomes, porque os dois são amigos. Aí se mordem, porque o que que o Risi quer? O Risi quer Epidemiologia em Brasília. Aí começa a soprar no ouvido do Mozart [de Abreu e Lima] que é contra o Sérgio. Você quer saber dessas fofocas?

B - Lógico, claro.

L - Isso também faz parte.

B - Para entender também a política de saúde que foi adotada.

C - O Mozart [de Abreu e Lima] tinha uma coisa com o SESP, o Mozart, você conhece o Mozart?

B - Não, não conheço, só de vocês falarem.

C - Esse é um cara que você tem que entrevistar, o Mozart, porque ele foi contra a campanha da pólio, ele só aderiu à pólio, isso é (ininteligível) ... não é a questão que... a pergunta tem que ser sua, ele foi contra, ele e o grupo da esquerda violenta...

B - Eu lembro que ele foi a pessoa que falou para a esquerda que era para adotar.

C - Exato.

B - Ele foi vencido pelos argumentos e pela realidade.

C - Ele foi vencido, ele foi vencido, porque o Ministro chamou ele e enquadrou ele. Mas, no fim, ele, o Hermógenes...

B - Isso tudo eu ouvi falar, o povo da esquerda que era contra.

C - Do PC do B.

B - Que ficava dentro daquele grupo que... criou um espaço dentro do Ministério para fazer PIASS...

C - Os grandes defensores das unidades sanitárias.

B - Que era o PIASS, não é?

C - É do PIASS, não é? Aqueles caras que estavam naquela que achava que a unidade sanitária é que era a grande salvação do país, não é? O Risi já estava convencido. Em 1980, nós tiramos o Risi da varíola e mandamos ele para Washington, pro CDC, pra treinar sobre vigilância epidemiológica. Nós chegamos para o Risi falamos: "Olha, você vai ser o espião nosso lá em

Washington. Você vai trazer toda a tática da poliomielite pro Brasil". Ele foi fazer o curso, porque o Brasil tinha um lugar no curso de epidemiologia. O Risi não tem curso de saúde pública, ele tem curso de epidemiologia. Então, o Risi foi para lá e voltou e começou a implantar as unidades, transformar a varíola numas unidades de vigilância epidemiológica.

Esqueci de dizer um negócio que é importante. Na fase de consolidação da varíola, nós transformamos algumas unidades em polivalente. Conseguimos no Rio Grande do Sul, através do grupo do Rio Grande do Sul, que começou a vacinar contra o DPT, pólio, sarampo e varíola. E... eh, eh... na Paraíba cujo, que era o Simplício o Secretário, Simplício...

B - Quer dizer, essas unidades transformadas em polivalentes já era para buscar aquela estrutura da varíola e ampliar.

C – Ampliar e comecei a fazer umas experiências junto com o Veronese de São Paulo e o Olivier Pereira que já morreu. Olivier Pereira trabalhou no laboratório do SESP, era um médico, ele era epidemiologista, um velhinho, e ele adorava... era vacina, a arte dele era vacina. Então, um dia ele pegou a vacina... nós soubemos que a SUDENE [Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste] tinha uma verba de dois milhões para comprar a vacina de pólio. Aí, eu estava, eu era o coordenador de Pernambuco, aí a SUDENE me procurou, era um cara novo, chegou: "Ô Cláudio e tal tenho dois milhões pra comprar sarampo". Aí, eu falei: "Então, você compra".

B - Sarampo ou...

C - Sarampo.

B - Ah, sarampo, tá.

C - Isso foi em 1969... 70. Está lá no boletim nosso, você pode ver essa experiência que tá publicada.

B - Publicada, quer dizer, foi fruto do trabalho.

C - Foi publicada, você lá vai para o boletim de 70...

B - Boletim do SESP.

C - Boletim da varíola, que era publicado pela varíola.

B – Desculpa. Boletim da varíola.

C - E lá tem essa experiência. É a primeira experiência de vacina combinada do mundo. Deixa ver, que deu certo que as outras deram certo mas não davam percentual de pega. Essa foi a que deu o maior percentual de pega. O...

L - O que é percentual de pega?

C - Percentual de pega: cada 100 vacinados...

L - Passam pra outros...

C - ...quantas viradas houve, quantos imunizados você teve. Então, a virada, o percentual maior de pega, foi nessa combinação.

B - Isso mostra que a imunização foi mais ampla do que em outras experiências. Pega menor é pouca imunização.

C - DPT, DPT. Você pega uma vacina combinada que é o DPT, que são três vacinas numa só, ela dá 75, 80 até, mas, a varíola e o sarampo dão 99. Tava aí descoberta uma vacina viral viva que não existia porque o DPT era morto, era bacilo morto, mas a varíola era de vacina viva.

Então, chamamos o Veronese, fomos para Pernambuco, fizemos a vacinação e deu o percentual igual como se tivesse vacinado separadamente. Então, numa picada só você podia imunizar já duas doenças. Foi o que nós utilizamos aqui no estado do Rio para diminuir a mortalidade de sarampo. O estado do Rio, em 1985, você pode ver aí, tinha 1000 óbitos de sarampo. Chamamos o [Albert] Sabin aqui, eu tenho toda essa documentação que eu quero passar à Escola, pra Casa de Oswaldo Cruz, o Sabin me ajudou a acabar com o óbito de sarampo, o Doutor Albert Sabin, estou falando o mesmo da pólio. Ele sentou comigo, nessa época ele estava fazendo uma experiência (pigarro) com a vacina *spray* de sarampo, mas ela não foi usada. A vacina que foi usada foi uma excelente vacina da Fundação Oswaldo Cruz contra o sarampo fabricada que, infelizmente, o... o nosso querido deputado presidente acabou de produzir.

B - Foi a época do [Sérgio] Arouca, não é?

C - O Dr. [Sérgio] Arouca acabou com... não sei, acabou com a produção de sarampo, nós produzíamos a melhor vacina na Fundação, com a cepa japonesa. Nós acabamos com o sarampo no Rio de Janeiro com a aquela vacina, meu Deus do céu! E a Fundação [Oswaldo Cruz] acabou com a fabricação de sarampo não sei porque. Qual o interesse? Então, o Dr. Arouca, infelizmente, acabou com essa... e a equipe dele lá do Bio-Manguinhos.

Então, a varíola fez a primeira vacinação combinada. Quando algum país... quando alguma pessoa queria saber de combinação de vacina e escrevia pro CDC [*Center of Diseases Contagions*], o CDC mandava contatar a varíola do Brasil que ela que tinha experiência. Eu tenho essa carta.

L - Que barato!

B - Isso vai para a gente também?

C - Vai. Acho que já está lá, já está lá. O CDC respondia: "Consulta lá o pessoal da varíola no Brasil que eles têm experiência de combinação de vacina." O que se fazia em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, com a equipe do Airton [Fishmann] era multivacinação. Multivacinação não tem nada com vacina combinada. Multivacinação você dá aqui DPT, aqui você dá sarampo, aqui você dá pólio, tá? Em diversos braços.

B - É multi, porque é no mesmo dia.

C - É multi no mesmo dia.

B - Mas não na mesma...

C - Não é combinação. Combinação é quando você bota no mesmo frasco e dá. E outra coisa, nós vacinamos em Recife com injetor, naquela época não tinha AIDS. Então, você vacinou com injetor e era a mesma coisa. E nós tínhamos... escrito isso, o CDC pegou o Boletim da varíola e começou a chamar a gente agora pro CDC.

B - Agora.

C - Não, agora, naquela época. Eu estou falando como se fosse hoje. Mas, em 1980, então, eu voltei ao Brasil, me ingressei, fui, voltei, me apresentei. O Aldo Villas Boas era o presidente da Fundação e o Dr. Aldo... tinha... o SESP era responsável pela vigilância epidemiológica no país porque foi exatamente no SESP que isso iniciou.

B - Departamento de Epidemiologia, os boletins, os primeiros centros.

C - Os boletins, o treinamento, os primeiros epidemiólogos aí...

B - O Brito Bastos...

C - O Brito Bastos e tal. Então, aí, o... SESP coordenava isso nacionalmente. A poliomielite era o grande... e nós começamos esse trabalho, foi no Rio de Janeiro e, depois, em Brasília, nós sentamos e chamamos o Brasil todo. Primeiro, nós estruturamos internamente, dentro do SESP, as equipes de trabalho que iam implantar a estratégia da varíola. A estratégia...

B - Da pólio.

C - Veio o Sabin aqui e, através de uma discussão, nós decidimos a fazer um dia de vacinação. Eu forcei a barra dentro dessa estratégia, porque eu estava seguro da estratégia da varíola. Nesse momento, como eu tinha trabalhado muito em escola, eu defendia que a vacinação tinha que ser feita por professor, não pela equipe de saúde. E a equipe de saúde defendia que quem tinha que fazer a vacinação era a equipe de saúde.

B - E na rede.

C - E na rede. Eu dizia: "A vacinação tem que ser com professor... com um professor e avaliando pela equipe de saúde". A saúde, por que? Para cada cinco vacinadores, você teria um avaliador, uma equipe, um supervisor. Então, o supervisor ainda seria da área de educação, o avaliador seria da saúde, o treinador seria da saúde, porque era maio... menor número. Você não ia conseguir... quando eu coloquei, quando a gente começou a discutir e aventou a hipótese de vacinação num dia, não é? Por que? Por que num dia? Por que? É possível. Você tinha que vir com aquele impacto de um dia pra dar o impacto de verdade, porque o país não tinha recursos, você não tinha como vacinar, você não podia ter aquela, aquela estrutura dos antigos sanitaristas que era a estrutura da SUCAM, que era equipes que iam vacinar. Isso aí demoraria muito tempo. Nós íamos gastar mais 200 anos, como foi o caso da varíola, pra erradicar a poliomielite. Então,

nós temos, nós tínhamos que seguir pra tempos, pra outros tempos uma estratégia diferente. Já estava aí dada. Pô, já tinha o exemplo da varíola. Você levou para a praça pública... Se essas pessoas eh... tinham ido para a praça pública, por que não iam levar os filhos agora? Era uma população menor, para as, para as escolas ou vacinar nesses Postos de Saúde? Vamos agora, então, enfatizar o Posto de Saúde que vai sair do seu, da sua unidade e vai se tornar um Posto de Saúde dinâmico, vai montar 100 mil Postos no país, quer dizer, cada cidade você tem dois ou três postinhos escondidos. Os edifícios eh... ah... encobriram os Postos de Saúde. Então, vamos promover o nosso Posto de Saúde agora, vamos dizer para a população que além do hospital ela tem o Posto de Saúde, não é? Vamos começar a promover o Posto de Saúde, principalmente o Posto de Saúde que eh... que, que gosta de trabalhar, que está envolvido, que tem muita gente em Posto de Saúde que adora trabalhar no Posto de Saúde e não tem como, não tem carro, não tem gasolina, não tem serviço, não tem vacina, mal pago, sabe? Então, vamos usar o instrumento da coisa que a gente não pode fazer na, na, na varíola, porque nós tínhamos vacinadores contratados, não tinha outra maneira, você não podia pegar o cara do posto que tava funcionando o posto e meter na rua pra fazer vacinação...

B - Você ia largar o posto vazio.

C - Ia largar o posto vazio. Agora, não. Agora você tinha um posto bem mais ampliado, o posto tinha saído... então era essa a nossa filosofia do, da vacinação da poliomielite. Tinha, tinha alguma coisa na nossa cabeça que a gente tinha que fortalecer e aquilo que me deu mais prazer foi o pessoal do PIS [Programa de Integração Social]. Foi o Mozart, foi aquela turma de, de... era AP contra o PC do B, ali numa discussão ferrenha, porque um achava que era um absurdo, era um negócio que não ia dar certo, como mobilizar a população toda? Era promover o governo, entendeu? Então, olha, eu não estou nem aí se era governo, se era militar, o militar tinha... nós tínhamos que provar até para esses caras aí que tinha pessoal bom e que a gente tinha que ser respeitado. E que tinha competência, pô, não é? Então... mas o pessoal do PIS, não. O pessoal do PIS queria ainda construir aquele elefante branco. Porque era importante construir, construir, construir. E nós, não. Era importante erradicar. Claro que construir, ninguém quer minimizar que se tem que construir um bom hospital, não é? Mas... tem, você tem... esse hospital no mínimo tem que dar uma resposta. Não é só construir. Não adianta você fazer com que... construir... porque o conceito do PIS era o seguinte: era construir e entregar ao estado. Era descentralizar, quando o Município não tinha, num, num, não tinha condição. Eu via o... a unidade do SESP que você queria descentralizar, depois de um determinado momento, voltava porque ele era misto.

B - O objetivo era fazer para ser saneamento e saúde e, depois, ser gerenciado pelo Município. O Município não conseguia...

C - Não conseguia.

B - Aí ia fechar e voltar.

C - Não conseguia, não conseguia, mas não conseguia mesmo, cara. E quando... o prefeito não sabia o que fazer, porque pegava aquele elefante branco, quer dizer, era... Não é só a ação de saúde que traz saúde. Até uma ponte traz saúde; até um negócio que você passa o... transeunte,

aqueles viadutos ali, isso traz saúde, isso diminui os, os acidentes de, de trânsito, não é? Quer dizer, esses caras viram a saúde como uma bitola. Quer dizer, não dava pra discutir com esses caras, porque eles eram... radicaram o processo que aquilo era aquilo. Então, houve uma decisão política. Foi lá um cara, que mandava mesmo, quer dizer, aí funcionou e que enquadrou esse pessoal do PIS e esse pessoal do PIS passou, então a... a... a apoiar, de uma certa maneira, inclusive cederam algumas pessoas, mas que iam pros estados dizer: “Nós somos contra essa campanha, mas ela tem que ser realizada, então é assim.”. Era isso aí.

B - Pelo menos fazia.

C - Fazia.

B - Agora, na coisa da campanha, organizar como o senhor falou, fazer a estratégia, fazer a planificação em que momento foi discutido se ia ser VPI [vacina pólio injetável] ou VPO [vacina pólio oral] e quem defendia a VPI? Havia quem defendesse tecnicamente, dizendo, por exemplo, que ela impossibilita que ocorram casos de pólio polivacinal, ela é... quer dizer, havia isso?

C - Olha, quem passou tudo isso para a gente foi o Dr. Sabin, entendeu? Porque, embora existisse uma rivalidade da VPO com... a oral com injetável, você, você... claro pra a gente... ficou muito claro, mesmo bem antes do Sabin, não é? E a gente já bolava isso na época da varíola, que você tinha que ter uma instrumentação fácil para você partir para uma erradicação. Então, a vacina injetável era uma vacina ainda que era boa, que deu resultado, a vacina Salk, mas que ela era importante num determinado momento dessa, dessa... desse controle da doença, não é? Dessa vigilância da doença e ela não poderia ser usada porque, eh... de uma maneira como a gente queria montada na nossa estratégia, porque a estratégia montada, ela foi montada dentro de uma vacina oral.

B - Ficava inviável, não é?

C - Ela ficou inviável dentro da nossa estratégia, porque nós fomos usar uma estratégia que era factível, era, era, era viável economicamente. Você não podia arrumar uma estratégia que não seria viável, porque nós não teríamos recursos. Então, a vacina oral era aquela que mais se chegava às necessidades da estratégia. Então, você estava combinando estratégia com a instrumentação que você teve. Está claro isso?

B - Está.

C - Não que a gente não pudesse. Por exemplo, agora é uma hora de se pensar na vacina injetável, na Salk, na vigilância epidemiológica.

B - Há quem esteja misturando ambas, não é? No controle.

C - É. Eu acho que não tem porque você não utilizar, a América toda tá sem... e nós estamos num processo de vigilância... Quer dizer, embora nós estamos tendo o cuidado de continuar com as vacinações de massa, porque hoje você chega à Ásia em algumas horas de vôo, não é? E você pode trazer...

L - Certo. E lá ainda existem casos da doença.

C – Existem casos e você pode reintroduzir a doença no Brasil, está aí uma série de... a própria febre, a própria dengue foi reintroduzida no país, não é? Então, você também poderia trazer outro ser vivo, porque ser vivo é ser vivo mesmo, aí é uma guerra. Não é uma questão até... não é uma questão de doença. É uma questão de estratégia de guerra, não é? Quando você parte para uma erradicação você tem que ter na cabeça uma, uma logística e estratégia, não é? Não é uma questão hospitalar. Hospital é simplesmente um instrumento dessa erradicação também, mas ele não resolve o problema. Pelo contrário, ele é o maior disseminador de doença. Eu, na Índia, eu encontrava, quando eu tinha um caso de varíola no hospital que eu recebia notificação, eu chegava lá não só tinha um, porque o primeiro que internou esparramava para todos... varíola. Então, o hospital era um disseminador de doenças. Quando eu cheguei aqui, no Rio de Janeiro, no hospital aqui do lado do... do, de Municipal havia várias crianças com varíola, por que? Porque você internava um caso de varíola, disseminava...

B - Disseminava para vários.

C – Deixa eu ir ao banheiro?

B – Deixo... (Interrupção da gravação)

B - ... de guerra, não é? Porque você tem que conseguir juntar estratégia com instrumento e fazer uma campanha, nesse sentido, a coisa é logística. Mas ela é campanha, ela não é permanente. Ela é campanha porque ela é provisória, porque ela tem um *boom* pra ela atacar e ela tem que ter um momento. Você pode fazer uma campanha por cinco, você pode fazer uma campanha por dez, você pode fazer uma campanha por 15. O que que justifica a campanha da vacinação da pólio ainda existir? Existem os Dias Nacionais [de Vacinação], existem fatores epidemiológicos, existem fatores preventivos, estratégicos? O que que justifica? Por que que não tá na rede? Por que que não está na cartelinha igual à BCG que a mãe tem que dar até os seis meses?

C - Pois é, veja bem, é... as campanhas nunca foram bem utilizadas para você modificar porque o que traz a campanha é uma revolução até de comportamento. A campanha ela movimenta. E tudo o que que movimento tem modificação. Tem briga, tem... no fundo, tem discussões de poderes, discussões de estratégias que são as coisas mais gostosas de você participar. Coisas que você não tem na questão clínica, na questão curativa. Você vê, quando você vai discutir um caso, sempre é um caso. Mas, quando você discute uma estratégia, você tem que ter uma noção de estratégia. Por isso que a Epidemiologia você trata do investigador, trata-se de investigadores, trata de estrategistas, entendeu? E um estrategista ele não é simplesmente um cara que cura uma pessoa. Quando ele atua, ele vai curar uma multidão. É uma diferença enorme. É um sentimento, veja bem, eu não posso te passar pra uma pessoa comum um sentimento de, de reali... de um estrategista de, da prevenção ou dessa área de saúde pública. (tosse) Você terminar com a doença, não é? (falando baixo) Eu posso dizer quando eu entrava na Índia, numa casa e via uma pessoa com varíola e parecia um arco-íris. Falei pro Veronese: “Lá no teu livro não tem esses tipos de varíola, não.” Eu sabia que há outro. (tosse) Parecia que o doente tinha uma... eh... era determinado a morrer pelo tipo que ele tinha. Eu já sabia que ele ia à óbito por isso que quando

o cara tava com febre eu aplicava a vacina. Ele tinha uma varíola frustra... lá na Índia. Porque, se eu não vacinava, ele ia à óbito. A Shitalamaya<sup>12</sup> ia chamar ele mesmo.

Então, a campanha, ela tem o poder de transformação, coisa que a rotina não tem. A rotina é passiva, é uma coisa enjoada, roti... o próprio nome está dizendo: é rotina, sabe? Então, é uma coisa que... ela não te satisfaz... tecnicamente, profissionalmente, sabe? Ela não é uma coisa assim que, que... não te alenta, que não te envolve, sabe? É uma coisa muito passiva, sabe? Dar uma vacina num Posto de Saúde pra mim é a mesma coisa que dar uma injeção no hospital. (risos) Mais ou menos isso. Se aquele Posto de Saúde tirass... saísse dessa rotina e fizesse um trabalho junto com as escolas dentro de uma população, você ia ver que ela podia transformar através de uma campanha do próprio Posto de Saúde, mas só que ela não tem poder. E a campanha é uma estratégia de guerra, ela tem muito poder. Só que nós utilizamos a campanha sempre pra mudar. Você pode ver, a varíola deu uma mudança na área, no sistema de saúde nesse país que foi uma virada. Só um cego não vê isso aí. Ela veio, erradicou... é os outros todos: “Isso aí vai virar uma malária!” Quer dizer, vai continuar a vida toda, vocês nunca vão perder o emprego, não é? Mas não é. A vacina chegou com uma campanha, houve uma modificação, houve uma... nunca nós tivemos tanto poder na área de saúde como nós tivemos na área de campanha. Claro que não é essas pessoas que trabalham na rotina. Essas nunca tiveram, porque elas são rotina. Rotina é rotina, ficaram sempre na rotina. Por que? Porque elas, eh... elas não mostram um poder de transformação. E só você vai ter poder à medida que você mostra essa transformação. Tá claro? Num sistema igual a esse, que funciona igual a esse aqui. Não adianta você botar um sistema socialista aí, porque você não está com um sistema socialista aqui. Você não tem. Então, você tem que ter instrumento de briga. Como nós não podemos, não temos, nós temos que achar nossa arma. A campanha, eu acho que é uma arma, entendeu? E, antes que outros peguem essa arma, nós temos que assumir essa arma da campanha. Por que? Porque a campanha, ela pode trazer poder eh... de você transformar hospital, de você transformar... Agora, só que ela não pode ser descentralizadora. Essa é que marca porque a descentralização do hospital é uma... questão que você tem que estar perto de onde acontece o, o evento, não é? Se você foi atropelado aqui, quanto mais... perto você tem o, o, o atendimento, mais probabilidade, menos risco e mais probabilidade de cura. Então, ele forçosamente ele tem que ser descentralizado, não é? E, quanto mais possível aquela pessoa do município comandar o processo. E, comandar o processo, não é uma rotina hospitalar.

Quer dizer, isso é um erro das Escolas de Saúde Pública não colocar na cabeça desses administradores hospitalares que administração hospitalar não é ficar lá assinando papel, pôxa, entendeu? Esse é o grande erro das escolas, porque elas não ensinam o cara a administrar. E, hoje, você... em diversos países do mundo, eles foram procurar profissionais hospitalares que não eram, não sejam obrigatoriamente médicos de cortar barriga, porque você tira um excelente cirurgião às vezes, e bota numa administração, pra assinar papel. Então, ele não pode fazer o papel, o papel de envolvimento que o hospital tem que fazer na população, sabe? Porque o cara pensa que, não quanto mais gente... o cara é preparado para receber, quanto mais ele receber mais, ele ganha. Esse é o nosso, isso é o que se ensina nas Faculdades e nas Escolas, não é? Quando ele tinha que tirar gente do hospital e, para tirar dente ele tem que fazer um trabalho comunitário. Então, ele acha que fazendo um trabalho comunitário é só de saúde pública, é só

---

<sup>12</sup> Esta é a denominação da deusa indiana que representa naquela cultura o imaginário da doença.

um cara de saúde pública. Os caras de saúde pública tá lá na unidade sanitária que não tem poder, não tem nada. O povo já vê a questão de saúde dentro do Hospital, não é dentro de um Posto de Saúde. Posto de Saúde pra ele é pra vacinar no máximo. E vacinar ele não tem, ele não tem educação, ele não tem eh... estrutura de conscientização da questão de uma vacina...

### Fita 5 – Lado A

B - Ele tem essa consciência que o senhor está colocando? Essa consciência da vacinação? Ele vai vacinar, mas muitas vezes ele vai porque o colégio público só aceita criança se estiver com a carteira em dia.

C - Exatamente isso...

B - Mas, por isso, talvez...

C - É uma coisa formal, formalidade

B - Formal, formal, obrigatória...

C - Obrigatória, sabe?

B - Esquisita. Por isso que não dá pra botar a pólio, hoje, ainda, pensando aqui, nós estamos em 2001, não dá pra pensar o fim dos Dias Nacionais [de Vacinação]?

C - Não dá ainda.

B - Ainda?

C - Não dá ainda. Seria uma temeridade você tirar uma, uma...

L - Essa obrigatoriedade, não é?

C - Essa... é, essa questão, poderia ser muito mais oneroso para a população, se você eh... colocasse a vacinação dentro do Posto de Saúde. Porque o que viabilizou a, a va... a cobertura vacinal, que ela tinha que se... tinha que atingir, porque só atingindo esse, esse coeficiente de cobertura você conseguiria romper a transmissão da doença... aumentando os Postos de Saúde. Como você não tinha unidade física, você estendeu essa unidade física para a Escola. Quer dizer, a Escola passou a ser, por um determinado momento, o Posto de Saúde, na vacinação. É isso que esses burros não entendem, pô! Sabe? Quando você deu através da campanha a, a, a, o a arma que você... pra chegar à Escola, entendeu? É tão difícil o Posto chegar à escola, mas, num determinado momento, ele chega à escola. Você não aprendeu no, no curso de Saúde Pública que tem que trabalhar com a escola? Falaram lá. Agora, ninguém sabe qual o caminho. O caminho eles não te indicaram. Esse é o caminho! Então, você chegou à escola, então é o momento de você pegar, depois da vacinação, conversar com o professor e trazer o professor para dentro do Centro de Saúde. Uma vez o... começa o trabalho do Posto de Saúde. (tosse)

B - É verdade, não é?

C - É. Então, a campanha, ela tem este poder. Agora, os caras que... têm dentro de uma estratégia de guerra deles, de assumir o poder, então eles têm uma estra.. estra... estratégia fechada, porque isso seria uma arma muito mais poderosa, porque ele está trabalhando... a campanha, ela trabalha com a população, a rotina ela trabalha com uns gatos pingados, entendeu? Eu estou dizendo...

B - E quem quer enfrentar fila...

C - Uma vez eu encontrei, no aeroporto de São Paulo, eu vinha vindo pro Rio, ele sobe no coisa que ele ia para os Estados Unidos, a filha dele estava com câncer, ele... o, o, o... o Secretário de Saúde do Paraná. Ele falou: "Amaral, graças à varíola, eu fui o deputado mais votado do Paraná." Eu falei: "Pois é, eu tenho a satisfação de dizer que, através da campanha, através do trabalho que você fez, porque você foi o nosso garoto propaganda, nós acabamos com a varíola, que era o estado mais infectado de varíola."

B - Quem era esse?

L - Paraná?

B - O Álvaro?

C - Era o Arnaldo Buzato. O Arnaldo Buzato. Ele está nas fotografias que eu dei lá, Arnaldo Buzato. Ele já morreu, morreu de câncer, infelizmente. Um cara novo, que era uma esperança política do Paraná, era um cara... Ele dizia para mim assim... Eu cheguei lá, eu falei assim: "Como é que você quer a campanha aqui no estado? Você vai participar?" Ele falou: "Claro que eu vou participar." Ele falou: "Você vai vacinar primeiro no meu Município." Falei: "Nada disso, seu Município vai chegar na hora certa. E na hora que, perto da eleição pra você ter voto, cara. Você utiliza a campanha. Se você me dá poder, eu vou te dar poder também. Agora, você tem que vacinar na minha estratégia. Agora, se você começar a fazer política, eu não vou erradicar, nem erradicar e nem nada e vou embora do estado. Vou trabalhar em estado que me dê condições de trabalhar." Ele aceitou a estratégia, (tosse) ele falou... ele... ele me arrumou... ele me pagou metade dos vacinadores...

B - Pôxa!

L - Hum, que bom, né?

C - É, e metade da gasolina.

(Alguém entra e interrompe a conversa)

B - Ó, beleza! Obrigada!

L - Pode botar aqui.

C - Traz o cafezinho!

L - Obrigada!

C – E, e, e metade do combustível utilizado. É! E eu disse para ele assim: "Antes de você terminar o governo, nós vamos acabar com a varíola no estado." E nós acabamos a varíola em Cascavel. Nós botamos 40 mil pessoas lá em Cascavel, em 1970. Está lá as fotografias todas lá. Você pode ver. A montoeira de pessoas que têm na praça pública. Quer dizer, pô! Já tá vacinando em praça pública? Vacinando em praça pública. Em Guarapuava, tem umas fotos de Guarapuava, a população toda na praça, não é? Então, era lá que era a vacinação.

B – A gente tem... (interrupção da gravação) Pronto.

C – Olha, você só começa a crescer nas contradições. Então, o negócio é fácil, é balela, é horrível! Quando você encontra um chefe que, sabe? Que não tem jeito, não é? Por exemplo, eu tive, trabalhei com colegas, mas que, cara, nem fala! Então, é difícil você crescer, sabe? Eu dava marcha a ré toda vez que...

B - Em vez de botar a quarta, botava a ré. (risos)

C - Botava a ré, não é? Então, você... era horrível. E o Ministério tinha muito disso aí, porque os cargos eram importantes para as pessoas. E, quando eu fui para o Ministério, eu saí do, do, do estado do Rio de Janeiro e eu saí ainda com, eu saí com Pirro?, porque eu tinha aquele espírito ainda... Eu fechei muito banco de sangue aqui neste estado, é por causa da AIDS. Eu fechava hospital, entendeu? Eu não brincava em serviço não. Tanto na rede pública quanto na rede privada, não é? Tanto eu fechava um como o outro.

B - Isso, quando o senhor trabalhou no governo Brizola?

C - Quando eu trabalhei como Secretário no Brizola, que eh... eh... oh... nós começamos é... a organizar os postos de recolhimento de sangue aí, que era uma vergonha nesse estado. Então, quando a gente chega no Ministério e vê aquela... aquele negócio passivo, não é? É coisa horrível. Mas, eu chego no país, e chego no país depois de dez anos que eu estava longe.

B - Aí, estava em [19]80, chegando.

C - Chegando. Então, encontro muita gente nova... lá no Ministério. E gente que está querendo agora transferir toda a Epidemiologia do SESP do Rio de Janeiro, que não tinha ainda se transferido pra Brasília, (bocejo) o SESP estava no Rio de Janeiro ainda, havia uma oposição que... as pessoas moravam no Rio e esse grande número de pessoas que morava no Rio, o SESP era aqui, não queriam ir para Brasília. E conseguiram manter ainda o SESP muito tempo no Rio de Janeiro. O SESP foi pro, pro... pra Brasília lá pelos meados de 84, 85, não é? Uma época em que eu estava na Secretaria de Saúde. Mas, antes disso, nós empurramos dentro da Fundação SESP toda a estrutura e o planejamento pra campanha da erradicação da poliomielite. E, aí, foram feitas, então... recrutado pessoas... e como o Fernando Gomes era da Fundação, claro que ele chamou sespiano para organizar essa... e isso trouxe uma certa ciúmeira, sabe? Porque... tinha os sespianos quadrados e os não quadrados. Aqueles que defendiam maior ahn, ahn... participação externa dentro da Fundação SESP. Uma, porque o SESP fazia uma prestação de serviço nacional, que eram atribuições, sim, do Ministério da Saúde e que, por um determinado momento estavam no SESP porque tinha uma estrutura. Mas o SESP tinha obrigação de se estruturar ao nível nacional, o próprio Ministério da Saúde, não é? Repassar toda aquela

experiência grande da Fundação SESP para que o Ministério um dia pudesse tomar a frente e a sede ser em Brasília, pôxa!

B - Nem todos no SESP pensavam assim, não é?

C - Nem todos no SESP pensavam nisso. E o Aldo [Vilas Boas] já tinha se conscientizado disso, só que ele tinha uma linha dentro dessa repassagem que era devagar, não é? Devagar e sempre. Ele estava igual ao Geisel. Era devagar e, e... concreta, não é? (risos)

L - Lenta, gradual... a abertura, né? Lenta e gradual.

C - O SESP, enfim, iniciou a campanha nacional e foi um sucesso absoluto, sabe, porque ela foi muito bem estruturada. Então, se chamou... os técnicos, os epidemiologistas e, e eu fui ser um deles. Eu não queria ir para a cúpula, não. Eu falei: “Na cúpula deixa o [João Baptista] Risi [Júnior], eu quero ir no campo.” E fui ser um dos epidemiologistas de campo. E, por sugestões nossa, cada epidemiologista deveria, obrigatoriamente, forçosamente, sair, agora, como educador, porque educação, pelo menos aquelas que estiveram conosco dentro da campanha da varíola, foram a, a grande chave do, do...

B - Do sucesso.

C - Do sucesso da erradicação da varíola. Então, foram recrutadas educadoras do Brasil todo que vieram e, e que tiveram compromisso com a campanha de erradicação da pólio. Então, foi formado, o que foi famoso nessa campanha da erradicação e que era sempre motivos de, de quem fazia oposição, de chacota, o epidemiologista educador... não é? Então, nós, cada estado ou estado, o Brasil foi dividido em 27 estados e para tantas equipes de epidemiologistas educadoras. Eu fui... destacado para o Amazonas, estruturar o Amazonas, o Pará e o Amapá. Eu peguei logo o doce de coco, porque as pessoas, alguns queriam ir para São Paulo. Eu não, eu queria mesmo ir pro difícil.

L - Ir pro meio do mato, não é? (risos) Uma área bem problemática.

C - Olha, estruturar num dia só...

L - Não deve ser fácil.

C - ...campanha da pólio num país desse! E, ainda, além do Amapá, Roraima. E Roraima, a gente chegou à conclusão que tinha lugares que não dava nem pra descer aviãozinho. Você tinha que fazer um, um...

B - Um vazante e pular.

C - ...um vazante de, de... pra... jogar a vacina... pra deixar a vacina, porque o vacinador tinha que chegar a pé, né? Eu já tinha vivido essa experiência em diversos Estados, porque, pra levar a vacina de varíola, às vezes, precisava de burro, de mula e a vacina da varíola era mais fácil.

B - Ela tinha uma conservação muito melhor do que a da pólio.

C - Ela tinha uma conservação ótima! Você não precisava de toda aquela, aquela parafernália, aquela logística que você tinha que armar para a vacina da pólio que tinha que ir conservada num determinado frio.

B - Essa rede de frio da varíola, da pólio ela, ela dificulta.

C - É, da pólio. E você teve que amarrar uma estrutura de, de, de armazenamento da pólio que não precisou na varíola. Quer dizer que... nós fizemos, armamos uma estratégia que tinha que ter até isso, que na varíola não havia necessidade, né? Então, o momento da pólio não era aquele da varíola, né? Porque da varíola você tinha que ter um, um... um montante de raciocínio muito, muito menor do que foi da poliomielite. Porque a pólio foi muito mais complexa. Embora você já tivesse uma experiência, você já não ia mais na cega como na varíola, mas você tinha uma complexidade maior que você pode vencer graças às experiências da pólio.

Então, então fui articular junto com a Rosa Pimon que foi uma educadora de São Paulo, professora da USP, e que tinha uma energia fora de série. A Rosa, eu quero fazer uma homenagem, ela morreu num acidente, mas eu quero prestar uma homenagem. Ela era uma brigona, eu briguei 200 vezes com a Rosa... (risos) e algumas vezes ficamos até de mal, sabe? Por que? Porque ela era briguenta. Era uma mulher de valor mesmo, sabe? Ela, (interrupção da gravação) a Rosa Pimon foi me colocar no meu lugar.

L - Como é que é isso, Dr. Cláudio?

C - Quando um cara vem de fora, é conhecido nacionalmente como eu já era, por causa da varíola, já tinha, conhecia o Amazonas, por que? Porque era um cara que distribuía dinheiro para os laboratórios, um cara que era conhecido nacionalmente, fui raptado lá fora, saiu em toda a imprensa.

B - Saiu no jornal...

C - Então, era um cara já que era reconhecido, já era respeitado...

B - Já tinha erradicado uma...

C - Já era criticado também, entendeu? Então, eu era uma pessoa conhecida. Então, a Rosa, ela teve um grande mérito, eu acho que um mérito mesmo dela me... ter a capacidade de dizer: "Esse bestinha que veio da OPAS lá." E ela era uma desconhecida, sabe? Então, eu, eu, eu... quando ela, ela queria se apresentar, ela era professora da USP. Então, ela estava com um monstro, eram dois monstros lá na, na, na área, sabe? Uma era professora da USP, o nome da USP também era igual a OMS no Brasil, não é? Você, quando fala que ele é mestre da USP, é outra coisa. Então, vai dois... dois, dois gigantes, sabe? O cara da Organização Mundial de Saúde, "O Cláudio Amaral vem aí!" tará, tatatara... Eu sentia isso aí, sabe? E... e comecei a perceber que ela ficava em segundo plano. Eu era convidado para ir jantar com o Governador, não é? Já conhecia o Governador, que tinha sido Secretário de Saúde, já conhecia o Secretário de Saúde, era meu amigo, sabe? Ia para o Ministério, pedia dinheiro pra laboratório, eu dava dinheiro e tal, essas coisas. Isso aí é poder, sabe? Então, ela, a Rosa, um dia ela me chamou e falou assim: "Olha, Cláudio, trabalhar com você não é mole não." Mas ela também tinha esse espírito, sabe? Ela era

ela era... ela era uma educadora. Essas educadoras de São Paulo não é brincadeira também, não. Elas se faziam, queriam respeito dentro do... mas era respeito profissional, não era outra coisa, sabe? Então elas se impunham se impunham pelo conhecimento. (tosse)

E eu me identificava também, a... a... apesar dessa, dessas nossas contradições de, de, de... de liderança, de coisa, não é? De coisa... que era gozadíssimo isso aí, né? Dois cabras reconhecidos, dois caras já respeitados, não é? Eh... dois caras já, eh... já comprovadamente, tecnicamente comprovados, não é? 100 por cento, discutia tudo já naquela hora, não é? Depois dessa experiência toda, você já discutia DPT, sarampo, você discutia tudo, você já estava dono da situação, dono do... você já estava conhecedor de tudo aquilo, não é? Você já tinha passado por fatos vitais, você já sabia quantas pessoas morriam nesse país. E, quando você chegava no campo, via aquele coitadinho, cara. Por isso que é importante o nosso Boletim, sabe, porque ele leva, no mínimo, conhecimento do campo, não é? Aquilo, aqueles, aquele nosso técnico lá do campo, coitado, fica todo desamparado, não é? Então, chega um cara, um cabra lá que passou pela Organização, pô! Isso treme a base, pô! Isso aí, isso aí é uma coisa horrível, cara, se o cara não tem conhecimento... Por isso que, quando eu pegava o Brito Bastos, que era um cara que... (pigarro) não era mole, e que era uma promoção danada, não é? Eu ficava com pena, porque arrasava qualquer técnico do nível local. Então, chegavam... então, nós temos que ter e isso foi uma coisa que a Campanha, acho que fez muito a Campanha de pólio, era a valorização do nível local. Nós não deixamos, não é? Essa foi uma campanha... a varíola foi a última e nós dissemos que seria mesmo a última, porque campanha... sim, era uma questão de guerra, tinha que ter um general. Mas, basicamente, quem ia vacinar era o campo. Não era o nível nacional que descia para o vacinador e ia vacinar era a escola que ia vacinar. Isso aí foi uma coisa aprendida da varíola, porque, se não tivesse tido a varíola, estaria ainda aquela estrutura da SUCAM com os vacinadores de nível nacional, vacinando nível local. Eu acho que essa foi a grande lição das campanhas.

B - E a pólio já foi nesse estilo?

C - E a pólio já foi nesse estilo, sabe? Todas as campanhas que nós fizemos foram em cima disso aí. A varíola foi a última que nós aceitamos ser uma interferência nacional para ir até o nível de Município. Porque você pode armar uma estratégia de guerra, sem ser descentralizadora você... e ser descentralizadora ao mesmo tempo, sabe? Ter um comando nacional, mas ter um comando municipal, tá? Todo o planejamento da pólio ela não teve... ela teve uma linha, mas ela teve, basicamente, uma estrutura e um planejamento local.

B - E para esse planejamento local e esse planejamento maior que o senhor está colocando, como é que foi a questão, de novo voltando à questão assim que a gente fica pensando da Saúde Pública como questão, viabilizar isso?

C - A estrutura da pólio...

B - Vacina...

C - Pois é.

B - Recurso...

C – Houve primeiro...

B – Entidades privadas...

C – ...uma organização a nível, a nível, a nível... de Ministério, não é? De Ministério, do SESP que treinou pessoas para isso. Já havia uma linha de vigilância epidemiológica da pólio e esses vigilantes da pólio se tornaram os... os coordenadores estaduais, porque cada estado tinha um coordenador de vigilância já da pólio. Eles, naquele momento, eles iam ser, também, os coordenadores estaduais. A, a, o SESP pode fazer isso, porque o SESP tinha escritório em cada estado. Então, não foi difícil. E eram elementos do Ministério, isso aí cruzou.

Outra coisa foi o armazenamento de vacina, porque vacina você ia... (alguém entra na sala)

N – O almoço tá servido. Vocês não vão almoçar com a gente?

B – Oh, querida! Não, obrigada.

C – Vão. Elas vão almoçar... (interrupção da gravação)

B – Mas é só falar dessa organização e fecha.

C – Mas tem muita coisa a mais dentro da pólio...

L – Não, fecha hoje.

B – Não, mas a gente volta terça. (risos)

C – Aí, eu considero a mobilização da pólio para o treinamento, para organização, igual do, ao da eleição. Não houve nesse país uma mobilização tamanha, nem na época da varíola, como nós organizamos para a poliomielite. Por que? (tosse) Se na varíola você usou um grupo nacional que ia até o Município, não é? Você se organizou em termos nacionais. Aqui não. Você tinha que se organizar em termos nacionais, estaduais e municipais.

B - Por isso que lembra tanto a eleição, não é? Lembra tanto o processo eleitoral.

C - O processo eleitoral. E, você, então...

B - A vacina. Como é que era essa coisa do armazenamento da vacina?

C - Outra coisa, nós tínhamos que primeiro arrumar uma vacina de acordo com o que foi estabelecido pela Vigilância Epidemiológica. Qual era o tipo de poliomielite que a gente encontrava... E qual a estratégia, porque a estratégia é que a gente, dado o repasse pelo [Albert] Sabin, e que, se a gente pegasse oh... as crianças até cinco anos, era o maior número... não que não houvesse suscetível acima de cinco anos, (tosse) mas era um percentual muito pequeno. Se a gente pegasse (tosse) pegasse até os cinco, (tosse) nós atingiríamos (tosse) três níveis acima (tosse) nós atingiríamos uma cobertura suficiente para romper a cadeia de transmissão. E os demais seriam, seriam vacinados através de tabela, porque se acredita, isso não é um mito não, o [Albert] Sabin explicou isso, que a, a, a grande... o, o vírus vacinal é vírus que entra no esgoto

e as pessoas acabam... sendo vacinadas por tabela. Como? O sujeito, a criança se suja, se lambuza e acaba se, se...

B – Esse poder de sair pelo intestino é... rico, não é?

C – É rico.

B – Da oral?

C – Da oral.

B – Que ela é atenuada, da outra não...

C – Da outra não. (tosse) Então, você ia vacinar por tabela as outras pessoas. E, assim então, foi feita uma negociação, que isso foi conduzida pela área administrativa do Ministério, com a Smith-Kline, que foi a empresa que apresentou aquilo que a gente queria, era o tubinho plástico, que a professora pudesse dar a gota, ser gotejante e com percentual de, de tipos de cep... de, de, de... de vírus vacinal competentes para você romper a cadeia de transmissão do tipo 1, 2 e 3.

B – 1, 2 e 3, né? Aí tinha que ver a proporção necessária.

C - A proporção necessária. Porque a proporção, o vírus mais atuante no Brasil, que era o 1 e o 3, não é? E o 2 foi em determinada época, depois voltou o 2. Então, isso aí era dado pela vigilância epidemiológica.

B - E pela virologia também?

C - E pela virologia, estava aí o Hermann [Schatzmayr] que é outro cara que vocês têm que ir.

B - Está na lista.

C – O Hermann. Então este cara, esses dois caras são importantes. A escola só entrou, quando eu me tornei Diretor Nacional da Epidemiologia. Aí, eu assumo todas as campanhas. Aí, o Fernando Gomes... aí inicia a campanha, eu vou... São Paulo é contra a campanha. São Paulo parte, a Escola de Saúde Pública de São Paulo parte, mas é uma questão política, porque o Ministro era gaúcho. Então, aquela confusão entre São Paulo e Rio Grande do Sul, mas, quando São Paulo que estava na reunião, houve uma reunião nacional para os Estados apresentarem o plano estadual. Veja bem como ela foi feita.

B - Como mudou, não é?

C - Como muda, agora, a questão. O estado do Amazonas teve aqui presente com alguns municípios do estado representando e expõe a... o planejamento do Amazonas. Quando São Paulo vê o planejamento do Amazonas, diz: “Ah! Se, se...” Porque São Paulo achava inviável a estratégia da varíola... a estratégia da poliomielite. Como você ia montar, botar todo esse pessoal para trabalhar num dia de vacinação? Eles queriam continuar com aquela vacinação lenta, quer

dizer, num dia vacinar nos Postos existentes. O Brasil tem, mais ou menos, 28 a 30 mil Postos de Saúde. Na época, no dia da campanha, tem 100 mil Postos...

L – Nossa! (sussurrando)

C – Você sabia disso?

B – Não, desse número não.

C – Tem cem mil Postos é... são organizados no dia da vacina.

B – Eu pensei que dobrasse, mas triplica.

C – Não, triplica, ih! Triplica.

B – Quadruplica.

C – Então, você... o que existe? Então, houve aí... é... São Paulo recuou e passou a apoiar. A partir desse momento da reunião nacional...

B - Virou nacional.

C - Virou nacional. São Paulo passou a estruturar e apoiar a campanha... Eu fiquei muito feliz, porque eu tinha estruturado o estado do Amazonas, o estado do Pará, o Amapá (tosse) e o Rondônia.

B - Espírito Santo também.

C - É, depois eu fui para o Espírito Santo. Não deu certo as, as, o planejamento do Espírito Santo e alguns Estados. Então, eu fui com o Pirajá para o Espírito Santo e armei também um esquema junto com o Pirajá... fui eu, o Pirajá e mais uma educadora... não me lembro. Acho que foi uma educadora. Então, ela, ela... nós armamos também a estratégia do estado.

B - Mas o que deixou o senhor feliz que o senhor falou dessa reunião de ver?

C - Do Amapá, porque o Amazonas deu um *show* em nível nacional, sabe? Ele deu um *show* que ninguém pode mais ter dúvida dessa campanha.

B - Porque era viável.

C - Porque, se São Paulo, se o Amazonas, não é? Chega com aquele espírito que eles vão fazer a campanha e já está tudo pronto, pô! Não teve estado que não fizesse a campanha. Então, estrategicamente, a nossa ida para o Amazonas ela, ela foi, ela foi... importante.

B - Deu frutos, não é? Foi benéfica.

C - Ela deu frutos. Deu frutos, porque não houve estado que não apoiasse a campanha. Então, o Brasil assumiu a erradicação da pólio e assumiu bem, porque foi um sucesso a campanha. O

SESP, então, foi lá para as alturas, cresceu e, aí, ficou a questão de mais ciúmes, o Ministério e, principalmente, o Mozart [de Abreu e Lima], o Mozart que era o Secretário Geral, que começou a bater no ouvido do [Waldyr] Arcoverde: “Arará... Tinha que ir... Puxa!” ... Então, nessa altura, o Fernando Gomes se monta aqui com a equipe dele contra a ida do, do, do...

B - Do SESP pra Brasília.

C - Do SESP pra Brasília. Como eu não sou, eu posso ter até uma... reconhecer que é o Ministério, mas eu não sou um traidor, eu sou um cara de instituição, eu não podia ser outra coisa, passei também a apoiar, eu falei: "O Ministério tem que ir, mas tem que ir devagar, porque o Ministério não está estruturado para isso." Então, tinha que ir lá. Então, o que é que o Aldo [Vilas Boas] fez? O Aldo, o Ministro começa a brigar com o Aldo. O Aldo como é macacão velho, não é? (risos)

B - Brigou com Recife inteira, governador nenhum aguentava ele.

C - Pois é, e o que aconteceu? O Aldo era o único chefe de instituição que dizia não à general, porque ele veio, ele veio da Tuberculose. Ele veio, ele sabia, ele foi coronel. Então, ele sabia, maceteava esse povo e nenhum general conseguiu entrar no SESP. O SESP era tão poderoso nessa época, que acabou sendo... botando ciúme para todo mundo. Porque era a instituição que mais tinha recursos, que melhor pagava o funcionário e se espalhava em todo lugar. Era um serviço de saúde estatal que trabalhava. O resto era o serviço estatal que não tinha poder. Então, não tinha como trabalhar, né? O SESP se tivesse sido utilizado para fazer o serviço de prestação de serviço, se o [Sérgio] Arouca tivesse pensado duas vezes, é que não tinha inteligência para isso, mas, se ele tivesse prestado uma atenção nisso, ele tinha utilizado um sistema estatal para implantar o sistema público no país todo e não seria essa mixórdia do SESP. Quer dizer, ele teria descentralizado com um esforço muito menor e com sucesso. Houve aquele trabalho de SUS que não está dando resultado até hoje. Você chega no estado, a primeira que o governador fala é mandar pau no SUS. Por que? Porque não tem como implantar. E, se ele tivesse... por que? Acabaram com... com o INAMPS sob a justificativa que era, tinha corrupção. Para corrupto tem cadeia, pô! Não é? Então, acabaram com isso. Acabaram com todas as instituições de experiência nacional. Fundiram o SESP com a SUCAM e, e, e não utilizaram toda aquela formação de, de, de treinamento, de...

B - Que ambas tinham.

C - Que todo mundo tinha ali.

B - Ambas, não é? Porque a SUCAM saiu do que? Dos Serviços Nacionais, não é?

C - Pois é. Você já pensou se essa estrutura do SESP fosse utilizada para treinar pessoal do Município para ser descentralizado, como não estaria esse SUS hoje? Não! Acabaram com tudo. Quer dizer, quem tinha não tem memória de nada, quem tinha cabeça morreu. Não pegaram a cabeça desses caras para deixar a experiência para o Município e o SUS está se acabando. É isso que dá. Bom...

B - Vamos fechar com o SUS hoje?

C - O SESP... está gravando isso?

B - Está.

C - O SESP, então, a briga era intensa entre Fernando [Gomes] e [João Baptista] Risi [Júnior], porque o Risi, embora sespiano, assumiu a atitude do Ministério. Queria agora tudo para ele lá no Ministério. Então, o que acontecia? O Risi... o Aldo não ia brigar com o Risi. Então, o que aconteceu? Entraram em acordo e as coisas seriam colocadas para o Ministério. Como o Fernando estava brigando agora com o Ministro e que não queria que nenhum programa fosse para Brasília, o Aldo mandou o Fernando fazer o curso superior de Guerra e botou o Cláudio Amaral que era do diálogo, sentava, no mínimo, sentava na mesa.

### Fita 5 – Lado B

C – ...do Risi e que sa... conhecia bem o Risi e sabia negociar, foi o responsável que o Aldo botou lá na chefia da Epidemiologia para transferir toda a Epidemiologia do SESP Nacional, não do SESP da Epidemiologia local, né? Do SESP, mas nacional para o Ministério da Saúde. Fui eu que negocieei com o Ministério da Saúde lá. E uma das coisas, eu tinha que... negociar era com o Secretário Nacional de Ações Básicas, era Risi. Então, eram dois sespianos, dois sespianos sentados e, aí, eu negocieei... E fui ser o Coordenador Nacional. Eu coordenava nacionalmente. Mas, antes de... de passar todos os programas para o Ministério, exceto a raiva que eu não concordei, porque ela estava em estruturação e eu queria fazer um dia nacional pros cães também e que deu certo.

L – E que está aí até hoje.

C - E que deu certo. Então, fomos nós que bolamos dentro do SESP a vacinação, acabou com todos os casos de raiva canina no Rio de Janeiro. Havia 25 casos de raiva humana, não canina. Humana, no Rio de Janeiro, por ano. Foi a zero com a vacinação em massa de cães, não é? Hoje o Brasil tem 25 casos de raiva humana e, se tivesse feito um trabalho como nós fizemos inicialmente aqui, teria acabado. É que essa campanha foi pro Rio, foi pra Brasília, e acabou sendo malarizada, né? Quando a gente quer... eh... entrar na rotina, a gente...

B - Só na malária, faz o exemplo malária.

C - Só na malária. (risos) a exemplo da malária... Então, o que aconteceu? Aconteceu que a gente passou pro Ministério da Saúde aos poucos, eu fui liderar essa campanha nacionalmente da pólio e comecei indo muito a Brasília e acabei assumindo cargos lá em Brasília, principalmente a coordenação da pólio, e acabei sendo o coordenador nacional da pólio. E, aí, eu fiquei três anos coordenando essa campanha aí. Estruturando o Brasil todo e... cada vez aumentando a vacinação, não é? E... e, enfim, estruturando aí os armazenamentos de vacina, dando treinamento aos estados, não é? Eu acho que a gente deu um *push* com a campanha da pólio, estruturando os estados a nível de epidemiologia e vigilância epidemiológica através dos cursos. Pra isso, antes de passar, eu chamei a Escola Nacional de Saúde Pública. Aí, recebi três pessoas: Eduardo Maranhão, o [Fernando] Laender e...

B – [José Fernando] Verani.

L – Verani.

C – Não, o Verani chegou depois.

B – O Guido Palmeira, também, né?

C – Não, o... a ... essa menina que vocês vão, vão ... essa menina do Rio Grande do Sul que vai estar em férias.

L – Ah, a [Maria] Cristina [Pedreira]!

B – Cristina!

C – Cristina, a Cristina Pedreira que veio de Goiás, a Cristina Pedreira. Então, os três, a Cristina já era amiga do Eduardo [Maranhão], já estava na Escola, vieram os três. Então, pela primeira vez, o pessoal da Fundação SESP viu nos seus corredores o pessoal do SESP e o Eduardo reconhece...

B – O pessoal da Escola.

C – Da Escola, porque jamais o pessoal da escola tinha ido ao SESP, nem para visitar. E, pela primeira vez, estavam lá sentados juntos a discutindo os níveis nacionais. E... levei-os para Brasília, introduzi ao Risi e, aí, armamos junto com a Escola os cursos de poliomielite que foram começados a dar em nível nacional e nível estadual. Foram feitos os documentos, os livros de orientação...

B - É, e todos os manuais, né?

C - Os manuais do curso de poliomielite que depois foram estendidos pra vigilância epidemiológica.

B - Perfeito.

**19 07 2001**

### **Fita 6 - Lado A**

L – Seis, né? Projeto A História da poliomielite e da sua erradicação no Brasil. Entrevista com doutor Cláudio do Amaral Júnior, fita número seis, hoje é dia 19 de julho. Nossa terceira entrevista.

B – E, aí, doutor Cláudio, prosseguindo, a gente tinha terminado o último encontro, e a gente hoje só vai fazer esse papo sobre a Escola de Saúde Pública e sobre a sua chefia na

Epidemiologia em geral. O senhor está chegando na década de 80, não é? Então é o momento que o senhor está chefe da Epidemiologia que a gente queria que o senhor conversasse um pouquinho sobre isso,

**C** – Pois é...

**B** – Sobre esse momento.

**C** – Quando eu chego na Epidemiologia, o Dr. Fernando Gomes foi fazer o curso de ... curso de... de guerra, não é? Eu fui para a Epidemiologia e entendi que a Epidemiologia do SESP tinha que abrir aquilo, não é? Era um grupo... como a Fundação SESP é... sempre... utilizou seus próprios quadros e forneceu seus quadros a nível nacional e ao nível de estado, é porque ela tinha e tem uma estrutura nacional, não é? A nível de Município, Estado, Federal, ela, ela jamais é... utilizou ou utilizava pessoas de outras instituições. Eu entendi que aquele momento era um momento importante, porque Brasília, naquele momento, lutava para que os programas e suas chefias fossem para Brasília. E, basicamente, o chefe retinha, concentrava... esses programas no Rio de Janeiro. Enquanto essa discussão... era colocada, eu implementei, eu abri... a Epidemiologia do SESP, que era a Epidemiologia Nacional, e uma das primeiras pessoas que eu convidei foi Eduardo Maranhão. Foi o Laender, Fernando Laender e foi a Cristina...

**L** - Pedreira.

**C** - Pedreira. Os três me lembro que chegaram lá em 1980 e pouco na Fundação SESP, nós sentamos em uma mesa e, nesse momento, é... a Escola começou a participar mais intensamente. Até já avançamos... porque já não havia aquela questão é... dos... técnicos da... da Escola, como que eles viajariam. Todos viajavam pelo SESP, com estrutura, com recursos, com diárias do SESP e, às vezes, até pela Escola. Mas, basicamente, como eles vinham dar assessoria... como eles vinham somar com a gente, eles passaram a participar a nível nacional e gozar da estrutura administrativa da própria Fundação SESP. Eu acho que isso aí foi... enriqueceu. Eu acho que a gente caminhou, fortaleceu a campanha nacional de Pólio que passou a ter coberturas altíssimas, de 95% de cobertura nos Dias Nacionais. Nós transformamos a vacinação de cães: o Rio apresentava 16, 17 casos de raiva canina humana, raiva humana por ano! E, e partimos para uma vacinação em massa de cães. Foi a coisa mais interessante, porque... era cães em fila... gatos, cães, não é? Então, todo mundo estava temeroso da gente, não é? O próprio Ministério não quis se envolver, não é? E só se envolveu à medida que eles viram que aquilo deu resultado.

**B** - Esperou pelo sucesso... **(ininteligível)**

**C** - Exatamente. É a mesma coisa como fez a OPAS. A OPAS esperou o sucesso do Brasil para pegar o bonde andando, não é? Então, aquilo ia bem. Surgia aí uma nova doença, não é? O velhinho Oswaldo da Silva, não é, - sempre os velhinhos -. Ele tomava conta do *Boletim Epidemiológico*. Um dia ele me chamou, com aquele ar de pai com os jovens que era ... a maneira dele lidar com, com os mais jovens, não é? Ele, ele parálítico, mas ele construía aquele boletim epidemiológico semanal da Fundação SESP, não é? De epidemiologia. Ele disse para mim aqui: "Senta aqui que eu quero que você leia o negócio do MMWA"<sup>13</sup>. É... o boletim do

<sup>13</sup> Referência à publicação do CDC *Morbidity and Mortality Weekly Report*. Ver site [www.dcd.gov/mmwr](http://www.dcd.gov/mmwr).

CDC, de mortalidade, morbidade, óbitos e os fatos vitais dos Estados Unidos. E ele me mostrou uma doença que estava surgindo. Ele falou: "Toma cuidado com essa doença." Então, eu vi pela primeira vez e pela primeira vez se publicava no boletim do...

**B** – Do CDC.

**C** – Do CDC, sobre essa síndrome que ficou conhecida rapidamente, não é? E já dava ali os grupos de risco...

**B** – Aí já era a síndrome da AIDS, hoje tida como síndrome da AIDS.

**C** – Era a AIDS, só que ela não tinha ainda descoberto a causa dessa síndrome, não é? Não tinha ainda determinado se era um vírus ou o que que era ainda. Então, ele disse assim para mim: "É bom você ver essa doença, não é?" E, quando eu fiz, logo em seguida eu telefonei para o... CDC e falei com um colega que eu tinha trabalhado na Índia na varíola.<sup>14</sup> E ele era o chefe ... do laboratório de AIDS do CDC já nessa época. E ele me atendeu no telefone e eu falei: "Que doença é essa, companheiro, que vocês têm aí agora nova?" Ele falou: "Ah! Você precisa vir aqui! Você é epidemiologista." Eu falei: "E as passagens?" E ele falou: "Eu te mando a passagem." E eu acabei indo para os Estados Unidos logo em seguida. Quando eu cheguei no CDC, ele me colocou com Sandra Ford.

**B** – Sandra?

**C** – Sandra Ford. Dra. Sandra Ford. A Sandra Ford... era uma epidemiologista do CDC, localizada na cidade de Nova York. Então, cada Estado tem um médico, um epidemiologista que representa o CDC, que é uma instituição nacional, ligada à Secretaria de Saúde do Governo Americano. E o CDC é a instituição *top* nacional de Epidemiologia, não é? Então, essa representante, essa médica epidemiologista, ... ele me mandou para Nova York para eu conversar com a Sandra Ford e olhar como ela, ela viu essa doença pela primeira vez. Então, chegando a Nova York, eu fui apresentado a Sandra Ford no *New York Blood Center*, no Centro... de Sangue da Cidade de Nova York, que é uma instituição reconhecida internacionalmente, não é? E que já tinha suas preocupações, porque um desses meios de contaminar com AIDS é o sangue. Basicamente, fundamentalmente é sangue com sangue, não é? Então, a Sandra Ford estava começando os primeiros estudos e ela foi a técnica que me repassou as primeiras informações de AIDS. Eu acredito que fui eu que trouxe, porque eu voltei para o CDC e fui para Bethesda, fui para o Instituto Nacional de Saúde e lá fui recebido por um grupo, naquela época a AIDS estava na mão de um grupo de pessoas é... que estudavam alergia, dentro do Instituto Nacional de Saúde dos Estados Unidos, e se atrelava, se acreditava que a síndrome era uma questão de reação, reação alérgica, não é? Então, esses imunologistas, esses alergistas estavam profundamente dedicados a isso aí. Existia um brasileiro lá no... contaminado, que era o costureiro...

**L** – Costureiro Markito<sup>15</sup>.

---

<sup>14</sup> Neste momento, o cachorro do entrevistado latiu, interferindo na qualidade da gravação.

<sup>15</sup> Estilista mineiro Marcus Vinícius Resende Gonçalves, Markito, faleceu em 04/07/1983.

**C** – O Markito.

**L** – Um paulista<sup>16</sup>, não é? Eu me lembro que ele foi uma das primeiras pessoas que...

**C** – Então, ele tinha acabado... quando eu cheguei, ele tinha acabado de falecer...

**L** – De falecer, é?

**C** – ...lá no Instituto de Saúde dos Estados Unidos e eu trouxe os primeiros *slides*... dessa doença para o Brasil, não é? E comecei, cheguei aqui, comecei a armar junto com São Paulo que também estruturava e constituímos a primeira comissão de controle de AIDS no Estado do Rio de Janeiro.

**B** – Então, seria a Fundação SESP e São Paulo juntos? Ou o senhor já não estava nesse momento falando pela Fundação?

**C** - Não, eu, a gente construiu, aí nesse momento, já tinha passado é... para a Secretaria de Saúde.

**B** - Ah, tá! O senhor já estava trabalhando com o doutor Brizola.

**C** - Nesse momento, nós já tínhamos acabado a estruturação nacional da Pólio e a Pólio foi para Brasília, a Coordenação Nacional, junto com uns outros programas que eram de coordenação nacional, ligados à epidemiologia do SESP. Então, antes de ir para a Secretaria de Saúde, de eu sair novamente da Fundação SESP e ser, e ser cedido a outra instituição, eu acabei sendo responsável, chamado pelo Presidente da Fundação para levar esses programas para Brasília e a negociação foi feita. O único programa que ficou ainda na Fundação SESP foi o da raiva. Por que? Porque a raiva ainda não estava consolidada. Então, eu cheguei lá no Ministério com o ministro, repassamos todos os programas, e, lá, já formamos pessoas para assumir logo essas, essas, essas coordenações nacionais. E ela passou... inicialmente com o próprio pessoal do SESP, e, depois, com o pessoal próprio do Ministério da Saúde que foi, paulatinamente, agregando essas coordenações ao nível nacional. Então, eu, eu acabei sendo o responsável, o técnico responsável para...

**B** - E, nesse momento, o Ministério da Saúde estava ainda com o Waldir Arcoverde?

**C** - Nesse momento ainda era o Waldir Arcoverde, o Ministro.

**B** - Ele ficou desde quando mais ou menos?

---

<sup>16</sup> A entrevistadora cita o lugar da residência do estilista mineiro.

**C** - Ele entra com, no Figueiredo, no governo Figueiredo, não é? Foi trazido pela, pelo ministro da Previdência Social, que era o gaúcho, o que era o Ministro da Previdência Social e que foi Secretário de Saúde do Rio Grande do Sul na época da varíola. Foi chamado pelo Figueiredo para ser...

**B** - O Arnaldo.

**C** - Não, era o Jair [de Oliveira Soares]. Então, o Jair foi chamado para o Ministério da Previdência Social e levou o Waldir Arcoverde, que era seu secretário de planejamento para ser o ministro da Saúde.

**B** - Na Fundação SESP era o Dr. Aldo ainda?

**C** - E, aí, o Arcoverde levou o grupo de Epidemiologia do Rio Grande do Sul para o Ministério da Saúde.

**B** - E, lá, no SESP, Dr. Aldo ainda, não é? Que o Dr. Aldo ficou até 85, não é?

**C** - E ficou no SESP ainda o Dr. Aldo Villas Boas. ... Eu saio do SESP, nesse momento, a convite do Eduardo Costa que foi Secretário de Saúde...

**B** - Esse convite do Eduardo veio... 198...

**C** - Veio em 1983, é. E vou para a Secretaria de Saúde logo em seguida, não é?

**L** - Do Estado do Rio, não é? É, foi em 83 (**inaudível**)

**C** - Do Estado do Rio, sem que isso possa interromper umas assessorias que eu fazia para os países sul-americanos na área de pólio, né? Cursos de pólio na Argentina, na Colômbia, no Peru, na Bolívia, no Chile, não é? Eu andei percorrendo esses países, Costa Rica, para assessorar esses países, estruturar a rede de frio, também, não é? Com recursos da própria OPAS para que esses países também pudessem se estruturar e dar combate a poliomielite. E mais tarde entrou... o nosso amigo [Eduardo] Maranhão, entrou o Fernando Laender e o... [José] Verani, que passou a ser até o embaixador do Rotary Club, percorrendo não só os países da América, mas do mundo todo.

**B** - Ah, essa é boa. (**risos**) Aliás, o papel do Rotary é qualquer coisa, não é? É impressionante, o Rotary se espalha nas frentes as mais diversas.

**C** - Mas eu acho que foi rico. Quando eu assumi a Epidemiologia no Estado do Rio de Janeiro, eu entrei para valer, eu estava com muita sede de estruturar a Epidemiologia do Rio de Janeiro. Pela primeira vez, eu peguei uma coisa pequena, que eu achei que era pequena. Eu disse assim? "Aqui nós vamos fazer igual a Paraíba que teve uma oportunidade há 10 anos atrás de montar uma Epidemiologia boa e o Rio Grande do Sul que eram os dois Estados, um no Norte e um no Sul e que tinham uma boa Epidemiologia."

**B** - A Paraíba e...

**C - A Paraíba.**

**B - O Norte chegou depois que o senhor fez aquela experiência lá no Norte, eles chegaram a ter uma Epidemiologia razoável.**

**C - É, e, depois, na verdade, quando nós chegamos, saímos da Secretaria de Saúde e fomos para o Ministério, nós começamos uma mobilização nacional de formação de quadros. Estava já no Ministério, o Maranhão, a Escola [Nacional] de Saúde Pública. Porque, na verdade, o [João Baptista] Risi passou a repetir o nosso trabalho dentro do SESP, não é? Nós abrimos para a Escola de Saúde Pública, o próprio Ministério da Saúde, porque a Escola, a Escola se enquistava. A Escola, ela trabalhava dentro da Escola. Eu acho que teve um grupo lá e uma pessoa que é o Maranhão, o Fernando Laender, que tiveram um papel muito importante na Escola de Saúde Pública, porque passaram a frequentar as instituições. E, às vezes até, nem serem convidados, porque eles já começaram a abrir portas para a própria Escola de Saúde Pública. Porque como o SESP também era enquistado, a Escola também se enquistava. A Escola, ela se protegia, era a maneira, porque... existiam correntes que eram favoráveis que a Escola saísse do, do Instituto Oswaldo Cruz e escola era escola, e era uma Escola de alto nível, e o lugar dela teria que ser na Universidade, lá no Fundão e não no Instituto de, de...**

**L - De Manguinhos.**

**C - De Manguinhos, não é? Porque o Instituto de Manguinhos era um instituto de pesquisa, era um instituto de prestação de serviço.**

**B - Como se ficasse tão separada pesquisa, ensino, produção, esse tripé...**

**C - Então, eles achavam que era isso aí. É a maneira de você modificar sem importar, de querer fazer alguma coisa ... é... foi o exemplo do próprio INAMPS que tinha uma riqueza fora de série e, com a justificativa que tinha muito roubo, acabaram com... o que era corrupção, mas acabaram também o que era bom. Toda a história do INAMPS, não tem hoje nenhuma instituição nacional, nenhuma memória do INAMPS, sabe? Isso é lamentável! Porque você... toda aquela riqueza do INAMPS... porque lugar de ladrão é na cadeia, e tem polícia para pegar ladrão. Agora, toda a riqueza de prestação de serviço do INAMPS e do profissionalismo que existia lá dentro, não é? Isso aí se perdeu.**

**B - A gestão do Hésio Cordeiro ainda foi uma tentativa de não perder esse papel do INAMPS?**

**C - Não, eu acho que Hésio Cordeiro teve até uma, uma... um papel triste nisso aí, porque ele, ele... ele contribuiu, junto com um grupo inconsequente, de terminar com a instituição sem, no mínimo, deixar uma memória da instituição, não é? Porque essa instituição morreu como se fosse corrupta. E o pessoal excelente que estava lá? E a memória daquele pessoal que se dedicou? Quer dizer, nós vamos... ia generalizar o problema? Generalizou-se o problema de anos e anos de pessoas, é... técnicos, médicos, entendeu? Que se perderam é... numa simples penada de extinção... de uma instituição? E outra que foi a própria Fundação SESP?**

**B - O [Fernando] Collor [de Mello], não é? A penada do Collor acabando com a Fundação SESP por um lado e com a SUCAM por outro.**

**C** - E com a SUCAM, por outro.

**B** - Você acaba com a SUCAM, você acaba com a história dos Serviços Nacionais da Peste, da Febre Amarela, da Malária, carregada...

**C** - Exatamente isso aí. Sem um mínimo de você deixar pegar... acho que tinha algumas pessoas competentes ainda organizaram os museus aí dentro da própria Fundação Nacional, da antiga SUCAM. Mas toda aquela memória do SESP, aqueles nossos velhinhos que andavam a pé dez quilômetros, não é? E que... uma instituição que você nunca ouviu falar de corrupção, está entendendo? Você nunca ouviu falar que na Fundação SESP havia corrupção. Nunca você viu uma instituição demitir médico, porque tinha concomitante trabalhava na rede privada. Médico do SESP tinha que ser estatal. Tinha que ser do governo. Não podia fazer medicina privada. Era, era uma instituição dedicada ao setor público, para o setor público, para a população, entendeu? Era uma coisa do governo. Era, era uma instituição feita para trabalhar na população e sem cobrar um tostão dessa população, não é? Onde você tinha visitadoras, não é? E tem instituição aí que tem visitantes? Você vê, hoje é... levantaram aí um visitante aí, o auxi... como é que chama?

**B** - Médico de família? É esse?

**C** - Não, médico de família.

**B** - O que vai junto.

**C** - O que vai junto. Milhares de garotos aí, que vão casa a casa, que é o... guarda...

**B** - O guarda sanitário.

**C** - Além do guarda sanitário, que é da Fundação, você tem hoje que é... os Municípios mantêm que é esses jovens.

**B** - Ah, que aí vêm, pesam as crianças...

**C** - Isso aí.

**B** - Levam o leite, ensinam a fazer soro caseiro, é o Agente de Saúde.

**C** - Agente de Saúde. Quer dizer, você, você tinha uma instituição que poderia dar todo esse...

**B** - Todo esse acúmulo, não é?

**C** - Toda essa experiência toda... e se pensou no SUS, mas não se pensou quem pudesse implantar esse SUS. Porque os caras querem implantar as coisas por lei. Porque esses caras não pensam na estrutura que tem que vir atrás desse SUS, desse sistema aí. Quer dizer, você vai usar o sistema sem ter pessoal. Quer dizer, um sistema novo que é feito num papel e, aí, você abaixa uma lei e ele está instituído no país. Isso não vale nada! Porque, se não tiver pessoas treinadas atrás disso, porque quem faz a coisa são as pessoas. Porque, se você não tem pessoas para fazer

isso, é como vocês, se não tem vocês aí para contar a história, para fazer entrevista, não tem memória!

**B** - E nesse caso pessoal também tem a relação, você institui um sistema novo, as pessoas estão acostumadas a trabalhar com a rotina antiga, elas reagem. Então, você até tem os funcionários, às vezes, dentro da Prefeitura, dentro dos serviços de saúde, mas eles não estão preparados para aquela nova política. Aí, eles reagem, não implantam, não acham interessante.

**C** - Exatamente.

**B** - Você não consegue fazer vir de baixo, não é? Aí, dançou. Aí...

**C** - Vir de baixo, exatamente.

**L** - Você não ganha esse pessoal da base, não rola, não adianta.

**B** - Da base.

**C** - Eu vou para a Secretaria de Saúde, assumo a epidemiologia e a primeira coisa que eu faço é... incentivar a poliomielite no Rio de Janeiro e a vigilância epidemiológica da poliomielite.

**B** - Porque assim, o Departamento era Departamento de Epidemiologia e Controle de Doenças, não é?

**C** - E Controle de Doenças. Estava ali na Rua México e tinha uma equipe que era muito boa. Então, eu já cheguei...

**B** - Quem o senhor destacaria dessa equipe que o senhor lembra para falar para a gente?

**C** - Eu chego lá já com uma equipe. E nessa equipe tinha uma pessoa que, mais tarde, me substituiu...

**B** - Depois o senhor lembra o nome, tem problema não...

**C** - ...e ela era professora de... saúde pública em Teresópolis... e é uma pessoa que você conhece. Que foi para a Escola de Saúde Pública. ... Vou deixar para você...

**B** - Teresa?

**C** - Não. Zulmira [Maria de Araújo Hartz].

**B** - Ah! Zuzu.

**C** - A Zulmira, ela foi... a minha substituta.

**B** - Por isso que, quando eu falei com o Álvaro Nascimento, do programa RADIS, que eu ia entrevistá-lo ele falou assim: "Ah, tem que falar com a Zulmira também que ela sabe muita história dele." Eu nem sabia porque, é por isso.

**C** – Então, o que que aconteceu? Eu fui para Brasília, apresentei um projeto e trouxe recursos do Ministério. Então, pela primeira vez, o Estado do Rio teve um carro só para a epidemiologia aqui. Um carro.

**B** – Um carro era o máximo.

**C** – Só para você fazer investigação da pólio. Você teve um carro para a pólio, você teve um carro para a vacina, para a unidade de vacina. Nós construímos a nossa rede de frio aqui em Niterói, pela primeira vez, você teve um lugar para você armazenar as vacinas.

**B** - Onde ficou a rede de frio?

**C** - Aqui no Hospital Ary Parreiras, não é? Você teve um carro e estava escrito lá, “Para a Vigilância Epidemiológica”. Estava escrito lá “Vigilância Epidemiológica” e todo mundo perguntava: “Que Vigilância é essa?” Secretaria de Saúde - Vigilância Epidemiológica. Então, começou a surgir recursos para a área de Vigilância Epidemiológica, não é? Outra coisa, pessoal... então, nós tivemos, começamos a ter pessoas e ... a Zulmira começou a preparar treinamento de pessoal e se estruturar um grupo grande. Através das educadoras, nós informamos com as lideranças empresariais do Estado do Rio um grupo tarefa para aumentar a vacinação de pólio. Claro que eu não visava só isso, porque tinha uma coisa que me preocupava mais do que pólio. O Estado do Rio nessa altura só tinha...<sup>17</sup> paralisias... outras não poliomiélicas. Ganhamos uma pessoa muito importante... que foi a Meilman.

**B** – Ah! A Dra... Itamara Meilman.

**L** – Itamara?

**C** - Meilman que foi trabalhar conosco na Secretaria. E o Chefe da Pediatria Nacional que não saía da Secretaria. Formamos um comitê. Um grupo tarefa grande. E, a partir da pólio, nós começamos a introduzir a vacina de sarampo. O Estado do Rio, em 1985, apresentava 1000 óbitos de sarampo. A poliomiélite nos levou, a vacinação contra pólio [nos levou] a introduzir a vacinação de pólio<sup>18</sup> concomitante.

**B** - Sarampo concomitante com a pólio, não?

**C** - É, multivacinação.

**B** - Duas vacinas diferentes, mas no mesmo momento.

**C** - Naquele mesmo momento, até cinco anos de idade. Como persistiram os óbitos de sarampo, nós resolvemos fazer uma vacinação especial de sarampo até 19 anos, pela primeira vez no Brasil (**tosse**). Precisamos entrar em guerra com o Ministério da Saúde. Dr. Risi se negou a dar

---

<sup>17</sup> Neste momento, o entrevistado mexe nos seus papéis.

<sup>18</sup> Acreditamos que o entrevistado tenha se confundido e dito a palavra “pólio” no lugar de “sarampo”, vacina a qual ele estava na verdade fazendo referência quando da multivacinação.

essa vacina. Era a eterna ciumeira do Ministério da Saúde com os níveis estaduais que trabalhavam.

**B** – É que os outros eles nem olhavam.

**C** – Que trabalhavam.

**L** – É, tinha isso.

**C** – Foi quando o Estado do Rio ameaçou o Ministério que ia comprar a vacina. O Brizola já tinha dado recursos para a compra de vacina. Foi quando o Arcoverde liberou a vacina de sarampo para o Rio de Janeiro. E, aí, nós, nós utilizamos...

**B** – Quer dizer que o Arcoverde passou... nem se importou com o que o Risi falou e liberou.

**C** – E liberou por pressão do Governador do Estado que se chamava Leonel Brizola, e Eduardo Costa... gaúcho... também, o outro era um gaúcho piauiense...

**B** – Bom, se a linguagem é essa, a gente tem que falar essa linguagem, não é? Se não vai pela técnica, vai pela força.

**C** – Pela primeira vez. Alguns Estados vieram assistir e ... convidamos o Dr. Albert Sabin, está aí a fotografia dele comigo discutindo a vacinação de sarampo, e o Sabin veio ao Brasil...

**B** – Ele estudava sarampo também?

**C** – **(tosse)** Veio trabalhar conosco aqui no Rio de Janeiro e lançou conosco a vacinação de sarampo até 19 anos. A Secretaria de São Paulo... **(tosse)**

### **Fita 6 - Lado B**

**L** – Pronto, Dr. Cláudio...

**C** – A Secretaria de Saúde de São Paulo e algumas outras Secretarias vieram assistir à vacinação no Rio de Janeiro. São Paulo, imediatamente... endossou a estratégia do Rio de Janeiro e passou também, em uma campanha, a vacinar até 19 anos. Em 1986, nós não tivemos um óbito de sarampo. E a vacina utilizada era uma vacina potente, muito boa, fabricada no Brasil pela Fundação Oswaldo Cruz.

**B** – E a idade para começar a vacinação?

**C** – A idade...

**B** – Eu falo da questão do ... soro materno, do leite materno poder transmitir... quer dizer, tem toda uma coisa... que não se sabe bem a hora que o anticorpo materno acaba... Isso dificultava, não? Fez geral até 19.

**C – (pigarro)** Não. Nós vacinamos em massa a partir da idade do Programa Nacional de Imunização. Nós respeitamos a idade. Só que nós estendemos a idade.

**L –** Para 19.

**C –** Para 19.

**B -** Não, mas eu digo assim, a idade da vacinação para o Sarampo é o que? A partir de um ano, é...

**C –** Não, não, é nove meses.

**B –** Nove meses.

**C –** É. Só que nós reforçamos essa vacinação com um ano e dois meses. Quando as crianças chegavam com um ano e dois meses, nós vacinávamos outra vez.

**B -** De novo.

**C -** Porque nesse espaço, ainda, poderia ter anticorpos maternos.

**B -** Pois é, aí, se de nove a um e dois ainda tivesse, um e dois não tinha mais.

**C -** Exatamente. Então, nós estendemos a vacinação até 19 anos inclusive, quer dizer, até 20 anos, não é? E nós conseguimos diminuir, dar... um grande impacto na morbidade e zerar a mortalidade. Ah, foi um sucesso. Ao lado disso, eu já... conhecia a AIDS e nós implementamos a primeira vacinação contra a vacina, contra a... uma comissão de o controle da AIDS no Rio de Janeiro.

**B -** Ah, a comissão...

**C -** Em pouco tempo, nós já tínhamos 250 casos.

**B -** Controle da AIDS.

**C -** Da AIDS. E todos esses... o Rio de Janeiro, o Município do Rio de Janeiro foi estruturado também junto conosco e, através do município, nós conseguimos já pegar os casos de AIDS que surgiam dentro da classe média. Eram de 200 casos, a maioria eram fazendeiros, médicos, eram farmacêuticos, eram... comerciantes, eram engenheiros, eram pessoas da classe média alta que poderiam ir para os Estados Unidos. E eu me lembro quando eu participei de um estudo entre Nova York e... São Francisco, nós apanhamos um caso de AIDS de um caixeiro viajante. E conseguia ter 250 casos por ano de relação sexual.

**L –** 250?! Muita gente...

**C -** Por ano. Esse cara conseguiu contaminar muita gente. E... de 12 casos levantados em Nova York e oito casos levantados em São Francisco, fora os casos que existiam, nesse estudo epidemiológico foi comprovado que... esses casos, todos eles conheciam o caixeiro viajante,

mas nenhum deles se conheciam entre si, não é? Então é um estudo muito importante, é um estudo clássico da AIDS e que eu participei junto com a Sandra Ford, tá? Eu estava... muito dentro da doença em 1984, 85, porque as pessoas não davam muito valor. A OPAS não queria saber dessa doença. A prioridade da OPAS era vacina, só vacina, não é? Então, nós começamos a... intensificar o trabalho no Rio de Janeiro com grupos *gay*, com as instituições... de sangue, não é? Então, esse foi um momento alto da Secretaria de Saúde e eu já tinha saído da Epidemiologia, já era o Subsecretário de Saúde.

**B** - E o senhor teve a questão com os bancos de sangue, não é?

**C** - E, aí, foi a questão dos bancos de sangue. Nós começamos a atuar, porque se recebia muito da Vigilância Sanitária de Brasília, que alguns bancos de sangue e alguns produtores de albumina e fator VIII e IX estavam contaminados. E nós começamos a observar pela vigilância já existente no Rio de Janeiro que os casos de AIDS no Rio de Janeiro eram de hemofílicos. O próprio... Presidente da Casa do Hemofílico... era um médico de 33 anos e que... morreu de AIDS.

**L** - O Henfil, né? O Betinho.

**C** - O Henfil e tantas outras crianças que estavam morrendo de AIDS por contaminação o fator VIII, sangue a sangue. Então, foi a hora que... nós começamos, porque o grande produtor de sangue do Rio de Janeiro, que era o [Augusto Luiz] Gonzaga, o...

**B** - Gonzaga.

**C** - É, ele tinha um acordo com a Mavil<sup>19</sup>, da Cruz Vermelha e a Mavil... o Gonzaga utilizava os caminhões da Cruz Vermelha para arrecadar sangue nos institutos, da Petrobrás, dos presídios e levava lá para o Jacaré, lá na indústria dele. E, aí, fazia *pull* de sangue, misturava todo o sangue. Quer dizer, se um estivesse contaminado, contaminava tudo. E, aí, você é... fabricava, tirava os elementos figurados e com o soro você fabricava o fator 8 e contaminado. Saía albumina contaminada, saía fator 8. Então, o Rio de Janeiro se tornava um grande centro contaminador de AIDS. E chegou o momento que nós tínhamos que decidir. O Eduardo saía da Secretaria, eu assumi a Secretaria de Saúde. Então, eu assumi isso no peito e na raça. Sem conversar com ninguém, até o governador, ele soube da primeira intervenção da Secretaria pelos jornais, e foi no banco de sangue... Banco de Sangue... Ipanema, lá em Botafogo. O dono desse... banco de sangue... quando eu cheguei, honestamente, eu tive uma surpresa que eu não esperava. Porque eu pensava que a rede privada fosse uma rede... que, pelo menos, desse uma assistência é... uma assistência... livre de contaminação, de bactérias, dessas coisas. E não foi o que eu vi. Quando eu entrei nesse banco de sangue, a geladeira estava, primeiro sem energia elétrica, e, quando eu abri a primeira estava uma, uma podridão! Os sacos de sangue estavam podres. Era uma vergonha. E o dono desse banco de sangue era um catedrático de hematologia do Fundão... Os jornais, está tudo lá. Eu não sei se eu tenho alguma coisa ainda, mas eu vou dar todos os recortes de jornais dessa época...

---

<sup>19</sup> Referência à Magen David Adom, serviço nacional de emergência médica e desastres de Israel.

**L** - E a questão da ética Dr. Cláudio com isso? Que coisa!

**C** - Pois é. Ah, foi uma vergonha, quer dizer... Depois, eu fui para o Gonzaga. Eu fechei a indústria do Gonzaga. Eu arrumei uma grande gritaria, mas também fui... eu... essa grande empresa, porque até artistas, tem uma artista, Neuza do Amaral, por exemplo... ela dá o suporte.

**B** - É o Hemorio, não é?

**C** - É.

**B** - É o Hemorio?

**C** - Fundação Gonzaga, que existe uma fundação... Ele é muito competente o Gonzaga, porque ele é um funcionário do Estado, ele acaba com o Instituto de Hematologia do Estado e forma o Instituto próprio dele. E, aí... ele vê que os hemofílicos estão dispersos, sem atendimento, ele funda, faz a Fundação Gonzaga, leva o nome do pai dele, e, aí, ele tem 90% das ações e 10% é da própria Fundação dos Hemofílicos. E, aí, ele contrata, ele forma dois ou três hemofílicos médicos e bota os hemofílicos para trabalhar para a Fundação, não é? Então, é uma coisa horrorosa! E os hemofílicos passam a defender o Gonzaga. E o Gonzaga recebendo ainda sangue barato, gratuito da... Cruz Vermelha.

**B** - Se o poder público continuasse cego aí, é a ausência do poder público total.

**C** - Uma das grandes brigas que a gente teve na Secretaria do SUS foi sangue não poderia ser vendido. Isso aí foi instituído pela primeira vez no Estado do Rio de Janeiro, a Assembleia aprovou que sangue no Rio de Janeiro não podia ser vendido.

**B** - Não é mercadoria.

**C** - Isso aí foi na nossa época da Secretaria de Saúde, não é?

**B** - E tinha as histórias, não é? Da coisa dos bancos de sangue que, aí, pegavam, de noite, saíam dando sopão para os mendigos dizendo que iam levar eles para um abrigo, em vez de levar para o abrigo era para coletar sangue.

**C** - Para coletar sangue.

**L** - Aí, você tinha sangue com hepatite...

**C** - Então, à medida...

**B** - Sífilis...

**C** - Com tudo.

**L** - Com tudo, com tudo que era doença...

**C** – Uma das grandes notificações que a gente recebeu na Secretaria de Saúde, foi lá do Fundão, que tinha vários casos de malária internado no Fundão. E, aí, chega o Professor do DIP e disse "Olha, contaminação em banco de sangue." Ele vai doar o sangue, quer dizer, cai... a construção civil no Rio de Janeiro, os operários ficam sem emprego, a solução para obter emprego é a doação de sangue.

**L** – Porque você ganha um lanchinho, não é, doutor Cláudio?

**C** – Você ganha um lanche, um dinheirinho. E, aí, chega no... banco de sangue, ele não doa o sangue todo. Ele doa só o soro, porque a papa retorna para ele. Então, ele tem aqui nesta veia que retira seu sangue e entra aqui a papa e sai o soro, não é? Então, nesse vai e vem entra também contaminação que ficou de um e de outro. Então, passou a transmitir até malária pelo banco de sangue. Eu acho que isso foi um dos grandes trabalhos que a Secretaria teve naquele momento e eu liderava junto com o [Jairnilson] Paim, que era o Diretor da Vigilância Epidemiológica do Estado...

**B** – Paim... o nome dele é José Paulo, não...

**C** – É marido da Rosalda Paim que foi uma enfermeira que foi deputada. E eu, nós fechamos, passamos a fechar banco de sangue. Acho que fechamos mais ou menos, praticamente, uns 60 bancos de sangue no Grande Rio de Janeiro. E estava no tripé, era militar, professor catedrático... e empresário, - os donos desses bancos de sangue. E nós passamos a defender a presença do hematologista... diferente do que a Associação Nacional do Hematologista. Nós, enquanto nós defendíamos a presença do hematologista no banco de sangue, a Associação defendia os bancos de sangue. Era uma briga danada. Tem uma carta aí má. Você quer ler essa carta?

**B** – Quero. (**risos**) Olha, vamos fazer uma coisa? A gente fecha agora com o Rio e (**ininteligível**)

**C** – Aliás, eu queria doar essa carta.

**B** – Isso, doa! (**interrupção da gravação**)

**L** – Pode ir.

**C** – Nesse momento, na Secretaria de Saúde, começam as Ações Integradas de Saúde. O Estado do Rio avança no aspecto de integrar as ações de saúde. Não era um SUS, mas já era um primeiro passo do SUS, as ações integradas de Saúde com os Municípios do Rio de Janeiro. Então...

**L** – SNABS<sup>20</sup>, não é?

**C** – Exatamente. Nós faríamos... fazíamos o seguinte: nós juntávamos os prefeitos em alguns programas importantes. Então, nós lançamos "O Verão da Saúde". Cabo Frio... é uma cidade... em que, normalmente, a população...

---

<sup>20</sup> Secretaria Nacional de Ações Básicas de Saúde.

L – Triplicação, quadruplicação, não é?

C – ...não chega a 100 mil habitantes. Na época do verão, vai a quase dois milhões de habitantes. Então, acaba tudo. Acaba água, acabam alimentos, não é? As estradas... se transformam num verdadeiro matadouro, não é? Então, nós começamos a armar um esquema de verão: O Verão da Saúde, a partir da ponte Rio-Niterói com helicópteros, ambulância... E uma coisa muito importante acontece: o Eduardo traz da Inglaterra o projeto de... organização do atendimento de rua ser através dos bombeiros. Acabar esse...

L – Eduardo Costa?

C – Eduardo Costa. Então, nós começamos a montar junto com os bombeiros, Secretaria de Saúde e Secretaria de Defesa Civil, a montar o atendimento de rua através de ambulâncias dos bombeiros, que existe até hoje.

L – Dos bombeiros. Existe até hoje, com certeza.

C – Foi sacramentado isso aí. E é um exemplo o atendimento no Rio de Janeiro, não é? Que depois se espalhou para outros Estados.

L – Isso.

C – Mais tarde os outros Estados assumiram o mesmo treinamento. Atendimento à velhice foi outro grande programa do Rio de Janeiro. O soro caseiro, começamos a lançar e formar quadros com o soro caseiro. Com a UERJ, através da Nina [Rosa Ferreira Soares], a famosa Nina da, da UERJ. Conheceu a Nina?

L - Não, não. Não cheguei a conhecê-la não.

C - O treinamento e formação de quadros na área de saúde.

L - O Senhor lembra o sobrenome dela doutor Cláudio?

C - Doutora Nina? Nina era professora lá na UERJ. Com o Hésio [Cordeiro].

L - Tudo bem. Depois a gente vê...

C - Junto com o Hésio e tal, né? Bom...

L - O doutor Hésio está até hoje lá, né? Na UNATI, não está?

C - Está, o Hésio continua lá na UNATI. Bem, eu sei que é... nós terminamos... o Eduardo foi disputar deputado federal e eu acabei saindo da Secretaria de Saúde para ir embora pro Rio de Janeiro... para Brasília. Foi quando eu... eu saio da Secretaria e antes de ir para Brasília, o Presidente do SESP que já era a... doutora... ela me convida... antes de ir para, para Fundação... retornar a minha instituição, ela, ela... o Ézio me convida para estruturar um curso de biologia dentro do INAMPS.

**L** - Nessa época ele estava no INAMPS, não é?

**C** - Ele estava chefe no INAMPS. Mas aí existiam três projetos importantes: de reestruturação da Fundação SESP, de... é... um trabalho junto ao CDC de doenças de... respi... respiratórias superiores e, e... pulmonares, e outro grande projeto que foi o projeto da Rubéola, em cinco capitais brasileiras, junto com o Instituto Evandro Chagas, de Belém do Pará.

**L** - O que que foi o projeto da Rubéola, doutor Cláudio?

**C** - Foi saber como é que anda a Rubéola numa faixa na área... na população feminina, não é? Em cinco capitais brasileiras. Então, foi um, um projeto que eu estruturei, organizei, junto com a doutora Elizabeth do Instituto Evandro Chagas, que é uma virologista e fomos arrumar recursos na FINEP.

**B** - Foi o Evandro Chagas?

**C** - Foi junto com o Evandro Chagas, foi Fundação SESP e Evandro Chagas. E aí a virologista que assumiu, a doutora Elizabeth Santos, que é uma bióloga, e nós fomos organizar em Belém do Pará, para visitar seis capitais brasileiras: Porto Alegre, Niterói, São Paulo, Recife, Belém e Manaus, seis capitais brasileiras. E Goiânia, sete capitais brasileiras.

**L** - Ficou faltando o Centro.

**C** - E aí, nós fizemos esse projeto que é o único projeto de Rubéola. É através desse projeto que nós sabemos quem que tem que vacinar.

**B** - É porque são seis capitais mesmo, é que uma é a melhor cidade do país.

**L** - Niterói, tá bom! (risos)

**B** - Não é capital, mas é a melhor cidade do país.

**C** - Outro... Então, fui assumir isso e fazer trabalho junto com o técnico do CDC, levantando dados, dados, (**ininteligível**) produtos do pulmão da pessoa. Foram dados que nós levantamos, de óbitos, na estrutura do SESP, porque naquela época o SESP, o SESP era o responsável pelo controle da mortalidade no país.

**B** - E estrutura aí são os hospitais, as unidades sanitárias, todos os serviços que o SESP tinha nas comunidades?

**C** - Todos os municípios brasileiros.

**B** - Que tinham um serviço?

**C** - Que tinham o serviço e aí esse serviço mandava pro SESP estadual. E o SESP estadual, dentro da Secretaria de Saúde, organizava isso para mandar para o Ministério.

**B** - Claro. Então, cobria o Estado e inclusive o interior, né? Cobria a capital e o interior, não é?

**C** - Exatamente. Naquela época, nós já tínhamos 700 mil óbitos no Brasil. Hoje, são 1 milhão e pouco. Depois desse trabalho, eu vou para Brasília. Eu deixo o SESP e vou para Brasília.

**B** - Isso já é 88, né? Mais ou menos. O senhor vai ser lá assessor do Ministério da Saúde.

**C** - Eu vou assumir a poliomielite em nível nacional.

**B** - Que é o PNI, quando o senhor vai assumir o PNI, não é isso?

**C** - Exatamente.

**B** - É, aí é 88.

**C** - Nessa época, **(tosse)** o Risi sai da Secretaria Nacional de Ações Básicas, entra o Ministro Seiko Tsuzuki, e o Juarez vai para Secretaria Nacional de Ações Básicas. **(tosse)** Pela segunda vez. Ele vai ser o penúltimo secretário. O último fui eu.

**B** - É, porque aí, logo depois o Senhor vai e pega a... Ele fica um ano só, né?

**C** - O que?

**B** - Ele fica um ano, porque o Senhor já pega em 89. A SNABS.

**C** - É.

**L** - Em 90 é extinta, não é?

**B** - Em 90 acaba. Muda para Secretaria Nacional de Saúde.

**C** - Eu vou para o Ministério da Saúde, pro PNI. Organizo o PNI e estímulo a vacinação da poliomielite que já tava caindo novamente. Dou ênfase a vigilância da Pólio e o Brasil apresenta o último caso de Pólio em 89. Eu vi o último caso de Pólio nacional. Foi na minha época. ... O último caso de Pólio.

**B** - E aí, foi começar a preparar o certificado.

**C** - E aí...

**B** - As comissões, não é? A vigilância.

**C** - Fui dar início **(tosse)** a ênfase na vigilância para preparar o Brasil pro certificado internacional. O mesmo trabalho que eu tinha feito na Varíola. Em 1983, quando visi... a Organização Mundial de Saúde visitou o Brasil para liberar o Brasil...

**B** - E é interessante, como o senhor falou desde o começo, que o Senhor tem a riqueza de ter trabalhado com duas certificações, não é?

**C** - Duas doenças. Passo aí, a enxergar outra doença, a Hepatite B. Pela minha experiência nas SNABS, que tinha uma comissão nacional de controle das Hepatites virais...

**B** - Antes de você falar da Hepatite, sem querer cortar, mas já cortando. Só me explica uma coisa: o doutor Juarez saiu das SNABS e aí o senhor foi indicado pelo Ministro, o senhor foi meio que indicado pelo Juarez? Como é que foi esse processo de ser indicado para ser superintendente?

**C** - Das SNABS?

**B** - Das SNABS. Secretário, desculpe. Ser secretário das SNABS. Secretário Nacional de Ações Básicas de Saúde.

**C** - Posso te responder isso aos poucos?

**B** – Pode.

**C** – É... Observei que havia um grupo que estava desanimado e três pessoas importantes: Gayoso, que era da Patologia da USP em São Paulo, Hermann Schatzmayr, que era o virologista da FIOCRUZ, e Gilberta Bensabath, que é a mulher que, ao lado daquela inglesa, que mais conhece Hepatite no mundo. Ela, para mim, acho que ela é melhor que a inglesa. Ela... concentrou todo o trabalho dela na boca do Acre, né? E ela, ela... tem o sangue de 30 anos atrás de Hepatite congelado lá no Evandro Chagas, né? E começo a me reunir com esse grupo.

**B** - E eles desanimados, desanimados com o cuidado com a Hepatite?

**C** - Eles estavam desanimados porque o Ministério não tomava posição. Não havia vacina no país, quando já havia no mundo uma vacina potente, uma... de, de pri... última geração, que era genética e essa técnica, vacina não tinha chegado ao Brasil. Discutimos com o... discuti com o Juarez que me mandou a conversar com o Ministro. Fui eu e ele conversar com o Ministro, era o Seiko Tsuzuki... Eu disse para o Seiko, "você é que vai introduzir a vacina no país. É o que você pode fazer aqui no **(ininteligível) (ruído)** de administração." Oh... era presidente da república José Sarney. Mas o Sarney já me conhecia. Por que? Porque eu tinha sido Secretário de Saúde dele... **(enchendo copo com líquido)** no Maranhão.

**B** - Ah, no Belém do Pará?

**C** - No Maranhão. Não quero, obrigado. No Maranhão. Quando eu fui trabalhar no Maranhão para Varíola em 69 eu me tornei, **(ruído)** por um tempo, Secretário de Saúde dele. E eu andava com ele para baixo e para cima. Quando ele chegou a Presidente ele me mandou chamar, mas eu era Secretário de Saúde do Rio. Eu não podia deixar o Rio de Janeiro. Inclusive eu era a ponte entre ele e Brizola. Eu posso refazer uma... Ele ficava danado comigo, porque ele falava comigo "Larga logo esse homem!" Ele brigou com o Brizola, Brizola brigou com ele, e maranhense quando briga, minha filha, briga...

**B** – Briga para sempre.

**C** – Nossa! É igual a Gaúcho. Briga para sempre.

**B** – Um gaúcho e outro maranhense... **(risos)**

**C** – E eu ficava no meio dos dois. Quando eu chego no Ministério ele dá pulos de alegria, ele diz pro Seiko: "Traz o Cláudio aqui no despacho." E fala para o Seiko: "Fala para o Cláudio Amaral me levar numa vacinação." Eu te mostrei a fotografia.

**L** – Tem a foto.

**C** – Tem a foto. O Sarney conhece... porque o Sarney, quando ele manda o Secretário dele pros Estados Unidos, ele me nomeia o substituto do Secretário de Saúde lá, ele fala assim... O secretário de saúde dele era um cardiologista, tava lá por imposições políticas, **(tosse)** tava num momento crítico, politicamente para ele, porque ele tinha convidado JK para ir pro Maranhão. Então, a área militar estava olhando-o muito mal. E JK chega no Maranhão ele faz a maior festa pro JK.

**L** - Para recebê-lo?

**C** - Recebe JK, leva ele do aeroporto, dá o maior abraço nele. Pô! Se não fosse o Vitorino Freire ele teria sido cassado. E o Castelo que gozava, gostava da equipe dele, porque ele tinha uma equipe nova.

Bom, então, o Sarney chega pro Seiko e diz: "Fala pro Cláudio me arrumar uma vacinação." **(ininteligível)** tava ruim... Então o que é que nós fizemos? "Olha, Presidente, o Cláudio disse que nós vamos começar a vacina a Hepatite." No mesmo tempo, chega o Amazonino, que era o Governador do Amazonas, naquela época também e que estava sendo pressionado pela classe científica do Amazonas, liderado pelo Instituto de Medicina Tropical do Estado, para vacinar contra a Hepatite B. Por que? Porque tinha muitas pessoas morrendo de Delta. Baseado no estudo do Eduardo Costa, que foi o primeiro cara no mundo a fazer o estudo da... Febre Negra de Lábrea, foi ele que deu esse nome. Quando ele chega lá ele vê uma doença em que o sujeito... morre fulminantemente e ele não sabe a causa.

**L** - O Eduardo Costa?

**C** - É, mas ele faz o primeiro estudo epidemiológico da doença e denomina, junto com a Gilberta Bensabath, de doença... de, de Febre Negra de Lábrea. Por que? Porque dava hemorragias e a, e a pessoa ia perdendo sangue e ia morrer escura, então, dava... o sujeito tinha febre e era a Febre Negra de Lábrea. E o que é que acontece? O Eduardo Costa pega este estudo, esse estudo vai... chega na mão do... Pinheiro...

**B** - Esse Catedrático daqui?

**C** - Não, não, ele é... desculpe. Pinheiro não. Fonseca, que é o chefe...

**B** - Fonseca da Cunha? Não é?

**C** - Não, ele é chefe da cadeira de patologia da Universidade do Amazonas.

**B** – Ah, não! Esse eu não conheço.

**C** - E ele é o maior... um dos melhores conhecedores... de Hepatite... O estudo dele junto com o italiano, esqueci o nome, ele... eles descobrem a, a Hepatite Delta. **(pigarro)** E associa a Febre Negra de Lábrea com a Hepatite Delta. Estava descoberta a causa da Febre Negra. Foi o Fonseca junto com o italiano. E o Eduardo fez os primeiros estudos.

**B** - Junto com a Gilberta?

**C** - Junto com a Gilberta. O presidente manda levantar recursos, chama o... o Ministério me dá carta branca para estruturar a primeira campanha de massa de Hepatite B no Brasil. Chamo a SUCAM e a Fundação SESP. Eu tinha poder mais do que o presidente... os presidentes dessas duas instituições. **[sic]** Chamo o coordenador do Amazonas e o Secretário de Saúde e faço a primeira reunião. Vou para Manaus, chamo o Instituto de Medicina Tropical e a Gilberta para Manaus. E deitamos ali e no local a primeiro projeto que tenho... que tá lá na Fundação Oswaldo Cruz e que eu participei, de estruturar a primeira campanha de massa de vacinação. Nós vamos vacinar 10 mil crianças a bordo do Rio Juruápu....

### Fita 7 – Lado A

**C** – **(ininteligível)**

**L** – Fita número 7.

**C** - **(Tosse)**

**B** - Ia ser campanha em massa, não é?

**C** - Campanha em massa. Vacinar toda a criança até nove anos de idade... A Febre Negra, a Delta já tinha, tava chegando ao Pará, já estava se dirigindo pro Xingu.

**B** - E pensar que é você planejar uma campanha de vacinação em outros moldes, né? Que é muito específico a questão da, da... **(ininteligível)** ribeirinha...

**C** - O lançamento da campanha não seria em Manaus, foi em Boca do Acre.

**B** - Boca do Acre. Ih! A Gilberta ficou feliz.

**C** - Claro, homenagem a Gilberta Bensabath. **(risos)** E, aí, nós convidamos o Presidente para ir à Boca do Acre, ele foi.

**B** - Ela o que ele queria.

**C** - Era o que ele queria.

**B** - Uma boca dessas.

**C** - Uma boca dessas.

**B** - Uma boquinha.

**C** - Nós levamos, nós armamos navios, lanchas, sabe? Eu vi, quando o poder político decide a questão...

**L** - A coisa acontece. É impressionante!

**C** - A coisa acontece, você está entendendo? Então, uma coisa que eu não deixei de fazer: estruturar a vigilância da hepatite nesse país. Então, o que que eu fiz? Aumentei a Comissão Nacional. Ao lado dessas três personalidades, acrescentei a Gilberta que não estava nessa Comissão, só tinham três: o Figueiredo Mendes que era da Santa Casa do Rio, o velhinho da oitava enfermaria de Hepatite, de Patologia, estava o Hermann e o estava o, o Gayoso, acrescentamos a Gilberta e o Fonseca, de Manaus.

**B** - E, aí, seria para a vigilância nacional...

**C** - Nacional. E eu passo a ser, a partir dessa data, durante dez anos, o presidente da Comissão Nacional, eu. Durante dez anos, eu fui presidente dessa Comissão Nacional. Eu dei o maior impulso a essa doença no país.

**B** - E chamava assim, chama assim Comissão Nacional de Vigilância da Hepatite B.

**C** - Não. Comissão Nacional é... do Controle das Hepatites Virais.

**B** - Controle das Hepatites Virais.

**C** - Entra todas as Hepatites, inclusive Hepatite B e da Delta. E passamos a montar, não só nas Secretarias como, nacionalmente, a vigilância epidemiológica dessa doença, não é? Da Hepatite, das Hepatites virais. Hoje as Secretarias estão estruturadas. Tem aí... em 1995, nós já tínhamos 50 mil casos de Hepatites virais notificados. 30% já estavam, eram comprovação laboratoriais, fora os atendimentos. E descobrimos que cada doente para o Brasil ficava em 20 mil dólares, o tratamento de uma Hepatite.

**B** - Justifica qualquer campanha.

**C** - E a Hepatite B mata dois milhões de pessoas por ano no mundo. Tem todos esses dados aí. Então, era uma prioridade. O Brasil apresenta cidades do Norte com mais de 30% dos portadores dessa doença.

**B** - Você pode portar e não desenvolver e passar.

**C** - Você pode ser um portador

**B** - Disseminador e não...

**C** - Você pode ser um portador assintomático, um transmissor do vírus sem saber. Esse a maioria dos casos. E, mais tarde, você pode ter uma consequência dessa hepatite assintomática através de um hepatocarcinoma. Porque a única doença que dá, comprovadamente, um câncer de fígado. E só tem uma vacina contra um câncer que é um câncer da hepatite B e que ela, três aplicações te livram da hepatite o resto da tua vida, da hepatite B. E evita a hepatite Delta, porque só tem hepatite Delta, quem tem Hepatite B, porque ele é um vírus igual ao do AIDS, defeitivo. Ele precisa da Hepatite B para reproduzir, para se replicar, vírus se replica, não se reproduz. Então, para se replicar, ele precisa do vírus da Hepatite B. Se você vacinar contra a Hepatite B, você está isolado da Delta.

**B** - E por ter essa (**inaudível**)

**C** - Essa vacinação resultou na, na... acabou a Hepatite Delta no Amazonas. E uma descoberta que eu fiz: a Hepatite Delta chegou no Amazonas através, infelizmente tinha que dizer, que eu veno esses caras, através do guardinha da SUCAN, que ia lá com a, com a, com a... pinça tirar, coletar sangue para verificar Malária e, aí, usava a mesma pinça em um e outro e, aí, ele foi contaminando todo mundo Hepatite e o Amazonas se tornou uma das doenças hiper, uma das áreas hiperendêmicas do mundo, ao lado da China, de Hepatite B.

E uma das coisas mais importantes que eu fiz, que eu lutei muito. Eu gostaria, sempre achei que era a Fundação Oswaldo Cruz que tinha que produzir essa vacina. E, aí, sugeri ao Juarez e ao Ministro que, na compra da vacina, na hora da compra da vacina, para vacinar o Amazonas, que precisava de uma quantidade enorme, eram três doses. Eram mais de 10 mil crianças até nove anos de idade. Então seria 30 mil. Era uma vacina dessa caríssima! Cara, custava dois... quase três dólares.

**L** - Cada uma?

**C** - Cada dose.

**L** - Cada dose, nossa!

**C** - E foi um preço muito barato, porque na Bolívia você paga 30 dólares. Quando você vai comprar uma, isoladamente é 30, quando você compra assim...

**L** - Em conjunto.

**C** - No máximo dois, dois dólares e trinta. (**pigarro**) Essa vacina, hoje é uma das mais baratas. Hoje ela está 070, não é? 070. Por que? Naquela época eram dois laboratórios. Então, a sugestão que eu dei ao Juarez foi que, quando comprasse a vacina, que eles amarrassem o repasse de tecnologia. Que o laboratório que ganhasse a licitação tivesse de acordo de repassar a tecnologia. Como a Smithkline era um produtor e a Merck Sharp era outro produtor, a Merck e a Smithkline tinham uma... história de venda de vacina ao Brasil por causa Poliomielite, era o momento a gente pressionar a Smithkline de repassar para a Fundação Oswaldo Cruz. Isso foi feito. E o Ministério das Relações Exteriores negociou governo a governo. Não era uma negociação do laboratório Oswaldo Cruz com a Smithkline, era governo brasileiro com o governo da Bélgica. E deu certo. E todo esse projeto foi feito. O único que foi contra foi a Oficina Panamericana de

Saúde, e os seus, os seus representantes que... existem até hoje na Fundação Oswaldo Cruz. Que, infelizmente, tocam o governo, há uma eleição no Brasil, sai o Ministro, fica o projeto só para amarrar, só que...

**A** - Dá licença.

**B** - Toda.

**A** - Doutor Cláudio... **(interrupção da gravação)**

**C** - ...Veja bem, era momento.

**B** - Só desabrochar, não é?

**C** - Para a gente ter uma tecnologia que era única. Era o repasse de uma vacina nova, que era nova no mundo todo. Só tinha dois laboratórios. Hoje, são oito no mundo todo, mas naquela época era... Alguns elementos da Fundação Oswaldo Cruz, que eu já coloquei o nome várias vezes, foram na equipe de, de... re... de, de... de transf... de...

**L** - Negociação.

**C** - Negociação... não! De, de formação do novo governo eleito, que era o presidente Collor, foram lá a rotunda, levaram o projeto e colocaram para a equipe que estava entrando que era um projeto que não interessava ao Brasil, porque a Merck Sharp também tinha essa oferta. Naquele momento, eles engavetam o projeto, que já estava pronto o repasse de tecnologia, a Fundação Oswaldo Cruz recusa ter essa vacina e o projeto se acaba. Mais tarde, eu vim saber disso. Eu não sabia. Lamentei muito não saber. Fui saber quais, inclusive, quais eram as duas pessoas, que eram o doutor Akira Homma e que era o doutor Otávio Olíva. Foram lá e colocaram para o irmão do PC, que era o cara que liderava, que era o Luís Romero, que me contou a história mais tarde, que a Oficina Panamericana estava contra e, mais ainda, que a Merck Sharp também tinha esse projeto de oferecer esse repasse de tecnologia.

O que acontece hoje? O Brasil não produz essa vacina. Compra essa vacina. Quer dizer, a mesma lenga lenga daquela, daquele produtor nacional da Fundação, quer dizer, BioManguinhos, junto com a OPAS fazendo com que esse país, se atrela aos laboratórios internacionais e não produz nem as vacinas do PNI nacional.

**B** - Só envasa.

**C** - Só envasa. São os invasores, envasa. **(risos)** Aliás, eu acho que eu contribuí um pouquinho mais ainda. Eu contribuí para uma consciência de autodeterminação nessa época. Porque, nessa época, nós começamos a lutar, não é? Eu fico no Ministério, porque eu sou um funcionário federal. Eu passo a trabalhar na nova administração que chega. E, aí, essa nova administração que chega, ouve muito a OPAS, porque a OPAS tem um... um espaço que um simples funcionário não tem. E... vai embora o projeto de fabricação de vacina é... de Hepatite B. A Comissão Nacional entra em pânico, em depressão e o muito que se consegue fazer é introduzir

a vacina no... no, na rede, não é? Em vacinar os dentistas e a equipe de Saúde. É o máximo que a gente consegue nos Estados.

O que que acontece? Demorou anos, nós continuamos à frente dessa presidência, lutando ainda. Eu assumo a Secretaria Nacional de Ações Básicas. Há uma grande briga dentro do Ministério, forma-se a Fundação Nacional, o SESP funde-se, é a SUCAN com o SESP, para formar a Fundação Nacional, que agora quer todos os Programas do Ministério para Fundação Nacional de Saúde. Retorna, não é? Só que em vez de ser no Rio de Janeiro, é em Brasília. É. E o Ministério, mais uma vez, que se custou tanto, mas tanto para chegar ao nível nacional, né? Ao nível de Brasília, de Ministério, sai, novamente, essa Epidemiologia do Ministério da Saúde, do Gabinete do Ministro, por incompetência desses Ministros que não entendem nada, pô! Sabe? Que são políticos. Vai para a Fundação Nacional de Saúde e, aí, a Epidemiologia fica longe do próprio centro de decisões políticas, que é o próprio Ministro da Saúde, pô! Não é? E vai lá na mão de um presidente, e volta a ser o presidente o ex-Ministro que é o próprio Valdir Arcoverde que recebe com todos os... que, naquela época, quis que saísse do SESP, agora ele toma uma postura diferente por ser o presidente da Fundação Nacional de Saúde e quer todos os Programas.

Eu, como é... Secretário Nacional de Ações Básicas, o último, ainda demorei para repassar esse... esses Programas. Por que? Demorei ainda um ano, mas a briga estava muito grande. O cara queria, porque queria esses Programas de volta para, para Fundação Nacional de... Era uma postura diferente da que ele tinha dez anos atrás, não é? De, de querer esses Programas do Ministério. Enquanto Ministro, ele queria junto com ele, agora, como presidente da Fundação Nacional, ele quer junto com ele. Então, repassamos e eu fui ser o... uma coisa (**ininteligível**) o Chefe da Autossuficiência desse país. Eu fui nomeado Chefe da Autossuficiência, (**risos**) como... E, aí, fui brigar em outras áreas, em outros níveis: na OPAS que tinha um Assessor para Autossuficiente que é um cara que estava aí 30 anos, um chileno...

**B** - E, aí, a autossuficiência que a gente está falando em produção de vacina e remédio.

**C** - Em produção de vacina, só de vacinas. Autossuficiência imunobiológica. E fui ser o representante do Ministério em duas áreas: no Banco do Brasil, no Comitê de Saúde do Banco do Brasil e no... e na CEME...

**B** - Antes, só para não perder, teve um programa de controle da Cólera que o senhor participou na gestão do Alceni.

**C** - Não.

**B** - Não? Não foi na gestão dele?

**C** - Não.

**B** - Ah, então tá. (**ininteligível**) Depois a gente fala da Cólera na próxima.

**C** - Do Jatene.

**B** - Foi Jatene? Depois a gente fala disso.

**C** - Nesse momento, eu passo a ser o Chefe Nacional da Autossuficiência e fico ligado diretamente ao Secretário Nacional de Ações Básicas. E, aí, participei...

**B** - E, aí ainda era SNABS ou já era Secretaria Nacional de Saúde?

**C** - Não. Aí acaba a SNABS. Eu era, eu chego à Superintendência da SNABS... pela saída do Juarez, que é professor da USP e que é solicitado pela, para USP, agora tem que voltar. E o governo tava acabando, ele volta, eu... assumo a SNABS como seu último Presidente e acabo, acabo sendo o, o... depois de, de um ano, o técnico que repassa todos os Programas novamente para a Fundação Nacional. Você vê que...

**B** - Ironia do destino.

**C** - Não!

**B** - E que volta.

**C** - E que volta que eu tive que dar nessa minha carreira, nessa carreira, pô, não é? E no meio da luta, no meio da briga, está entendendo? Vivendo toda essa briga, todo esse emaranhado de briga dentro do próprio Ministério da Saúde, agora, né? Chego no momento, então, em que a Pólio tá consolidada, não é? O... daí vou dar ainda umas assessorias. Nessa época, o, a OPAS começa a se aproximar, na tentativa de que o Ministério da Saúde passe a compra das vacinas para a OPAS. Foi quando um grupo de pessoas decidiu que não e, entre eles, estava Cláudio Amaral.

**B** - E entre essas pessoas que o senhor destacaria nesse grupo?

**C** - Edmundo Juarez, Cláudio Amaral... Seiko Tsuzuki, Edmundo Pastorello... Eduardo Costa, que tem uma carta belíssima dele. Essa carta do Eduardo vale a pena a gente ler.

**B** - Foi uma que ele publicou no JB [Jornal do Brasil]? ...

**C** - Não sei.

**B** - Lembra, sobre autossuficiência...

**C** - Isso. Deve ser.

**B** - Acho que eu cheguei a ter... a ler essa carta.

**C** - Ele era o presidente do CENEPI, tá? Bom, vou para, vou para onde agora? Vou para...

**B** - Era o grupo que estava falando que não, que tinha que buscar a autossuficiência, sim.

**C** - Quando eu tomo essa postura,

**B - É contra a OPAS.**

**C -** Contra a OPAS e contra o Ciro De Quadros que vê, vê... que, se ele tem o Brasil na mão, ele tem toda a América. Porque o Fundo Rotatório que existe na OPAS, ele foi organizado com a ajuda do Arcoverde e que tinha o presidente da OPAS naquela época era um brasileiro, um brasileiro... da OPAS... Quem era o Presidente da OPAS?

**B -** Ah, o Carlyle?

**C -** O Carlyle, ele, exatamente, ele... organizou o Fundo Rotatório da OPAS para a compra de vacinas, recebendo 4%. A OPAS cobra dos países latino-americanos para fazer essa compra e para mandar essa compra. Ela ganha em dois, em duas etapas e ganha dos laboratórios e ganha todo o poder. Então, eu vejo é... essa briga da OPAS é uma briga que está por trás dela os laboratórios. Porque, à medida que ela é o comprador dessas vacinas, os países consumidores deixam de fazer propostas para fabricar a vacina. Ele tem a vacina através da mão da OPAS. **(tosse)** Entra aí uma instituição internacional que é aquela Organização das Crianças aí, como é que é?

**L -** A UNICEF.

**C -** A UNICEF. A UNICEF discorda da OPAS nesse momento e passa a ajudar os Ministérios da Saúde. E passa a oferecer sua estrutura para compra de vacina sem que... ela, ela queira manipular **(pigarro)** essa compra.

**B -** Não para virar uma nova OPAS.

**C -** Não para virar uma nova OPAS. A UNICEF tem outra postura... outra postura. ... Nesse momento, sai uma grande crise no Ministério da Saúde, através daquelas questões da bicicleta, e eu sou chamado...

**L -** Era com o Alcení [Guerra], não é?

**C -** Eu sou chamado para deixar a autossuficiência e assumir um... um cargo burocrático **(tosse)** que me apanhou de surpresa. Quando eu chego no gabinete e o Ministro me faz a proposta, junto com toda a equipe dele, dizendo que eles não podiam manter o Presidente da Comissão de Licitação do Ministério, do Ministério. Porque, não sei se você sabe, que o Ministério tem três Comissões de Licitação: uma da FIOCRUZ, um da Fundação Nacional de Saúde e outra do próprio Ministério da Saúde. Naquele momento, já existia a crise. Sou chamado como... a pessoa, o técnico para ocupar o Presidente dessa Comissão de Licitação para comprar tudo do Ministério!

**B -** Que maravilha! **(som abafado)**

**C -** Fiquei muito surpreso... por aquela proposta e disse claramente: "Ministro, eu tenho 30 anos, mais de 30 anos de serviço público. Um presidente de Comissão de Licitação está acima do Ministro. É isso que o senhor quer?" Essa foi a resposta que eu dei para o Ministro "Eu aceito nessas condições. É um desafio para mim e eu preciso de... de um advogado do meu lado, do

Ministério, escolha minha, e quero lhe avisar que eu estou acima do Ministro, porque o presidente é soberano. O Senhor tem o poder de demitir o presidente, mas tem poder de decidir. Se o senhor quiser um cara honesto, o senhor me encontra. Agora, se for nessas condições eu aceito. Em outras condições eu vou continuar onde eu estou que eu estou fazendo um bom serviço." Ele falou: "Não, está aí uma confusão danada, você assume com todo o poder." Quando eu assumo a Comissão, sai no Diário Oficial, aquilo foi um... pela primeira vez um técnico, um médico, assume uma Comissão de Licitação no Ministério. Quando eu vou para a Comissão, entro assim na Administração, eu (**pigarro**) eu sou muito bem recebido, porque eu era um técnico muito conhecido no Ministério, um cara de trabalho. Eu me dava muito bem com a área administrativa do Ministério. Eu tinha, eu tinha espaço. É... pelas pessoas que me receberam eu senti que podia fazer um trabalho. Então, a primeira coisa que eu cheguei nessa Comissão, logo depois de tomar posse, eu escolhi a Comissão e levei para o Ministro e ele deitou essa Comissão. E fui pedir a um cara que era o Assessor Jurídico do Ministério, que tinha sido... encostado pelo Alcení, e o Alcení não gostava dele. Foi ele que eu fui pedir para me assessorar. Porque era a maneira que eu tinha, porque (**ininteligível**)

**B** - O senhor lembra o nome dele?

**C** - Hélio...

**B** - Depois a gente descobre.

**C** - É bom você falar com o Hélio, porque o Hélio conhece todas essas campanhas aí. O Hélio é que deu todo o suporte jurídico.

**B** - Essas campanhas todas, não é? Interessante um outro viés...

**C** - O Hélio, o Hélio tem livros. O Hélio é um íntegro no Ministério. Eu fecho os olhos. O Hélio chamou uma pessoa dele e falou: "Esta é a pessoa que vai ficar com você. E as discussões da licitação é comigo; eu, você e ele." E ele me orientou. Disse assim: "Suspende todas as licitações." E eu suspendi todas as licitações. Foi o primeiro... (**tosse**) foi minha primeira briga com o Alcení. Porque existia uma licitação para compra de seringa. E, aqui no país, tem uma multinacional chamada BD. Eu tinha acabado...

**B** - B de barco?

**C** - BD, Becton Dickinson. A BD é a Becton Dickinson. A BD, ela é uma fornecedora de vacina pro Brasil todo. Existem algumas fábricas de, de seringa no Brasil. Uma em Manaus, uma pequenininha em Campinas, outra aqui em São Gonçalo, não é? E outra na Bahia, mas a BD domina. A BD tem vacina, tem fábrica que é no México, tem fábrica em Miami. A BD, ela vende pro Ministério, ela vendia. Então, num determinado momento, eu... cancelo uma licitação nacional de venda de seringa e abro uma licitação internacional. Foi a grande briga, porque a BD é uma, a fábrica da BD tá no Paraná, o Ministro era do Paraná... E, pela primeira vez, eu tive na minha frente, que enfrentar uma briga do capital e da força do trabalho juntos, porque os operários da BD, por mando da própria BD, começaram a mandar telegrama para o Ministério contra a licitação internacional. Mas eu tinha acabado de fazer um estudo do preço da, da, da... da seringa no governo Sarney e no governo Collor e a BD fornecia ao Ministério a 180 o

milheiro de vacina. ... O mundo todo se agitou. Vieram 20 companhias. O Ministro cansou de me cantar e eu não recebia ninguém sem ter uma pessoa do meu lado. Outro dia, eu encontrei um... o advogado da BD, ele falava assim para mim: "Quando você nos recebeu ao lado de uma pessoa, eu tive a certeza que essa licitação era uma licitação que ia ser honesta e que nós tínhamos que abaixar o preço." Então, nesta licitação, que, mais tarde, serviu para o Alceni se defender no Congresso contra a corrupção que havia no Ministério, ele foi mostrar a minha licitação.

**B** - Como modelo de exemplar.

**C** - Como modelo, porque de 160, ganhou...

**B** - 180.

**C** - Ganhou, 180, 180, ganhou a BD, mas ela teve que abaixar o preço e ganhou por 50 cents da segunda colocada, por 45 dólares.

**B** - O milheiro?

**C** - O milheiro, entendeu?

**B** - Baixou para burro! Um quarto...

**C** - Pela primeira vez, o Ministério comprou uma vacina, uma seringa baratíssima. Durante aquele ano eu fiz 25 licitações. Eu não atendi nem a área técnica. Lembro bem que a chefe do PNI chegou para mim, queria, depois de feita a licitação de geladeira, ela veio com uma licitação, uma geladeira nova, moderna, de guarda de vacina, até como técnico, eu dava razão, mas eu não abri mão do que tinha sido feito pela Comissão. Entra, entra, solicita e eu, nós negamos, a Comissão. **(tosse)** A Comissão negou.

**B** - Porque tinha acabado de fazer uma licitação. Você tem que aguardar.

**C** - Claro. Foi negado. Então, quando abriu, quando começou os escândalos da bicicleta, na Comissão de Licitação da Fundação, e começou a sair nos jornais, da Fundação...

**B** - Quer dizer, a bicicleta era na Fundação Nacional de Saúde?

**L** - É, por causa das campanhas, né?

**C** - Por causa da campanha daqueles agentes de saúde. Porque o Alceni queria motorizar, né? E outra foi na, na...

**B** - As mochilas também, eram bicicletas e mochilas.

**C** - É. Duas Comissões entraram em pânico: a da Fundação e a da FIOCRUZ. Só não se ouviu falar da Comissão do Ministério da Saúde. Ninguém falou. Todas as minhas licitações foram parar no Tribunal de Contas da União e foram solicitadas pelo Congresso. O Suplicy pegou a

licitação de seringa e mostrou a compra sem licitação de seringa e mostrou: "Olha aqui o que que o senhor fez aqui. Quando o senhor compra separado e quando o senhor licita. Olha o preço que o senhor alcança." Foi o Alceni que mandou a minha licitação para ele, o senador [Eduardo] Suplicy, porque era o Suplicy que estava comandando a Comissão da, de... de Corrupção no Ministério lá no Congresso, mandou para ele dizendo que ele estava fazendo a coisa certa. Um dia eu recebo a Chefe Jurídica, era uma mulher do Ministério, nomeada pelo Alceni. Recebo ela, ela disse que queria falar comigo, ela me chamou falou assim "Ô! Doutor Amaral, o senhor sabe que o Secretário de Saúde do Paraná caiu?", falei: "Não, nem sabia disso." Ela falou: "Pois é, ele cancelou uma compra de vacina da BD e caiu. O senhor não tem medo não de cair também?" O... meu apelido... eu, eu peguei, pegou um apelido no Ministério meu que eles passaram a me chamar de soberano, porque a resposta que eu dei para a assessora jurídica foi o seguinte: "Assessora, a senhora está falando com o Presidente da Comissão... Nacional de Ministério da Saúde de Licitação. E ele é soberano. Ele está acima do Ministro, ele está acima da Assessoria Jurídica. Esses meus atos aqui têm de ser julgados pelo Tribunal de Contas, não é pela Assessoria."

**B - E não pelo Ministério.**

**C -** "Não pelo ministério. E está aí ó, está aí para todo mundo ver. Eu não tenho rabo marcado com ninguém. E não vou cancelar coisa nenhuma, porque a senhora veio aqui pedir para eu cancelar a licitação internacional. Ela não vai ser cancelada. Aliás, o Ministro pode até cancelar. Ele que me tire da presidência, ele tem poder para isso. Agora, ele só vai cancelar à medida que ele me tirar daqui. Como ele me nomeou, ele pode tirar. Ele arruma outro e que vai satisfazer o que ele quer." "Não, o Ministro não falou nada." Eu falei: "Claro que foi o Ministro que mandou a senhora aqui! Porque o Ministro não vai me chamar para fazer isso, porque ele conhece quem é a pessoa. Então ele não vai falar nunca isso." O Alceni, quando me encontra, ele me agrada, ele, ele me faz cada festa... Ele fala: "Graças a você que eu pude me defender." Eu falei: "Eu estou feliz por isso." Porque, com a atuação de um técnico sério dentro do Ministério...

**B - Dá para fazer, não é?**

**C -** Dá para fazer, porque ele queria grana para eleger os irmãos dele (**ininteligível**). É isso que ele queria. Então, eu fui para Comissão. Entra o [Adib] Jatene como Ministro, sai o Alceni naquela avalanche... Eu não posso esconder uma coisa que o Alceni fez, fez uma coisa correta nesse Ministério. Aparece a cólera e ele chama um gaúcho que é o Schubert, e arma uma estrutura nacional para combater a cólera. A cólera era uma coisa do arco da velha! E eu estava assistindo à estruturação, achei bonito o trabalho, era um trabalho muito bonito o do Schubert. E me lembro que eu mexia.

### **Fita 7 - Lado B**

**C -** ...usaram a cólera para promover o Ministério e fizeram isso com competência, porque treinaram milhares de pessoas. Foram à Colômbia, foram ao Peru, for... armaram um esquema internacional, não é? Porque sabia que a cólera menos dias apareceria no Brasil como apareceu. E ele armou os Estados, treinou os Estados, arrumou dinheiro para um, para arrumar uma estrutura para chegada da cólera. Eu, com o meu trabalho que eu tinha feito na Índia, eu tive a

oportunidade de trabalhar no berço da cólera. Aquele delta do Brahmaputra, que sai de Calcutá, não é? Eu tive a oportunidade de morar quatro anos naquele Estado, a cólera nasceu ali e daí ela caminhou para Ásia, não é? Mas a cólera veio desta área. Cólera lá dá como jabuticaba dá aqui no Rio de Janeiro, não é?

**B** - Às pencas, né?

**C** - Às pencas. Eu mesmo adquiri cólera, porque eu, num determinado momento, achei que eu... eu devia tomar água que existia no local e acabei uma vez pegando cólera.

**B** - O senhor teve cólera?

**C** - Então, a cólera para mim era uma doença... eu sei que eu fui...

**B** - Teve com sintoma, com tudo o que tinha direito?

**C** - Com sintoma, com uma diarreia violenta, era tipo cinza, as fezes saíam cor cinza, sabe? E a cólera, ela é uma doença de cura fácil, qualquer antibiótico que se preze aí derrota a Cólera. Eu nunca achei, a Índia nunca se acabou por causa da cólera. A cólera é milenar na Índia. As condições sanitárias da Índia propiciam a cólera. Então, ela está lá inserida, não é? No, no, no... na... E aprendi muita coisa, porque lá tem o Instituto Nacional da Cólera. Lá está onde se faz as vacinas, lá estão os maiores institutos internacionais que vão estudar cólera lá. Todos os brasileiros que conhecem cólera no passado foram a Calcutá estudar cólera.

Então, eu conhecia, eu sabia aquela cólera... Quando eu ia para os hospitais buscar varíola, eu encontrava varioloso e colérico junto. E eu tinha uma experiência de cólera. E dizia... quando eu subia pro Norte do Estado de Bengala, eu encontrava *flood*, inundações, não é? E a cólera chegava com a chuva, porque lá tinha a época da chuva. Tinha época que chovia, tinha época que não chovia. "A chuva chegou", aquele famoso filme, é baseado... nessa época de chuva no Estado de Bengala. Então, a cólera chega com a chuva, porque aquilo inunda, inunda os vasos, os... os lugares dos dejetos, e aquilo vem à flor da pele, a Cólera está nas fezes e aquilo inunda. Não é que o mar, a pessoa pega do peixe, o mar, não é? Então, eu via coisas do arco da velha aqui, eu com a minha experiência de cólera lá ainda, não é? Eu ria muito, porque as pessoas aqui começavam a, a, a... a proibir banho de mar, não é? Você jamais pega Cólera no mar. Não existe isso aí! Você jamais pega Cólera no rio. Há competição. Se mesmo umas fezes caírem no rio, os peixes, os seres vivos do rio acabam com aquela Cólera em um minuto. E você precisa ser contaminado com um, com uma quantidade enorme de vibrião colérico para pegar a Cólera.

**B** - Não é ter vibrião colérico que mostra que aquilo é contaminador, não é?

**C** - É contaminador, entendeu? Então, eu estava sentindo que mesmo, eu achava que o Alcení estava correto de promover, através da Cólera, ele pegar recursos para a área de Saúde, mas também estava levando a um pânico nacional. Quando o Jatene... e, muitas vezes, encontrava como Schubert e dizia "Ó, Schubert, a cólera chega com a chuva." E ele ficava com aquilo e sempre me perguntava "Cláudio, por que que a cólera chega com a chuva?" por causa que vai ter cólera, por exemplo, em Paraty. Qual o grande problema de Paraty no Estado do Rio de Janeiro? Paraty está abaixo do nível do mar e...

**B** - Quando chove, enche as ruas todas.

**C** - Quando chove, enche a rua. Então, o vírus da Hepatite A dá tremendamente e dá óbito de Hepatite em Paraty. Por que? Porque a população do centro da cidade ela não tem é... não tem resistência. Então, morre o professor, morre o médico, morre o engenheiro, não é?

**B** - É o centro histórico...

**C** - Então, agora, aquela periferia de Paraty está isenta, porque toda hora estão sendo bombardeados, tem imunidade adquirida pela presença do vibrião colérico, do vibrião da Hepatite. Então, a Cólera na Índia é a mesmíssima coisa. **(cachorro latindo)** A Cólera na Índia é a mesma coisa, sabe? Então, e aquilo, a Cólera não acabaram com a Cólera na Índia e nem nós vamos acabar com a Cólera aqui. São Carlos do Pinhal, perto de Araraquara, 40 quilômetros...

**B** - São Carlos do Pinhal?

**C** - Do Pinhal, a 40 quilômetros de Araraquara, bem no centro do Estado de São Paulo, e... e na época da primeira invasão do vibrião colérico, foi arrasada. Na época de 18, quando a cólera chegou aqui.

**B** - É a epidemia de [19]18 de lá...

**C** - Acabou, entendeu? Acabou com a cidade. Hoje, ela nem chegou em São Carlos. Então, eu sabia, quando nós chegamos na Cólera a convite do Jatene.

**B** - Aí, o senhor, já que ele entrou, o senhor...

**C** - Aí, chama o Jatene, o Jatene chega e me convida para ir para a Cólera, porque ele sabe que eu estive na Índia, ele tinha conhecimento disso, falou assim "Você vai... assumir a Cólera." Porque o Schubert queria sair mesmo, ele já estava num determinado momento. Eu achei que tinha chegado o momento de desmistificar. E foi a primeira coisa que eu disse pro Jatene. Eu falei " Professor, a primeira coisa que eu vou fazer é desmistificar." O Recife, é... tava proibido em Boa Viagem tomar banho de mar por causa da Cólera. O Rio Grande do Sul tinha, tinha, tinha rios que estavam proibidos de ser pescado. Absurdo do absurdo! Quer dizer, os pequenos, as pequenas trabalhos que é o pescador que ganha... que ganha seu dinheirinho pescando do peixe do rio, acabou.

**B** - O turismo... no caso da Boa Viagem...

**C** - O turismo estava acabando no Nordeste, sabe? Então, tinha uma dona, a Secretária de Saúde, que era uma, uma pessoa até dinâmica, não é? Então ela queria parar tudo, banho de mar, banho de tudo. Não queria peixe nos restaurantes, sabe? E quando você tinha, era o momento de se promover a alimentação do peixe que tem proteína, não é? Então, os países do Sul estavam querendo já, solicitando do Brasil o informe da Cólera e proibindo a entrada de alimentos brasileiros, não é? Então, a repercussão tava sendo terrível. Por que? Porque a equipe de Saúde estava exagerando um pouco na questão. Então, tinha que desmistificar.

Então, a primeira, ah... a primeira visita que eu fiz foi à Pernambuco, não é? Eu fui apanhado na porta do avião de tanto repórter que tinha. Eu nunca vi na minha vida de técnico, não é? Uma multidão de repórter, era microfone para tudo lugar, na porta do avião, que os passageiros ficaram doidos. “Quem é esse cara que está chegando aí, pô!?” E lá no aeroporto de Guararapes, porque os repórteres queriam saber quanto de dinheiro que eu tinha trazido, sabe? Não é? Eu disse ó, a primeira frase que coloquei para os repórteres, não é? Que estamparam lá no primeiro dia que o... a Cólera não era uma coisa importante no Brasil, não é? E foi estampado isso. **(risos)** E que, claro que ela estava agredindo pessoas, mas que nós tínhamos a mais baixa taxa e que não era trabalho meu, isso era trabalho do, do Schubert, porque ele conseguiu manter óbito zero e 0,1, a morbidade, em 10 mil, tá entendendo? Que é coisa, que é coisa inédita isso aí! Então me cabia manter aquilo. Claro que, através dos, do comércio de ambulantes de redes, que iam pro Norte, saíam do Nordeste e iam pro Norte, lá a, a, a, a... a Cólera já tinha chegado em Manaus, através do trânsito de navios, não é? Já tinha é... atravessado os Andes, já tinha chegado em Manaus, já no rio Amazonas, já estava descendo, não no rio, na água do rio. Nos navios do rio. Nas pessoas que eram viajantes. Esses que transportavam o vibrião colérico. Não era a água do rio. Na água do rio, você não tem Cólera. Não é possível que o rio Amazonas que tem... é... uma dimensão de margem a margem de 11 quilômetros, você ter naquele mar todo vibrião colérico. Aliás, o vibrião colérico se dá bem com a água do mar. Tem a questão... e na água do rio, e numa água é... do Rio Amazonas, que aquilo é terrível, entendeu? Ele chega, aquela quantidade de lar... água que leva tudo...

**B - A força.**

**C -** A força daquela água, que destrói a barragem. A coisa mais difícil de você construir é saneamento básico do lado do, do, do... do Rio Amazonas, porque o Amazonas está em cima de água, não há tanta água nesse país como existe lá no Amazonas, porque você não consegue enterrar tubo. O Amazonas vive sobre água. Se você baixar meio metro ali você encontra água, sabe? Quando eu tava... eu me lembrava do Amazonas, quando eu estava preso com os guerrilheiros lá da Somália, porque eu chegava naqueles... no leito seco do rio eu só tomava chá com os guerrilheiros e cavava no leito do rio para ver se encontrava água para beber. Eu falava assim: "Se eu estivesse no Amazonas, não precisava cavar...um palmo." Então, você, você, você... a gente sabia é... que tinha que desmistificar. E foi meu trabalho, a minha primeira coisa. E fui tomar banho de mar com o Governador. **(risos)** Porque, lá do aeroporto, do aeroporto eu fui para o Palácio e a Secretária ficou doida ali, porque eu estava chegando com uma postura diferente. Eu disse: "Agora está na hora." Eu sugeri ao governador, que era um cara bacana, era uma cara aí, que era da direita, mas que você conversa com ele, sabe? E que te houve. Eu disse a ele: "Sabe o que o senhor tem que fazer? O senhor tem que pegar, aproveitar agora..."

**B -** Era o Jarbas? **(sussurrando)**

**C -** Não, ih! Era o... Ah! Ele era até do, do, do... PFL, acho. Um cara do sertão, que veio lá do sertão, sabe? Um cara legal. Ele tinha uma vantagem. Ele era sobrinho do Arcoverde, do Celso Arcoverde.

**B -** Que era um grande sanitarista, é um grande sanitarista.

**C** - Um cara do partidão. Era sobrinho. Então, ele me disse depois: "Eu telefonei para o meu tio". Eu falei "Quem é o seu tio?", " Celso Arcoverde". Eu falei "Pô! Você é sobrinho do Celso Arcoverde. Lá no palácio você tinha me dito isso." Ele falou: "Telefonei para o meu tio, que era o Cláudio Amaral que vinha..."

**B** – A cidade deles é Crato, né?

**C** – "...e o meu tio te elogiou." Por que? Porque eu sempre trabalhei com o Arcoverde, com o Celso Arcoverde, sabe? E que não tem nada com o Arcoverde do Piauí. Então, o Governador me atendeu. Quando ele soube do tio dele que vinha o Claudio Amaral, que ele já tinha o meu *Curriculum vitae* através do Celso Arcoverde, ele falou "Ah..."

**B** – “Estou tranquilo... o que ele mandar fazer eu estou fazendo”.

**C** – “Estou tranquilo.”, então eu falei "Governador, eu gostaria que o senhor pegasse o telefone, telefonasse pro ACM [Antônio Carlos Magalhães], que era o governador da Bahia e propusesse a ele, junto com o governador do Ceará, fazer uma frente de governadores do, do Nordeste. Porque o senhor vai receber aqui... veja bem, o Senhor vai ter poucos óbitos e poucos casos de, de cólera, mas em relação... veja bem, a população do Amazonas é quatro milhões, não chega a quatro milhões. A sua população já vai a quase 36 milhões aqui no Nordeste. Quer dizer, (**tosse**) em termos de proporção, o número de casos no Nordeste vai ser maior. Mas a, a... a morbidade, a taxa de taxa vai continuar a mesma do que o Norte, né? Mas, vamos explorar essa parte do, do quantitativo, né? Claro que vai ter, tem maior número de pessoas o senhor vai ter maior número de casos de cólera. Então, o senhor podia formar uma frente com os Governadores e sugerir ao Ministério da Saúde e que o professor Jatene libere um projeto de saneamento pro Nordeste. E esse saneamento não custa seis bilhões de dólares em, durante 10 anos, o senhor resolve, nós vamos resolver o problema de saneamento do Nordeste.”

**B** - Não só a Cólera, vai resolver tudo, não é? Um bando de coisas.

**C** - Pô, foi a coisa mais linda. Na hora ele pegou o telefone falou com o ACM, falou com o, o... Ciro Gomes, que era o governador do Ceará, articu... telefonaram para os demais governadores, telefonaram para o Jatene, o Jatene topou e foi realizada a primeira reunião no Ministério da Saúde numa frente de governadores do Nordeste para um projeto. Eu fui comandar, coordenar esse projeto do Nordeste que está pronto. Nós entregamos, unimos todas as instituições federais e estaduais e fomos fazer todo o levantamento de saneamento do Nordeste. Existe esse projeto, esse documento e ficava, ficou em oito bilhões durante 10 anos. (**tosse**) O Jatene levou para o Collor. O Collor aceitou e começou a dar recursos para o Ministério da Saúde. E quem ia realizar era o nível local. E nós passamos a ah... coordenar a nível, a nível nacional, não mais a Cólera, o saneamento básico e principalmente dentro na Fundação Nacional de Saúde.

**B** - Hoje vamos ficar com o saneamento, Lau, para você ir, porque senão eu vou ficar culpada aqui com a sua mãe....

**Data: 27/09/2001**

### **Fita 8 - Lado A**

**B** – A História da Poliomielite e de sua Erradicação no Brasil. Entrevista com o doutor Cláudio do Amaral, entrevistado por Anna Beatriz de Almeida e Laurinda Rosa Maciel. Entrevista no dia 27 de setembro de 2001, fita?

**L** – Número oito.

**B** - Então, assim, retomando o nosso papo, infelizmente, né? Com esses problemas todos, então, agora, a gente vai retomar de vez, e, aí, a gente vai conversar com o senhor no mesmo esquema sobre os anos 80. E, aí, a questão dos anos 80 e a sua vivência com a Pólio. Então, a gente vai retomar aquele momento em que o senhor estava participando da elaboração da estratégia de controle da Pólio e que teve a presença do professor Sabin. Então, a gente queria que o senhor falasse um pouquinho para a gente como é que era esse personagem, como é que era conviver com ele e como é que foi efetivamente essa participação do senhor no Plano de Controle da Pólio.

**C** - Olha, o Sabin foi decisivo na campanha do Brasil e na erradicação, né? O Sabin foi a pessoa que... é... colocou todo o mundo do Ministério para trabalhar. Essa é que foi a grande verdade. Ele era uma capacidade de trabalho incrível, não é? E no meio daquele, daquela, daquela... daquela área que, que funciona com muito custo, não é? Quer dizer você precisa abrir mesmo o caminho, não é? Então foi isso, o, o... o Sabin foi um, um abridor de porta. Um sujeito, uma pessoa com o carisma dele, não é? E foi um... uma pessoa que foi decisiva. Foi graças ao doutor Sabin que a gente deu o início, o pé inicial. Ele criou um, uma polêmica muito grande no Brasil, quando ele é... denunciou as, as estatísticas que as várias instituições que lidam, que mexem com estatísticas nesse país, ah... o desencontro que existe entre elas, né?

**B** – Que instituições eram essas que faziam as estatísticas?

**C** - É o IBGE, o Ministério da Saúde, as Secretarias Estaduais e as Secretarias Municipais de Saúde. Então, todas essas instituições tinham dados, e dados diferentes. De maneira que ele, parece que botou um ponto final, no que diz respeito à Pólio.

**B** - Em que sentido? stop

**C** - No sentido de que as pessoas fizessem as notificações corretamente do nível do Município para o Estado, do Estado para o nível nacional e do nível nacional é... para o IBGE e para o Ministério da Saúde. Isso inclui também os cartórios, porque os cartórios, eles registram os óbitos. E muitas crianças morriam de poliomielite...

**L** – Sequelas da pólio...

**C** - ...ou das, das suas implicações. De maneira que nós tínhamos notificações de óbito de Pólio.

**B** - Mas essa proposta dele, dessa rotina, não era um pouco na lógica do que a Fundação SESP já tava estruturando como Epidemiologia?

**C** - É, o Brasil, n... o Brasil já tinha uma experiência muito grande em erradicação. Ele tinha saído duma vitoriosa campanha de... erradicação aos moldes do... da campanha do *Aedes aegypt* é... na década de 40, né? Para 50. E... e ele foi vitorioso dentro daquele esquema da antiga SUCAM e usando um fator, um instrumento novo que eram os meios de comunicação. Já nessa época, o Brasil já mil novecentos e, a partir de 1950, com a chegada da televisão e o desenvolvimento dela, em 1960, quando nós é... 67, quando se iniciou aqui nesse país a campanha da erradicação da Varíola, nós já tínhamos um sistema de televisão. Então, foi graças a essa experiência vinda da Varíola, é que se pode é... passar essa experiência para uma estruturação de uma nova erradicação que era a Poliomielite.

Nesse momento, o Brasil era um dos países que mais tinham casos no mundo de Poliomielite. Nós já tínhamos montado, graças à montagem da vigilância epidemiológica da Varíola, acrescentado mais uma doença que era a Poliomielite. De maneira que nós estávamos com a magnitude desse problema. Eu cheguei em 1980 nesse país. E cheguei exatamente para trabalhar na Pólio. Eu fui, como funcionário do Ministério da Saúde, eu fui chamado, já tinha acabado meu trabalho na Etiópia, na campanha da erradicação da Varíola naquele, naquele continente, na África, e eu fui chamado para... trabalhar, junto com o doutor Albert Sabin, na montagem do, do programa no Brasil.

**B** – No Brasil. E tinham outras pessoas do Brasil também participando?

**C** - Quando eu cheguei, havia um grupo, um núcleo muito pequeno, né? De técnicos do, do, aqui no Brasil trabalhando em torno disso. Era um grupo muito pequeno dentro da Fundação SESP e no Ministério da Saúde não existia quase nada. O programa era baseado no Rio de Janeiro, na Fundação SESP e o... a própria epidemiologia, o controle de doenças era todo montado também na própria estrutura da Fundação SESP. O SESP era uma instituição nacional ligada ao Ministério da Saúde e com uma ampliação nacional e com a facilidade de você contratar pessoas e pagar ao médico em tempo integral e a campanha exige isso. Não pode ter médico com quatro horas de serviço. Isso não é uma Medicina curativa. Isso é uma Medicina preventiva e de erradicação da doença. Então, há que ter, necessariamente, trabalhadores de tempo integral. Fora isso, qualquer tipo de erradicação está furado.

**B** - E esse plano que o senhor e o doutor Sabin começaram a estruturar para elaborar essa estratégia ele previa uma remodelação disso que a Fundação SESP fazia ou trabalhar nessa linha do que a Fundação SESP fazia, com os dados e ir ampliando... O que que ele propunha de verdade que era diferente do que o Ministério queria?

**C** - Olha, esses médicos sanitaristas brasileiros, os velhos, os nossos velhinhos, e a qual tive uma oportunidade enorme de... ainda de absorver a experiência deles e que venho desde o *gambiae*, não é? Eles é... trouxeram essas experiências e sempre usaram as campanhas para dar um salto na área de Saúde Pública, não é? A Varíola foi assim. A Malária foi assim. Só que a Malária não tinha um instrumento de erradicação que era a vacina, uma vacina poderosa. A Varíola tinha. Então, se armou em cima da Varíola toda uma estruturação. E a Varíola foi montada em cima... acabava-se o trabalho no Estado e em cima disso se montava uma vigilância epidemiológica. Toda essa estrutura da Varíola, depois, foi repassada para a estrutura da Pólio.

Então, a Pólio já tinha uma vantagem enorme, porque você já tinha também uma vacina poderosa com a Pólio que era uma vacina que exigia um pouquinho mais de cuidado que a Varíola, não é? Mas era uma vacina poderosa, a vacina oral do Sabin. Então, você já tinha uma vacina e já tinha também toda uma estrutura de vigilância epidemiológica. Faltava é dar um toque na questão de cobertura vacinal. A gente já sabia que vacinando até cinco anos de idade, pela vigilância durante 10 anos, nesta montagem da vigilância, que, se você atingisse até cinco anos, um total de mais de 20 milhões de crianças no Brasil todo, e durante um curto período, num dia, em 24 horas, você poderia romper a cadeia de transmissão pessoa a pessoa. Porque, como a Varíola, a Poliomielite também é uma doença que passa de pessoa a pessoa.

Então, dessa maneira, chegou a, a... o momento de você fazer a estratégia de, de, de... de cobertura vacinal. Então, esta cobertura vacinal, como na Varíola, ela tinha que ser mudada. 20 anos atrás, a Malária trabalhava, 30 anos atrás casa a casa. Hoje, nos dias de hoje em uma década, o país avançou demais, não é? Não avançou o tanto que devia, mas avançou o suficiente para que você pudesse botar uma campanha em todo o território nacional. Como? Utilizando as escolas, porque o Posto de Saúde que era um desenho de John Hopkins e que estava no Brasil já há de 50 anos, ele não alçava voo, ele não alçou voo nunca. Porque os próprios funcionários não tinham tempo integral. Eles só atendiam uma demanda e sempre uma mesma demanda, sempre as mesmas pessoas. A cobertura era muito pouca. O Posto de Saúde em qualquer parte do mundo, exceto nos Estados Unidos que foi uma criação americana, só lá é que deu certo. Agora, aqui no Brasil, a própria Fundação SESP, quando ela instalava uma unidade em qualquer ponto do país, ela tinha, tinha que sofrer uma modificação que foram as unidades mistas, não é?

**B** - Mistas porque elas atendiam...

**C** - E, agora, aqui... mistas, porque fazia... atendiam ao aspecto curativo... e era uma unidade que tinha 20 leitos e do lado se fazia também toda aquela, aquela... aquela atividade de preventivo. Então, você tinha, você tinha essa... passou-se a chamar unidade mista, porque era um centrão, era um centrão meio hospital e totalmente preventivo, por que? Porque se dava ênfase, 90% era prevenção, era uma, uma unidade que deu certo nesse país. Mas as unidades outras, essas unidades foram construídas geralmente no centro da cidade. Então, depois os edifícios acabaram... cobrindo essas unidades sanitárias. Ficou lá a casinha, o terreninho da nossa unidade, pobrezinha, não é? E, talvez, uma ou outra trabalhando até bem, mas abrindo às oito e fechando às cinco, né? E aqueles edifícios de 20, 30 andares acabaram anulando essa unidade sanitária. E a verdade é que essa unidade sanitária, ela... não dá para uma cobertura de toda a população, porque a população da periferia, as cidades cresceram muito, a urbanização foi um fenômeno que foi verdadeiro nesse país, acabaram muito distantes da periferia da cidade onde as doenças estavam proliferando. As epidemias, a maioria das doenças que eram tratadas pelo Posto de Saúde, mas o Posto, esse tipo de Posto não tinha visitantes que pudessem chegar até a periferia da cidade. Então, a situação continuava a mesma, porque só para a cobertura da demanda, que eram sempre as mesmas pessoas, não havia como você romper uma cadeia de transmissão da Difteria, da Poliomielite, da Varíola, da Tuberculose...

**B** - E estender a cobertura seria mais difícil ainda.

**C** - E estender a cobertura seria... seria... seria... teria que se montar uma estratégia muito maior. E a verdade é que isso não dá... prevenção, não é como uma ponte. Ela... a prevenção, ela não tem um prestígio junto ao, ao, ao... poder. Porque ela não deixa nome, infelizmente. Ela acaba com a doença, mas infelizmente, ela não deixa nome como uma ponte, uma ponte, uma rua asfaltada. Então, você, você, você perde nesse sentido. E o Posto, quem perde mais é o próprio Posto de Saúde e, mais ainda, a população, porque ela não tem um Posto eficiente que trabalhe em benefício dela.

Então, a campanha, a vigilância epidemiológica, ela chega no momento oportuno. A campanha é uma criação do Brasil. É uma estrutura montada, é brasileira, entendeu? Ela tem cheiro do povo brasileiro. Por que? Porque ela nasceu aqui. Esse é o único país hoje que está exportando a estrutura de campanha. Hoje, até a Índia está fazendo campanha, num dia só a Índia está vacinando não 20 milhões contra a Poliomielite, mas 80 milhões de crianças num dia só. O hemisfério, esse... o continente Americano, também veio apanhar em 1985, a estratégia brasileira para erradicar a pólio no continente Americano e foi um sucesso. Porque hoje o continente Americano está livre da Poliomielite graças à estrutura montada pelo Brasil na época da Varíola e fortalecida na época da Poliomielite.

**B** - E para montar essa estrutura na época da Pólio? Qual era o dia a dia disso? Quem eram as pessoas envolvidas? Era o médico? Era o assistente?

**L** - Era o educador?

**B** - Era o educador? Quem, quem eram os personagens que estavam para ajudar a estruturar isso nos Estados?

**C** - Quando um grupo de pessoas, em que eu estava presente dentro de uma reunião lá no Rio de Janeiro, na própria Fundação SESP, se deitou um documento base. E esse documento base se delineou a estratégia de vacinação e que tinha como base da vacinação... montar no país todo 100 mil postos de saúde. Fazer com que... a pessoa não andasse mais do que 100 ou 200 metros para obter essa vacina. Então... e também, achar um instrumento que pudesse é... mobilizar essa população. Porque campanha é mobilização de campanha... de pessoas. É um processo mais político do que você ter um... posto por demanda. O posto com demanda é um processo político lento. O processo... a campanha é um processo político rápido, não é? Hoje, não tem nesse país aqui, quem não toque assim (**estalar de dedos**) não, não, não... vai à um posto, à um posto determinado pela própria comunidade, porque todo mundo sabe o que é vacina nesse país hoje, não é? Ninguém tem medo mais de vacinar. Aquela época de Oswaldo Cruz, que as crianças corriam, tinham medo, um, oh... um, um líder de saúde pública era processado por causa da reação vacinal, isso não existe mais! Pelo... Muito pelo contrário! Foi graças a essa estratégia, a essa estrutura rápida que se montou é que a população se conscientizou que a vacina é o instrumento mais poderoso contra a doença.

Então, você viu coberturas imensas aí. Agora, faltava você definir qual era essa instituição, esse instrumento que pudesse mobilizar. Quem eram essas pessoas? E, claro, a varíola definiu isso aí: foram as escolas. Então, se usou todas as escolas quer fossem municipais, estaduais ou federais para você armar todo um, um contexto onde a vacina chegasse nessa população e que

ela andasse cinco minutos para obter essa vacina, né? E que a própria escola ah... fosse o elemento de mobilização dessa comunidade. Na Varíola, n... esse processo se deu dentro da sala de aula, através da conscientização dos alunos, os alunos con... traziam os pais para vacinar no dia da escola junto com os alunos. Porque na Varíola tinha que cobrir 98% da população brasileira. Sem a questão da faixa etária. Foram vacinados nesse país, 100 milhões de pessoas. Na Poliomielite, a faixa etária era de... era de vin... era só as crianças da faixa etária até cinco anos de idade, que incluía 20, 20 milhões, 22 milhões de crianças. Então, mas era necessário você mobilizar é... a comunidade brasileira para esse tipo de campanha e através da escola, porque a escola tem prestígio na comunidade. Não há outra unidade mais prestigiada que a escola.

**B** - A igreja também seria um espaço...?

**C** - E ao lado da escola, nós, claro, que nós fomos somar com outras instituições poderosas a própria... como as igrejas, a, a... as unidades que trabalham com saúde, os hospitais, as unidades sanitárias, a EMATER, as sociedades é... de interesse público, as sociedades de... operárias, as associações de, de... de moradores, as associações rurais... então toda... até as indústrias, a associação das indústrias nacionais e associação dos, dos operários dessas indústrias. Quer dizer, houve uma somação de esforços. Nós tivemos que a todo mundo e nunca houve uma mobilização tão grande como foi nessas duas últimas campanhas. Só eleição mobiliza tanta gente no Brasil como a Poliomielite e como também mobilizou a questão da, da Varíola. Só que existe uma, uma diferença entre a mobilização da Varíola era feita por regiões e Estados, de cada vez. Ela não se dava em âmbito nacional, num dia só. Ao passo que a Pólio era um dia nacional, entendeu? Essa foi a grande diferença dessas duas, dessas duas campanhas que foram vitoriosas. Então, a mobilização da Pólio é uma mobilização que não existe igual no país. Só o dia da eleição.

**B** - E nos Estados tinham pessoas que ficavam responsáveis pela mobilização em cada Estado. É isso? É assim que funcionava? Como é que isso descia?

**C** - É essa... essa campanha também foi diferente da outra pelo seguinte: nós amadurecemos, principalmente as pessoas que trabalhavam na Va... trabalharam na Varíola, que tinha chegado o momento que a gente tinha, é... é... o, o, o... o chute da descentralização, não é? Porque já havia um... um movimento da descentralização na Saúde. E a campanha da Pólio até ajudou na descentralização da, da área de Saúde. Porque você não sabia como iniciar as AIS, as Ações Integradas de Saúde. Então, você utilizou até a campanha de Pólio para você já ir para o interior e já sentar com as instituições locais, a nível municipal, a nível estadual.

**B** - Para fazer a dita integração, não é?

**C** - A dita integração, não é? Então, quem viveu essa época teve uma enorme experiência. Saiu dessas duas campanhas com uma experiência que dificilmente você vai conseguir daqui para frente no país. E principalmente, na questão da centralização, porque a centralização, o documento base da descentralização foi feita dentro das, das... pela área teórica das Escolas de Saúde Pública, mas ela não tinha uma ação de campo, ela não tinha experiência do campo, então ela se deu com os burros n'água. Mas o Estado que utilizou as Ações Integradas de Saúde como,

como a campanha da Pólio, como um instrumento para você utilizar a AIS, se deram bem. O Estado do Rio foi um deles. Você começou a implantar junto com o INAMPS, nessa época, já as Ações Integradas de Saúde. Como? Fazendo as reuniões de Pólio a nível de regional, a nível municipal.

Agora, como isso era feito? Era feito também de uma forma muito interessante que a gente jamais tinha experimentado, que eram as... os grupos de nível nacional que iam desenhar, eles não levavam para o nível municipal uma, um... planejamento já feito. O planejamento tinha que ser criativo desde o nível nacional. Tinha algumas linhas, não é? De acordo com o potencial que você poderia... que o nível nacional é... listou. Agora, mas não tinha planejamento, tinha um formulário, não é? Mas esse formulário, ele era adaptado a cada área, não é? E acrescentado algumas coisas que o nível nacional não enxerga. Então, isso aí foi muito rico. Porque você chegava ao nível de Estado, o epidemiologista e a educadora, e que assim que ficou estabelecido nesse documento base...

**B** - E essa era a dupla?

**C** - Essa era a dupla. Pela primeira vez se saiu um epidemiologista e um... uma educadora sanitária. Só que o pau começava aí, quer dizer, o... o contraste, a contradição entre esses dois técnicos era muito. Por que?

**L** - A formação é muito diferente, não é, doutor Claudio?

**C** - Porque a formação do médico, principalmente daquele médico sanitarista que vinha de uma, de uma campanha vitoriosa e de uma educadora que sempre assistiu de camarote. Por que? Porque ela tinha uma atuação, sem querer pichar ninguém, mas sempre a, a... estratégia da educação sanitária era uma educação voltada para dentro, para dentro da área de Saúde. Então, não tinha um, um... nem as próprias educadoras tinham experiência para fora. Os próprios, os médicos tinham mais experiência na área de Educação, não é? Por que? Porque iam para as escolas, se juntavam às professoras na época da Varíola. E as educadoras, não. As educadoras queriam ensinar o técnico da Saúde Educação em Saúde. Então, era uma educação voltada para dentro. Eu não quero dizer que a educadora não tem o que ensinar o próprio médico. Eu acho que tem muito médico que precisa ser ensinado. **(risos)** Agora, existe uma questão aí que é... uma questão de ação de campo e, nesse momento, muitas educadoras reconheceram que muitos médicos eram melhores educadores do que as próprias educadoras. Por que? Porque eles tinham uma visão comunitária, uma visão fora da área de Saúde, entendeu? Eu acho que muitas educadoras começaram a pensar na estratégia de educação sanitária depois, porque ela, ela, ela... se transformou, ela se modificou. Ah... a doutora Cristina, que é uma educadora do Ministério da Saúde,

**B** - É, a Cristina Maria Vieira da Rocha.

**C** - É, a Vieira, eu...quando chegou na época da Hepatite, uma vacinação depois, muito depois dez anos depois da Varíola, da Hepatite, ela já tinha outra cabeça! Ela falava como eu falava na época da Varíola, há 30 anos atrás. Esse era o papo dela. **(risos)** E eu... eu acho que é uma das melhores educadoras que eu trabalhei foi a Cristina.

**B** - Ela trabalhou em que região.

**C** - Ela trabalhou a nível central, ela foi educadora do Ministério naquela época. Quando a pólio passou para o Ministério, ela assumiu a responsabilidade nesse comitê, nessa comissão, a responsabilidade da coordenação da área de educação.

**B** - Já chamava GT Pólio nessa época?

**C** - Já chamava GT Pólio.

**B** – Desde os anos 80 já se chamava GT Pólio. Depois de estruturada, sim, como GT Pólio. Que outras pessoas estavam nesse GT? O doutor Risi estava? O Fernando?

**C** - Estava o Risi, estava o Fernando Gomes, o, o... os representantes das instituições, a sociedade brasileira de pediatria. Então tinha... os representantes das Forças Armadas. Estava lá o representante do Planalto. Então, tinha muita gente nesse grupo da Pólio.

**B** - Veio muita gente da Varíola, não é?

**C** – E basicamente, o pessoal de campo era todo da Varíola. Por que? Porque a Varíola tinha deixado um pessoal de campo e um comando municipal, que se chamava... ah... unidade de vigilância da Varíola e que os Estados, depois na Pólio, nós transformamos essa unidade de, de Varíola numa unidade polivalente, onde entrava a Difteria e principalmente, Sarampo, Difteria e Tuberculose e, principalmente, a Poliomielite.

**B** - Então, tinha essa estrutura muito vinda da Varíola, mas nesse sentido modificada para Pólio, né?

**C** - E aí, começou... as contradições foram enormes a partir dessa dupla que foi para o campo, não é? Eu me lembro que...

**B** – Mas sua vivência, o que o senhor destacaria assim, quem era a sua dupla, assim que o senhor destacaria assim de vivência?

**C** – Olha, a minha dupla era, é... oh... ah... eu viajei com Rosa [Pavone] Pimont que era a chefe, era a líder da educação no Estado de São Paulo. Ela já tinha uma... uma vivência muito grande no Estado de São Paulo porque você não... o Estado de São Paulo é muito pouco para você trabalhar em nível nacional. Esse país aqui, é... cada área, cada ponto é uma... é diferente.

**B** – A diversidade...

**C** - É incrível! É incrível, sabe? Você vê pessoas lá com cabeça diferente, com cabeça do Sul. Não digo no formato, não que o cearense tem cabeça chata. Eu disse cabeça mesmo, porque cada área é uma vivência diferente. Os problemas são diferentes. Quer dizer, São Paulo, São Paulo, é... tem uma estrutura de Saúde muito forte e tem uma universidade... uma universidade antiga com cabeças boas, mas uma, uma coisa muito forte, sabe? Uma coisa que... é... é para dentro, dentro da universidade. Então, é muito difícil você, você trabalhar esses técnicos do, do,

de São Paulo, da própria universidade. Inclusive porque eles pensam, eles trabalham, eu sou paulista e sei disso aí, eles funcionam em termos de São Paulo, entendeu? É o poder de São Paulo que é uma coisa incrível e isso aí se reflete nos técnicos, sabe? E que, se...

**B** - E nas propostas também?

**C** - E nas propostas também. Então, é uma coisa que é difícil. Você vê São Paulo, até hoje em São Paulo tem Esquistossomose, tem áreas lá perto de Araraquara, São Carlos... do Pinhal tem Esquistossomose, tem focos de Esquistossomose ali, está entendendo? Então, você vê o quanto é pesada a... a Dengue, a Dengue, ela... se espalha no Estado de São Paulo todo. Tem mais *Aedes aegypti* lá que a própria população de *Aedes* da África, pô! É tanto *Aedes aegypti*, que tem em todo o Estado de São Paulo.

**B** - E a que o senhor acha que isso se deve? É uma... não conseguir empreender campanhas que sejam efetivas? não ser um problema isso?

**C** - É, porque é uma... é uma discussão... é uma discussão e uma solução muito acadêmica.

**B** - Pouco na... pouco no campo, não é?

**C** - Pouco no campo, pouco na área, pouco na visita, sabe? E, quando o sujeito visita, ele é recebido, do nível municipal pro nível central, como... o cara que chega lá é o Diretor. Então, o Diretor tem jantar, ele uma discussão, tem uma reunião, mas ele não tem uma ação de campo, entendeu? E se ele tem o poder, aquele poder, não é? Um chefe de uma Epidemiologia em São Paulo ele é mais poderoso que o chefe da Epidemiologia nacional, entendeu? Então, (**risos**) vou te contar, não é mole, não é brincadeira! Agora, eu fui trabalhar com uma... uma deusa da, da Educação de São Paulo. Olha, eu acho...

**L** - O senhor vai falar da doutora Rosa Pimont, não é? Eu vou trocar, porque...

### **Fita 08 - Lado B**

**C** - Eu aprendi muito com a Rosa Pimont. Eu acho que aprendi a conhecer a... a Saúde Pública de São Paulo. Porque, embora seja um paulista, eu jamais trabalhei em São Paulo. Quando eu me formei, aqui no Rio de Janeiro, eu fui trabalhar com o Maranhão, do Maranhão fui para... o Paraná, Santa Catarina, o Mato Grosso... todo o Mato Grosso e, depois, eu sediado em... Pernambuco, no Nordeste todo para coordenar o... a erradicação da Varíola e já desenhar o... plano para a visita da Comissão Internacional de Erradicação.

**B** - Quer dizer, São Paulo o senhor não tinha passado por lá.

**C** - Eu não tinha passado. Eu sentia alguma coisa, o peso e a dificuldade de se trabalhar em São Paulo, não é? Mas eu sabia de um Centro de Saúde que funciona bem, que é o Centro de Saúde de Araraquara, que é ligado à USP e funciona como, como uma unidade avançada de treinamento. Mas, na verdade, os grandes, os professores, os catedráticos, esses são os, os... os técnicos recebidos a nível de campo como uma autoridade, mas uma autoridade da capital. E,

aí, é muito difícil, tanto para eles, como o nível local, porque o nível local não vai... colocar suas mazelas, não é? O nível local vai mostrar o que ele faz de bom. Mas o que tem de lá e não tem uma, uma vigilância própria, apropriado e própria... então, você, esse diretor volta para São Paulo com a mesma dificuldade. Quer dizer, às vezes você ataca lá o, o... a doença que surge, porque esse diretor só viaja para o interior à medida que surge uma doença. À medida que você supera essa doença, e, muitas vezes, essa doença é superada... pela falta de suscetível. Já deu tanto dessa doença, que acabaram os suscetíveis. (risos) Então, não tem o que mais dar nas crianças. Acaba o problema.

**B** - E não pela ação, né?

**C** - Não é pela ação da, do setor Saúde, é por uma ação da própria doença que acaba com o suscetível. Eu, eu aprendi muito com a Rosa Pimont. A Rosa Pimont foi uma contraparte, mas eu... eu conheci pouco a Rosa Pimont não é? E quando eu comecei a falar em Belém do Pará, no meio de uma... todas as autoridades de Saúde que estavam se reunindo no Palácio do Governo do Pará, para já estruturar, a Rosa Pimont... deu um traque na Rosa Pimont que ela assumiu logo a palavra e começou a desembalar negócio de campanha. (risos) Então, eu via muito daquilo, da, da questão da autoridade, sabe? Da autoridade.

**B** - Quer dizer, o senhor está querendo dizer que não teve espaço para que o Estado se colocasse, que o local se colocasse. É isso?

**C** - É, exatamente, era um centralismo muito grande, quer dizer, o próprio (**ininteligível**) que éramos nós mesmos, já iam com outro espírito para o nível local, para o nível estadual. Então, você j... j... já ia colocar de uma maneira já que era diferente, em que você já estava amadurecido para isso, porque você veio de um amadurecimento, você veio de uma participação. Então, mas muitas das educadoras, não. Foram retiradas das suas cátedras e metidas na ação do campo de uma maneira é... violenta, não é? Então, o que que elas podiam acrescentar, a não ser o que elas leram no documento básico, de uma maneira formal, não é? Então, era uma dificuldade. Eu reconhecia. Então, eu tinha que, de uma maneira é... para não haver muitas contradições entre mim e a Rosa, para continuar o nosso trabalho, porque eu também estava interessado nessa união com as educadoras, que era a primeira vez que você saía para o campo, superar as dificuldades da própria Rosa, não é? Então, eu fazia um esforço, eu tinha que crescer muito mais do que eu era, porque eu, eu não podia brigar com a minha contraparte, seria indelicado além disso, não é? E teria que ajudá-la no sentido de que ela começasse a enxergar e pudesse voar mais alto. Porque, quanto mais... eu tinha certeza, quanto mais a Rosa enxergasse, mais longe, ela podia voar mais alto.

E isso é uma coisa muito difícil, isso não é fácil, não! A pessoa se dis... despir do poder dela, e da autoridade, da cátedra e, e, e... e disso aí. E para você se anivelar a nível de campo. Porque se você não se anivelar a nível de campo... isso é uma questão que eu aprendi lá em Calcutá, sabe? Quando eu vi um técnico inglês toma uma porrada de um bengali, um médico bengali e ele colocar esse médico inglês ao nível do, do técnico dele, quando ele foi se queixar, né? Eu via, eu vi o... eu vi... como, como a questão se ela não é trabalhada, como a questão se perde, não é? Então, eu já tinha uma experiência de campo, inclusive internacional, pô! Não é? E era visto, não é? Como assim... eu já era conhecido, não é? Mas também eu não tinha um nariz...

aquele nariz do, do catedrático. Eu tinha o nariz do cara de campo, do nível de campo. Eu se... eu me igualava ao vacinador. Tinha vezes que eu saía três, quatro horas da manhã bater papo com os, os, os... indianos que, se eram colocados como vigilantes no caso de Varíola durante 24 horas, né? Para ver se eles estavam lá assim, mas para também conversar com eles, tirar um pouco, absorver um pouco daquela cultura daquela... daqueles jovens lá da Índia.

Então, eu, eu, eu... sabia lidar, eu sabia, eu tinha uma habilidade muito enorme, muito grande para, para... para trabalhar no campo. Era uma facilidade e eu já era conhecido no campo, não é? Então, a maneira que a gente era recebido e uma pessoa que nunca tinha ido no campo e que era desconhecida... era muito conhecida na USP, mas não era conhecida no campo, entendeu? Era uma dificuldade, sabe? E eu sentia que ela não tinha espaço, não é? Então, eu, eu a empurrava para o espaço, não é? Mas a dificuldade não era essa. A dificuldade era, era... o conhecimento da saúde de campo que ela não tinha, não é? Ela desconhecia. Ela podia saber muita, mas muita... muita... muita coisa teórica, mas ela não conhecia nada da prática.

Eu acho que ajudei a Rosa Pimont. A Rosa morreu de uma maneira trágica a uns anos atrás, exatamente lá em Belém do Pará. Porque a Rosa, depois dessa experiência de campo dela, eu acho que a Rosa deu... uma, uma virada de 360°. E ela foi morrer exatamente no campo. Foi acidente que aconteceu. O ônibus perdeu a, a direção e foi parar na porta do hospital. Ela estava saindo da porta do hospital. Ela morreu imediatamente. Eu lamentei muito quando ela morreu. Eu tenho a Rosa... como uma pessoa é... uma pessoa... que te ensinou! Afinal de contas eu via... eu sei lidar com uma pessoa hoje, que vem lá de cima e vem com todo o poder para trabalhar num... num certo meio, não é? E ela não sabe nem começar. E você... e você... tem que abrir espaço para essas pessoas. Você tem que pegar essas pessoas e trazer ao seu nível de conhecimento, não é? Eu acho que essa é que é importante na luta de dois, na, na competência de dois, é você trazer seu parceiro... e acredito também que a Rosa me ensinou alguns caminhos.

**B** - É a troca, não é?

**C** - É. A troca que houve. Eu acho que a Rosa me ensinou muito... alguns caminhos, não é? Ela, ela... às vezes, baixava até meu galho. Porque... a questão é que... como você domina aquela coisa. Às vezes você não percebe que você está machucando as pessoas. O teu conhecimento machuca as pessoas. Então, esse... esse... essa coxia da Poliomielite, né? Que não é dita às vezes para ninguém, não é? Essa coisa é uma coisa muito importante de se colocar, porque você não tá trabalhando com uma estrutura, você está trabalhando com pessoas, não é? E a pessoa é uma coisa muito complexa, né? Então, eu sinto que, às vezes, eu machucava pela minha habilidade, pelo meu conhecimento, eu machucava. Eu até acredito que a Rosa, não é? Às vezes, ficava muito triste, porque o meu conhecimento, a minha volubilidade, eu acho que sufocava, não é? Então, eu, mas quando eu...

**B** - E nesse caso podia afastar pessoas que poderiam ser interessantes. Quer dizer, aprender a lidar com isso, né?

**C** - Eu acho que a Rosa me trouxe algumas coisas assim, e ela, ela, ela... Eu sei abrir meus olhos na hora certa hoje, não é? Porque se eu for botar, depois 35 anos diários de Saúde Pública, se eu

vomitam tudo isso, eu acho que... é um perigo! Eu acho que você tem que... **(risos)** Quando você trata em parceria, em grupo, não é? É exatamente isso que você tem que obedecer.

E tem outra pessoa que eu... que eu aprendi muito. Foi no... eu não quis fazer meu curso de saúde pública saindo da faculdade. Eu falei: "Olha, vou aprender muita teoria". Eu fui para o campo. Sabe para onde eu fui? Fui para o interior do Maranhão. Quando eu cheguei para fazer o meu curso de Saúde Pública, depois de quatro anos de campo, eu fui pegar uma... educadora, que era uma educadora doce, lá da Escola de Saúde Pública da FIOCRUZ, da Fundação. Ela chama-se Lenita. E a Lenita tinha uma habilidade no trabalho de grupo, puta que pariu! Olha, eu lembro da Lenita a todo o momento e toda a técnica que a Lenita me passou, eu passei, eu absorvi e fui para o campo fazer. Então, eu acho que eu fui muito bem sucedido nos países que eu trabalhei, graças a uma educadora que me botou na cabeça o que eu devia fazer... e corretamente. Foi um sucesso! Eu acho que eu não tive dificuldade de trabalhar no campo. Eu fui preterido acima dos ingleses, acima de russo, acima de americano, o sucesso foi tão grande, que eu não queria ser outro, não. Eu queria ser exatamente este cara aluno treinado pela Lenita. Eu não precisei ir para Johns Hopkins, não? Foi aqui na Fiocruz que aprendi as bases para impulsionar minha carreira na área de saúde pública e trabalhar.

**B** - E aí o senhor contou para a gente desse dia a dia na... no campo, que era esse contato, vai na comunidade e aí apresenta a proposta maior para a comunidade, as metas e a comunidade dizem como é que pode fazer, mas isso tudo era em Dias Nacionais. Deliberou-se o período para esses Dias Nacionais. Como é que foi isso aí... para fazer as campanhas.

**C** - Olha, quando se decidiu isso aí e os grupos já estavam definidos por Estados, eu fiz questão de escolher os Estados mais difíceis. Eu escolhi o Amazonas... escolhi o Pará, o Amapá... e o Acre. Foram quatro os Estados. E havia ainda uma polêmica contra o estado de São Paulo, com o Estado de São Paulo a respeito de se fazer ou não a campanha.

**B** - Por que disso?

**C** - Porque São Paulo resistia em fazer campanha.

**B** - E qual era o argumento?

**C** - São Paulo argumentava que ele tinha unidades sanitárias suficientes para vacinar. Então, a Escola de São Paulo, liderando o movimento, era contra a vacinação.

**B** - Quem o Senhor destacaria desse grupo assim?

**C** - Eu destacaria o... miolinho, sabe? Na Escola de Saúde Pública, principalmente aquele pessoal da Santa Casa, sabe? Não era propriamente... os velhinhos da Santa Casa, aquelas pessoas que... que ajudaram... ajudaram a... a fazer o desenho da Varíola como o Antunes... **(ruído de garrafa)** ... Ayrosa Galvão. Esses, esses eram técnicos, dos quais eu fui também é... discípulo deles, né? Essas pessoas somavam com esse tipo de estratégia. Mas aparecia em São Paulo um novo grupo baseado se... compondo-se na, na... nas unidades sanitárias. Em nível nacional eles tinham um *brunch*, um membro que era o PIASSS, o pessoal do PIASSS, liderado pelo Mozart [Abreu Lima], que era... o Subsecretário da Saúde. Então, você imagina: o Ministro

Arcoverde a favor e o Subsecretário dele contra. Quer dizer, as contradições... não era eu e a Pimont essa era fácil! (risos) A grande contradição era no próprio poder. Era o Mozart que era o subministro e o próprio Arcoverde. Ninguém vai dizer isso para vocês aí, não. Mas essa coxia, sabe? Do, do... da Pólio, ela tem que ser dita, ela tem que ser contada. Esse é o grande muro que a Pólio teve que vencer, sabe? Foi entre os próprios técnicos, foi entre as próprias ideologias que estavam aí presentes, né? A porrada comeu em cima de isso aí. Não foi entre... entre um cara, eu e a Rosa. Essa foi *soft* até essa foi uma contradição até que foi bonita, não é? Foi um crescimento dos dois, ao passo que lá no poder, não. Lá no poder existia um grupo que era ideológico. Então, já era uma briga mais ideológica, sabe? Uma briga mais firme ideológica. Se bem que eu posso te dizer que a minhas... as minhas contradições com a educadora também tinham um sabor ideológico, não é?

**B** - Mas nessa que o senhor está colocando, por exemplo, entre o Ministro e seu Subsecretário, como é que era o dia a dia nisso? Teve uma reunião, a gente até conversou com algumas pessoas, inclusive o doutor Risi, aonde foi deliberado que ia ser campanha e o próprio Mozart... foi convencido. Como é que é esse processo?

**C** - Ele não foi convencido, não. O Mozart não foi convencido. Ele foi... ele teve que engolir a seco. (**risos**) Essa é a verdade. Não pode se dizer outra palavra. Eu não vou ser educado aqui e dizer... o Mozart é uma pessoa humana muito boa da gente lidar, mas o Mozart com aquele negócio do PIASS dele, de unidade sanitária, ele o Carlyle, esse grupo todo e o grupo deles, é... partiram por aí é... tiveram que engolir, mas partiram por aí: "Eu apoio a campanha, mas eu sou... eu quero dizer que eu sou contra!" É assim que eles diziam. "Eu vou apoiar campanha, mas ao mesmo tempo, eu vou dizer que sou contra." Quer dizer, era uma contradição, quer dizer, que não tinha uma luz para você enxergar. Não era uma contradição entre dois técnicos onde os dois iam crescer, é... uma, uma briga estratégica! A briga do, do... do campo ali, de você... a briga ali era estratégica, mas no sentido, no sentido de que a vacinação tinha que ser na unidade, não podia ser em campanha, não é?

Então, esses caras do PIASS também vieram de uma escola em que eles foram ensinados a que a unidade é coisa... e resolve o problema, sabe por que? Porque ela foi desenhada pelos comunistas americanos, das universidades americanas que eram comunistas, dos velhos comunistas e que, naquela época, até dava certo, até eu apoiava. Eu sempre, eu nunca deixei de apoiar as unidades sanitárias, mas que, nos tempos de hoje, isso aí não cabe mais, pô! Hoje você está metendo num avião para resolver o problema dentro de um edifício, pô! (**risos**) Então, você não pode... a estratégia que você, que você encontrou naquela época, né? Foi até... um sucesso, ainda mais nos Estados Unidos onde o nível de analfabetos é z... menos um. Agora, no Brasil, onde o analfabetismo, onde a consciência na questão da doença, o medo do remédio, o medo do hospital, o medo da vacina é grande, você tinha que conscientizar essa pessoa numa outra rota. Você tem que chegar o mais rápido possível! Nós estamos muito atrasados. Nós vamos... a educação é um processo, um processo que pode demorar anos. Então, nós vamos passar... vamos entornar o século aí, quer dizer, por que não uma campanha que também é ilustrativa, educativa? Eu lhe pergunto: hoje, nesse país, alguém foge de uma vacina? E você imputa isso a quem? Você acredita nisso, você credita, credita, credita isso a quê? Às campanhas que foram feitas pô, e que estão sendo feitas aí.

**B - Ao Zé Gotinha!**

**C - Ao Zé Gotinha!** Principalmente ao Zé Gotinha, que foi um cara mais competente do que nós que estudamos Marx, Engels a vida toda e fomos pro campo e não tivemos o Zé Gotinha. O Zé Gotinha, foi num toque que ele conscientizou todo o mundo. Hoje, as pessoas sabem que têm que tomar vacina. Por que? Quem que ensinou foi o Zé Gotinha, que não teve Marx pela frente, não teve Engels pela frente, não teve revolução nenhuma pela frente. A revolução sofrida foi a revolução da, das campanhas. Tem que ser dito isso aí: campanha hoje é uma estrutura. Campanha não é isso aí, campanha política. Campanha no Brasil de vacinação é estrutura.

**B -** Isso mostra que a estrutura da campanha, ela se bate frontalmente com a estrutura de postos? Não dá para você também ter? Porque, se você também não tiver os postos como espaço de Saúde Pública, de prevenção, pro dia a dia, você não faz campanha direto todos os dias, então tem que ter um apoio na estruturação, ou não? Como é que o senhor vê isso?

**C -** Não. A estrutura é a campanha. O posto de saúde... tem que sair fora do posto, porque ninguém vai no posto. Ele cobre a demanda. O posto de saúde, se ele viver só de campanha, ele cobriria muito melhor do que ele ficar lá parado. Só que ele não pode funcionar em termos disso. Por que? O funcionário é mal pago. Na campanha, ele é bem pago. É essas as grandes diferenças que existe. Na campanha, ele dá tempo integral, ele não pode trabalhar em outra coisa, se não ele toma porrada e é demitido. No, no posto de saúde, ele trabalha quatro horas de depois fecha o posto. Caramba! O sujeito não tem hora para ficar doente, não é? Então, que posto é esse que trabalha quatro horas e fecha? Trabalha das oito ao meio-dia? Posto tem que trabalhar 24 horas por dia, que nem os da Fundação SESP. Você chega lá em... em Comandante, lá na Paraíba, você vai ver uma unidade mista que é uma prevenção, é uma unidade sanitária, tá aberta 24 horas por dia! Agora, precisa de campanha? Nem precisa! Porque lá tem visitadoras. O processo é tão... dinâmico, que a visitadora vai para casa do, do, do morador. Ele tem um processo dinâmico, de visitação, tem um processo de um, de um assistente de, de sanitário que ele ensina a população a fazer vaso, a fazer vaso sanitário, a como lavar roupa, a como proteger aquela água que nasce na origem, a cuidar do rio, a não ter poluição. Então, é uma coisa diferente.

Agora, o posto é aquilo que eu disse. Ele nasceu, chegou aqui em 1940 dos primeiros sanitaristas que foram treinados e se formar em Johns Hopkins, essa unidade nasceu lá... com a esquerda americana de sanitarista e que chegou aqui... montou-se no centro da cidade ao lado da igreja e é a mesma coisa que está acontecendo com a igreja, ela está sumindo! Os prédios são de 20, mais andares hoje, pô! Acabou a igreja, acabou a unidade sanitária. Não é só a unidade que acabou. Então, tá aí, ó! Todas essas instituições estão vivendo de crise. E não tem crise maior que a própria unidade sanitária, porque ela não sabe para o que veio ainda, pô! A própria Índia é um exemplo disso, não é? A Varíola, ela existia há anos, até do tempo dos faraós... e tinha vacina à vontade. A estrutura da Índia é montada em cima de unidade o *PHC*, *Prime Health Center* da estrutura inglesa. Cada unidade, cada distrito tem um *PHC*. E a estrutura de unidade sanitária da Índia acabou com a Varíola? Não! Eu estava fazendo um levantamento na Índia em 1974, quando eu lá cheguei, eu fiz um levantamento e em cinco anos, a Índia vacinou dez vezes a sua população. 750 milhões naquela época. Hoje tem um bilhão. Mas ela já tinha vacinado dez vezes sua população. Estava lá o, o número de vacinados. E tinha acabado com a? Não, tinha ... O Estado de Uttar Pradesh, que era o maior Estado com número de Varíola, tinha 500 mil casos.

50% de óbito... a 60%. Você tinha uma, uma característica de, de Varíola, que eu nunca vi aqui no Brasil, que era aveludada, era toda... parecia um arco-íris. Você chegava, você via um sujeito com a cor do arco-íris, com uma bolha só. Esse sujeito tava... caminhava para a morte, não tinha quem salvasse, sabe? Então, você já sabe que aquele tipo de Varíola, ele caminhava para a morte irreversivelmente.

**B** - Ou você acha que foi sob o contágio dele...

**C** - E foi por falta de unidade sanitária? Não. Você lá tem o aspecto da descentralização na cara. Não existe país mais descentralizador em unidade sanitária que a própria Índia. O inglês foi embora, mas deixou aquilo montadinho. Você chega, lá no nível de subdistrito no asfalto. Você chega na unidade sanitária andando, mas andando em cima do asfalto até a unidade sanitária! E outra coisa que você tem na Índia muito mais fácil: a população não é toda dispersa como aqui na área rural. Eles vivem em vila! Não tem coisa melhor para você trabalhar, você não precisa andar vários quilômetros para vacinar duas ou três pessoas, basta você ir na vila e vacinar essa vila, pô! Não tem pessoas que moram fora da vila e a Índia acabou com a Varíola? Não. Ela acabou com a Poliomielite? Agora, você entrava num posto tinha vacina de Varíola, vacina de Pólio, vacina de Sarampo. Nunca faltou... vacina na unidade sanitária. Só que essa estrutura não é uma estrutura brasileira, não é uma estrutura indiana. Então, nós tínhamos que achar um próprio... uma própria rota nossa, um próprio caminho nosso. Essa foi a estrutura que nós achamos. O nosso posto de saúde foram as campanhas estruturadas.

**B** - A campanha seria o fator de mobilização?

**C** - Claro, e um fator de mobilização porque na Saúde Pública você não, não exerce a Saúde Pública sem a mobilização popular. Porque a Saúde Pública é diferente da Curativa. A Saúde Pública ela tem uma noção de politização, de consciência política. Ela não pode ser uma, uma Saúde Pública é... alienada, sabe?

**L** - Da realidade.

**C** - Da realidade, sabe? Então, você não tem isso aí. Então, se ela, ela... é considerada como medicina curativa, bom ela não vai exercer seu... sua atividade nunca! Ela não vai prevenir nunca! Os hospitais na Índia eram os maiores disseminadores de Varíola e de Cólera. O sujeito entrava de Cólera, era colocado ao lado de um cara com Varíola. Ele apanhava a Varíola e em vez de morrer da Cólera, ele morria era da Varíola, pô! Em quantas vezes eu não cheguei num hospital, lá na Índia, e encontrava aquilo. Agora, não precisou ir na Índia, não. Os últimos casos de Vacínia foi aqui no hospital do Rio de Janeiro, no hospital estadual. Foi uma notificação: "Aqui tem um caso de Varíola." Eu cheguei lá não era Varíola. O que tinha disseminado todo o ambulatório de queimados, nos queimados era a própria Vacínia. Um sujeito que foi vacinado, tinha coçado sua vacina e, aí, na hora da limpeza, da higiene, a enfermeira esparramou o vírus da vacina para todos os queimados. Todo mundo tinha Vacínia ali. Então, o hospital era a maior difusão da Varíola e da Poliomielite também. Porque o internado de Pólio vai lá, não tem unidade de isolamento e a Pólio também... contamina os demais doentes. Lá na Índia, a pessoa não morria... ela quebrava a perna, entrava lá para arrumar a perna e acabava morrendo de Varíola.

**L** - De infecção, é.

**C** - De infecção da Varíola. Então, eu acho que nós encontramos nosso próprio caminho através de uma campanha estruturada. Então, vem um cara que é politizado, não é? Então, ele vem discutir com a gente. Por que? Porque eles construíram no Piauí, por exemplo, numa época, construíram aí, há 30 anos atrás em todo o Município tinha unidades, só que não... funcionava, pô! Né? E eles queriam, entendeu? E o PIASS, o PIASS tinha como uma meta era construir. Só construir. Quer dizer, lutar para botar tempo integral, não. Não é? E nem tinha uma, uma, uma... instituição estatal, tempo integral, do governo, da população, nada mais comunal do que ela, **(falando pausadamente marcando cada palavra)** eles não queriam. Por que? Porque foi uma instituição...

**B** - E era a Fundação SESP.

**C** - A Fundação SESP que foi feita pela esquerda americana, pela fu... os caras da Fundação Ford, que eram esquerdistas e a melhor da esquerda americana que chegaram aqui e desenharam o, o... a Fundação SESP. Claro que eles tinham o sentido de proteger a borracha e o ferro, não é? Porque ela foi instalada lá. Mas, no cunho, ela tinha isso aí. Então, se se usasse, veja bem, se as unidades, se esses caras do PIASS, o Mozart [de Abreu Lima] e os outros, tivessem competência, naquela época, para aproveitar a estrutura da Fundação SESP, construir o posto e a estrutura da Fundação com médico integral, talvez a visão tivesse melhor, não que tivesse solucionado. Porque é o que diz "Não adianta ser uma unidade estática. A Saúde Pública é uma ação de mobilização. E a mobilização é política." Ela não é uma mobilização estática.

**B** - E é no centro da praça, como o senhor diz.

**C** - É, exatamente! Ela poderia transformar a praça pública numa unidade sanitária, quer dizer, saísse do posto de saúde. Pode sim. Eu acho que as nossas unidades podiam ter essa atividade, de sair da própria... né? Se ela tivesse transporte, se ela tivesse contato com... com o professor, com o Prefeito, com as autoridades políticas, com o Presidente da Câmara, com a escola, com... a associação de moradores. Então, se é... agora, não pode por que? Porque o sujeito trabalha um salário de um salário... que não dá nem para a sobrevivência do sujeito, o sujeito é obrigado a ter outros tipos... de trabalho para comer... Então, o que que acontece? Ele trabalha quatro horas.

**B** - A dedicação total é...

**C** - Não pode. E Saúde Pública é dedicação exclusiva, integral. Não pode ter outra coisa.

**L** - Deveria ser, não é?

**C** - É isso aí. Eu nunca tive um consultório. Aliás, na Fundação SESP, qualquer médico que se atrevesse a ter um consultório particular, ele era demitido. Tinha supervisor. O médico tinha supervisão. Você já viu supervisão nas unidades sanitárias? Nunca! Então, como é que isso pode funcionar? E você passaria o século com varíola e poliomielite?

**B** - Não é aí que se falou dessa figura do...

## Fita 9 – Lado A

**C** – Segunda-feira eu estou em Brasília... **(inaudível)**

**L** – Fita número nove. **(interrupção da gravação)**

**B** – Tanto que quando a gente estava conversando sobre essa estrutura de mobilização, o que que é a campanha, a gente falou da figura do Zé Gotinha. Eu queria que o senhor contasse para a gente como é que foi essa história da criação dessa figura. O senhor acompanhou isso?

**C** - Eu acompanhei. Eu é... é... eu esqueci o nome do criador do, do Zé Gotinha que foi uma pessoa é...

**B** – Carlinhos? **(inaudível)**

**C** – Não. Não. Daflu... da, da... Daran... Daran.

**B** – Daran?

**C** – Darlan [Rosa], Darlan, Darlan. Esse cara, essa pessoa é um sujeito muito simples lá do... estava ligado a uma empresa de, de... fazedor de... propaganda. Então, ele desenhou para a educação sanitária o tal da, da gotinha. E, aí, de repente, ele veio com essa proposta, não é? Que foi genial, eu acho que foi uma... uma arte ali, não é? Uma... criação dele que deu certo, né? Porque isso pegou. Eu, eu fiquei muito entusiasmado do Zé Gotinha. Não esqueço toda hora o... de encontrar com ele, parabenizar ele. Acho que o Zé Gotinha foi uma coisa muito bonita, não é? E teve áreas no... em certos Estados que eu ia representar o Ministério, mas eu ia á inauguração vestido do Zé Gotinha. Eu botava a fantasia do Zé Gotinha e ninguém sabia, que eu dizia na Secretaria: "Eu que vou de Zé Gotinha." E o Zé Gotinha estava presente, principalmente lá no Nordeste. O Zé Gotinha fez tanto sucesso no Brasil e principalmente no Nordeste brasileiro.

**B** - E faz ainda, não é?

**C** - Então, é uma coisa impressionante, não é, a questão do Zé Gotinha, não é?

**B** - E ele era do quadro? Era de uma agência de publicidade.

**C** - Ele era da agência de publicidade, não era do quadro, mas ele foi tão genial, não é? Ele foi tão competente para fazer esse... ícone da campanha de vacinação e que permanece até hoje, não é? Ele foi um gênio. E a questão é que ele doou isso para o Ministério. Ele não ganhou dinheiro em cima disso, não, coitado, sabe? E ele acabou doando isso para o Ministério.

**B** - E o doutor Sabin? Soube dessa coisa, conviveu com isso desde o início? Soube da gotinha, que é uma coisa...

**C** - O doutor Sabin, infelizmente, quando houve aquela crise com o doutor Sabin, ele imediatamente abandonou o país, não é? Muito tristonho, não é? Ele tinha apoiado a... estratégia

do Ministério da Saúde, mas essa briga foi uma ciuemeira... esses bastidores foram um pouquinho amargos para ele.

**B** - Quer dizer, além de uma divergência houve mesmo um rompimento. É isso o que o senhor está querendo dizer?

**C** - Houve um rompimento e ele teve que sair do país, porque o Ministro não o recebia mais. Eu acho que o Ministro depois se arrependeu.

**L** - Provavelmente, né?

**C** - E a questão... atribuiu ao gênio do... Sabin... ao gênio temperamental, mas o Sabin era um gênio mesmo! E ele suplantou isso aí. O Sabin (**pigarro**) veio ao Brasil, ele veio com o coração aberto para nos ajudar e ajudou. Ele era o próprio ícone...

**B** - Quando que ele voltou? No sarampo, não é?

**C** - Ele voltou, depois que a gente convidou para ele vir no Estado do Rio de Janeiro.

**B** - Meados dos anos 80.

**C** - É, o Eduardo Costa e eu convidamos eles para vir... ele para voltar no Brasil e ele ainda ajudou na... no controle do sarampo no Rio de Janeiro. Ele ficou muito... é... chocado com mil óbitos de sarampo aí no Estado do Rio de Janeiro, a capital, praticamente, a capital cultural do país, né? A capital turística, cultural, a maior cidade... a cidade mais bela, maravilhosa do país. Então, ele, ele fez um esforço muito grande, apesar de doente... naquela época (**pigarro**) ele esteve presente conosco depois do sarampo. O doutor Sabin...

**B** - Agora, ele estava acompanhando a Pólio de lá? Como era isso?

**C** - Ele ficou acompanhando e ele veio ao Brasil convidado pela Sociedade Brasileira de Pediatria. Então, ele veio a Brasil nas inaugurações, mas ele ia no lugar onde não tava o Ministro, não estavam as autoridades federais. Este bastidor aí foi muito sujo. Porque é... o Sabin... Não é... não foi a questão da estatística, porque o [Waldyr] Arcoverde, ele tem um nível intelectual de politização, apesar de ter trabalhado no governo militar, ele, ele compreendia, ele sabia que não existia mesmo uma estatística. Agora a questão foi que o Sabin era o ícone disso. Ele era adorado pela população brasileira, casado com uma brasileira. Ele era a própria campanha nesse momento. E todo mundo queria falar com o doutor Sabin e não com as autoridades federais. De maneira que ele é que fazia mobilização. E aí, se criou, não foi aquela questão da... isso foi o ponto que eles acharam para convidar o doutor Sabin para ir embora. Eles acharam... eles entraram numa ciuemeira contra o Sabin. Eles viram que o Sabin estava ocupando o lugar da Ditadura, o espaço da Ditadura, o espaço do momento que eles representavam como autoridades federais. Eu quero dizer que isso aí foi estruturado em 1980, na época de plena Ditadura ainda, na época em que o Figueiredo era o presidente da república e os ministros faziam parte desse esquema, pô! Apesar de ter... eu até reconheço que possa ter uma cabeça boa, mas trabalhou num esquema... que era um esquema militar de Ditadura. Não havia... liberdade plena.

**B** - Os nossos técnicos... foi consenso a saída?

**C** - Os técnicos não gostaram. Não! Os técnicos não gostaram e nem a população brasileira. Isso foi uma medida tomada pelo Risi, o ministro e os demais caras da cúpula. Foi a cupulazinha que, que, que... decidiu isso. O restante das pessoas criticou o Ministério na época. A imprensa e o jornal criticaram também. Agora não foi porque ele criticou os dados desencontrados, foi porque ficaram com ciúmes do doutor Sabin, porque eles estavam liderando a campanha da Pólio no Brasil. Isso é que não foi dito. Isso é uma questão de bastidores, da coxia da, da, da... campanha, que essa coisa não vem à tona as vezes. Isso foi questão de ciúmes mesmo, sabe? Porque quem fez a campanha não foi essa... esses elementos que estavam lá representando a Ditadura, não. Foram os técnicos de campo, foi a população, foram os téc... foi a descentralização disso é que levou ao sucesso da campanha e ao sucesso da erradicação em 1989. O último caso no Brasil e que eu tive a oportunidade de assistir porque eu, eu era, nessa época, Secretário Nacional de Ações Básicas. Eu fui o último Secretário. E que aconteceu isso na minha... na minha própria gestão, depois de ter sido presidente e coordenador nacional dessa campanha em meados de 82.

**B** - É isso que eu queria que o senhor falasse agora para gente. Como é que foi essa tarefa de... coordenar esse negócio.

**C** - Eu comecei e acabei!

**B** - Pois é! Até isso, começa e termina. Foi pela Fundação SESP, né? O senhor foi ser diretor de epidemiologia. Conta um pouquinho?

**C** - Foi, quando eu cheguei em 80 eu fui chamado para trabalhar com o Sabin. Eu viajei com o Sabin nesse país todo. Eu via a... o entusiasmo dele. Quando eu cheguei de Santa Catarina, fui lá estudar uma epidemia de Pólio que... cuja o a causa, o... caso principal tinha no... em Santa Catarina e já tinha chegado em São Paulo, e tava fazendo uma corrente de infecção pessoa a pessoa e chegando já ao Estado de São Paulo. E eu... nós fomos lá investigar o primeiro caso, porque o último caso nós já sabíamos, já tinham feito o trabalho em São Paulo. Então, em Santa Catarina, quando nós tomamos o avião de volta para São Paulo, na chegada a São Paulo, o tempo estava bonito e o... e ele pediu pro comandante, o comandante no início anunciou a presença do doutor Sabin foi uma ovação dentro do avião, mas no final, quando avião estava no, no... chegando a São Paulo, ele pediu ao comandante que ele queria ir na, na cabina para ver como São Paulo era estruturada lá de cima, para que ele pudesse, para dar uma, uma... experiência disso na hora de se discutir a estratégia. Então, eu sentia a estr... o entusiasmo do doutor Sabin, né? Eu vivi, eu tive uma vivência com ele, né?

**B** - Esse caso em Santa Catarina? Teve alguma vacinação diferenciada? Vocês fizeram alguma estratégia?

**C** - Teve uma vacinação focal, né? Ela... não tinha sido ainda implementada a vacinação em um dia, estava na organização. Isto se deu em 1980, a vacinação foi focal, foi em torno do, do caso... do caso ou dos casos detectados a partir do último caso. Você levantou a rede, a corrente, a rota da infecção até chegar no primeiro caso, na prima infecção.

Bom, eu assumi..., depois eu fui trabalhar na varíola... na Pólio e naquela época, 1980, a epidemiologia nacional estava dentro da Fundação SESP. A Fundação SESP já vinha carregando, como uma atribuição dada pelo Ministério, da epidemiologia nacional. Ele era o responsável para executar isso para o Ministério da Saúde. Ele era um prestador de serviços para o próprio Ministério da Saúde, uma instituição de que fazia parte. Então, se colocou no SESP, pela flexibilidade da Fundação, toda essa parafernália da Saúde Pública, da epidemiologia, porque se a Saúde Pública não tiver essa flexibilidade de uma fundação ela não caminhava. Então, existia o núcleo nacional dentro da própria Fundação SESP e formado por médicos da Fundação SESP, que eram médicos nacionais do próprio Ministério da Saúde, eram funcionários também do Ministério da Saúde, CLT, mas... que tinha a facilidade, não é? De diárias, de locomoção de transportes da própria instituição. De repente, eu assumo essa epidemiologia nacional e assumo a coordenação nacional, porque...

**B - Das campanhas?**

**C - Das campanhas, porque a campanha de pólio era uma prioridade nacional. Então o SESP... comandava essa prioridade nacional.**

**B - Deixa eu entender uma coisa porque isso me confunde: se tinha dentro do Ministério da Saúde, já tinha o tal do GT-Pólio, já tinha aquela estrutura pensando Pólio, e também tinha dentro da Fundação SESP, a Epidemiologia, eu não consigo entender como é que um coordenava e o outro também era o GT-Pólio...**

**C - Não, o chefe desse GT-Pólio era o, o... chefe da coordenação nacional do Pólio, não era o, o Ministro. O GT-Pólio ele tinha uma coordenação, embora ele morasse no Rio de Janeiro, ele ia coordenar lá em Brasília.**

**B - Certo, mas ele coordenava o GT-Pólio. Por exemplo...**

**C - Ele coordenava o GT-Pólio, era o coordenador nacional, ele era o executivo também.**

**B - Mas ele não coordenava as campanhas, quem coordenava isso era dentro da Fundação SESP, a divisão da epidemiologia. É isso?**

**C - Ele era o diretor da epidemiologia, ele era epide... o diretor da epidemiologia... coordenador nacional do... ele retinha, ele acumulava... ele acumulava três cargos. Ele acumulava o, o coordenador do GT-Pólio, o coordenador da Epidemiologia Nacional e coordenador da Pólio, entendeu? Ele fazia, ele era uma cara... (risos) um bicho de sete cabeças. Só que ele tinha uma equipe. Ele podia fazer tudo isso porque ele tinha equipe. Ele tinha uma equipe nas outras campanhas. Ele tinha um veterinário que era o coordenador nacional da Raiva Humana. Mas ele dava a última palavra.**

Quando nós... nós colocamos que a Pólio... é... contrariando a própria OPAS, o grupo da Raiva na, na... na, e passamos a vacinar em uma ida todos os cães do Brasil, quem determinou isso foi o... chefe da epidemiologia nacional, que era o chefe da Pólio e o chefe de todas essas campanhas também, (risos) através desse coordenador específico da Raiva. Ele retinha um poder muito grande. Ele era um sujeito que andava por esse Brasil a fora. Eu quero te dizer que como

coordenador nacional, eu tinha um avião. Eu tinha o avião da Varíola, um avião de dois motores, que eu me deslocava na emergência. Tinha aviador, tinha piloto.

**B** - E no caso da Pólio?

**C** - Era tão poderosa a campanha de erradicação da... e essa, esse avião passou depois para Pólio também. Na Pólio você já tinha um transporte nacional. Nem era necessário, mas na Varíola era, não é? Mas... Você usou... fretou aviões pequenos em companhias menores para você levar Varíola a nível de Estado, você repassou dinheiro para o nível municipal para fazer esse tipo de serviço, porque os recursos eram também descentralizados. Tinha dinheiro para o nível municipal e quem fazia essa distribuição era o SESP. O SESP mandava para o SESP estadual que mandava para Secretaria de Saúde.

**B** - Como é que era o controle dessa verba no que ela era usada de efetivo? Por exemplo: uma importância era a tal da rede de frio, né? Importância máxima para, para vacina ter validade, né? Para o seu uso e tal. Tinha um controle?

**C** - Nunca teve esse tipo de... Tinha um controle rígido.

**B** - Tinha que investir nisso e não podia investir naquilo? Tinha todo um detalhamento de orçamento?

**C** - Olha essa questão da administração é uma coisa muito interessante, né? Eu coloco para você porque na Fundação SESP eram feitas tão certinhas, quando você... Na campanha de erradicação da Varíola, a flexibilidade que havia para a erradicar era tão grande que o tribunal nacional recebia a comprovação dinheiro da Varíola até em pedaço de jornal. Por que? O sujeito ia alugar, tinha que alugar burro para chegar no local, naquela época não tinha rodovia no interior do... do, dos estados. Eu me lembro o Maranhão, o primeiro estado a asfaltar, estava asfaltando quando eu cheguei lá, era em Teresina, entre as duas capitais, Teresina e São Luiz. Não tinha uma... era tudo pisado e não tinha estrada. O meu jipe abriu muitas estradas para o litoral norte e sul do Maranhão. Fora os outros estados aí, que eram uma coisa incalculável de dificuldade, pô! Então, como é que... e, às vezes, nós éramos chamados pelo Tribunal. Aí eu perguntava pro Juiz, perguntava se ele queria o meu lugar. Eu falava: “Querida... quero o seu lugar e o senhor vai lá pro meu lugar que é muito difícil erradicar uma doença... nesse país, onde não tem nem papel nem comunicação.” Porque o nosso... o nosso vacinador, às vezes, não sabe nem escrever, né? Porque tem que fazer um recibo para comprovar aquele aluguel do burro que era uma porcária de dois, três real, mas que tinha que comprovar. E a coisa era feita assim e eles passaram a aceitar. Quer dizer, quando você chegou no tribunal e colocou o problema como era, os juízes do Tribunal... do Tribunal de Contas da União, aceitou, ele teve que aceitar ou ele teria que assumir a erradicação da Varíola, não é? Porque não tinha outro jeito. Mas também... você veja, o problema se havia algum tipo de corrupção, se fazia uma amostragem. Nunca se achou nada contra a varíola. O que se pagou pela erradicação da Varíola foi algo em torno de cinco milhões de reais, nos dias de hoje. Hoje você compra a vacina de Pólio, você gasta 90 milhões de dólares. A erradicação nesse país aqui de Varíola ficou em 5 milhões de reais. 2500 de dólares, só. Que beleza, não é?

**B** - Pouco para muito.

**C** - Pouco para muito, né? Então, para a Pólio foi a mesma coisa. Não houve esse problema de você ter que dialogar com o Tribunal de Contas da União. Você teve que...

**B** - Mas eu digo também em estar preocupado em estar criando estrutura. Essa era uma das preocupações da... verba.

**C** - Uma das coisas que a gente não fez foi criar estrutura. Usar a estrutura vigente e o SESP...

**B** - Mas o lugar em que não tinha geladeira, que não tinha isso, que não tinha aquilo, se criava essa estrutura física?

**C** - Não. Porque nos barcos, por exemplo, você adaptava os barcos com caixa de isopor com gelo, ou você chegava a essa cidade com geladeira de... de... de *diesel*, porque você não tinha energia elétrica.

**L** - Mas e onde tinha a energia elétrica?

**C** - E a vacina chegava um pouco antes. E onde que tinha energia elétrica era mais fácil, porque aí o transporte, a chegada... e na época da Pólio o Brasil já estava bem diferente do que 10 anos atrás, 20 anos atrás.

**L** - Sem dúvida! Sem dúvida!

**C** - Então, o que a gente fez foi usar essa estrutura. E eu, em determinado momento, fui assumir a coordenação da Poliomielite, enquanto o, o... o ex-diretor foi fazer um curso nacional aí... e fui o responsável, naquela época de passar todos os programas do nível da Fundação SESP já para o nível próprio do Ministério. Porque por um decreto baixado pelo Arcoverde a Epidemiologia passou a ser uma unidade, uma Secretaria Nacional de, de, de... Secretaria Nacional de...

**B** - (?)

**C** - Não. É... de Ações de Saúde.

**B** - Ações Básicas de Saúde.

**C** - Ações Básicas de Saúde, que era a SNABS. E aí, dentro da SNABS ficou a Epidemiologia nacional. Como as campanhas estavam aqui eu fui o elemento indicado que... fiz a negociação da Fundação SESP para o Ministério da Saúde. Os programas passaram para o Ministério é... nessa fase de transposição da localidade Rio para Brasília, os técnicos ficaram os mesmos, alguns técnicos foram cedidos pela Fundação e foram para Ministério da Saúde e alguns técnicos do próprio Ministério assumiram. Mas a coordenação continuou conosco aqui ainda, por causa da flexibilidade que a Fundação SESP tinha como unidade... administ... como unidade administrativa e unidade técnica também. E nós continuamos no nível nacional. Eu passava uma

semana em Brasília e dois dias no Rio e tinha um sub aqui que comandava também o resto e tinha poder para... e aí dava conta das duas, dos três, de um GT-Pólio também.

**B** - E como é que funcionava no cotidiano do Senhor como coordenador o controle e a avaliação de como tinha transcorrido uma campanha? Por exemplo, a campanha aconteceu no dia 15 de junho, vamos sonhar, né? De 1981. Aí, determinado momento depois, tinha que se recolher, como é que funcionava, para ter os dados do que é que aconteceu, quais foram as doses de vacina, como é que funcionava isso?

**L** - Quantas pessoas que vacinou. Esse balanço, né?

**C** - Olha, existia uma vigilância da Pólio. A melhor avaliação que a gente tinha foi o impacto que essa campanha deu em cima da própria doença. Esse foi um dos resultados mais espetaculares que você teve, tanto que já em 1985, no Rio de Janeiro, o Hospital Jesus já fechou a sua unidade de Poliomielite. Os pulmões de aço já foram parados, mas não era por aí. Você tinha uma campanha estruturada. Você tinha uma campanha de Pólio que tinha uma avaliação e essa avaliação era feita junto com as pessoas que vacinavam. Porque você passou a ter um registro das pessoas que iam nos postos de saúde para vacinar. Então, você tinha um levantamento, não só pelas estimativas, mas pelas próprias crianças que iam nesse, nesse posto de saúde. E as vezes, quando a criança não era vacinada no dia, essa, essas unidades ficavam abertas durante quatro ou cinco dias para completar esses números. Aliás... na região Sul, Sudeste, na região... do Nordeste, a continuidade da vacina foi muito curta. A vacinação continuou mais nas áreas que chovia, porque às vezes...

**L** - De difícil acesso, né?

**C** - E de difícil acesso. O Amazonas você sabe que não tem estações. Lá é a estação da chuva e da não chuva. De maneiras que, às vezes a chuva caía na estação da chuva. Aquilo alagava tudo. Então a vacinação era adiada por um mês, mas havia vacinação. Está claro isso?

**B** - E o percentual de crianças que se chegava a vacinar, sempre se atingiu ou teve algum momento de crise?

**C** - Então, cada unidade estimava a sua vacinação...

**L** - Até mesmo para pedir o número de doses.

**C** - Exatamente. Então, você sabia... é como eu tinha dito anteriormente, a unidade foi instalada em que essa população é... não andasse mais do que 100, 200 metros... ou 500 metros, no máximo. De maneira que essa unidadezinha instalada na Emater, na igreja, no centro de saúde, na escola, ela teria, ela tinha a... o quantitativo. A questão é que na fronteira aumentava um pouquinho mais, porque era tamanha a propaganda, que a população fronteira passava pro Brasil e às vezes até faltava vacina por causa disso.

Então foi uma coisa que a gente aprendeu... Na primeira... nós não apanhamos muito no primeiro de vacinação, pela primeira vez. Foi alguma coisa assim de falta de vacina em localidades em que cresceu muito a vacinação, porque aumentou em umas unidades e diminuiu nas outras, não

é? Por que? Porque as pessoas achavam que aquelas unidades não tinham vacina. E, na verdade, não teve unidade sem vacina. É que houve naquela primeira experiência... mas não se apanhou muito. E os defeitos encontrados foram... sanados rapidamente, né? E na segunda vez, não houve problema nenhum. Aquilo, aquilo... funcionou de uma maneira que parecia até uma rotina. E depois foi exatamente isso que aconteceu. As campanhas não tiveram dificuldade. Hoje, é só falar que é dia de vacina, não precisa nem o Ministério da Saúde armar estrutura nenhuma. A própria... o próprio município já tem tudo esquematizado. Isso é uma estrutura já montada.

**L** - Até em Mc Donald's se vacina, né doutor Cláudio...

**C** - Até no Mc Donald's.

**L** - Até no Mc Donald's, é impressionante! Eu vi esse ano. E no Supermercados Sendas também eu vi duas...

**C** - Dois postos de vacinação.

**L** - É, assim, com uma caixinha de isopor e tal e as moças "Aqui posto de Vacinação". Eu fiquei impressionada, realmente...

**C** - Depois eu fui convidado para uma experiência diferente, o Fernando já tinha chegado, eu saio do Ministério e vou para a Secretaria Estadual de Saúde e assumi a Epidemiologia do Estado do Rio de Janeiro.

**B** - Já vamos falar disso, mas deixa eu te perguntar uma coisa. Esse grupo da ENSP que trabalhou com o senhor na Fundação SESP, foi nesse momento dos anos 80?

**C** - Quando eu assumi na Fundação SESP a Epidemiologia nacional eu acho que pela primeira vez o SESP abriu as portas para as bibliotecas e outras instituições, né? Porque a verdade é que o SESP como tinha uma flexibilidade muito grande, ele, embora tivesse uma ligação com, com as instituições de Saúde como a própria Escola Nacional de Saúde Pública, porque havia um intercâmbio, o SESP cedia as unidades que ela tinha no Nordeste e... e em outras, outros Estados para treinamento dos alunos, havia uma, uma, uma... uma questão aí de pouco entrosamento de outras instituições. Então, nós é... nós procuramos, naquele momento, abrir essa porta, escancarar a coisa. E pela primeira vez eu vi técnicos da Fundação Oswaldo Cruz e, principalmente, da Escola, pessoas de muito valor e que estavam trazendo, naquele momento, é... discussões como o Eduardo Maranhão, o... o Fernando Laender e Cristina...

**B** - Cristina Pedreira? Pedreira?

**C** - Não é a educadora. Ah, Cristina Pedreira! Que era uma médica que veio de Goiás para FIOCRUZ, então esses três técnicos começaram a... a trabalhar junto com os técnicos da Fundação SESP. Eu acho que cresceu muito a Epidemiologia nacional naquele momento, sabe? Porque não havia... quando a Escola tinha um problema de diária, passou a haver um intercâmbio disso. O SESP... a Escola entrava com os técnicos e o SESP entrava com diária, com as viagens. Então, houve um entrosamento nisso aí. Houve um treinamento em vacinação

na própria Fundação SESP, pelos esses técnicos da Escola. Houve uma interação, nós acabamos levando todo mundo para Brasília para... num treinamento nacional das Secretarias de Saúde.

Nós passamos a atuar, quer dizer, o próprio... a própria Fundação e esses técnicos aí, que eram jovens, gente já com uma mentalidade diferente até daqueles professores antigos da Fundação, chegaram com um nova vertente e se uniram com uma turma jovem da epidemiologia do SESP. Eu acho que aí pegou fogo, eu acho que partiu até para melhorar inclusive o próprio Ministério da Saúde. Chacoalhar o próprio Ministério da Saúde. Eu acho que houve uma revolução naquela década no próprio Ministério da Saúde. Porque o Ministério passou até a temer esse grupo que vinha do Rio, aliado à Escola e à Fundação SESP, trazer uma nova mensagem pro nível nacional. Eu acho que nós fizemos muita coisa. Nós fizemos uma revolução nessa época juntos, a Escola e a própria Fundação SESP.

**B** - E eles trabalharam especificamente com a Pólio ou mais? Com a epidemiologia em geral?

**C** - Olha, inicialmente eles trabalham com a Pólio, mas depois eles se tornaram polivalentes. Eles trabalhavam no EPI, e passaram... passaram até a ter um, um, uma, um... espaço maior a nível nacional.

**B** – Que seria trabalhar na imunização geral, no Programa Nacional de Imunização.

**C** - Exato. E quando eu saí da secretária... quando eu entrei na Secretaria, eu fui buscar esses mesmos técnicos que eram técnicos, que já com uma experiência grande de uma... de uma participação nacional, de uma participação a nível de Escola e de Fundação SESP que era já... muito amadurecida. Então, eu queria gente treinada já para, para Secretaria. E o Fernando Laender e o [Eduardo] Maranhão, o Eduardo, a Cristina tinha já saído para OPAS, eles passaram a se integrar na própria Secretaria de Saúde. Eu acho que a Secretaria cresceu muito.

**B** - Agora, me fala só uma coisinha... é... sobre o aceite do senhor de ir para a Secretaria. É o primeiro momento, pelo que a gente acompanhou da sua trajetória até aqui, que o senhor vai para um cargo que é eminentemente um cargo... político, no sentido de que o senhor está dentro de um, de um, de um governo.

**C** - Um cargo político, pois é. Eu fui substituir uma pessoa que estava lá há anos e não acontecia nada na Secretaria. Era um cara com um papo excelente, o Eloadir [Pereira da Rocha], mas as coisas não aconteciam. Aliás, não tinha prestígio a Secretaria de Saúde. Então, o Eloadir se perdeu por isso, né? E o grupo que estava com ele, porque eu aproveitei o grupo dele. Estava lá o... o Samuel, não é? E pessoas de valor que continuaram comigo e fizeram um entrosamento muito bom. E que, embora fossem uns caras que tinham uma visão... interessante, né? Não concordavam muito, mas ascendiam na Secretaria já técnicos com uma participação em nível de partido político, como o PT, o PDT. Então, criou-se aí um, um... uma contrição muito grande de discussão e a Secretaria... a Epidemiologia cresceu muito. E eu só aceitei ir para Secretaria, ah... porque... ia ocupar a Secretaria um epidemiologista que era o Eduardo Costa, que era uma pessoa muito chegada ao Governador, com muito prestígio e eu podia fazer... e a gente podia fazer alguma coisa. Porque ir para Secretaria para não fazer nada, não adiantava ir, quem estava lá estava fazendo bem. Então, não havia necessidade...

## Fita 09 - Lado B

**C** – Essa... esse banco de sangue, o banco de sangue Ipanema, lá em Botafogo, ele soube pela televisão, que eu tinha fechado. Nem o Secretário sabia. Eu tinha tanto espaço, eu tinha tanto poder de decisão... decisão, que eu ia mesmo, sabe? E fechava.

**B** - E com uma equipe assim que dava estrutura...

**C** – (**inaudível**) com o governo. Você já me imaginou fechar um hospital? Eu fechei dois hospitais aqui em Niterói. Eu fechei o Santa Catarina, lá... aquele, aquele chupador de sangue do Rio, o Gonzaga, que é um, um desastre. Eu fechei a indústria dele.

**B** - Indústria de sangue.

**C** - Indústria de sangue.

**B** – Ah! (**suspiro**) Ele tratava o sangue como mercadoria.

**C** - Aquilo deu um bode! Deu um bode, aquilo, que não foi mole! Então, eu fui para a Secretaria e eu acho que foi uma experiência espetacular a nível local enquanto que a gente estava... e tinha uma visão diferente, sabe? Porque você já estava... pela primeira vez eu trabalho a nível de Estado. Eu trabalhei em nível internacional e em nível nacional, mas jamais tinha pegado o... o abacaxi estadual.

**B** - A não ser como trabalho de campo, o que é diferente. Está no campo, mas não é nacional. É diferente.

**C** - É diferente! Então, eu comecei a sofrer a minha problemática, problemática estadual. Então, comecei a fazer projetos e começar a ir para nível nacional. E arrumei muito dinheiro para o Estado do Rio e o primeiro carro no Brasil escrito "Vigilância Epidemiológica" foi um carro que nós compramos aqui no Rio de Janeiro, só dedicado a vigilância epidemiológica. O primeiro carro escrito "Programa de Vacinação Estadual" era o nosso. Então, o Estado... e eu atuava com outra vigilância, a vigilância sanitária. Eu incluía as duas, né? Porque você não pode trabalhar em vigilância epidemiológica sem trabalhar junto com a vigilância sanitária. Então, iam junto comigo, dois diretores da sanitária e da epidemiológica junto. Eu passei até dar recursos para ele que ele não tinha, como veículo. De maneira que isso passou até, quando surge o AIDS nós estamos preparados aí. E a questão da própria Pólio. Nós...

**B** - Pois é, quem coordenava a Pólio aqui?

**C** - A Pólio era coordenada pela epidemiologia, pelo doutor Eloadir [Pereira da Rocha], o diretor da epidemiologia. Eu passei a ser o coordenador Estadual. Então, eu, eu... eu saí de uma coordenação nacional para uma coordenação estadual. Então, foi um... foi uma lavada! Porque você sai de um nível nacional, com todas as dificuldades de 27 estados, você pega a dificuldade de um Estado. Aquilo lá foi uma... eu tinha um educadora aqui que não era catedrática, sabe?

**B** – Quem era?

**C** – Era a Noêmia Kligerman. E a Noêmia Kligerman ela pode... ela já tinha uma estrutura de Pólio, mas ela tinha uma estrutura... mas como não tinham muito poder nessa época, a Secretária, e... e nós tínhamos que responder ao nível nacional e seria uma vergonha o Cláudio Amaral da epidemiologia apresentar seus números do Estado do Rio abaixo do nível nacional (**risos**), caramba! Foi lá para 100%. Eu... era inadmissível para mim, que eu sendo já... tendo sido já coordenador nacional... nacional e sendo a primeira figura nacional, eu apresentasse um, um... uma cobertura aqui, é... muito baixa. Quer dizer, eu acabei subindo... a primeira coisa... o meu primeiro desafio aqui era elevar de 89% a 99%. E isso foi feito. Já na primeira fase da campanha, no, no, no ano que a gente assumiu, esse, esse número chegou quase a 100%.

De maneira que, começamos a pensar, quando isso tava estabelecido e não que havia perigo de você baixar isso outra vez; nós começamos a nos inteirar do sarampo, quando convidamos o doutor Albert Sabin para vir ao Rio de Janeiro, e ele veio, para fazer... discutir conosco o sarampo.

**B** - E como é que essa discussão era vista lá em Brasília? Já se estava discutindo isso lá?

**C** - Essa foi uma questão que se teve conhecimento só no bastidor, na coxia do Ministério da Saúde, nesse teatro grande que o Ministério da Saúde, porque... o Ministério passou, ele tem a questão da ciumeira. Foi aí que aconteceu... quando um Estado desaponta e vê as suas dificuldades e vê que tem uma doença que não é mais Pólio e é o Sarampo que está matando 1000 crianças no Rio de Janeiro por ano e ele pode fazer alguma coisa, porque a Fiocruz produz uma excelente vacina contra a Pólio. O Brasil já produz através da Fiocruz e é de graça, por que que a gente não vai utilizar isso numa campanha já estruturada que era junto com a Pólio?

**B** - Quer dizer, fazer o sarampo junto com a pólio.

**C** - Aí veio a própria OPAS, comandada já pelo doutor Ciro de Quadros, que não queria essa campanha metida com a Pólio porque ele achava que...

**B** - Com a Pólio ou com o Sarampo?

**C** – Com, com a Pólio.

**B** - Ah, a campanha do Sarampo metida junto com a da Pólio.

**C** - Porque ele que o... ele achava que era uma por vez. Ele queria ser o erradicador da Varíola, o erradicador da Pólio e depois do Sarampo, da Hepatite, uma por vez até que ele morresse. E a gente não estava disposto a "malariorizar" a campanha da Pólio, tornar isso eterno. Então, nós fomos contra. E, aí, o Rio de Janeiro apresentou a sua proposta de vacinação. E foi uma agitação na epidemiologia através lá do, do Risi, que era... que era o Secretário Nacional, do Ministro, porque nós agregamos Sarampo, mas até 19 anos! Que era uma coisa inédita! Por que vacinar até 19 anos? Mas o Sabin estava aí conosco. Então, a ciumeira mandou.

Aí, o Ministério não queria dar essa vacina. Só que ele foi obrigado a dar, porque o Brizola... decidiu comprar essa vacina. Então, antes que o Ministério passasse por uma vergonha, o Brizola, que era amigo do Figueiredo naquela época por baixo do pano, é... mandou dar essa vacina para o Estado do Rio de Janeiro. E, pela primeira vez, nós tivemos uma vacinação até 19 anos. No ano seguinte...

**B** - E o efeito?

**C** - No ano seguinte, o Estado do Rio não apresentou um óbito de, de, de... de Sarampo.

**L** - Gente, que coisa! Impressionante!

**C** - Então, eu... como médico de Saúde Pública, olha eu estou tão feliz, eu assisti à erradicação da, da Varíola, da Poliomielite e assisti acabar com a mortalidade de Sarampo no Rio de Janeiro. E... e apresentamos, o Rio de Janeiro ofereceu ao Ministério da Saúde a estratégia do Sarampo, no controle da mortalidade. Acabe-se com a mortalidade de Sarampo nesse país, e o residual você... pode até vacinar pontualmente. Essa foi a grande lição! São Paulo veio assistir à nossa vacinação. São Paulo foi o segundo Estado, né? A fazer esse tipo de vacinação e vacinar até 19 anos, até 20 anos, até 19 anos inclusive. Então, São Paulo também obteve o mesmo resultado. Acabou. Quem vacinou até 19 anos acabou com a mortalidade. Não acabou com a morbidade. Os casos de Sarampo continuaram. Por que? Porque o Sarampo passou a dar em pessoas além de 19 anos. E, aí o crescimento...

**B** - Do suscetível

**C** - Do suscetível voltava para a faixa etária. Mas a doença, nunca... a, a mortalidade.

**B** - E o senhor estava falando justamente de uma relação com o Ministério da Saúde. O senhor falou, no caso, do Sarampo. Aí, agora conta para gente como é que foi mudar de lugar e conversar sobre a Pólio com eles? Como é que era o Estado coordenando a Pólio...

**C** - Pois é. Foi assim. Mas eu sabia desse macete, entendeu? Eu não vim pro Estado do Rio de Janeiro não sabia, eu não vim desconhecendo, que lá em Brasília, que os detentores dos poderes daquela hora tinham ciúmes dos Estados, entendeu? Eles queriam reter. Por isso que eles são centralizadores. Tudo está lá ainda! Eles falam pela boca para fora descentralização, mas continua uma centralização lá em cima, sabe? Então, o que não tinha, não tem uma, até uma parte da esquerda que são os caras que têm um, um discurso de descentralização, mas na hora de descentralizar, eles não descentralizam nem uma agulha. Teve aí uma diretora da Fundação SESP que passou seis meses fazendo reunião. Saiu, não descentralizou nem uma unidade sanitária, né? Quer dizer, o troço é da boca para fora. Desde que o dele, o poder dele não mexeu, pode fazer a descentralização que quiser. É o caso do Arouca. O Arouca falou muito em descentralização, a Fundação tem hoje até hospital aí. Acho que descentralizou o hospital aí do, do Botafogo, aquele hospital...

**B** - IFF.

**C** - ... É. Tá!

**B** - É, hospital da Fiocruz.

**L** - Continua Fiocruz.

**C** - Descentralização. Claro, isso é um absurdo, né? E deixa de fabricar vacina, porque ela devia prestar pelo menos uma prestação de serviço, fabricar vacina no país. Deixou de fabricar a melhor vacina de Sarampo que se fabricava nessa região do mundo e, e não fabrica mais nenhuma vacina propriamente dita do PNI, a nossa grande instituição nacional. De maneira que nós temos uma instituição competente... olha com a Casa Oswaldo Cruz que faz um trabalho excelente de memória, de... cultural da área de Saúde Pública, retém as informações. Tem a área de pesquisa... Olha, nós temos a maior instituição nessa área do, do, nessa parte do mundo e na parte de produção de vacinas ela é pobre ainda. É uma coisa incipiente. Infelizmente, porque lá tem gente que sabe. A Fundação retém os melhores e os melhores técnicos desse país, né? E ao lado do Evandro Chagas podia ser... aliado ao Evandro Chagas, que eu acho que a FIOCRUZ até poderia ser é... uma coordenadora do Evandro Chagas, devia ter só um diretor para duas, pros dois, pros dois institutos e coordenar uma fabricação de vacina, porque aquela sabe muito Hepatite B. Aquela poderia vir com a Hepatite B.

**B** - A Fundação Evandro Chagas podia vir com a Hepatite, não é?

**C** - Com a Hepatite e o controle das doenças exantemáticas da Região Amazônica, não é? Não, aquilo está sendo destruído pouco a pouco como a Fundação. Eu vejo isso muito tristemente, sabe? Existia uma escola de, de... de enfermagem e que eu mesmo achava que, em parte, deveria ser descentralizada. Mas as outras, eu tinha uma dúvida, porque as escolas de enfermagem de, de, de... de Manaus, da Fundação SESP, ela poderia ser a ponta de lança da própria descentralização como organização de serviços. Por que? Você já imaginou você treinar os Estados e Municípios dentro daquela unidade para descentralizar os serviços? Nada melhor do que uma unidade nacional como treinadora. Então, a, a... o nível nacional quer descentralizar através de, de leis, eles descentralizam as leis, mas não descentralizam o fundamental que é o dinheiro! O dinheiro continua sendo lá em Brasília, todo roubado, pô? Você vê o que está acontecendo aí pelos jornais, pô!

**B** - E aí, doutor, nesse momento que o senhor está dentro da Secretaria, ora como Subsecretário, ora pegando a Secretaria, ora... trabalhando no Vital Brasil, foram vários cargos que o senhor teve, o senhor viveu 1985, o momento onde se opta pela questão da erradicação da Pólio e o papel da OPAS nisso. Eu queria que o senhor contasse um pouquinho para gente os bastidores disso.

**C** - Quando, quando ficou decidido, foi uma reunião em que eu participei lá em Brasília, e aí, a OPAS... é... decide, o Carlyle era o, o diretor da OPAS, e decide...

**B** - O Carlyle era o diretor brasileiro.

**C** - Brasileiro na OPAS, lá em Washington.

**B** - A escolha dele foi tranquila?

**C** - E ele se convence, ele muda de opinião e, aí, ele estava numa linha do PIASS, ele que construiu o maior número de unidades quando Secretário de Saúde do Piauí, ele se convence, agora, que a campanha mesmo é o melhor. **(risos)** E ele parte para uma campanha nacional. Então ele...

**B** - Uma erradicação... das Américas.

**C** - A erradicação da Poliomielite das Américas. E usando a estratégia brasileira e técnicos brasileiros que saíam por aí, como o Eduardo Maranhão e o Fernando Laender, dando assessoria pela OPAS, usando os técnicos brasileiros que tinham experiência para... eu mesmo fui para Colômbia armar... fui para Argentina, armar o esquema da Pólio nesses países.

**B** - E nesse processo de deliberação, por que ser a Pólio e não ser outra, o senhor credita isso a que?

**C** - Porque a Pólio é que tava, o Brasil tinha erradicado, tava... tinha poucos casos, tava num processo que a erradicação tava... tava perto.

**L** - Muito próxima, não é?

**C** - Muito próxima! E a... a OPAS, muito tardiamente, ela devia assumir isso antes, vai, assume, é eleito um diretor brasileiro, ligado ao Ministério da Saúde, e por aí, então, ele se convence que a campanha é o caminho. Como ele tinha que fazer alguma coisa como diretor, era uma coisa que já era bem sucedida, ele foi usar a, a campanha, a campanha erradicação de Pólio, que foi o papel mais importante que esse diretor fez na OPAS. Fora disso, ele não fez nada! O Carlyle, ele pode se vangloriar. Claro, ele foi uma decisão política dele correta, apesar dele inicialmente ser contra a campanha, porque ele era um técnico do Mozart, do PIASS, mas a, a única coisa efetiva que ele fez dentro dessa organização, foi exatamente a erradicação da Pólio em nível continental.

**B** - E, no caso, para pensar a erradicação da Pólio no nível continental, eu fico pensando nos outros países, né? Isso era um desejo também de outros países, já estavam querendo esse apoio da OPAS para isso? A gente vê pelas fronteiras como o senhor falou. As pessoas vinham, atravessavam a fronteira para receber a vacina.

**C** - O Brasil, pois é, existe uma reunião em Washington que é anual dos Ministros da Saúde. Então, eles são, eles fazem cada país dar o seu relatório anual e o Brasil se destacava pela erradicação, pelo caminho da erradicação da Pólio. E a propaganda, esse dia nacional ele saía fora dos fóruns, além da fronteira do Brasil. Começa a agitar os países fronteiriços. E que começaram a ver o trabalho do Brasil. A própria OPAS é... mandava técnicos de outros países para assistir, porque eles pediam, né? A maneira de você obter passagem era através da OPAS. Então, a OPAS participava mandando oh... o técnico de outros países para assistir a campanha brasileira. Eu mesmo tive isso. Eu recebi muita gente.

Depois, eu fui para o nível nacional, porque o... Uma coisa que eu fiz questão sempre na vida de Saúde Pública é estar, é trabalhar, administrar junto com a imprensa. Eu nunca, em qualquer parte, você vai lá no meu, no meu acervo, você vê jornais à vontade, não é? É... então, eu nunca,

porque era através da imprensa, era através da televisão, até no Chacrinha, eu me lembro, eu tenho essa parte o Chacrinha, o Chacrinha abriu espaço para gente fazer a vacinação da Varíola. Você... ele tomou a vacina, o Chacrinha. E foi no programa do Chacrinha. Aquilo foi visto por milhares de pessoas. Nós fizemos uma vacinação de Pólio num trabalho aí no SBT junto com aquela apresentadora...

**B** - Hebe Camargo?

**C** - A Hebe Camargo. E outra, uma menina, uma moça aí que...

**B** - Eliana?

**C** - Eliane, sabe? Nós fizemos todo um trabalho de gotinha com os programas mais... vistos pela periferia do Brasil, não é? Pela periferia da cidade, com esse programa de televisão. Então, eu jamais deixei de, de, de trabalhar com a Imprensa. Aí, eu mudo, eu saio do governo e exatamente o discurso dele, eu rio dele até hoje. Ele disse que saía, estava entrando para Secretaria para tirar a Secretaria dos jornais. Quer dizer, foi uma risada geral.

**B** - Quer dizer, a pessoa que assumiu o governo...

**C** - Que assumiu no meu lugar. Quer dizer, ele estava entrando na Secretaria para tirar a Secretaria do jornal. Quer dizer, cada dez pessoas, isso foi dito pelo Brizola, oito pessoas aprovavam a política da Secretaria de Saúde, né? E, principalmente, na questão da AIDS, porque esse foi o Estado que pressionou o nível nacional, né? A, a, a... a secretária nacional... que estava no Ministério que era a... **(interrupção da gravação)** A secretária nacional, nessa época, chamou para coordenar a AIDS em nível nacional uma técnica nossa. Foi para o nível nacional, uma dermatologista que estava na Secretaria de Saúde, para comandar a nível nacional a Dermatologia e a Dermatologia retinham o programa da AIDS em nível nacional. E ela fez um, um dos melhores trabalhos. Você vê como está aí.

**B** - Quer dizer, tinha uma repercussão da Secretaria até no nível nacional.

**C** - Tinha uma repercussão da Secretaria até no nível nacional.

**B** - Isso eu acho que foi o que a Secretaria estava incomodando a setores estabelecidos **(ininteligível)**

**C** - Principalmente a classe médica, porque a Secretaria passou a investir dentro da questão também da área curativa, porque, e na área de laboratório, porque a AIDS passou a ser uma doença de... se você fosse ver nas estatísticas da mortalidade dos casos de AIDS do Estado do Rio de Janeiro, os maiores agredidos eram os hemofílicos. Então, o... a AIDS estava sendo transmitida através do sangue contaminado. E, coitados, os hemofílicos tomavam fator 8 e 9 passaram a receber AIDS através do fator 8 e 9. E quem conduzia isso era o... Gonzaga. O Santa Catarina, não é?

**B** - Hospital Santa Catarina.

**C** - Hospital Santa Catarina. O que faziam... o banco de sangue. O Santa Catarina é um grande banco de sangue, né? Eu, eu... eu acho que se trabalha corretamente, mas o grande erro foi ele se aliar à... à Cruz Vermelha e à MAVI, cedendo os... os caminhões de coleta de sangue, ele ia coletar sangue nas instituições Petrobrás, presídios e tal. E em vez de trabalhar artesanalmente, ele trabalhava de uma maneira... de lucro, industrialmente, fazendo *pull* de sangue. Então, um sangue contaminado, contaminava todo o tambor de gasolina... de, de gasolina, que era o sangue naquela época, porque pegava fogo, porque um sangue contaminado contaminava toda aquele, aquela partilha de sangue, partida de sangue. De maneira que nós achamos fator 8, fator 9 e todos os derivados de sangue contaminados. E você imagine como isso não estava contaminando a população do Rio de Janeiro. E a política nossa era fechar esses bancos de sangue e a indústria de sangue. E havia duas indústrias de sangue. Uma era a Hearst lá em Teresópolis, que foi fechada e outra era do Santa Catarina. E esse do Santa Catarina, ele, ele tinha uma Fundação com o nome de, é... Luiz Gonzaga em que ele retinha 90% das ações e 2, e 3%, e 4% era dessa Fundação e onde ele colocava hemofílico. Então, era uma estrutura pesada para você lutar contra o Santa Catarina, porque os próprios hemofílicos se defendiam o Santa Catarina, porque eles recebiam de graça. Não que eles não pagassem, viu? Porque a conta ia para o INAMPS. Quem pagava era o INAMPS.

**L** - E outros pagavam com a vida.

**C** - E exatamente. Então, quem morria eram os hemofílicos. Vocês... eu me lembro, como eu trabalhava com a imprensa, a imprensa começou a dar um espaço enorme para esse tipo de trabalho que nós fazíamos, né? E, as às vezes o banco de sangue como era do Botafogo, aqui do Botafogo, como era o caso do banco de sangue Ipanema lá em Botafogo. Ele chamava Banco de Sangue Ipanema, mas era em Botafogo. Era do... catedrático em epidemiologia do Rio de Janeiro... da Universidade do Rio de Janeiro. Quer dizer, esse banco de sangue privado ele transmitia Malária. Sabe como transmite Malária, não é? É porque eles tiram a papa do sangue e mandavam de volta os elementos figurados.

**B** - Aí como estava sujo o ...

**C** - Como estava sujo voltava e ia a Malária para o... doador.

**B** - Cheguei sã, doei o sangue e saí com Malária.

**C** - E saí com Malária.

**L** - E sem contar a Hepatite, também.

**C** - Hepatite também e outras doenças. Quando a crise de construção na cidade do Rio de Janeiro ia para baixo, os operários dessa... iam doar sangue, quer dizer, acabavam doentes e sendo internados lá no Hospital do Fundão. E cujo o... cujo catedrático era dono de um banco de sangue que transmitia AIDS, transmitia Hepatite e o resto.

**L** - Malária, tudo.

**C** - Malária etc., quando eu chego no Ministério...

**B** - Antes do senhor chegar no Ministério só me conta um pouquinho para não me perder: numa outra conversa nossa, o senhor falou da Dona Neuza [Brizola], aí eu não queira perder esse papel da Dona Neuza como apoio a vacinação e a todas as políticas.

**C** - O Estado do Rio de Janeiro, quando nós assumimos a epidemiologia ele apresentava... era o Estado que apresentava uma queda na cobertura vacinal. Isso aí era motivo de preocupação, porque era um Estado que não tinha mais Poliomielite. Foi um dos primeiros Estados a apresentar zero casos de poliomielite. Então, a maneira de que você... fazer esse trabalho também, uma das estra... logísticas usadas foi trazer para o nosso... a esposa do nosso... *Metier* a esposa do governador. Então, nós batemos na porta da Dona Neuza, que se prontificou junto com a Dona Célia que era a esposa do Marcelo [Alencar], que era o prefeito [da cidade do Rio de Janeiro], eram do mesmo partido e se prontificaram a fazer o trabalho. Então, nós estruturamos para elas, para as duas e ela mandou uma carta de próprio punho para cada esposa de prefeito. Então, 72 municípios se reuniram aqui no Rio junto com a Dona Neuza para estabelecer uma proposta de participação das primeiras-damas. Em vez dela dar chá, elas iam dar chá... é... discutindo a estrutura de vacinação da Pólio a nível municipal. E nada melhor, porque como ela conhece bem o marido e dorme... a esposa do prefeito dorme, no mínimo, oito horas por noite e está junto com ele, ela é uma pessoa importantíssima na estrutura da Pólio. Então, nós passamos a mandar o comando dessa vacinação para a esposa do prefeito e que chamava seu marido para dar a gotinha.

**B** - Cada esposa de prefeito ia ser esse veículo, né?

**C** - Olha, isso aí foi uma tática que deu um resultado, porque o que foi de esposa de prefeito que começava a telefonar para nós aqui no Rio de Janeiro...então nós tivemos que colocar só um telefone para atender as esposas dos prefeitos. E acabou a esposas de prefeito entrarem em contradição com o próprio posto de saúde local, porque o posto de saúde era do Estado e a esposa do prefeito era municipal. O posto de saúde municipal tava uma beleza. Agora, o nosso posto de Saúde ia acontecer aquilo que, ia repetir aquilo que repetia no nível nacional: ciúmeira. Coisa que a gente já estava imunizado, já tinha vivido até com o Sabin. Então, quando nós colocamos isso com as mulheres dos prefeitos, nós tivemos o cuidado de chamar o chefe do posto de saúde. Logo em seguida ou concomitantemente essa reunião com as mulheres de prefeitos foi feita junto com o chefe do posto local para não haver dúvida de que tinha que haver essa articulação.

**B** - Ou era coordenado todo mundo junto, coletivo ou não ia sair...

**C** - Então, isso foi um sucesso absoluto. Os problemas a nível local sumiram e a vacinação... as coberturas chegaram ao nível que se queria que era, técnico, que era 98%.

**B** - Só me explica uma coisa doutor Cláudio, uma cobertura não chegar ao nível desejado, que ela não estava cobrindo ainda os 98% ou os 90%, que fatores você é... explica essa não cobertura numa capital ou num Estado no Sudeste, é... completamente diferente do Amazonas. Quer dizer, como é que eu entendo que no Rio de Janeiro não tivesse uma cobertura alta. Desmobilização das pessoas?

**C** - Exatamente, era o nível de mobilização, porque a coisa que se repete muito, ela às vezes ela pode trazer... é aquilo, o problema de campanha é um problema político e de mobilização. Quando essa mobilização se murchava, havia desinteresse, isso é um, é um problema muito sério no final da doença, porque no final só fica o residual. Quer dizer, a doença passa de ser um problema.

**B** - Não tem mais aquele apelo.

**C** - Não tem o apelo. Então, mas não tem erradicação ainda, tem o residual. Quer dizer, na próxima leva, no próximo número nasce nesse país três milhões e meio, é a população do Uruguai hoje. Então, a população que nasce nesse país é a população do Uruguai todo ano. Quer dizer, dá uma leva de três milhões e meio em que você pode contaminar novamente. Então, esse, esse apelo tinha que permanecer. Uma das razões porque nós fizemos a campanha junto com a Pólio foi exatamente por isso. Porque você tinha que surgir com uma proposta que estava aí matando, não é? Ao lado de uma doença que estava sendo um sucesso e que não estava matando mais. Não havia melhor situação para você colocar duas doenças, uma que caía, sem doença, sem morte, e outra que estava aí com doença e morte.

**B** - Que é o Sarampo?

**C** - Todo mundo vacinou contra o Sarampo e o resultado foi o mesmo: zero de mortalidade no ano seguinte. Pode ver, na estatística de mortalidade do Ministério da Saúde, naquele, naquele... o, no, no... anuário... no anuário, ele em 1985, o Rio de Janeiro teve zero, em 1984 tá mil casos lá, fora os casos que morriam aí...

**B** - Sem ser notificados.

**C** - Sem ser notificados ou pelas complicações do Sarampo. Quando eu chego a nível nacional, o SESP já estava indo pro nível Central, eu poderia ficar em algumas instituições, inclusive na Escola de Saúde Pública. Eu estava até pronto para ensinar nessa época, mas eu não quis me tornar um acadêmico, Deus me livre! (**risos**) Me tornar um cara teórico. Eu até gosto de transmitir alguma coisa, mas por uma hora, fora... mais de uma hora a mim se torna uma coisa horrível! Né? Uma coisa que se torna repetitiva. Então, eu fui pro Ministério e fui para lá para assumir uma nova doença que era a Hepatite. E que estava há dez anos numa comissão aí se discutindo e não se fazia nada. Hepatite já Delta, comendo... firme lá na Amazônia, matando. Porque se a Hepatite B é longa, mata, mas é longa! Mas a Hepatite Delta é fulminante. E só tem Delta quem tem B. E a B é... o... a área amazônica, ela é de alta endemicidade, é uma das áreas mais hiper endêmicas no mundo todo. Lá você tem... cidades que você tem 30 a 35% de portadores, né? Então, é um perigo! E a Delta já tava começando a entrar no Pará caminhando para o Sul. Você já tinha Delta até em Marabá. Quer dizer, estava na rota já do Sul do país. Então, nós tínhamos que breicar essa Hepatite... é... fazer alguma... a Delta, vacinando com a B. Porque você só para com a B, porque a B não tem como, não tem vacina, não tem nada, mas ela só existe em função da B.

**B** - Por que quando você controla um...

**C** – É uma questão... é o vírus recessivo, quer dizer, é um... não é... é um RNA, é um retrovírus e ele não pode se reproduzir por si mesmo. Ele precisa dos cromossomas da Hepatite B para se reproduzir e se perpetuar no, no, no... no universo. Então, ele vai... ele existe onde tem a B. Então, lá na B, lá na Amazônia ele deita... ele era o rei, né? Então, você tinha óbitos para... e tínhamos um trabalho muito bem feito pelo Evandro Chagas, pela Gilberta Bensabath, que era membro dessa comissão, ao lado do Hermann, da FIOCRUZ, do Gaiotto, que era um patologista da USP, do Figueiredo Mendes, da Santa Casa. Você tinha ainda o Pinheiro... o... o Figueiredo... o outro Figueiredo que era patologista da, da Escola de... de Medicina Tropical, do laboratório de doenças tropicais de, de Manaus. Onde existia, ele é um grande conhecedor, até foi a pessoa que descobriu que a... Febre Negra de Lábrea nada mais é do que a...

### **Fita 10 - Lado A**

**L** – Fita número 10.

**B** - Então, o senhor estava conversando sobre esse grupo grande que envolvia, inclusive, um especialista lá de Manaus que trabalhava com a Febre Negra...

**C** - Com a Febre Negra

**B** - De Lábrea.

**C** - De Lábrea, que era a Gilberta e era o professor, o Figueiredo, que era da Medicina Tropical que junto com um italiano descobriram a Hepatite Delta, que nada mais era do... é... era a Febre Negra de Lábrea, que nada mais era que a Hepatite Delta.

**B** - E qual foi a participação do doutor Eduardo nisso?

**C** - E o cujo primeiro epidemiologista médico a descrever a Febre Negra de Lábrea foi quando ele morou em Lábrea, quando, é... na época jovem dele, não é? Em 1967, esse, esse trabalho dele é dessa época, quando ele estava lá na, numa unidade da Fundação SESP, ele viu os primeiros casos.

**B** - O Eduardo Costa.

**C** - É. Ele não descobriu a causa, mas ele descreve a doença. Então, o trabalho do Eduardo Costa foi o trabalho que é... estimulou o italiano e o, o... o Figueiredo lá de, Figueiredo lá de Manaus a ir à busca da causa e eles descobriram que era Hepatite Delta.

**B** - E esse trabalho que o senhor fez em torno da Hepatite, já era quando o senhor estava, no final dos anos 80, assessorando o Ministério da Saúde?

**C** - É, eu estava assessorando o Ministro e o Secretário Nacional que era o Edmundo Juarez. E, dentro do Ministério, existia uma coordenação de Pólio. Eu assumi, também essa comissão... ao lado de ser o Presidente dessa Comissão Nacional de Hepatite, eu fui trabalhar com, na Pólio, para que? Para levantar novamente o, o... o índice nacional.

**B** - E, aí, levantar por que? Ele estava caindo?

**C** - Ele estava caindo em certos Estados. E, aí, encontrei novamente o Fernando Laender, o, o... o Maranhão e nós passamos a trabalhar de uma maneira incrível na Poliomielite, não é? Para se desdobrar em cursos e nós fomos trabalhar é... nessa época em que estava ocorrendo o último caso de Pólio no país. Quer dizer, eu estava coordenando já a campanha, no último caso de Pólio.

**B** - E quando o senhor chegou nesse grupo do GT-Pólio para dar essa reestruturada, o senhor teve que fazer modificações, o senhor levou propostas novas, o que que estava acontecendo?

**C** - Não. Sabe, eu... o grupo, ele é importante por uma, uma, uma... se você tem uma, uma, uma... uma base política, uma decisão, um apoio político. O grupo GT-Pólio, ele, ele não é técnico às vezes, ele mais político, não é? E você sabe que ele, a, a parte política é importante também, porque, se você tem o nome de um Sabin num documento, é muito mais importante do que qualquer um de nós que somos médico de campo, para você mostrar ao Presidente da República, o Ministro da Fazenda para você arrancar um dinheiro que tem que fazer aquilo para, do ponto de vista administrativo-político. Então, o GT-Pólio... mas a verdade, é que não foi modificado, porque o GT Pólio são pessoas que... presidente do Rotary etc. e tal.

**B** - Mas tem os técnicos do Ministério também, não tem?

**C** - E tem alguns técnicos do Ministério que é que vão com uma posição firme, dessas daí, de tirar o, o, o... o baseamento téc... político e administrativo desse GT-Pólio. Passado isso, nós vamos obter esses recursos e... partir para uma ação de campo. O próprio Rotary é... doava dois milhões de dólares para compra da vacina. Esses dois milhões iam para, para, para... OPAS lá em Washington. Nós, já em vez de ir para Washington que era muito longe, nós sugerimos que ele passasse de Belo Horizonte direto para Brasília que era mais perto. Washington, você tinha 10 horas de voo, (**risos**) e para Brasília você... tinha 50 minutos. Então, era mais perto chegar à Brasília do que você... e o Ministério precisava, e os técnicos do Ministério precisavam de mais recursos. E quem dominava esse dinheiro era a própria OPAS o que era um absurdo! A doação era feita para o Brasil, por rotarianos brasileiros e ia para Washington, pô! Entendeu? E era para campanha pro Brasil. E era uma coisa que você não, não, sabe? Não maceteava isso. Então, se dava como justificativa que tinha que passar por uma... questão do Senado. Ora, você tem que respeitar as leis do país. Tinha que passar sim, pelo Senado. E nada melhor do que você discutir com aquela classe política que era importante. Você chegava ao Senado, e mandava o Ministro para lá, era atribuição do Ministro, você mandava o Ministro para lá, para ele tirar essa proposta, cara! E não era difícil não, porque, uma vez aprovado pelo, pelo Senado e pela Câmara, descia pro Ministério da Fazenda e isso entrava direto pro Ministério da Saúde e com a mesma flexibilidade. O Brasil tem uma administração, e quando você é honesto, e sabe usar corretamente, tem muito dinheiro para você erradicar doença e, e, e... e tem muito... as leis são muito fáceis para você administrar, sabe? Porque esses caras, gatunos que tem por aí, eles não iam roubar sem uma administração fácil. É a administração mais fácil, essa brasileira. Eu não aceito essa justificativa...

**B** - Que é emperrada.

**C** - Que é emperrada. Ela é emperrada para... para roubar. Agora, quando para você erradicar doença, nós erradicamos a Varíola, erradicamos a Poliomielite na legislação vigente, pô! Onde que ela é emperrada? Não existe! O emperro, você desemperra. Ou você é capaz ou você não é capaz? E quando há briga, você tem que ir para briga mesmo. Nós enfrentamos muita briga com a área administrativa e é isso mesmo. Olha a própria OMS, só faz desvio bom. Por que que ela, o grupo da Varíola lá em Geneva era, era... era considerado um grupo à parte. Porque ele ia fuçar dinheiro em todo o lugar. Era a flexibilidade administrativa que existia. E, para isso, você tem a campanha de erradicação que precisa dessa estratégia para você erradicar. A flexibilidade administrativa também.

**B** - Aí, no caso, o senhor está falando de flexibilidade administrativa, eu estou pensando o seguinte: a gente está no momento do último caso, como o senhor já falou, né? Quando ele aconteceu o último caso, ninguém sabia ainda que ele era o último caso, e ia vir a ser o último caso. Como é que foi acompanhar isso? O senhor, anos depois, viu que o último caso tinha sido no seu momento.

**C** - É, mas a gente, a gente seguia pelo nível de cobertura vacinal. Isso aí é que te dava certeza, sabe? Você tem um *feeling* também, sabe?

**B** - E também a vigilância?

**C** - E a própria vigilância.

**B** - Acompanhar casos...

**C** - A vigilância era tão boa nesse país, e você está me dando a oportunidade para dizer isso, que um caso de, conhecido no campo... não demorava mais do que 24 horas para chegar ao nível de Brasília. Olha que tinha que percorrer uma rota que era chegar ao Estado e do Estado para Brasília. Essa é que era a rota a seguir. E não demorava mais do que 24 horas e, às vezes, era por telefone na hora, diretamente do nível de Município. Porque você cortou aquelas nuances, aquelas ciúmeiras políticas que o Município era do Estado e do Estado é que tinha que passar. Nós tornamos esse país para Pólio, ela aprendeu a trabalhar, que não tem que ter fronteiras e muito mais dentro do seu próprio país, né? E foi isso que essas campanhas deram certo.

**B** - E os casos, eles eram acompanhados, né?

**C** - Eram acompanhados.

**B** - Viravam pessoas de novo, não é?

**C** - E ia lá o Hermann [Schatzmayer] com, com... com toda... o laboratório dele, sabe? A nível local, sabe? Pela primeira vez, o Hermann, que era conhecido só pelos... pelos trabalhos, pelos livros, como professor, ele descia, era conhecido a nível de Município. Ele lá trabalhava não como professor Hermann, era Hermann, o pessoal lá o chamava de Hermann lá no nível nacional, não é? Então, nada melhor... Eu vi o Hermann rir. Ele ria, ele gostava de ir a nível... de a nível local. Ele... acabava aquele mito do Hermann e aquele nome difícil que o Hermann tem. Ele era um homem, ele é um homem comum como os demais. E ele faz questão de

demonstrar isso, sabe? Eu vi o Hermann lá a nível... nível local com aquela facilidade, falando, às vezes encontrava um ex-aluno dele. Então, uma discussão, uma coisa que ele ensinava, ele ia para lá se reunia com o nível local...

**B** - E um homem que tem um acúmulo de conhecimento na Pólio imenso, não é?

**C** - Imenso!

**B** - Porque desde o final dos anos 60 acompanhando lá do Sul...

**C** - Imensa, imensa. E não é só não. Ele na hepatite, ele deu um duro! Na hora que se construir a história da Hepatite nesse país, um dos caras que não pode ser esquecido é o Hermann. O Hermann é o pai desse troço todo aí. Ele é o pai da Varíola, porque era o pai do laboratório... da Varíola era ele, pô! O pai do, do, da Pólio, do, do laboratório é o Hermann... e da Hepatite foi ele também. Foi. E do Sarampo.

**B** - Esses indicadores que, que a gente controla se uma doença está sendo erradicada ou não? No caso da Pólio o que o senhor destacava com indicadores?

**C** - Através da vigilância, por isso que a vigilância é importante.

**B** - Mas esses indicadores da vigilância quais eram? Eram acompanhar o caso de doença não... paralisia na Pólio?

**C** - Olha, não. O indicador que eu disse aí mais importante, quanto mais você diminuía o tempo do, do...

**B** - Da notificação.

**C** - Da explosão do caso e da, da... e do conhecimento a nível central, era o maior indicador. Era 24 horas, poxa! Do, do, do... do saber do caso e da notificação. Quer dizer, era instantâneo.

**B** - E buscar confirmar, buscar (?), não é?

**C** - E quanto mais você... diminuía o tempo do, do, do... estabelecimento do, do caso, do *hash*, vamos dizer uma doença que tinha *hash*, ou da febre e a da notificação, quanto mais diminuto o caso, melhor pro doente e melhor para notificação e era um indicador do trabalho. Esse era um indicador. Você estudava na ficha do, do... do paciente que vinha do campo. Essa ficha de nível local chegava ao nível nacional. E o não nacional não descia para fazer o... o controle desse caso. Era feito por nós, pelo nível local. Era imediato o controle dessa doença, o levantamento desse caso, existia ficha epidemiológica, ficha clínica do caso, que era preenchida, ficava uma a nível local... e outra a nível nacional para a gente estudar. O nível nacional ficava com a Epidemiologia, não pode ser descentralizada toda. Ela tem que ser centralizada também. Ela tem que ser centralizada a nível local e centralizada a nível nacional, porque o Presidente da República tem que saber o que se passa lá no campo para ele poder saber o planejamento da administração que ele vai fazer. Então, os dados vitais, os fatos vitais têm que ter um controle nacional. Tem que ter um, não é medição curativa que é curar! Até os dados da notificação da

medição curativa, essa também tem que ser de conhecimento nacional, não é? Mas não a febre, a cura do doente. ... Não sei se alcançou isso?

**B** - Mas essas radiografias têm que ser (**inaudível**).

**C** - Essa radiografia também, a Epidemiologia é uma coisa que não pode ser só descentralizada. Ela, ela, ela... tem que ser descentralizada. Aliás, ela não pode ser descentralizada, nem ela nem a vigilância sanitária. Ao passo que o hospital não, ele tem que ser, ele tem que ser viabilizado, ele tem que ser, é... ele tem que exercer a faculdade de curar, que é a nível local. Então, ele tem que ser descentralizado. Um hospital não pode ser centralizado a nível nacional. Não existe isso aí. Ele tem que ser tanto mais perto, quanto for o caso... o caso que tem que tratar. Se o cara caiu de moto aqui e se quebrou todo, o mais rápido do hospital que ele tem é o, o... o espaço que ele tem para a sobrevivência dele. Isso aí não pode ser uma notificação nacional para dar ordem para ele ser internado. Então, os recursos têm que ser descentralizados. O recurso do hospital tem que estar lá onde acontece, tem os acontecimentos. Agora, a Epidemiologia não pode. Ela não pode ser descentralizada. Não é em nenhum país do mundo a Epidemiologia é centralizada. Agora, a ação de Epidemiologia essa tem que ser descentralizada.

**B** - Tem que formar a rede, não é?

**C** - Tem que formar a rede, isso é incondicional. Você não faz nada sem o nível local e aí fica muito difícil. E quando a doença, como foi a questão da AIDS nos Estados Unidos, como que... qual foi o problema? O nível local, em Nova York, o médico começou a pedir muita pentamidina para a doutora. Sandra Ford que era a representante do CDC na cidade de Nova York. E além de ela controlar isto aí, ela controla uma série de medicamentos que só podem ser... é... liberados com a autorização dela. Então, a Sandra Ford, num determinado momento, isso ela me disse no *New York Blood Center*, ela falou: "Amaral, eu pensei que esse médico estava bebendo pentamidina". Olha que eu, olha a minha mentalidade! Quando que eu podia supor que estava nascendo aí uma nova doença com esse grande pedido de pentamidina? Mas, como eu sou um detetive, eu fui lá ver mesmo o que ele estava fazendo com essa pentamidina. No fundo, no fundo, eu tenho certeza de que ele estava usando. Mas eu fui saber porque que tinha tanto Hodgkins lá. E, quando cheguei, não tinha nada de Hodgkins. Eram é...12 jovens com uma doença que eu não diagnostiquei no momento, que era um herpes no, no... no ânus, grande já, e que não me deu ideia, porque estava chegando a nível de músculo. Outra coisa foi uma série de... pneumonia por *Pneumocystis carinii* em alguns, outros com Sarcoma de Kaposi e outros com os dois. E todas pessoas jovens que eu nunca tinha visto. Agora, só existia uma, uma... identidade entre eles: todos eles eram alegres. " Ela falou: "Todos eles eram gays!", para mim. "Todos eles eram *funny*, alegres, gays", ela falou.

Aí, ela disse que ficou aterrorizada, telefonou pro CDC. O médico falou "Olha, eu preciso voltar para escola. Não sei o que está acontecendo aqui." Era um médico da medicina curativa, ele não chegava a diagnóstico nenhum. Ele falou "Nunca vi caso de Kaposi nessa idade. Kaposi só dá em velho." E, aí, Kaposi é um câncer que leva você 20, 25. Você acaba morrendo de outra doença menos o Kaposi. Aí, dava em jovem e ele era violento no jovem, o Kaposi. Aí, ela chamou o CDC. Telefonou, veio uma equipe, veio um avião com laboratório. É assim que eles

fazem, o CDC. Vem o laboratório dentro do avião. Aí, começaram a estudar a doença, quando eles souberam do AIDS.

Então, a Epidemiologia nacional é a mesma coisa. Ela tem que saber, o nível nacional, é uma questão que tem que testar a inteligência nacional. É uma questão da segurança do país, não é? E você, ainda mais num país que tem mais de 15 mil quilômetros de fronteira com outros países. E que não dá para você montar uma vigilância nesse país. Por que? Ele é muito, não dá... nos Estados Unidos que tem uma organização superior em dinheiro ainda imagina montar aqui numa, numa, numa... fronteira de 15 mil quilômetros. E, aí, eu, eu, mas dá para você montar uma vigilância. Claro! Que você dá uma vigilância como na Pólio e esse era um grande indicador que a Pólio estava se esvaziando no país.

**B** - No país, não é? E como é que foi o processo de certificação? O senhor participou disso (**inaudível**)?

**C** - Eu não participei. Não participei nem da Varíola porque todos os documentos da Varíola só falavam no meu nome e os membros da Comissão só falavam em Cláudio Amaral, porque só liam Cláudio Amaral. Agora, na hora do Cláudio Amaral ser chamado, eu já estava em outra, já estava na Índia. Já sabiam que eu estava já erradicando a Varíola. Quando foi...

**B** - Não, mas quanto à Pólio?

**C** - Não, na Índia, na Varíola. Quando foi, foi o que... eu não participei nem do certificado da Varíola.

**B** - Ah, da Varíola aqui nas Américas, o senhor já estava na Índia, quando aconteceu a Varíola. Ah, tá!

**C** - Então, quando aconteceu da Pólio, eu já estava em outra doença. Eu não participei da erradicação da Pólio. Por que? Primeiramente, porque eu estava numa... eu era muito independente da OPAS. E segundo, eu não achava que devia estar lá. O meu trabalho que eu tinha feito, só chamavam o Cláudio Amaral, porque todos os documentos estavam na mão do Coordenador Nacional. Eu preparei todos os documentos. Está lá na Casa Oswaldo Cruz. Eu preparei um documento para a Varíola que ela foi uma pesquisa nacional. Eu mandei todas as pessoas da Secretaria de Saúde do Rio Grande do Sul pro Amazonas. Mande todo o pessoal do Amazonas para o Rio Grande do Sul. Então, eu fiz uma miscelânea nacional, para não haver corrupção nisso, que o cara: “Eu sou do Amazonas aqui não tem!” Eu o mandei procurar lá no Estado do outro. Foi a maior procura de uma doença.

**B** - Quer dizer, no processo de certificação o senhor trabalhou, o senhor participou. O senhor não participou da reunião final.

**C** - Na reunião final.

**B** - Eu quero saber nesse processo. Nesse processo o senhor participou.

**C** - Porque nesse processo tinha a minha assinatura. Eu entreguei... quem fez o trabalho, a contagem geral fui eu colocando o nome de todo o mundo. Então, era o cara que fiz o ofício entregando ao Ministro. Então, na hora de chegar, só viram o trabalho nacional, porque eu mandei uma cópia para Geneva. Geneva já sabia desse trabalho. Como eu mandei para Pólio no nível Washington. Eles já sabiam. Na hora de fazer, eles chamaram o Cláudio Amaral que já estava trabalhando no processo de vacinação em massa, pela primeira vez no mundo, da Hepatite, lá no Amazonas. Eu estava no Amazonas, eu estava longe desses caras.

**B** - Já estava distante. E, aí, tem uma outra referência que a gente viu no currículo do senhor, que a gente ficou encantada também, que foi esse trabalho em 90 com a JICA [Japan International Cooperation Agency], numa cooperação com um Hospital Nacional de Kumamoto e tal com técnicos para fazer a estratégia da erradicação da Poliomielite lá, em 1990.

**C** - Pois é! O [Isao] Arita que tinha sido o vice do Enders da Varíola, ele tinha voltado para o Japão e ele era assessor do japonês que estava lá em Geneva e eles partiram, diante do sucesso do Brasil, o Arita era diretor do Hospital Kumamoto. E ele, é... como ele era um homem importante, ele é um homem importante no Japão, na área de Saúde, porque ele erradicou a Varíola, internacionalmente. Ele é o cara que estudou o *monkeypox*, ele é que... o *camel*pox, não é? Quando ele foi preparar os... documentos internacionais da erradicação da Varíola no mundo, ele teve que estudar todas as outras *pox* de outros animais. Então, ele é um cara que descobriu tudo isso. Então, ele é um homem famoso, conhecido. E ele é uma pessoa que... eu tinha uma identidade muito grande com ele. Quando a minha mulher esteve doente, eu fui para... eu me instalei em Calcutá, eu fui 600 quilômetros, minha primeira viagem, ela ficou sozinha, ela teve uma hemorragia violenta. Ela estava sozinha. Ela chamou a vizinha dela e a vizinha a levou para o hospital e ela telefonou para Deli. Ele veio de Geneva e foi ele que ficou com ela. Ele era um baixinho, tinha duas filhas. E ele tinha um problema com as filhas, porque...

**B** - Quer dizer, ele veio de Geneva para não deixar...

**C** - A minha mulher

**B** - A sua mulher sozinha.

**C** - Porque ele era um cara que, de Geneva ele era o cara... que respondia por essa parte da Índia, West Bengal. E eu tinha ido pro West Bengal. Então, ele tinha me escolhido pro West Bengal. Ele conhecia o meu trabalho no Brasil, esteve muitas vezes aqui. Aí, então, ele foi para... ele foi... eu o conheci desde lá. Então, ele andava, quando ele ia a Calcutá fazer avaliação... ele era o avaliador da OMS lá naquela região, porque a OMS dividiu a Índia em vários assessores, avaliadores e botou ele naquela parte. Eu saía com ele para lá.

**B** - Então, ele conhecia o senhor.

**C** - Então, o meu papo sempre lá na Índia era o absurdo do... eu vi uma estrutura do Sistema de Saúde, mas para você saber 200 km um caso de Varíola, demorava mais do que você... demorava dois, três meses, mais do que você sair de Delhi para Geneva. Era menos de seis horas num avião concorde. Concorde passava pela Índia. E, aí, o... o... eu dava esse tipo de coisa e o Arita

ria muito. Ele falava: "Poxa, como é que nós estamos, né?" E... e pela intimidade que nós ficamos juntos, eu, eu, eu... acabei sendo...

**B** – Convidado para ir...

**C** – O cara mais... chegando a ele lá em Geneva. Tanto que ele foi condecorado aqui no Brasil... foram três caras, eu, ele e o [John Franklin] Enders, com a Ordem do, do... do... Oswaldo Cruz, né? Com a medalha aí do Oswaldo Cruz, pela erradicação da Varíola. Ele... eu, eu coloquei... quando é... quando eles votaram o nome do Enders, eu falei: "Olha, nome do Enders, mas o nome do Arita também", porque ele foi o último Diretor Nacional. O Enders foi embora para... assumir lá, um cargo no governo americano e ser o Diretor do, do... da Universidade Johns Hopkins, ele assumiu a Varíola. Ele fez a Somália toda, porque, aí, começou a aparecer Varíola na Somália, né? Quando eles pensavam que a Etiópia seria o último país, houve um engano, a Somália foi contaminada pelos... pelos nômades.

Então, o Arita, eu fiquei muito íntimo dele. Ele... e com a minha mulher, então, ele era amigo dela, porque ele tinha problema com as duas filhas, ele queria que a filha dele casasse com japonês e ela casou com... um cara lá, *hippie*, o genro dele era... Ele tinha o maior desgosto, rapaz! (**risos**) E a minha mulher justificava para ele. Ele gostava de falar com a minha mulher, porque...

**B** - Tranquilizava ele.

**C** - Tranquilizava ele. Então, ele é um amigo da Alba, não é? Então, quando ele vem ao Brasil, a primeira coisa ele vem para cá. Aí, eu...

**B** - Essa proposta de trabalhar juntos, o senhor tinha pensado nisso?

**C** - Quando ele foi, quando ele foi para Geneva, ele me botou num, num *Borning Comitée*. Quando ele foi para o... com o diretor, com o japonês, diretor, eu fui lá com ele. Eu e o, o japonês de São Paulo. Aí, um dia ele... chegou um telegrama lá no Ministério e o Seiko me chamou falou "Olha, o Arita quer que você faça um curso de Pólio aqui, para técnicos japoneses, que vão dar assessoria da Pólio, para recru... a, a OMS está começando a fazer erradicação naquela parte e... e querem que você dá o curso." Aí, vinha 20 japoneses, não é? Vint... não. Vinha japoneses, chineses, indonésios, vinha caras da, da... de outros países. E, aí, nós fomos para... demos um curso e eu escolhi São Paulo, porque tinha uma estrutura...

**B** - Ah, então o curso foi aqui. Eles é que vieram para cá.

**C** - Foi aqui, é eu escolhi... Para não haver briga entre as duas escolas.

**L** – Eu achei que o senhor...

**B** – É. Eu achei que o senhor tivesse ido...

**L** - Eles vieram.

**C** - Eles vieram para cá. Aí, o curso foi aqui. Fiz uma... a JICA patrocinou. Então, repassou dinheiro para o Ministério e eu passei para Fundação SESP e, aí, foi aquela flexibilidade. Eu negocieei com a Fundação SESP. E, aí, foi feito. Depois, ele faz uma reunião de Pólio em Kumamoto e eu vou para lá, ele me convida a ir para lá, passar um mês dando treinamento.

**B** - Aí, já é o treinamento.

**C** - Aí, eu fui dar o treinamento, junto com os, os estudantes daqui.

**B** - Que tinham participado do curso com o senhor.

**C** - E eu me hospedei lá em Kumamoto, levei minha mulher, levei meu filho. Ele me mandou uma passagem de primeira classe que eu dividi com a mulher e paguei a do meu filho. E, aí, nós fomos de classe executiva e... foi uma beleza. E ele me deu um dinheiro aí fabuloso e eu pude levar o Luiz Cláudio. Chegou lá, eu fui para Kumamoto. Nós chegamos em Tóquio... Ao mesmo tempo, o Brasil... eu estava ocupando um cargo... no Ministério que o Brasil precisava muito da seringa. Eu fiz um estudo sobre a seringa e o Ministério pagava 160 dólares por mil seringas. E eu queria dar uma porrada nisso, porque só ganhava a BD. Eu conheci o dono de uma fábrica lá em Campinas, ele falou: "Pô, Amaral! Aqui não dá para mim sustentar muito tempo esses operários. A BD chega aqui e eu não posso participar da licitação." Eu falei assim: "Eu fiquei puto da vida, pô!" Quer dizer, a BD, americana, domina o mercado eles têm fábrica no México, não fabrica aqui, pega a seringa no México, vai por aqui e manda brasa. Ele determina o preço. Aí, eu... eu conversei com o Ministro e falei assim: "Olha, abre a licitação internacional." Pô, foi uma merda, não é?

**B** - Era o momento em que o senhor tava como gerente de projetos para cuidar dessa parte de imunização.

**C** - É. Foi 160 dólares, foi para 46.

**B** - Que não era por licitação?

**C** - Era por licitação. Foi por licitação. Foi a licitação que salvou o Alcení Guerra. Bom, de... mais tarde, eu repeti novamente esse tipo de licitação... porque eles já viram, como a gente sai do Ministério e volta, eles assumem novamente aí entra aquela corrupção danada, né? Bom, quando o, o, o... o Seiko... Ah! Eu fui convidado para visitar uma fábrica de... como eu estava nessa de seringa, me convidaram também para visitar uma fábrica de seringa. Então, eu deixei por último lugar. Eu falei: "Olha, fala com o Arita. Quando eu chegar em Tóquio, eu vou visitar, desde que o doutor Arita, que o Arita, que eu estou indo pela JICA, ele consentia que eu vá para outra coisa também, pô! Não é justo ele me pagar a viagem e eu visitar uma fábrica de seringa, pô! Isso é desonestidade." Aí, o Arita armou, porque é uma indústria do país, ele tinha também interesse, não é? Aí, eu falei: "Desde que eu tenha a aquiescência dele, eu vou assistir. Foi quando eu viajei nesse trem bala. Saí de Tóquio, rapaz, que viagem linda! Aí, eu fui para Kumamoto. Kumamoto é ainda mais sul do Japão. E Kumamoto é uma cidade gostosa, sabe? O hospital fica... se destaca. Ele tem uma elevação na cidade, fica lá em cima. Muito bacana o hospital. Hospital todo informatizado. E eu fui fazer uma exposição sobre a Pólio. Ele pediu para eu fazer uma analogia de Varíola e Pólio. Então, o que eu defendi lá foi uma... uma proposta

de campanha, ela foi vitoriosa, porque toda a Ásia está fazendo a campanha de Pólio, campanha de Pólio. Não é vacinação normal. E eu pude conhecer o Japão. Então, foi graças esse...

**B - Esse contato com (ininteligível).**

**C -** Esse contato. Aí, quando foi para ir para a China ver esse negócio através de Geneva, o Ministro aqui tinha pedido, ele falou: "Olha, o Amaral conhece aquela área, manda o Amaral." Aí, eu fui para China também.

**B -** Também com Pólio.

**C -** Com a artemisinina. Não, não com Pólio. Fui ver a artemisinina que é um medicamento produzido pela China e que tira o sujeito do, do, do... do... do... do edema da Malária, do... coma da Malária. É o único medicamento no mundo que você tem, que tira a, o indivíduo ah... do coma da Malária. Aí, eu fui ver, porque tem muita artemisinina no Brasil, eu pensava implantar através da FIOCRUZ uma produção de artemisinina através da FIOCRUZ, mas não deu certo.

**B -** É uma planta...

**C -** É uma planta que nós temos aí aos montões. E, talvez, a gente comprasse da, da China, os primeiros lotes e forçava a transferência de tecnologia, mas a FIOCRUZ é difícil, a FIOCRUZ está num outro...

**B -** Mas nesse momento o senhor estava no Ministério com essas coisas, diversidade de projeto.

**C -** Aí, quando o Seiko... Seiko sai, era para terminar a Secretaria de Ações Básicas. Por que? Porque a Fundação tinha ido para lá e tinha unido a Fundação SESP com a SUCAM e tinha se tornado a FUNASA. E... a Secretaria Nacional... aí o Ministro era o Arcoverde, não. Era aquele menino, o Arcoverde foi ser o primeiro presidente da Fundação, e o Arcoverde... é... convenceu o Ministro a rep... a passar para Fundação toda a Epidemiologia novamente. E passou. Até hoje está lá.

**B -** E voltou para FUNASA (ininteligível) a Epidemiologia.

**C -** Voltou para FUNASA. E voltou praticamente para os caras que, dentro da FUNASA, são da Fundação SESP. Que tinha experiência. Não é a SUCAM. A SUCAM tem uma experiência de campo, de ação de campo. Então, volta novamente em 90, né? Tudo aquilo que nós tínhamos passado.

### **Fita 10 - Lado B**

**C – (ininteligível)** que alguém assoprara no ouvido do Ministro que não é politicamente bom passar a Epidemiologia para a Fundação porque é uma Fundação. Mesmo que esteja em Brasília, o Ministro não tem acesso direto. É o Presidente da Fundação que tem acesso direto. O Presidente vai... precisar de se articular com a Fundação, né? Então... e ainda eles me cozinham lá seis meses. Eu passo mais seis meses como Presidente da Fundação. E, um dia, como esse pessoal, era o Arcoverde...

**B** - Presidente da SNABS.

**C** - Da SNABS. Exato...

**B** - Diretor Geral, Secretário da SNABS.

**C** - Estava lá como assessor, esses caras aí, Risi etc. Eu achei melhor me picar de lá. Então, eu forcei a barra e era a minha Fundação, porque eu sou da Fundação Nacional de Saúde. Aí, eu falei: "Ah! Tem que ir. Já que eles querem, tem que mandar." Aí, numa vacinação de Meningite, eu já estava até na vacinação de Meningite de 89. Eu já tinha ido a Cuba, negociar vacina de Meningite com os cubanos, já estava lá com o, com o Instituto do, do... o Instituto lá da... de Cuba que fabrica, eu já tinha ido à China, eu já tinha negociado artemisinina, eu já estava partindo para... passar para FIOCRUZ a fabricação da Hepatite B. Já tinha feito uma porção de coisas. Eu não queria estar mais, a SNABS para mim já era. Então, eu cheguei para o Ministro... foi numa viagem que eu fiz com o Ministro, junto com o Arcoverde para São Paulo, para inaugurar a vacinação de Meningite, eu falei para o Ministro: "Está na hora de sair." Mas havia uma briga já... fervente, né? O Ministro tinha obrigado o Arcoverde a entregar para a moça, aquela do escândalo das bicicletas, o PNI.

**B** - A Isabel Stefano.

**C** - A Isabel, é. Ele queria... ele queria a Stefano lá, porque a Stefano era uma mulher e cedia tudo... Cedia tudo, assinava tudo, isso que eu quero dizer.

**B** - No PNI. Ele a queria no PNI.

**C** - Queria, porque era uma mulher e, aí, ele fazia o que queria.

**B** - O Ministro era o Alcení nesse momento?

**C** - Era o Alcení Guerra. Então, eu comecei a enxergar. Aí, eu saí, eu saí e... mas o Ministro não queria que eu saísse do Ministério, mas eu não queria trabalhar nessa administração. Não queria trabalhar nem com o Arcoverde, nem com o... o Ministro. Aí, mas eu estava interessado numa coisa: quem tinha impedido a fabricação da Hepatite B pela FIOCRUZ? Porque o processo... foi o processo que o Seiko tinha montado junto com o Ministério das Relações Exteriores. E a negociação era governo a governo. E ela ia ficar em torno de uma compra de cinco milhões de dólares. O Ministério está comprando hoje 150 milhões de dólares da Hepatite B. Está fazendo uma licitação lá em Washington, através da OPAS. Olha só!

Naquela época, a Smithkline tinha oferecido, se comprasse dela, o repasse da tecnologia, como tinha oferecido em 85 o repasse da tecnologia da Pólio. Hoje o Brasil podia ser o grande vendedor de vacina da Pólio pro Oriente, fazer um jogo aí. Enquanto hoje você tem toda a Ásia fabricando já a Hepatite B, o Brasil tá comprando, como naquela época. Eu queria saber, e isso eu sabia que ia ter um... ia ter um... ia acontecer. Por que? Porque eu descobri que a OPAS muito cedo tem uma política de fazer com que esses países da América não fabriquem vacina. Eles são compradores e consumidores de vacina, mas nunca fabricantes. Porque a vacina é um... uma arma de guerra, da guerra bacteriológica. Eles não querem que o Brasil seja autossuficiente em

vacinas. O Brasil pode fabricar a febre amarela, que ele sabe há muitos anos. Mas parou de Sarampo, parou de DPT e hoje ele produz um BCG... às capengas, e não é na FIOCRUZ. E a FIOCRUZ produz a Meningite que foi doada já há 30, 20 anos atrás pelo... pela Mérieux à custa de uma construção de um laboratório lá, né? E só. E que às vezes é contaminada. Olha o problema lá de Campinas. Saiu da própria Manguinhos, uma vacina contaminada que, quando foi para vacinar Campinas com uma elevação da, da... do número de casos de Meningite A e C, ela teve que se usar essa vacina, era uma vacina que já estava contaminada e houve um baita de um problema que vocês conhecem e que todo mundo conhece.

E infelizmente o Brasil hoje é o maior comprador, gasta-se nesse país 500 milhões de dólares na compra de vacina. O Brasil mal fabrica a... as vacinas... os... os instrumentos aí contra a mordida de cobra, os antídotos, contra a cobra, mais... mais vacina mesmo, o preventivo, ele não fabrica. Só fabrica soro e olhe lá. O Vital Brasil... não tem nem espaço mais, né? Está ficando igual ao posto de saúde. Construíram tanto prédio em torno do Oswal... Vital Brasil está lá.

**B** - Aí, nessa época o senhor foi trabalhar com isso: tentar entender que... processo era esse?

**C** – Que processo era esse? E eu, é... nesse momento, naquela época, ac... aceitei um convite. Aceitei um convite porque o, a Secretaria Executiva era ocupada pelo Luiz Fit Romero... que... era um médico... de Alagoas, irmão do P, irmão do PC Farias. Era um cara competente naquilo em que ele era bom, que era doenças... é... hepáticas. Ele era um cirurgião biliar... cirurgião... de abdômen. Ele tinha feito seu PhD em Sacramento, na Califórnia. Era um cara que veio de Berkeley, uma boa cabeça, e... mas já estava em... em atritos com o Ministro, que queria porque queria as decisões admi... econômicas que estavam ligadas à Secretaria... Geral, Secretaria Executiva, ele queria pro, pro gabinete dele, né?

Foi quando eu fui... aceitei o desafio de ir para presidente da comissão de licitação, que foi a coisa mais incrível que eu já participei, porque eu desconhecía essa parte administrativa. Quando eu fui, que ele me chamou junto do diretor administrativo do Ministério, que era um colega meu da Fundação SESP e que tinha sido administrador, que é um sujeito sério, eu perguntei para ele porque que eu tinha sido indicado como médico e que sabia pouco, não dominava coisas administrativas, né? Porque que eu tinha sido conduzido? Eu sabia da parte administrativa à medida em que como diretor de uma campanha ia lá falar com a administração, né? Mas eu sempre dei porrada na administração, porque eu queria para ontem, nunca queria para hoje. Eu era um técnico que não sabia lei e eu dava porrada nesses administradores. E agora, ia ser um deles, pô!?! Né? Então, eu aceitei esse desafio e eles me falaram, me mostraram um repórter [sic] que tinha, de uma corrupção que existia lá dentro. Então, eles tinham que mudar. E, eles tinham que botar um médico, um médico que tinha todo uma, um histórico de, de técnico e que era conhecida. E que o, pelo menos, o Secretário disse: "Pelo menos, eu fico à salvo. Eu sei que eu vou ficar salvo." Eu falei para ele assim, eu dei uma resposta, eu falei assim: "Ó! Você sabe que o... presidente de uma comissão é soberano? Você sabe que eu não vou nem te ouvir, nem a você nem ao Ministro. Eu vou ser acima dos dois. Se for para ir para essa presidência para ser soberano eu vou. Agora, para não ser soberano, eu não sou o cara indicado. Porque eu já vou entrar em atrito, logo de início, com o Ministro ou com você. Se vocês começarem a me

pressionar para A, B ou C ganhar eu não vou aceitar." Foi assim, foi uma... discussão dura. Eu falei para ele me deslocar mesmo, porque eu, eu tinha aceitado a assessoria técnica para descobrir...

Veja bem, naquela época, uma coisa interrogava a minha cabeça: o Risi tinha passado toda a compra da vacina para Fundação Oswaldo Cruz. Eu comecei a enxergar... **(risos)**. Se esses caras têm tanto poder... o poder da compra é tudo. Por isso que o Ciro tem poder lá em Washington. Ele é o dono do, do... do Fundo Rotatório. Ele recebe toda a grana dos países para comprar vacina e para depois voltar pros países. E ele atua com os bancos internacionais e com as... com os produtores de vacina. ... É! Ele é o cara mais poderoso lá. Por que? Porque ele tem toda essa... essa dinheirama de compra de vacina. Ele sempre quis o Brasil. Enquanto eu e o Juarez, que éramos, somos e estávamos no Ministério ele não deu um passo. É essa a grande briga que nós temos com a OPAS. A OPAS só conseguiu comprar vacina aí nesses últimos anos, quando nós saímos do Ministério. Quando nós nos aposentamos. Fora disso, nunca a OPAS comprou vacina pro Brasil e nunca faltou vacina nesse país. Só que nós lamentamos é que país não fabrique vacina. Essa é a grande, grande incógnita que eu tinha na cabeça: porque é que a Fundação Oswaldo Cruz, que recebia 500 milhões de dólares cada ano, só para comprar vacina, tinha lá o Centro Nacional de... de Controle de Frios, tava lá. O Ministério passou um dinheirão para eles fazerem todo aquela... aquele frio. Tinha todo o dinheiro e não, não fabricava a vacina? Então... poxa! Numa tacada só, eu e o Juarez, conversando com a Smithkline, dissemos: "Olha, nós vamos comprar, se você oferecer um melhor preço que a... outra... concorrente e der o repasse da tecnologia, e você tem obrigação, porque nós compramos muita Poliomielite em vocês, vocês têm obrigação de passar para... para nós, para o Ministério, para Fundação Oswaldo Cruz, que é a instituição nacional, o repasse de tecnologia." Só que isso foi boicotado.

Um dia, então, o Secretário Nacional me chamou. Eu tinha perguntado para ele e ele me disse: "Um dia eu te conto." Ele me mostrou o processo na mão dele e disse que o Otávio Lira tinha ido lá, junto com o Akira Homma e tinha dito que tinham outras indústrias que fabricavam vacina. E o Brasil perdeu a grande chance de fabricar vacina, porque, como o, o... o japonês saiu como Ministro, o Seiko Tsuzuki, ele deixou o processo caminhando. Aí ia entrar uma nova... andar. Só que não andou mais, porque o Luiz Romero ficou atônito, falou assim: "Diante da postura daqueles dois que eram da proposta da Fundação Oswaldo Cruz não, não querendo fabricar a vacina, o que que eu poderia fazer? Eu recuei, pô! Né? Agora eu estou vendo o que é que é esse negócio aí. Aí, começou a entender. O que que ele fez? Ele tirou toda a dinheirama da... da Fundação Oswaldo Cruz e passou pro, pro, pro... pro... gabinete ele.

**B** - Para o próprio Ministério fazer a compra.

**C** - Me chamou e falou assim: "Agora você vai comprar as vacinas." Eu passei a ser o comprador de vacinas para o Ministério.

**B** - Aí, as licitações começaram a ser feitas pelo Ministério.

**C** - As licitações passaram a ser feitas pela Fundação Nacional de Saúde. Não pela minha comissão, mas eu determinava a compra. Eu mandava o Arcoverde comprar A, B ou C. **(risos)**

**B** - E participava da, da...

**C** - Aí, foi a grande briga do Ministro com o irmão do PC. Queria tirar o cara do PC e comigo. O Alceni não quer me ver mais na frente.

**B** - Pressão do Luís Romero...

**C** - A pressão do Luís Romero. Aí... a briga grande que aconteceu nisso foi quando Ministro, houve uma diminuição de funcionários públicos. O Ministro muito vivo, não queria ficar com a queimação, mas queria diminuir, passar para o Luís Romero. Essa foi a grande briga. E foi outra atividade que eu peguei. Eu pedi... eu fui o responsável para diminuir os funcionários da Fundação Oswaldo Cruz. O maluco da Fundação SESP e o outro pela... pelo Ministério da Saúde. Aí eu tive uma reunião com um cara que era amigo meu, que era o responsável por diminuir os funcionários do Ministério, nós chegamos pro Luís Romero e pedimos uma entrevista com ele. Eu disse: "Olha, nós não somos as pessoas indicadas. Eu não quero passar... eu sou funcionário público há 30 anos desse Ministério e eu não quero passar como o cara que cortou funcionário." Aliás: "Luís Romero, eu sou o cara que sou contra cortar funcionário." Ele levou um susto. "Ah! Mas o Ministro..." Falei assim: "Então, fala para o Ministro, ele que corte. Por que que sou eu que tem que cortar? Dá, fazer uma..." Aí, eu telefonei pro Hermann que era o dire... o presidente. Falei: "Hermann, se você deixar, você vai passar pela história da tua instituição como o cara que cortou os funcionários. Não faça isso!" Ele pegou um cara que tava aí do Paraná, vieram para Brasília. Rapaz, houve uma puta duma briga! Não foi cortado um funcionário da Fiocruz e eu me neguei a ser o, o, o... o cara que ia cortar. Claro que eu queria cortar uns, uns caras aí do Arouca, que eram uns repórteres lá que ele botou para fazer propaganda dele (**risos**). Ter 15 jornalistas lá, era um absurdo! Agora, se a Casa de Oswaldo Cruz tivesse 15 jornalistas, eu acho que era até pouco, pelo trabalho que ela tem que fazer na História da Saúde Pública desse país. Agora, fazer a campanha dele, eu achei isso o fim da picada. E, eu estou puto com o PPS, sabe por que? O, o Roberto Freire votou para nomear o... ele deu o único... o voto que faltava pro [Ramez] Tebet ser presidente do Senado, ele deu, cara! Botar uma crítica nacional contra esse cara! Eu encontrei os meus amigos do Partidão aqui...

**B** - Isso para esse Ramez Tebet.

**C** - É, Ramez Tebet. Agora eu encontrei o meu aqui que é o chefe do Partidão aí, o Fernando, Fernando que é do Rio de Janeiro, eu falei: "Fernando, o que é isso?" O Puruca. Falei: "Puruca, o que é que há, cara? Que partido é esse?" Falei: "Isso é um partido de merda!" (**risos**) "Você vê o que é que acontece?" Eu falei assim: "Porra, cara! Como é que a gente pode votar em candidato do PPS?" Roberto Freire dá o candidato? Estão botando assim no jornal, está lá: o que é que o Roberto Freire ganhou do Palácio para votar no, no...

**L** - Ramez Tebet.

**C** - Olha, essas patifarias que houve...

**B** - Isso foi afastando o senhor do Ministério? Como é que foi o processo do senhor querer se aposentar?

**C** - Não, porque aí veio o, o Jatene. E quando o Jatene veio, chegou o meu amigo mais querido que eu tenho dentro da Saúde Pública, que é o Juarez, que é o stalinista verdadeiro, ele é igual a mim, o que ele tem que falar ele fala, ele não esconde para falar para o Ministro, ele faça na hora. Então, o Juarez é um cara verdadeiro, né? Quando ia empresário lá na Fundação, ele vai ser presidente da Fundação Nacional de Saúde (**risos**), e ele me chama para vice-presidente, então eu vou ser o, o... segundo homem da Fundação.

**B** - Aí, o senhor vai para a FUNASA.

**C** - Aí eu vou para a FUNASA e aí nós começamos uma política nacional de fortalecer a FUNASA e a epidemiologia pro Ministério. Nós queremos uma fundação forte. Já refazendo o... ele recebia todo dia, senadores e deputados que queriam voltar com as unidades sanitárias pro Ministério da Saúde. Como a descentralização foi, foi rápida e sem dinheiro, (**risos**) porque não adianta descentralizar, os municípios começaram a estourar. Não tinha dinheiro para aguentar os hospitais, pô! Então, chegava fechava ou vendia. Rondônia tinha hospital público que foi vendido pela prefeitura para rede privada. Não pode isso! (**risos**) Porque não consta num, no... o convênio que você faz com o Estado de repasse de unidades, não pode vender! E os municípios passaram... estados e municípios, passaram a vender unidades sanitárias. Então, você vê...

**B** - Na hora que repassa se dá estrutura também para aquele município manter?

**C** - Você dá a estrutura, mas não repassa dinheiro. Essa descentralização que eles fizeram aí.

**B** - Dá estrutura no sentido de dar recursos para ele conseguir...

**C** - Não, não dá. Só dá... Então, chega lá para pedir dinheiro para o Juarez, e o Juarez... achava que era com o dinheiro que se fazia descentralização, ele começou a dar dinheiro da Fundação. Ele começou a descentralizar o dinheiro da Fundação para o Município manter a unidade. Mas nem com o dinheiro da Fundação dava para os caras... aguentarem a unidade. Então, eles passaram a vender ou entregar para o Ministério ou fechar e a população começou a, a gritar. Foi quando a gente teve a oportunidade de reestruturar a Fundação Nacional de Saúde e botar a epidemiologia. Então, o que é que eu fiz? Eu fui assumir... eu saí da presidência... eu falei: "Olha, Juarez... o que é que eu fico fazendo com você aqui?" Porque eu tinha muito poder com ele, só isso. Mas para que poder? Porque a nossa cabeça caminhava junto. Eu falei: "Vamos colocar um cara aqui que não te atrapalha e eu vou passar para o CENEPI. E aí eu fui para o CENEPI.

**B** - O CENEPI já tava estruturado como CENEPI mesmo?

**C** - É, nós chamamos o Eduardo e o Eduardo não queria ficar mais no CENEPI.

**B** - Que Eduardo?

**C** - O Eduardo Costa.

**B** - O Costa. É porque são tantos "Eduardos" que você tem que perguntar. (**risos**)

**C** - Aí, o Edu falou assim: "Eu preciso voltar pro Rio". Ele estava com um grande problema que era particular aí, e que ele tinha que resolver com a família dele. Ele estava num, num... numa angústia danada. Voltou para o Rio...

**B** - E o senhor pegou o CENEPI?

**C** - E se aposentou da Escola. Aí, eu tive que ir pro CENEPI. Mas ele tinha feito um trabalho bom. Ele já tinha demitido uma série de pessoas e já tinha chamado umas pessoas que a gente queria. E a gente começou a trabalhar bem, sabe? E começou a pensar na, na... na autossuficiência. E nós colocamos na cabeça do Jatene duas coisas importantes. A primeira foi o, a erradicação do *Aedes aegypti*. E a segunda foi autossuficiência. Então, nós tínhamos, dois projetos. Nós chamamos essa senhora que era presidente da Comissão Nacional de Saúde, que ela já... ela foi Secretária naquela época, agora, no Jatene, era Presidente da Comissão. Nós a chamamos. Para ser... **(ininteligível)**

**B** - Essa que trabalhava com a AIDS?

**C** - Isso. Nós chegamos para ela e dissemos... uma mulher de esquerda, dissemos: "Nós queremos um projeto de AIDS, da Comissão Nacional." Ela topou. Topou... ela começou a montar o GT da... da Erradicação da Pólio e fez um excelente plano.

**B** - De erradicação da AIDS?

**C** - Não! De erradicação do *Aedes aegypti*.

**B** - Ah, do *Aedes aegypti*.

**C** - Nessa época, o AIDS já tinha...

**B** - Já tinha o DST/AIDS...

**C** - Já! Já... já tinha. Já tinha até passado de, de, de... de moda. Então, já estava se tornando uma rotina a AIDS. Então, o negócio era o dengue. O dengue tava dando... e a Febre Amarela! A Febre Amarela tava chegando e se urbanizando novamente. E aí, seria uma... poxa! Pro Jatene, seria horrível isso, né? Aí, o Jatene topou. O Jatene topou fazer as duas coisas. Aí, eu fui... armou-se uma Comissão. Ele me botou... na comissão, comissão que ia... preparamos o, o... o projeto do Dengue e ele mandou o, o Secretário Executivo no lugar dele, representar o Ministério, porque ele estava na briga com o Presidente, do CPMF [Contribuição Provisória sobre Movimentação Financeira]. O Presidente é um filho da puta! Ele enganava o Jatene. Ele, na frente do Jatene, ele dizia que apoiava e atrás ele não apoiava a **(tosse)** CPMF. E o... o Jatene... aquilo é obra do Jatene para trazer recursos para Saúde. O Jatene foi passado para trás.

**L** - Só que não trouxe, né, doutor Cláudio? **(falando baixo)** ...

**C** - É. O Jatene hoje é uma cara triste, porque...

**L** - Hoje em dia é uma sangria, né? No bolso do contribuinte e não vai para Saúde.

**B** - Não reverte para Saúde.

**L** - Não vai para Saúde.

**C** - O Jatene disse que ele... a pior coisa da vida dele foi esse CPMF. Surgiu da cabeça dele...

**L** - Ele ficou como... né? Inventor e no fundo, não adiantou.

**C** - E esse dinheiro já foi logo desviado.

**L** - Com certeza!

**C** - Então, o que é que o Jatene... o Jatene não podia... o Jatene... eu ouvi...ele me levou para Washington na Comissão, porque eu conhecia bem a OPAS... Eu, eu tive um papo com ele. Nós... n... eu estava saindo... Não. Na primeira gestão dele no Ministério eu tinha apanhado a Cólera em nível nacional. Da cólera... eu saí e fiquei só na Hepatite. Quando ele chegou, eu tava na Hepatite. Aí, eu fui para vice-presidente. Então, eu tinha preparado... já um discurso para ele... falar lá no Senado sobre a Cólera e aí ele lembrou e falou assim: "Chama o Cláudio, que ele vai comigo para Washington." e eu preparei todo material para ele levar para Washington. Ele já tinha o plano feito pela... Que é um plano maravilhoso que ela fez. Ela foi tão competente, que ela... ela montou um plano, o mesmo plano que eu montei pro Jatene para Cólera para dar água pro Nordeste, ficava em seis milhões.

**B** - Eu só sei que o sobrenome é Guerra, não é?

**C** - Quem?

**B** - O sobrenome dela não é Guerra?

**L** - Ela é Guerra, também?

**C** - Não. Não, não, não, não foi ela, não. Ela, essa é a irmã do Carlyle. É a irmã do Carlyle que teve na AIDS.

**B** - Também teve na AIDS.

**C** - Ela... mas, eu esqueci o nome dela<sup>21</sup>. Mas ela é competente, olha...

**B** - Depois a gente lembra, depois... no pé de página a gente coloca.

**C** - Ela é muito boa, cara! O marido dela está com câncer até hoje. Ele foi Secretário do Sarney. É uma mulher de briga! Ela mandou o Ministro... ela manda o Ministro para aquele lugar. É... oh... Quando ela saiu do Ministério, ela deu uma entrevista, no, no... Foi a entrevista mais bonita que eu já vi de um funcionário, mandando o Ministro para merda.

---

<sup>21</sup> O depoente se refere à Lair Guerra de Macedo Rodrigues, irmã de Carlyle Guerra de Macedo.

E aí o... ela, ela armou esse projeto, o Vice-ministro foi para Washington, convenceu a OPAS a assumir, e nós fomos para Washington. Chegou lá, a área técnica do Ministério, liderada pelo Pinheiro, não queria assumir. Ele deu dois murros na mesa, lá você precisa dar murro, ele deu dois murros na mesa e disse que eles não iam falar não, de jeito nenhum. Aí, prometeram pro Jatene que iam assumir e.... eu estava no meio da reunião, por isso que eles ficaram mais putos! Porque eu já tinha denunciado o Pinheiro, que estava em Washington, que é irmão do Otá... que é su... tio do Otávio Oliva, denunciado ele porque ele é um dos caras que... que botou abaixo o projeto de fabricação da Hepatite, imunossuficiência, porque ele trabalha com os laboratórios, ele é o cara dos laboratórios da OMS... OPS.

**B** - Aí, nesse momento o senhor estar nessa reunião, para eles já era um...

**C** - Já era para eles uma coisa incrível, né? E eu acompanhei o Jatene em todas as reuniões que ele teve até com a Secretaria de, de, de... Saúde do Bill Clinton, a... essa famosa Secretaria de Saúde. E junto com o Anderson e aí nós discutimos *Aedes* e até o americano começou a apoiar. Porque o americano resiste muito a uma campanha contra o *Aedes*, porque o americano tem muito *Aedes aegypti* no sul dos Estados Unidos.

**B** - É, na entrevista anterior a essa o senhor falou que tem muito no sul.

**C** - E eles lá, tem as grandes indústrias e dão muito emprego, rola dinheiro, inseticida...

**L** - Não interessa acabar...

**C** - Não interessa acabar com a indústria do, do *Aedes aegypti*. Então, mas ela tinha concordado de se fazer uma erradicação do *Aedes aegypti*, porque o Brasil foi contaminado através do Amapá, pela pelos navios que vinham da região do sul dos Estados Unidos trazendo pneus. Então, eles trazem pneus lá pro Amapá e descem lá naquela indústria que tem lá do Antunes... é... indústria... daquele metal do Amapá e... eles chegam por lá. É, e do Amapá é que chegou aqui no Rio de Janeiro, né? Que deu aquela grande, quando eu era Secretário de Saúde, no lugar do Eduardo, deu um grande bafafá. Um surto enorme. Foi o Hermann quem me disse: "Oh, Amaral, cuidado. Eu não posso dizer isso pro Ministro, mas para você eu estou dizendo... é a Dengue, a Dengue está aqui no Rio de Janeiro." E eu denunciei isso pelo Jornal e denunciei o Ministério. Estava lá o Roberto Santos como Ministro. Ele ficou puto da vida. Eu mobilizei um milhão de estudantes. A minha mulher era, trabalhava com o Noel, ela mobilizou um milhão de estudantes, nós fomos de casa a casa, treinando com, com... com guardinha da SUCAM. Fiz a maior mobilização contra o Dengue no Estado do Rio, naquela época.

Aí, o, o... eu fui, eu estava no Ministério e fiquei, eu tinha essa atividade muito grande lá. Eu era o comprador. Eu não comprava direto. Eu comprava através da administração da SUCAM, do Arcoverde. O Arcoverde ficava puto, porque a licitação era presidida por mim, mas o pagamento era feito por ele. Não tinha corrupção... Não tinha nada. Era aquilo, né? Que estava na Comissão de Licitação. Tanto que quando deu aqueles bolos na Fundação Nacional de Saúde e na FIOCRUZ, porque duas comissões entraram pelo cano: foi a FIOCRUZ e a Fundação Nacional de Saúde. ... Você ouviu falar da Comissão de Licitação do Ministério? Eu era o presidente. Eu tinha feito 22 licitações, todas foram para o tribunal. Nenhuma voltou. E aquela

da seringa, que eu botei internacional, que abaixou o preço, o, o Senador do PT mostrou pro Senado: "Olha aqui, quando se faz uma boa, né? É... uma boa licitação, como o preço baixa, como a coisa é feita de uma maneira honesta."

**B** – Então, nesse trabalho de licitações, e tal, o senhor em hora nenhuma, quis voltar para essa área de trabalhar com a erradicação da Pólio ou com a...

**C** - Não, porque eu gostei daquilo porque eu comecei a dizer não a área técnica. Eu comecei a dizer para área técnica que eles tinham que aprender a trabalhar. Porque a área técnica uma vez vinha com uma coisa, os empresários vão falar para área técnica, os coitados da área técnica, e convencem eles de um tipo de geladeira, aí eles metem uma geladeira, depois aparece outra, depois da licitação feita e querem outra geladeira. Cara, o cara que fez uma licitação, não pode voltar atrás. Aquilo tem lei, é regido sob lei. Você não pode mudar uma licitação de um dia (**risos**) pro outro com uma licitação feita. Senão você... (**ruído de palmas**) vai ser enrabado mesmo. E eu não cedia nem para área técnica. Eu estava gostando daquilo.

**B** - Era um outro papel, outro lugar...

**C** - Era um outro papel, era outro lugar, era outro tempo, né? Bom e aí, eu vou ser vice-presidente da Fundação, saio daquilo tudo, vou para vice-presidência da Fundação e aí começo a estruturar, começo a viajar para o Brasil todo e estruturar a Fundação a nível de Estado. E ela fica poderosa outra vez, porque o Juarez, ele tem um compromisso com o SESP, porque ele vem daqueles remanescentes da Escola de Saúde Pública de São Paulo e do Rio de Janeiro, os velhinhos que saíram dessas duas escolas, eles têm um compromisso com o SESP. Foram eles que fundaram, junto com a Rockefeller, eles que vieram dos Estados Unidos, com essa esquerda americana e desenharam o SESP.

**B** - Quer dizer, de novo o Senhor voltando para o campo de uma outra forma.

**C** - De uma outra forma.

**B** - E aí, eu acho que uma questão que a gente fica o tempo todo querendo fazer e acaba não conseguindo, que é o senhor dá para gente meio que um... depoimento, né? Para gente pensar a importância da Varíola e a importância da Pólio na sua vida com essa questão do, do campo. Ter participado de erradicação, mas porque o senhor estava no campo, ter vivido isso. Para a gente fechar falando sobre isso.

**C** - Pois é, eu vejo, eu, eu, eu, eu... eu lamento hoje uma pessoa, eu vejo pessoas que vêm diretamente da cátedra para... pruma ação de campo... pruma ação de, de, de... de direção, de coordenação nacional. E eu lamento porque emperra as coisas, porque o sujeito não sabe... ele não comanda, ele não sabe o que é comando. Ele sabe o que é ser um diretor...

## Fita 11 - Lado A

**L** - Fita número 11.

**C** - Então, quando o sujeito...

**B** - Fica distante da realidade.

**C** - Fica distante da realidade. Então, o sujeito começa a administrar em cima. O sujeito quer uma agência e quer não sei o que... e fica em torno de discussões e discussões e o campo fica naquela, também isolado. Quer dizer, fica o campo num lado, as coisas acontecendo lá, não acontece nada em Brasília. Brasília só acontece reunião, não é? E... não acontece nada. Às vezes, o campo... o centro dá aí uma epidemiazinha, o nível central manda um dinheirinho, chega lá pro Prefeito e não sabe controlar, ele pega esse dinheiro enfia em outro lugar, que não é na Saúde... Então as coisas estão como estão aí. Por isso que as doenças estão voltando. Não estão voltando por outra coisa. Por que? Porque as pessoas não estão sabendo... não passaram pela unidade sanitária, sabe? **(risos)** Tem que passar pelas unidadezinhas.

**B** - Não foram Sespianos.

**C** - Tem que passar pela unidade sanitária. Tem que, depois, ter experiência com a população, sabe? Eles têm que gostar do povo. Porque, se eles não gostarem da população, puxa! Olha, de tal maneira eles se lamecham lá em cima, que chega um determinado problema, sabe que eles não sabem o que fazer. Agora, estão dizendo que descentralizaram. Tem culpa do campo, porque o pessoal do campo não trabalha. É muito fácil descentralizar assim, né? “Ah, eu mandei tanto para o Município. A culpa é do Município que não trabalha.” Quer dizer, essa é a descentralização que existe, infelizmente. Que que será que diz o pai da descentralização, hein? O Arouca está dizendo por aí, pela televisão que ele é o pai da descentralização. Que descentralização, hein!? Eu lamento muito. **(risos)**

**B** - O senhor acha que aquela dupla de novo, o médico e a educadora, voltar a ter essas pessoas que vão para o campo e falar com os Municípios e falar com essas redes, é isso que está... que falta para ter uma Saúde Pública?

**C** - Isso foi um determinado momento, sabe? Da Saúde Pública, não é? Eu acho que nessas últimas duas décadas que começou na erradicação da Varíola e que ainda remanescia aquele pessoal que andava dez quilômetros... Que, quando eu entrei no campo, quando eu entrei na Fundação SESP, um dia o diretor me chamou e falou: "Olha, a tua passagem está aqui." Nós fomos para Manaus. Eu andei dez quilômetros. Olha, eu cansei e o diabo do velhinho podia andar mais dez e não cansava, sabe? Para chegar no local. Eu vi o que que era essa Fundação SESP, o que eram esses velhinhos da Fundação SESP, o que que eram aqueles nossos sanitaristas, sabe? Que eu me orgulho ainda de dizer que eu fui do tempo do, peguei o fim do, de um, de um, de um... Arcoverde, do Celso Arcoverde, não é? Fui do tempo do Oswaldo José da Silva.

**B** - Do Oswaldo que cuidava dos Boletins, né? Você contou.

**C** - Dos Boletins, não é? Do Doutor Olivier Pereira que foi um cara bom, não é? Um cara de campo e que discutia com os vacinadores. E uma vez me botou... ele foi dar um treinamento de Varíola, eu chego assim na porta, ele está com 30 vacinadores dando aula de Varíola, ele disse assim: "Esse é um colega de vocês. Senta aqui no meio deles. Ele é doutor, mas não é ele quem

vai resolver o problema, não. Quem vai vacinar são vocês, ele vai ser só o doutor." De maneira que era um cara... a gente aprende com esses caras, sabe? Porque amando essa população, gostando dessa população é que você, isso te empurra para a frente. Hoje você não tem nada disso, sabe? Você não tem... eu não vejo nada disso, sabe?

Então, esses outros 20 anos, a gente deu uma mudada nisso aí. Mas, infelizmente, essa mudada foi para erradicar duas doenças. Nós conseguimos. Você não vê hoje uma senha e uma campanha de erradicação da Malária existindo ainda. Você não vê na Varíola isso aí. Não existe reminiscência da Varíola, de campanha de erradicação da Varíola. Ela chegou, fez o trabalho e acabou e partiu para outra. Deixou todo o acervo dela, montou-se a Pólio, a Pólio montou o Sarampo e está aí isso aí. Mas eu não estou vendo mais nada do que isso. O Jatene saiu, acabou a erradicação do, do, do... do *Aedes aegypti*. O Jatene, a primeira vez, saiu deixou todo montado um, uma rede, um projeto de água pro Nordeste. Porque só assim que você podia acabar com a Pólio. A Pólio estava claro para gente... Eu estava tão tranquilo com a Pólio, porque a Pólio deu mortalidade 0000,1. Quer dizer, morria uma pessoa de vez em quando, quando ela não tinha assistência. A bactéria da Cólera era uma bactéria vagabunda que um simples antibiótico a mata.

**B** - O senhor está falando da Cólera.

**C** - Da Cólera. Então, mas ela deixou alguma coisa. Ela deixou um projeto que, graças à Cólera, ela deixou um projeto de água pro Nordeste. Porque tava claro na nossa frente que, quando você tem uma, uma, uma água industrializada, tratada, você não tem Cólera, pô! Quando você tem cloro na água, não tem nada disso. E você pode passar um risco nesse Brasil. Abaixo de Linhares, lá no norte do Espírito Santo, que já começa a tratar a água, você não teve mais Cólera! A Cólera parou ali na fronteira da Bahia com o Espírito Santo. Você teve só casos isolados aqui no Sul, já sabia e ia saber o dia chegava aqui no Rio de Janeiro, porque era pessoa a pessoa. Era pessoa que, que tinha Cólera nas fezes e aí se contaminava, era problema de higiene pessoal, não era a água transmitindo Cólera. Ao passo que, lá no Ceará, que foi o Estado que mais... que mais sofreu com a Cólera, era transmitido pela água, água não tratada. São Carlos do Pinhal, que é do lado aí, a 300 quilômetros de São Paulo, foi dizimado no início do século pela Cólera. Não teve um caso de Cólera dessa vez. Por que? Porque São Carlos do Pinhal, hoje, é uma cidade que é abastecida com água tratada com cloro, com cloro. Então, não chegou nunca e nós pudemos desmistificar naquela época a Cólera e deixando sobretudo um projeto de, de água para o Nordeste que ficava em torno, naquela época, de oito bilhões de reais.

E que esse governo não colocou à frente por que? Porque não quer resolver os problemas de saúde. O Ministro que está aí não quer resolver problema. Está discutindo bobagem com as fábricas de medicamentos, não é? Mais ele discute, mais ele sobe o preço. Por que é que ele não dá aí uma palavra de ordem? Ele não manda. As fábricas de remédios têm mais poder do que ele, né? E não se faz nada. Por que é que ele não fortaleceu essa área? A FIOCRUZ está pior do que há 20 anos atrás. Eu lamento muito de saber disso. A Fundação é outra que está pior do que antes.

**B** - A FUNASA, não é?

**C** - A FUNASA. A FUNASA está pior. Com a própria estrutura do Ministério não acontece nada nesse país. E as doenças não saem dos jornais. Todo dia você está vendo isso. O sistema, a descentralização que foi feita, o SUS, todo dia você vê problemas nos jornais. Não hos... não tem esparadrapo, não tem iodo, não tem mercúrio, não tem nada nesse hospital, pô! Continua pior do que antes. Por que descentralização? Por que SUS? É uma vergonha isso! Quando a questão... na época do INAMPS se falava de um, de uns focozinhos de corrupção. Para isso tinha a polícia. Para que acabar com o INAMPS? Então, o INAMPS estava trabalhando. Era só estender o INAMPS através de redes estatais do próprio governo, da população. Quem mandava no, no SESP era a população. Aquilo era do povo! O INAMPS, aquilo era do povo! Por que acabar com aquilo e dar para a rede privada hoje? Que é, é, é a rede que comanda o SUS? Todo o c... mais de 90% do, do, do que se repassa pro Estado hoje vai para rede privada.

**B** - Tudo para rede privada.

**C** - Tudo para a rede privada, pô! Quer dizer, antes, antigamente, você tinha a rede pública. Você tinha a rede da Fundação SESP. Você tinha o INAMPS que tinha uma rede enorme. Era só botar para funcionar. Botava é... gente que gostasse de funcionar e bem paga e você hoje estaria com uma rede melhor do que essa de empresário aí, dessa rede hoteleira-hospitalar que existe hoje no país.

Agora, graças a Pólio é que hoje a gente tem uma consciência disso. A gente já sabe: a Pólio foi erradicada, não pela empresa estatal, mas pela empresa... privada, mas pela empresa estatal. Pelo povo, pelo dinheiro do povo e feita pelo povo. É isso que acontece! É por isso funciona ainda a Saúde. Quando o povo se m... se envolve no processo, quando ela é estatal sobretudo. Quando ela é do... ela é por aí!

Agora, quando... esse negócio de rede... de rede privada misturada com... tem uma mistura com rede sanitária... Olha, vou t... é lamentável isso que a gente vê hoje aí! Todo esse dinheiro, 90% se tivesse ido para rede pública para pagar o funcionário adequadamente, principalmente no setor público, porque essa questão de saúde é uma questão ligada diretamente ao corpo humano, à, à saúde do povo. E é uma questão do brasileiro ser bem de saúde, se isso aí estivesse na mão do Estado não estava acontecendo isso que está ocorrendo hoje. E a Pólio e Varíola são exemplos que a rede pública funciona. Essa é o maior exemplo quando diz que a rede pública não funciona, que os funcionários não fazem nada. Eu lamento (**risos**) dizer isso, que isso é uma mentira! O que está para provar é a erradicação da Varíola. Eu como médico estatal, do Ministério da Saúde, participei de duas erradicações. Duvido que um médico da empresa privada possa falar isso. Quanto mais doente, melhor para ele, porque ele cobra consulta, acaba com rede estadual, por que ele quebra os laboratórios estaduais estatais e depois monta a dele como é o caso do, do Luiz Gonzaga do...

**B** - E todos os outro que o senhor contou para gente.

**C** - E toda essa, essa, essa questão aí.

**B** - A gente se sente meio de mãos atadas, sem muito o que fazer, né? Mas eu acho que de grão em grão, em parte trabalhar com a Memória da Saúde é isso, né? É querer transformar essas

experiências tal como a do senhor em instrumentos para os outros pensarem, que a saúde pode ser diferente. E daí fica esse agradecimento da gente, do senhor ter essa disponibilidade de ter conversado com a gente e que essa história de vida do senhor ajude as pessoas a pensarem que saúde que a gente pode ter.

**C** - Eu acho que em boa hora, não é? Porque a gente não tem uma memória da Saúde. Quer dizer, a pessoa morre com a história.

**B** - A vivência dela fica com ela, não é?

**C** - Eu acho que a Casa de Oswaldo Cruz e a FIOCRUZ, a Fundação Oswaldo Cruz, é o papel que ela está, exatamente, cabe a ela esse papel, não é? A nossa instituição estatal.

**B** - Tomara.

**L** - A gente tem tentado.

**B** - É uma tentativa.

**C** - Foi um prazer estar com vocês aí. **(inaudível)** E a gente está aí.

**B** - Foi um orgulho. Obrigada.

**L** - Muito obrigada por tudo.

**C** - Eu procurei contar até os bastidores e a coxia desse Ministério, por que eu passei 35 anos e se a gente não contasse o que é Saúde pública nesse país isso se passa, passava, e ninguém tomava conhecimento. Não fui eu que erradiquei a Varíola não. Quem erradicou foram os vacinadores. Eu apenas fui um coordenador. Talvez, seja até um bom coordenador, porque soube coordenar, mas quem erradicou foi o vacinador lá no campo. Quem erradicou a Pólio foi a professorinha que tava lá dando dois pingos e ganha o menor salário que tem esse país hoje, que é o professor. Eu tenho pena desse país. E quando não podia ser tão ótimo para erradicar a doença do que o professor, né? Está aí dando o exemplo aí.

**B** - O professor e essa coisa pública que o senhor falou aí. O público, não é? Todo mundo junto.

**C** - O público, é isso.

**B** - Obrigada, doutor Cláudio.

**L** - Muito obrigada.

**Fim da gravação**